

O ARCHEOLOGO  
PORTUGUÊS

Composto na Escola Tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa  
Edição e propriedade do Museu Etnológico do D.<sup>o</sup> Leite de Vasconcellos

202

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELLOS

REDACTOR—J. L. DE V.

VOL. XXX

PREISTÓRIA — EPIGRAFIA



NUMISMÁTICA — ARTE ANTIGA

*Veterum volvens monumenta virorum*

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

BIBLIOTECA  
1950  
MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELLOS  
LISBOA

1938



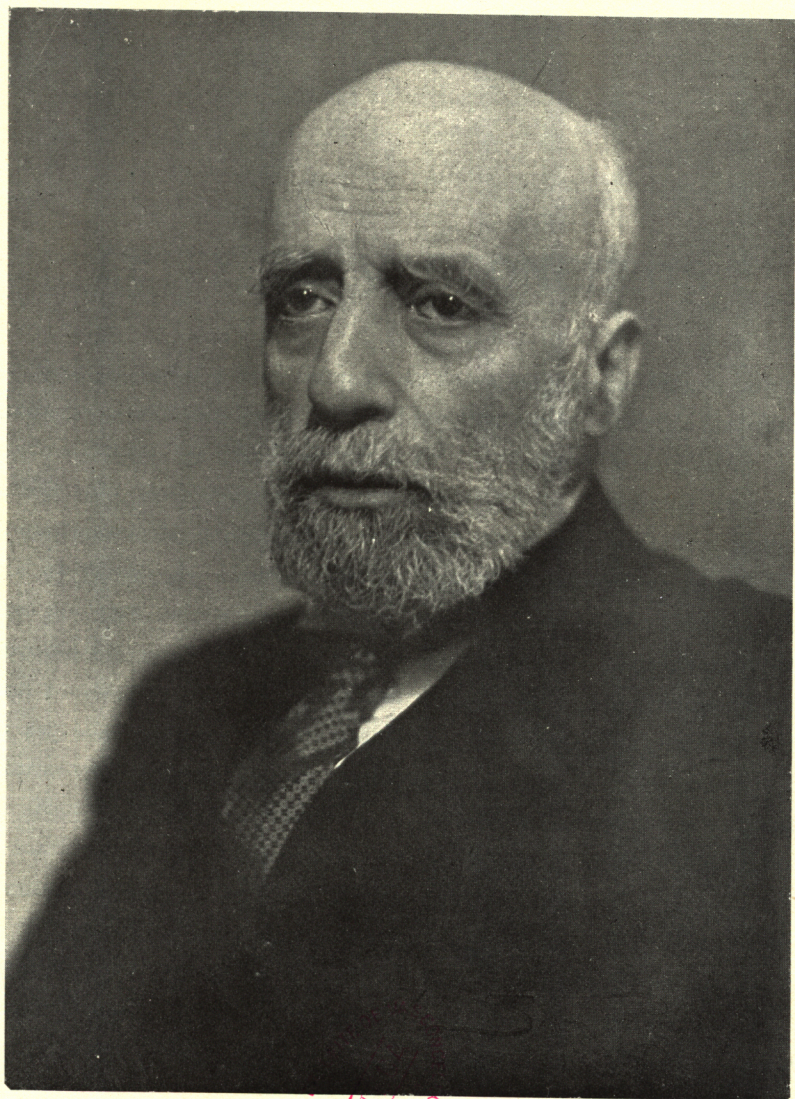
## SUMÁRIO

---

LEITE DE VASCONCELOS: v.	
ANTIQUITVS: 1 e 149.	
ESTUDOS LUSITANO-ROMANOS: 14.	
EPIGRAFIA DO MUSEU ETNOLOGICO (BELEM): 118.	
NOMENCLATURA NUMISMATICA: 126.	
MISCELÂNEA ARQUEOLÓGICA: 153.	
MISCELÂNEA: 181 e 209.	
VESTÍGIOS DO PASSADO EM IDANHA-A-VELHA: 186.	
COISAS VELHAS: 205.	
DUAS CAMPAS LUSITANO-ROMANAS DE CAPARIDE (CASCAIS): 210.	

---

Este volume vai ilustrado com 77 gravuras e 8 estampas.



Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos

BIBLIOTHECA  
MUSEU  
11180A  
1900

## LEITE DE VASCONCELOS

*Esta página é a manifestação da nossa mágoa pelo falecimento do fundador e director de O Archeologo Português, o Prof. Dr. Leite de Vasconcelos, no dia 17 de Maio de 1941. Mágoa e saudade.*

*Se não foi surpresa o acontecimento triste a quantos de perto e continuamente o acompanhavam dedicadamente, pois bem sabiam que as forças do Mestre e Amigo o iam desamparando dia a dia, nem por isso deixou de os provar com a maior consternação. Quem serenamente viveu, entregue a trabalhos científicos, que se provocavam e sucediam uns aos outros ininterruptamente, serenamente morreu no seu leito. Adormeceu bem na eternidade o que sobre o mesmo leito adormeceu no tempo. Paz à sua alma.*

*Tudo lhe deve esta revista: a vida, porque a fundou e a manteve; a continuidade para além dele, porque o mesmo espirito a orienta e comanda.*

*Dirigiu-a ao longo de quarenta e oito anos, num roteiro erigido de escolhos e dificuldades de toda a ordem. Tudo venceu a persistência e a inteligência. Se continua, e continuará, é porque o edificio erguido com bases firmes e arquitectura forte se conserva rijo e servido por quem teima em o manter como está e como é. A orientação de Leite de Vasconcelos será continuada com dignidade e altura científica.*

*O volume 1 foi publicado em 1895. Desde então, e sempre, foi o órgão oficial do Museu Etnológico Português, fundado dois anos antes por decisão ministerial, e por muitos anos o dirigiu o Prof. Dr. Leite*



de Vasconcelos, até atingir a hora do inexorável afastamento, que o limite legal para exercício de funções públicas lhe impôs.

A publicação de *O Archeologo Português* acompanhou o desenvolvimento do Museu, que servia; a organização, a orientação que a presidiu, o enriquecimento do material, quer pela acção directa do director e dos colaboradores, quer pela cooperação de estranhos, os relatos das escavações e pesquisas, tudo quanto interessava ao Museu ficava arquivado na revista.

Com secções de *Arqueologia* e *Etnografia* na instalação do edificio lateral do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, era variada a faculdade de poderem cooperar na obra os cultores dos dois campos científicos. Atraindo-os a colaborar na revista, oferecia-lhes o sector comum em que todos cabiam, em beneficio da cultura portuguesa. E conseguiu-o.

A vida interna do Museu reflectia-se, com as suas actividades, em *O Archeologo Português*; a colaboração do escol formado manifestava a influência decisiva do Museu e da revista no meio científico de Portugal.

Outras publicações, fundadas igualmente pelo Prof. Dr. Leite de Vasconcelos, serviram os mesmos objectivos científicos: *Revista Lusitana*, cujo volume 1 vem de 1887-1889, e *Boletim de Etnografia*, de que saíram apenas cinco números (1920-1938). Nenhuma delas, porém, tinha as características de *O Archeologo Português*, nem reflectia a vida do Museu *Etnológico*, se bem que o *Boletim de Etnografia* aproveitasse material museográfico, pela maior parte coligido pelo director e integrado no Museu (secção de *Etnografia*). Separava-os essencialmente não serem órgãos do Museu nem sua propriedade, à mercê, como estavam, dos eventuais editores. Se no *Boletim* toda a redacção era do seu director, já a *Revista Lusitana* tinha a colaboração de nacionais e estrangeiros, muitos deles pertencentes ao escol de *O Archeologo*. Sob certos aspectos, as duas publicações completavam e distendiam a acção penetrante deste.

Alguns dos melhores e mais fecundos estudos do Prof. Dr. Leite de Vasconcelos foram publicados nesta revista. Seria longa a relação deles, para a dispor neste lugar e neste momento. Quem está, por

formação cultural e por curiosidade científica, a par do labor do Mestre da Arqueologia e da Etnografia em Portugal, não precisa de um resumo ou rol apressado para os relembra. Quem o não estiver bastar-lhe-á percorrer os índices destes trinta volumes, saídos sob a sua direcção e com o seu labor.

O Governo Português não o esqueceu quando, atingido o limite de idade de serviço público, se dignou condecorá-lo com a grã-cruz da Ordem da Instrução. Também determinou fixar os méritos com que serviu a Nação nos trabalhos do Museu e a ele ligados cientificamente, dando à instituição, que ele ergueu com afincos magistral e com glória, o título de Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

Leite de Vasconcelos prolongou-se, dispersando acção por todos os campos relacionados com a Arqueologia e a Etnografia. Das escavações e das pesquisas arqueológicas, etnográficas, filológicas e históricas à organização do Museu Etnológico; destes trabalhos à redacção e à publicação de estudos nas revistas por ele dirigidas e nos numerosos volumes e opúsculos que formam a vasta obra que nos deixa; da acção pessoal, de incitamento e orientação, conselho e informação, particulares, à que exercia na cátedra universitária, frente a frente dos seus alunos; sem esquecer a participação, notabilíssima e sempre cuidada, nos congressos internacionais—penetrou profundamente na intelectualidade nacional e abriu caminhos amplos, percorridos com saber, ou abertos a ricos horizontes.

Os que nesta revista colaboraram com ele até ao fim não quiseram com estas palavras fazer um necrológio em forma. Apenas pretenderam manifestar como sentiram o desaparecimento do Mestre e Amigo e, bem assim, como o consideram grande entre os grandes nas letras e nas ciências portuguesas, que cultivou.

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETNOLÓGICO DO D.<sup>OR</sup> LEITE DE VASCONCELLOS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXX

1938

## Antiqvitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxvii, 215 a 220)

### XXVIII

#### O sino velho de Santa Maria de Sintra

(Uma raridade de bronze)

**Sumário.**—A sua legenda latina e respectiva análise.—A lenda de Santa Águeda e as suas variantes; interpretação.—O canto da própria legenda.—Antiguidade e paleografia do sino.—Casos de repetição da mesma sentença em Portugal.

Suspensão da sua vulgaríssima e desproporcionada ventana, há pouco mais de século e meio (que é um século para a longevidade dos monumentos!); olhado com desinteresse, à conta das suas reduzidas dimensões; ouvido com indiferença, tão destimbrada é já a sua voz antiga, o sino velho de Santa Maria de Sintra deve contar-se declaradamente entre as cousas preciosas dessa vila realenga, cujos cimos altaneiros são diademas de pedraria a coroarem majestosamente a campina dilatada que os rodeia, manto ondeante, de que mal se enxerga a orla azulácea de estremenhas terras.

A arcaica, mas remozada igrejinha de Santa Maria, com o seu largo pórtico, tradicionalmente apontado a oeste, prende quem, ao passar calcorriando o íngreme flanco da serra, que o torrejado Castelo domina, conserve ainda a sensibilidade do passado e lance olhar curioso a esse edificio sacro, que hoje representa a primeira fundação afonsina da freguesia de Santa Maria, se é verídica a tradição.



Fig. 1

Do que ainda aquele encerra de prístino e bom, foi autorizado monógrafo o ilustre professor S.<sup>or</sup> D. José Pessanha, na *Athena*, com o título: «Santa Maria de Sintra» (vol. I, n.º 2, 1924).

Analisada e descrita, palmo a palmo, pelo ponderado arqueólogo, com aquele seu jeito de escrever, leve e didático, elegante sem deixar de ser técnico, e mais do que isso, amoroso da mediéfica arquitectura, a igreja de Santa Maria de Sintra é classificada, em atenção aos seus trechos mais recuados, como de estilo romano-gótico ou de transição.

Coevo da criação presumível da paróquia pelo proto-rei português, já nada ali se encontra, a não ser, como influência, a estilização românica de alguns capitéis.

Uma valiosíssima antigualha porém, que possui, embora fatigada, a doce voz brônzea que ia, já em tempos de outrora, repercutir-se para o seio das ogivas da abside e que se dilatava, como hoje, para as quebradas montanhosas dos arredores, ou soluçando dolentemente, ou trinando nos baptizados e bodas festivas dos fregueses, não merece que se deixe assim permanecer no quasi-olvido, em que tem estado, se bem que a referida monografia também a mencione, mas sem insistência, por falta de oportunidade.

E ela a antiqüíssima campana, que se vê na sineira do frontispício da torre e à qual poucos anos faltam para poder celebrar o seu quingentário, visto que é obra do reinado de Afonso V, talvez pouco posterior à reconstrução medieval, de que ainda sobrevivem os elementos mais notáveis do templo, como são o pórtico e a oussia. A sua forma esguia e cônica diferencia-se bastante do perfil mais francamente campanulado das fundições dos séculos XVII e XVIII, das quais não são ainda hoje raros os produtos. A sua altura é de 0<sup>m</sup>,70 e o diâmetro da boca: 0<sup>m</sup>,65 (fig. 1).

O velho sino de Santa Maria de Sintra não dá ensejo a dúvidas, quanto à sua projecta idade de 461 anos. Duas cintas epigráficas o ornão (fig. 2).

Nesta figura procurou-se reproduzir o tipo paleográfico da legenda, independentemente dos ornatos que a distinguem.

Alguns dos elegantes caracteres obedecem ao tipo uncial, mas são fantasiosa-



Fig. 1



mente ornamentados em relevo, com animais e plantas; de altura medem 0<sup>m</sup>,040 e de largura 0<sup>m</sup>,036 (figs. 3, 4 e 5). Cada letra correspondia, no molde da fundição, a um cunho independente, tal como em um componedor tipográfico.

Informa Viollet-le-Duc (*Dict. rais. de l'Archit. Française du xi<sup>e</sup> au xvi<sup>e</sup> siècle* s. v. «Cloche») que, a partir do séc. xv (anteriormente as legendas dos sinos eram gravadas nos moldes para cada sino)



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

as letras são feitas por meio de caracteres de chumbo ou madeira que servem para imprimir cada letra em uma pequena placa de cera, mais ou menos ornada, que se aplica sobre o modelo antes de fazer a parte ôca.

Reconhece-se êste processo na letra I, que a fig. 6 representa e em cujo cunho se nota a sobreposição do cunho da letra contígua.

A curiosa legenda está redigida em língua latina e a sua leitura não oferece estôrvo à interpretação, mas esta é algo embaraçosa; desfazendo abreviaturas temos:

✠ *Mentem sanctam spontaneam honorem*

✠ *Deo (et) patrie lyberacionem e(ra) m.cccc.l.x.viii.a*

Na primeira linha os *m* e os *n* estão representados por ~ ~ (tiles) característicos e na palavra *sanctam* houve uma transposição de letras, da qual resultou ler-se: *scâtã*. Há mais um E uncial, voltado à es-

querda (H) e a palavra *liberationem* está impressa com um Y na 1.<sup>a</sup> sílaba; em vez do T uncial, encontra-se C, fácil lapso, tratando-se de caracteres de tipo *redondo*. Também foi suprimida a partícula *et* depois de *Deo*. Pontos separativos só a linha inferior os possui e triplices.

As palavras da legenda transcrita foram célebres na idade-média, sendo freqüentemente empregadas nas inscrições campanulares desta época. O facto de não serem exclusivas do sino de Santa Maria de Sintra não o desvaloriza; antes o torna mais interessante, porque mostra que as mesmas influências litúrgicas, que atravessavam então as nações cristãs, também atingiam esta extremidade do mundo, reinando ainda nela D. Afonso V, dado o caso que a fundição seja nacional.

\*

Estas duas linhas contêm uma série de acusativos latinos; ¿qual o verbo que os rege? Na grande maioria das inscrições campanárias encontram-se em verdade acusati-



Fig. 6

vos, mas o verbo que os rege, está expresso. Assim, certo sino olisiponense tem *voco plebem*; outro estrangeiro inscreve *funera plango*; são frases postas na voz do mesmo sino, personificando-o e fazendo-o confessar a sua própria missão. Em outro, o bronze modula uma oração ao seu patrono: *Augustine, tuam campanam protege sanam*. Um, que já denunciarei do concelho de Cascais, exhibe simples saudação de caracteres góticos em relêvo: *ave maria gratia plena*, mas o «caso» empregado não exige verbo.

No facto particular que é aqui versado, subentender um verbo latino em 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, por exemplo: *proclamo*, seria hipótese cómoda, se o sentido dos próprios acusativos não fôsse, como é, muito enigmático. E demais, isto deixa suspeitar que a sentença latina não é originariamente campanária, mas foi aplicada um tanto à força, por ser de natureza estranha; como que se sente deslocada.

Tentando, porém, encontrar tradução plausível da frase latina, teríamos: (*Proclamo*) *um espírito santificado espontaneamente, a honra de Deus (e) a libertação da pátria*. ¿Que intenção teriam estas palavras na voz do sino?

A curiosidade do investigador não ficaria saciada, porque a pronta ilação que surge, é que tal legenda é um trecho de maior sentença; busquemos, portanto, outra directriz.

\*

Comecemos por abrir o *Dictionnaire d'Archéologie et de Liturgie* (moderna enciclopédia cristã, organizada por um beneditino D. Fr. Fernando Cabrol e um arqueólogo D. Henrique Leclercq), na palavra *Agathe (Sainte)*, (vol. I, p. 849). Daí se colhe que as palavras da legenda mencionada se prendem à lenda de Santa Águeda, formosa cristã siciliana que, em 251 d. C., foi martirizada em Catânia (Sicília), sendo um dos tratos infligidos a ablação violenta dos peitos virginais.

É a este género de tortura que se refere a missa de Santa Águeda, em 5 de Fevereiro, quando reza no *Communio: Qui me dignatus es ab omni plaga curare et mamillam meam meo pectori restituere, ipsum invoco Deum vivum.*

Em um missal veneziano de MDLXXIX a fl. 146 (5 de Fevereiro), impresso a gótico minúsculo, há uma vinheta com a imagem de Santa Ágata, que na dextra sustenta uma palma, emblema do martírio e, na sinistra, um prato dois peitos, seu atributo agiográfico (Cartório de Santa Maria de Sintra); nêle já se encontra esta invocação.

Outro autor narra que o martírio consistiu em fazer rolar o corpo virgíneo da donzela cristã em carvões ardentes, estremecendo então o solo da ilha com um sismo, que foi considerado como o horror da própria natureza perante a barbaridade perpetrada.

Consignam os respectivos *Acta* que, no momento em que a sepultura definitiva da heróica mártir ia ser cerrada, um mancebo appareceu, transportando uma lápide marmórea, onde aquella legenda estava gravada. Esta narração, cuja autenticidade é considerada problemática para a própria crítica agiográfica, interessa nesta crónica, independentemente da sua deliciosa feição lendária, para revelar como o modesto sino de *Santa Maria* testemunha a vulgarização da lenda mediévia italiana de Santa Águeda, em Portugal.

Aquelas palavras adquiriram celebridade na idade-média, dizem aqueles autores, e freqüentemente foram inscritas nos sinos, provavelmente a exemplo de um sino da antiga basilica de S. Pedro, em Roma.

\*

Em uma obra, que especialmente trata da história da Sicília, encontra-se uma variante da lenda, que se afigura mais lógica e menos vaga, embora não reproduza o texto da legenda, o que é

para notar. Segundo essa obra, quando os cristãos se davam à piedosa tarefa de inumar o corpo da mártir, surgiu uma multidão admirável de mancebos celestiais de grande formosura, que traziam um mármore com os *louvreos* da virgem vitoriosa gravados, e o colocaram no túmulo para sempiterna memória. A obra tem o seguinte título geral: *Thesaurus Antiq. et Hist. nobiliss. insul. Siciliae*, por Joah. Georg. Graev. (Lugd. Batav. MDCCXXIII), vol. II, col. 120, onde se lê: *nam D. Agathae Martyris Corpus cum Christiani curarent, centuria coelestium Juvenum admirabili oris pulchritudine adfuit, qui victricis Virginis elogium, marmori inscriptum ad memoriam sempiternam in ejus sepulchrum inferrent*<sup>1</sup>.

Esta citação não é supérflua, pois que o texto de Jorge Grevio estabelece uma ligação de sentido entre a lápide, embora imaginária, do sepulcro de Santa Águeda e os louvores agiográficos (*elogium*) desta mártir siciliana, o que estava indefinido no anterior extracto. Mas há mais. O tom sibilino da curiosa legenda, a sua redacção concisa subsistem ainda diante do desejo do investigador, que não encontra todos os elementos indispensáveis para a hermenêutica de uma lacónica sentença. Torna-se, pois, necessário compulsar outra fonte de informação.

Lenain de Villemont nas *Mém. pour servir à l'histoire ecclésiastique des six premiers siècles* (t. V, pp. 409, 730 e 733, ed. de 1699), reportando-se aos *Acta* de Santa Águeda narra a lenda da inumação da mártir santa, referindo-se ao mancebo que era acompanhado de cem infantes e trazia a lápide de mármore, em que estavam inscritas as palavras latinas já referidas. Acrescenta que o mancebo não era conhecido naquele sítio e que, depois de se ter conservado junto do túmulo da Santa até que este foi cerrado, saiu para fora, não sendo mais visto, o que deu ocasião a que se julgasse que era o Anjo da Guarda da Mártir.

Esta lenda, escreve o próprio L. de Villemont, não é muito *aisée* de acreditar; em todo o caso, é narrada por palavras do prefácio da missa atribuído a Santo Ambrósio: *Hanc Christi nuptam susceperunt Angelorum agmina, quae «mentis ejus» sanctitatem indicarunt & «patriae liberationem»*. A coincidência deste texto ambrosiano com as palavras da legenda é patente.

A tradução que L. Villemont nos dá desta, é a seguinte: *Alma santa, cheia de zelo, que é a honra de Deus e a libertação da pátria*.

<sup>1</sup> Esta obra consta de 15 grandes tomos e existe na Biblioteca da Assembleia Nacional.



\*

Procuremos levar mais adiante a pesquisa.

D. Cabrol, no artigo já citado, dá a seguinte notícia: *Odon de Chateauroux, évêque de Tusculum a consacré tout un sermon (entre 1254 et 1269) à les commenter, mais sans faire allusion à la coutume de les graver sur les cloches.*

Não tendo conseguido encontrar nas grandes bibliotecas portuguesas (Nacional, Academia, Coimbra) qualquer referência bibliográfica que proporcionasse a consulta das obras do bispo de Tusculum, em boa hora recorri à Biblioteca Apostólica Vaticana, cujo eminente «*Preffeto*», Monsenhor G. Mercati, teve a penhorante gentileza de transcrever um trecho da obra *Analecta Novissima* (ed. Pitra, II, p. 316 e sgs.) onde se encontra a oração de Otão de Chateauroux, alusiva a Santa Águeda e que por sua Reverendíssima mesmo foi indicada. O grande bispo italiano supre desta forma o que à sentença falta para a sua inteligência.

*Haec habuit MENTEM SANCTAM ESPONTANEAM.*

*Dedit HONOREM DEO ET PATRIAE LIBERATIONEM.*, não sem declarar que «*haec verbo diversi diversimode exponere conati*». É pois uma hipótese, embora sábia.

É intuitiva desta forma a tradução da sentença campanária que constitui o elogio panegirico da Santa, como já nos indicara J. J. Grevio. E gramaticalmente os acusativos exercem aí a função que lhes é própria.

¿Como porém poderão explicar-se as duas últimas palavras *Patriae liberationem* com referência à ilha ou à cidade em que Santa Águeda foi martirizada?

Vejamos as palavras textuais de O. de Chateauroux ao analisar cada membro daquela sentença e ocupando-se do último: «*Sequitur*» «*Et patriae liberationem*» *supple* «*dedit*». *Hoc fuit ad litteram, quam civitatem Cataniensem et regionem circa ab igne decurrente a monte Etna admodum fluvii, per oppositionem veli sepulcri sui liberavit*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esta lição parece a mais autorizada, mas alguns querem que seja, não: *mentem sanctam spontaneam, honorem Deo*, etc., mas *mentem sanctam, spontaneam honorem Deo*, etc.

Cumpro o gratíssimo dever de consignar aqui os meus rendidos agradecimentos a Monsenhor G. Mercati pela minuciosidade das suas informações e oferecimento de fotografar todo o discurso do bispo de Tusculum, se fôsse preciso.

A «libertação da pátria» deve pois entender-se, não como um sucesso de ordem política, mas mais de ordem natural, pois se refere ao risco que a cidade de Catânia, ameaçada pela lava do Etna, correu, escapando da catástrofe, graças à protecção de Santa Águeda, patrona da Tinácria.

Levado o estudo da inscrição do sino de Santa Maria de Sintra até onde foi possível, com os elementos que estiveram ao meu alcance, resta apresentar a sua tradução portuguesa, segundo a restituição do bispo italiano.

Temos pois:

Esta teve «mentalidade santa e espontânea»:

Deu «honra a Deus e libertação à pátria».

\*

Apresentarei agora um aspecto inédito d'este inesgotável assunto.

A maravilhosa frase, que a lenda coloca na lápide do sarcófago de Santa Águeda em Catânia, não só adorna o bronze dos sinos medievais como que para lhes fazer proclamar, do alto dos campanários, os louvores da mártir siciliana, mas, transcrita para antifonários das igrejas, era salmeada pelo côro dos clérigos, no dia consagrado à glorificação da bem-aventurada.

Em um velho livro-de-côro, que deve ter servido à própria colegiada de Santa Maria de Sintra, pois que ainda hoje a esta paróquia pertence, e que um dia casualmente folheei, tive a feliz surpresa de encontrar a legenda do próprio sino, posta em cantochão!

! Ninguém, de entre aqueles que tenham seguido este estudo, ficaria impassível diante de uma coincidência que tam inesperada era, pelo menos, para as apoucadas letras do autor!

! No lacerado, incompleto volume lá se vêem pois, nos cânticos do dia 5 de Fevereiro, as mesmas palavras que o sino da mesma igreja de Santa Maria conserva a esculpirem-lhe a face veneranda!

! Eram, nesse dia de comemoração litúrgica, vozes de côro e vozes de bronze, a modular, como em unísono clamor, a tradicional legenda latina!

! Do arruinado tômo do côro de Santa Maria, no qual ainda permanecem os modestos cadeirais da pristina colegiada, perdeu-se lastimavelmente o frontispício, em que a data da impressão deveria estar indicada, e estêreis foram até agora as diligências para encontrar um antifonário da mesma edição!

O texto é impresso com tinta preta e negros são também os signos do cantochão bem como as vinhetas; mas as letras capitulares, as rubricas e a pauta são vermelhas. Sem óbice da paleografia gótica dos caracteres, a opinião das pessoas autorizadas que se dignaram emití-la, é que a edição do *Cantatorium* de Santa Maria de Sintra é do princípio do séc. XVII<sup>1</sup>. A paginação que exhibe, já é de algarismos arábicos.

Mas, em nenhum outro autor dos que compulsei, surgiram referências a este facto dos antifonários, o que veio engrandecer a minha impressionante surpresa. Aos leitores destas notícias tentarei proporcionar, por meio de zincogravura, bicolor a reprodução da página pela qual a colegiada de Santa Maria de Sintra entoava, no grave canto gregoriano, a lendária legenda do velho sino da sua própria igreja (fig. 7). E se possível fôr, a interpretação musicada do trecho do raro livro-de-côro, que ainda se guarda na antiga paróquia sintrense (fig. 8).

\*

O humilde sino de Santa Maria faz parte de uma série antiga representada em Portugal. Tudo isto valoriza notavelmente a antiqualha sintrense.

Em Lisboa houve um sino fernandino, em que a mesma legenda ornava a curva exterior do bronze, desenrolando-se em três linhas, juntamente com uma oração latina ao Anjo Custódio, posta em hexâmetros; as tôrres e os sinos eram, em eras passadas, colocados sob a protecção de São Miguel. Era essa campana da Sé de Lisboa e, o que para o caso presente tem significação, é que estava datada e assinada pelo fundidor «Mestre João Francês». Era chamado o sino do relógio e fôra mandado fundir pelo próprio rei D. Fernando, dois anos depois de rematadas as muralhas de Lisboa em 1375<sup>2</sup>.

¡Como seria evocador que hoje possuíssemos essa histórica reliquia! Não o consentiu o negregado sismo de 1755, ao ruir a torre meridional da Sé, ocupada por aquela secular sineta e por mais outros sinos, ¡que também se aniquilaram e dos quais o maior pe-

---

<sup>1</sup> É aos Ex.<sup>mos</sup> S.<sup>rs</sup> P.<sup>o</sup> Tomás Borba e Dr. Ataíde e Melo, aquele, professor eminente do Conservatório, este, professor de bibliologia e conservador erudito da Biblioteca Nacional, que tenho o dever de endereçar os meus agradecimentos pelas valiosas indicações, que da sua alta competência de peritos recebi.

<sup>2</sup> Foi estudada pelo malogrado Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, p. 177. Veja-se também *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, pelo S.<sup>or</sup> A. Vieira da Silva, p. 18 e sgs.

**deum in eternum. ps. Magnificat.**

**Q**uoniam tu sola sanctam spontaneam honorem deo  
et patrie liberationem. ps. Magnificat. *In primo noct. aña.*  
Ingenua sũ & expectabili genere: vt ois parẽte,  
la mea testatur. ps. Btũs. *Añ.* Sũma igenuitas  
ista ẽ: in qua seruitus xpi comprobaf. ps. Quare  
fremue. *Añ.* Ancilla christi sum:  
ideo me ostẽdo habere seruilem  
personã. ps. Domine quid. *R. j.*  
Vam torqueret beata agatha in  
mammilla grauiter/dixit ad iudi  
cem: Impie crudelis et dire ty  
ranne/non es confusus amputa.



Fig. 7

*Quoniam tu sola spontaneam honorem deo et patrie liberationem.*

*Quoniam tu sola spontaneam honorem deo et patrie liberationem.*

Fig. 8

sava doze mil quilos! Talvez na manhã trágica dêsse fatal dia santo de 1 de Novembro, estivessem todos em solene e alegre repique, quando para sempre emudeceram, despenhando-se com temeroso fragor no meio dos destroços desmoronados.

Da mesma série epigráfica da campana sintrense e da sineta olisiponense existe outro exemplar na igreja de S. Francisco de



Évora, mas menos antigo, pois que é manuelino («Campanários em Portugal», por Ascensão Valdez, in *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, XII, n.º 2, p. 109)<sup>1</sup>.

Cronologicamente, o sino de S.<sup>ta</sup> Maria ocupa lugar intermédio ao da cerca fernandina de Lisboa (séc. XIV) e ao de Évora (séc. XVI). Cumpre demonstrá-lo. A data, que preenche uma cinta ornamental na base do cone da campana, lê-se facilmente; é assim: *era de MCCCCXVIII anos*, visto como se trata já do ano do nascimento de Jesus Cristo de 1468. As letras da data unciais e romanas estão separadas por triplice pontuação, formando as centenas, cada uma das dezenas e as unidades quatro grupos de caracteres, além do milésimo. E assim temos em algarismos interpretada a data de: *Era de 1468 anos*, o que corresponde à proposita idade, mesmo para um sino, de 465 anos! A palavra *era*, em vez de *ano*, figura ali como hábito não desarraigado, pois que se trata do ano cristão de 1468. Ainda hoje, nalguns pontos do País, se fala em era em lugar de ano, contudo a lei joanina de 1422 foi terminante.

Sendo uma epígrafe da 2.<sup>a</sup> metade do séc. XV, os caracteres deviam ser de tipo gótico, alemão ou monacal, que caracteriza já a epigrafia do séc. XIV em Portugal. Há pois um arcaísmo, que poderá explicar-se pela falta de renovação dos antigos cunhos ou matrizes das letras empregadas em sinos de séculos anteriores ao próprio séc. XIV. Mas sucede que um raríssimo sino eborense do séc. XIII, já apresenta a sua legenda em gótico minúsculo e aquele a que acima se faz referência de Évora e que é do séc. XVI, tem a epígrafe em gótico maiúsculo.

Esta divergência mostra que, não se tratando de um sino datado, é imprudente tirar rigorosas conclusões cronológicas da paleografia das suas legendas.

\*

Temos pois notícia em Portugal de três sinos caracterizados pela mesma curiosa legenda medieval: um do séc. XIV em Lisboa (destruído); um do séc. XV em Santa Maria de Sintra e o terceiro em Évora, do séc. XVI. Tudo isto é a zona meridional do País. Mas nas outras províncias portuguesas não haverá mais sinos mediévi-  
cos, que a mencionada legenda caracterize?

---

<sup>1</sup> É curiosa a deturpação da legenda neste sino; tem: *mementam spontanea onore deu pater libaracione*.

Não sendo esta de fácil interpretação, a sua disseminação entre nós não pode relacionar-se rigorosamente com o seu sentido e portanto deve explicar-se por qualquer outro modo.

O culto de Santa Águeda gozou de grande popularidade na idade-média, sobretudo na Itália, porque, além de ser considerada a padroeira de Catânia (Sicília), foi muito reverenciada pelos habitantes de Roma, onde há uma igreja de *Santa Agatha dei Gott*, edificada por um rei normando Ricemer, aí sepultado em 472 (*Walks in Rome*, por Aug. J. C. Hare, London 1905).

Da popularidade do culto passava-se ao emprêgo da sentença extraída da vida da santa; é pouco provável que se difundisse em Portugal o costume de ornar os sinos com aquelas palavras na alta idade-média, em que também muito raros seriam os sinos<sup>1</sup>; o facto é que depois, de campanário em campanário, a frase misteriosa chegou até cá na decadência do médio evo.

O bispo de *Tusculum*, anteriormente referido, no seu sermão sobre Santa Águeda, comentou largamente a pretendida inscrição do sepulcro desta gloriosa mártir, mas sem mencionar de qualquer modo o uso de a gravarem nos sinos, o que parece indicar sem dúvida que, só depois do séc. XIII, esse uso se introduziu; entretanto em Portugal no séc. XIV, já o sino fernandino da Sé românica de Lisboa o comprovava.

Em conclusão: julgo, depois destas considerações, que nenhuma explicação do enigmático epitáfio de Santa Águeda, epitáfio trazido lendariamente por anjos, é de satisfazer completamente a crítica epigráfica; e, contudo, é inegável que essas palavras tiveram na baixa idade-média grande voga, e o costume de as modelar nos sinos estava, em Portugal, já introduzido no séc. XIV e perdurou pelo menos até o XVI.

F. ALVES PEREIRA.

---

<sup>1</sup> Da doação da fundação do mosteiro de Grijó em a. 922 (e. 960) consta, além de vestimentas, vasos, livros, também sinos (*Bol. da Associação do Arq. Port.* VII, 159).

## Estudos lusitano-romanos

### I

#### A «Villa» de Santa-Vitória do Ameixial

(Concelho de Estremoz)

Escavações em 1915-1916

### INTRODUÇÃO

#### 1. A «Villa» dos Mosaicos

«Villa» dos Mosaicos lhe chamei em 1916 num artigo de *O Seculo da Noite*, de 26 de Março, depois transcrito, com o mesmo título, no semanário de Estremoz *Terra Nossa*, de 9 de Abril seguinte. *Latifúndio de Romanos no Alentejo, uma «Villa» Romana*, lhe chamei também mais tarde, em 1922, em exposição publicada no vol. XXIV, pp. 83 a 95, do *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa* (Lisboa). Ambas estas designações foram justas, e êstes estudos o provarão.

Tratava-se de habitação patricia, de luxo extraordinário, que a extensão e riqueza das terras em redor justificavam. O Romano estendeu-se por todo o vastíssimo Império, como colono rico ou colono pobre, em cata de fortuna, que freqüentemente conseguia, pelo que estimulava os mais. A corrente migratória abandonava a Itália para a aventura da guerra, da navegação, do comércio, da colonização. A Península Ibérica, desde os tempos pre-romanos, foi um chamariz à cobiça de comerciantes e rapina de piratas. Ofereceu aos Romanos largo e aproveitado campo de exploração agrícola e mineira.

A princípio das escavações de Santa-Vitória, supus-me sobre as ruínas dum *vicus* de colonos; e a casa melhor nesse *vicus* seria a «Villa» dos Mosaicos. À medida que as escavações se alargavam, convenci-me de que estava ali, não o que restava dum aldeamento, mas duma autêntica *villa* de grande proprietário, senhor das terras, que a circundavam, e formariam ubérrimo *latifúndio* nas mãos de bom lavrador. A continuação das pesquisas trouxe a unidade e continuidade das ruínas, — prova real da *villa*, que ali, no sítio alto, isolada diante da charneca imensa, não podia deixar de ter pertencido

a quem possuisse aquelas terras —, prova real da existência e justificação da *villa*.

Que senhor este, que veio erguer na charneca alentejana a sua *villa*, no outeiro ao cimo das terras, que dominava em gozo e vigia, como na Idade-Média sucederia aos castelos dos senhores feudais! Ficarão no mistério do tempo, onde tudo se confunde e anula. No entanto, a observação destas ruínas, pela sua posição, pela sua importância arqueológica, pela sua informação demográfica da época luso-romana, leva-nos a abranger em conjunto o que seria o mapa romano dos primeiros séculos da nossa era.

O Alentejo prestava-se bem à colonização agrícola dos Romanos. Largas terras onde poderiam alargar a cultura, prendiam-lhes os interesses ao solo, e fixavam-nos. O *latifúndio* era o regime lógico e característico da região de Entre-Tejo-e-Guadiana; além disso, as minas em exploração estabeleciam corrente populacional de estrangeiros e indígenas, que regressariam ou apelariam para as explorações agrícolas.

A região costeira do Sul era, como se sabe, uma zona em contacto permanente com os Romanos. Da *Baetica* vinham, através e ao longo do Guadiana, o comércio e a civilização latina. No Algarve, sucediam-se pela costa fora os portos de grande actividade: *Balsa* (no aro de Tavira), *Ossonoba* (térmo de Faro, no Cabo de Santa Maria), *Portus Hannibalis* (terras de Portimão), *Lacobriga* (acaso em Lagos). Guadiana acima, *Baesisuris* (Castro Marim?), *Myrtilis* (Mértola), *Serpa* ou *Sirpa* (Serpa), faziam comércio fluvial e penetração funda no interior das terras. De *Corduba* atravessavam os comerciantes e mercadores para *Italica*, *Ilipa*, *Hispalis* (Sevilha), até *Emerita Augusta*, *Budua*. Iam a *Aritium Vetus* na margem esquerda do Tejo, na região de Alvega, a *Ammaia*, terras de Portalegre, a *Ebora Augusta*, à colónia *Pax Julia*, às minas de Aljustrel, *metallum Vipascense*, nome proveniente de *Vipascum* ou *Vipasca*, povoação em cujo aro estariam as minas. De *Hispalis* corriam a estrada que por *Ilipula* e *Onoba*, entrava em *Baesisuris* e subia o rio Guadiana até *Myrtilis*, abandonando-o para *Pax Julia*. Para Alandroal, Redondo, Vila-Viçosa, Terena, Monforte, Monsaraz, se dirigiam, por lá passavam. Por aí faziam trânsito de Nascente para Poente e de Poente para Nascente. Ao longo da costa ocidental entrava também a civilização de Roma, sobretudo através do rio *Calipus* (Sado), pelos portos de *Caetobriga* (região de Setúbal), *Salacia*, talvez a mesma *Evion* (Alcácer-do-Sal), e através da foz do Tejo por *Olisipo*, aonde chegavam também os comerciantes pela



estrada, que de *Aritium*, vinha a *Scalabis* (Santarém), Alenquer e Alverca, e pela estrada transversal de *Serpa*, a *Pax Iulia*, *Salacia*, *Marateca*, *Caetobriga* e *Equabona* (Coina).

A lavoura foi uma das riquezas do Sul da Península, *Baetica* e *Lusitania* meridional, que os Romanos souberam explorar. À volta das povoações do interior desenvolvia-se a agricultura. As *villae*, dispersas pela região de Entre-Tejo-e-Guadiana, eram centros de poderosa actividade agrícola; como a terra, grande e rica, oferecia os seus tesouros à cobiça do ouro, essas herdades de exploração latifundiária multiplicavam-se por toda a parte. São muitos os restos delas em torno das povoações e, ao largo, no meio da charneca. Os castros romanizados, como o da *Colla* por Ourique, ajudavam a exploração, com a agricultura, com os braços dos habitantes, com a acção expansiva, comercial, com o pastoreio. Era célebre a lã de *Evion*, como quem diz da região do vale do *Calipus flumen*, falando-nos dessa riqueza Plínio e Estrabão<sup>1</sup>.

Todos os dias as escavações, mais ou menos iniciadas por obra do acaso, descobrem vestígios dessa civilização intensa do Alentejo neste período.

Antes de começar a descrição singular da *villa*, quero transcrever as duas notícias acima referidas: 1.º, para colocar no quadro geral, a que estes estudos devem atender, o facto especial da existência da *villa* de Santa-Vitória do Ameixial; 2.º, para, sem mais delongas, informar da casualidade por que se descobriram os indícios, que levaram à exploração e desatêrro da *villa*; 3.º, para referir etnograficamente as ruínas à tradição, que tentava explicá-las<sup>2</sup>.

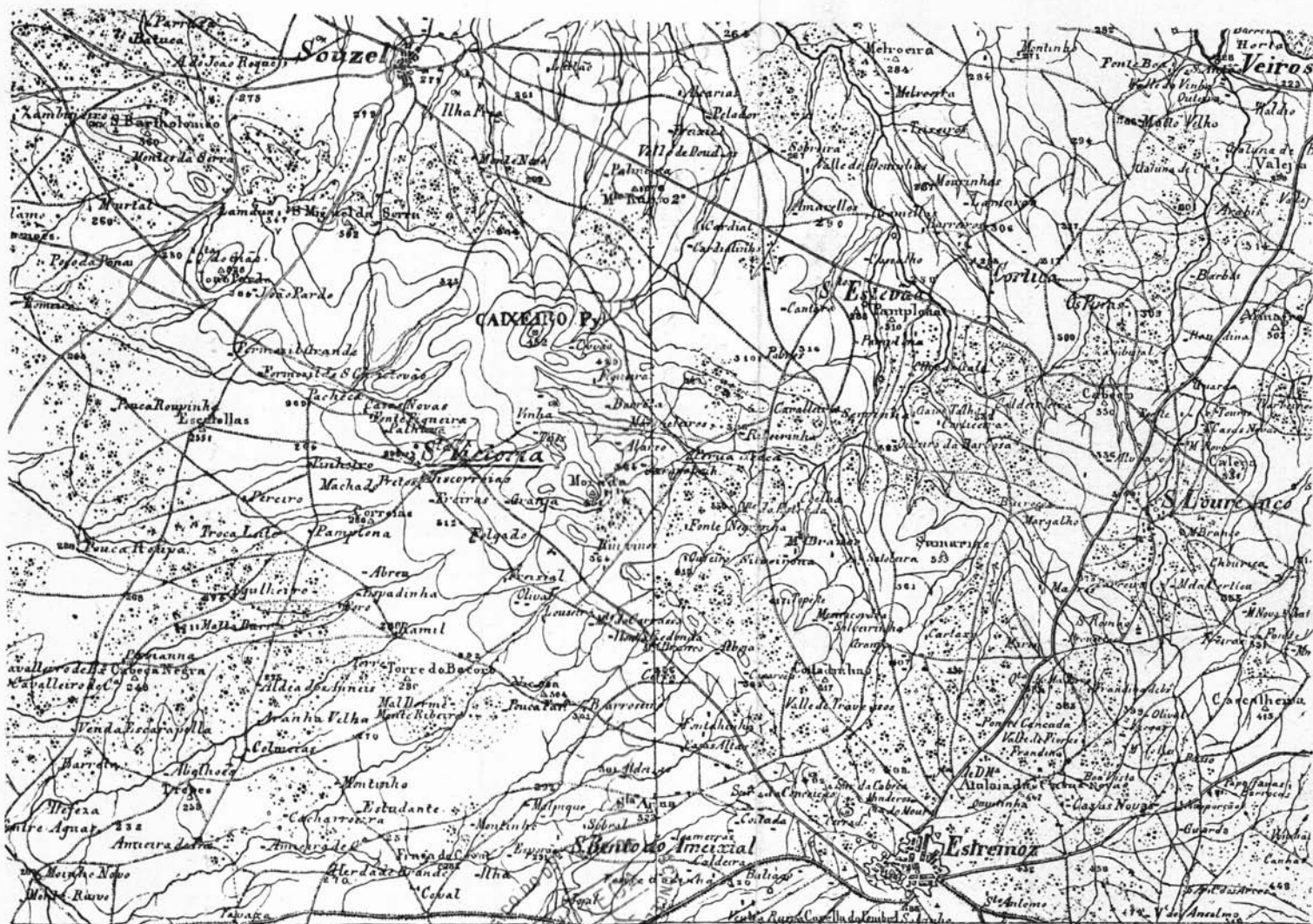
## 2. Arqueologia Alentejana

### Ruínas de Romanos—A «Villa» dos Mosalcos

No canto de Noroeste dos «Campos do Ameixial», estendidos a perder de vista para o Poente da villa de Estremoz, está a aldeia de Santa-Vitória, branca e aconchegada como todas as povoações

<sup>1</sup> Plínio, *Naturalis Historia*, VIII, 48 (73)... *et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania*; Estrabão, *Geographia*, III, II, 6.

<sup>2</sup> A transcrição não prejudica a rectificação ou complemento, note-se.



Carta topográfica da região de Santa Vitória-do-Ameixial

rústicas do Alentejo. E, por ser naqueles campos, tomou o nome de «Ameixial»: *Santa-Vitória*—invocação, do *Ameixial*—topografia.

Êsses campos são essencialmente históricos. Neles se deu a Batalha do Ameixial, que outros, como Oliveira Martins, chamam do Canal<sup>1</sup>, antigo concelho em terras da Casa de Bragança, lá para o fundo, no sopé da Serra-de-Ossa. Foi a batalha vitoriosa e de-



Fig. 1

No primeiro plano vê-se o movimento das terras da exploração. Ao meio, alarga a planície que vai até às montanhas longínquas. A cruz da esquerda aponta o lugar do Castelo de Évora-Monte, e a da direita o Castelo de Arraiolos

cisiva do Conde de Vila-Flor contra D. João de Áustria, em retirada de Évora pelo Degebe sobre Fronteira, ladeando Estremoz à direita, em 1663. Recorda a vitória um padrão<sup>2</sup> à beira da estrada Estremoz-Sousel, mas que não é o primitivo<sup>3</sup>. Ao fundo, sobre os primeiros contrafortes da Serra-de-Ossa, ergue-se, altaneiro como a tradição do Rei Trovador, D. Denis de Portugal<sup>4</sup>, o Castelo de Évora-Monte, lugar do desenlace de essoutra tragédia nacional, finda na Convenção ali imposta a El-Rei D. Miguel.

<sup>1</sup> Oliveira Martins, *Historia de Portugal* (1882), II, 128; chama-lhe do Ameixial a p. 137, e assim é na verdade.

<sup>2</sup> Em a *Revista de Guimarães* publiquei as *Décimas do Padrão*, feitas por um pastor (Caleiro, se chamava ele), que descreveu com declamação e fantasia a história, diria a «biografia», do padrão.

<sup>3</sup> *Revista Militar*, 1853, p. 316.

<sup>4</sup> Duarte Nunez do Leão, *Chronica d'Elrei D. Diniz*, fl. 183 v.

No tempo dos Romanos, foi essa planície imensa até as vilas do Cano e Casa-Branca (Sousel) base de civilização activíssima. Avista-se Arraiolos, acaso a velha *Calantica*. Para lá de Casa-Branca são as minas e pedreiras da Malarranha, com vestígios de exploração romana. Para Sudeste vê-se Estremoz num môrro, que quem sabe seria algum castro prè-romano, e ao redor do qual tantos restos romanos se encontram. No mesmo concelho de Estremoz fica Veiros, concelho extinto; na capela de Nossa Senhora de Mileu, na vila, embutiram a lápide funerária de *SEXTUS ÆBUTIVS RUFINUS*. Pelo alfoz desenterraram-se pedras lavradas, inscrições, pedaços de mosaico, telhas (*tegulae* e *imbrices*), tejos (*lateres*), *áureos* de Nero e Constantino. Acima de Santa-Vitória encontra-se Sousel com as suas ruínas romanas de S. Pedro.

O terreno, que cerca Santa-Vitória, está juncado de destroços das construções romanas, que por ali houve. Fragmentos de *imbrices*, *tegulae*, *lateres* e *laterunculi*, blocos de granito aparelhado, fazem que o povo julgue e diga viver nas ruínas duma grande cidade.

A aldeia assenta parcialmente em edificação romana. Uma casa, construída há pouco tempo, aproveita os alicerces de qualquer *villa* de Romanos.

O descobrimento dum mosaico pavimentar levou-me à exploração das ruínas a que pertencia<sup>1</sup>. Enviado pelo Museu Etnológico Português, tive ocasião e necessidade técnica de estudar o terreno e alargar as explorações com método e cuidado. (Fig. 2).

O mosaico está montado e exposto no pavimento térreo do Museu, desde Agosto de 1928, graças aos esforços do Dr. Manuel Heleno, então Conservador e hoje Director efectivo do mesmo Museu. É o mais rico de Portugal. O mais rico pelos materiais empregados, pela extensão, e pela perfeição da arte musivária, que manifesta. Quadrado, como decoração central, dentro duma área rectangular, que toda elle ocupa, enche-se de decorações mitológicas na primeira secção, mitológicas também e reais na da barra, que fica entre aquela (quadrada) e o contôrno geral (rectangular). Há representações de episódios da mitologia greco-romana, figuras alusivas, e scenas de gymnásio desde a luta dos *pugiles* à coroação do vencedor. E um navio, de vela rectangular, avança, mar fora, às remadas dos tripulantes. As côres são numerosas, variegadas na intensidade e no tom; as figuras têm rigor forte de desenho e relêvo. Completam

---

<sup>1</sup> Adiante explicarei as circunstâncias do achado.



a decoração as mais variadas faixas de encaixe; em volta de figuras isoladas, em volta de grupos, em volta da composição geral da área quadrangular do centro, em volta do rectângulo circundante, a abrangerem tôdas as figuras e episódios, correm cercaduras, tôdas diversas umas das outras, e com belos elementos decorativos. Dão-lhe aprêço singular inscrições e letreiros latinos e gregos.

A casa de que êste mosaico era ornamento, e em especial a sala que atapetava, tinham riqueza de mármore. Teriam sido imponentes.

Alargada a exploração, outras casas surgiram. Duma *villa rustica*, que esperava, com comandamento sobre as vastas campinas adjacentes, aumentou o acervo de ruínas a um *vicus*, fôsse de *villae rusticae* ou de *villae urbanae*<sup>1</sup>.

Uma segunda casa era mais modesta. Nem tinha pedras lavradas, nem torsos de colunas, capitéis ou restos de pavimento de *opus musivum*. A terceira, porém, era das mais ricas *villae* romanas. Tôdas as salas e corredores eram cobertos de mosaico. Êste variava de sala para sala, e até dentro do mesmo corredor o padrão diferia, como acontecia com o que bordava o perímetro do *impluvium*.

Apresento-lhes a «Villa» dos Mosaicos.

Apareceu aqui o único exemplar de estatuária de todo o *vicus*.

A primeira sala, ao Nascente, tinha por piso um lindo mosaico de *opus musivum*, formado de séries de rosetas entre molduras de torçais e tabelas de triângulos seguidos, encostado vértice dum na base do imediato. A seguir, estendia-se um corredor de mosaico bicolor, com o desenho de meandros sucessivos no sentido do comprimento, em duas séries paralelas. No *impluvium* repetia-se em parte êste ornato, de desenho preto sobre fundo branco; a parte restante, igual à primeira em dimensões, tinha desenho tricrómico, vulgar. A sala principal olhava ao Sul. O mosaico era maior, e o mais sumptuoso desta *villa*. Rectangular, estava recortado em figuras geométricas (quadrados, losangos, rectângulos, trapézios, etc.), ao meio de cada uma com um elemento decorativo isolado. Aqui é uma pantera que bebe em lindo vaso, decorado exteriormente no colo com um suástica, dentro de quadrado de grande lado<sup>2</sup>. No meio de hexágono regular, uma coroa de louros engrinalda seis letras gregas. Ladeiam o quadrado da pantera quatro quadrados menores, com dois chocos, um golfinho, uma cobra e outro golfinho. A seguir

<sup>1</sup> A. Grenier, *Habitations gauloises et villas latines dans la cité des Médiomatrices*, Paris 1905, pp. 59 e 94.

<sup>2</sup> Vid. a Hidria de Norba: *Atti dei Lincei*, I, 45.

a estes, um de cada lado, e encostados à cercadura dupla de semi-círculos em disposição original, cada um da segunda linha sobre o encontro das curvaturas da primeira, que se não desligam, há dois trapézios isósceles, com uma avezinha pousada em ramo de árvore, que se esboça e enfolha. Por elementos decorativos secundários, tem, no centro de losangos, cruces de diferentes desenhos<sup>1</sup>.

Em Pistoia (Itália) encontrou-se um mosaico muito comparável a este; é partido em figuras geométricas simples, e há nele um vaso igual ao do quadro da pantera; aí apareceu outro de duplos



Fig. 2

Trabalhos da extração do mosaico com a *çoça* (cabana) do guarda da noite, e o abrigo da ramaria sobre estacas (*çambulacho*) para resguardar à hora da calma. Ao fundo vêem-se as collinas da *Serra do Caixeiro*, (localmente conhecida por *Serra da Pironga*, de «pirongas», marco geodésico, vid. *Carta*) às costas do latifúndio

meandros<sup>2</sup>. Em Roma, em Maniace (Sicília), em Taranto (Apúlia), em Este (Venetia), em Pompeios, na Calábria, etc.<sup>3</sup>, e algures em Portugal<sup>4</sup>, tem-se exhumado mosaicos com figuras geométricas, meandros, animais ferozes, aves, peixes, ramos, e alguns com disposição semelhante ao da «*Villa*» dos *Mosaicos*.

<sup>1</sup> Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1913, III, 624-625: mosaico com cruz e suástica (fig. 338.<sup>a</sup>).

<sup>2</sup> *Atti dei Lincei*, 1904, 5.<sup>a</sup> Série, I, 254 e 255, figs. 17 e 18 (pp. sgs.).

<sup>3</sup> Cf.: in *Atti dei Lincei*, 5.<sup>a</sup> Série, I, 158, 195, 458; II, 12, 72, 281, 381, 445; III, 175, 383, etc.

<sup>4</sup> Podem ver-se: os do Algarve nas *Antiquidades Monumentaes do Algarve*, de Estácio da Veiga; nas *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcellos, III, 177, 492, 624; *O Arch. Port.*, VII, 313; VIII, 243; X, 49; XXI, 142.

No género, é dos mais curiosos este mosaico de Santa-Vitória, e reservo-me, como me cumpre, para o estudar em *O Archeologo Português*, órgão do estabelecimento científico de que fui delegado nas escavações deste vicus romano.

A Sudoeste do outeiro, donde desentranhei as villae, na vertente oriental dum outro outeiro, houve um cemitério de inumação. E no sopé da vertente oposta encontrei vestígios de templo, com capitéis, colunas, uma inscrição, talvez simples aediculum.

Para a série dos mosaicos de Portugal, que o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos abriu na epígrafe de «Mosaicos Romanos de Portugal»<sup>1</sup>, o vicus de Santa-Vitória trouxe representação numerosa. E as duas villae com pavimento de opus musivum ou tessellatum provam que nem todas tem carácter modesto<sup>2</sup>. É frequente a opulência das villae do Sul. Não será já indício de fortuna a existência de mosaico, por mais simples que seja, nas ruínas duma villa romana, embora sem vestígios notáveis de prosperidade opulenta?

### 3. Latifúndio de Romanos no Alentejo

#### Uma «villa» romana

Onde se dão explicações deste trabalho do autor.

A pp. 242 do vol. xx (1918) do *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa* encontra-se referência a investigações minhas, em artigo do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pequito Rebelo, subordinado ao título de «A defesa do latifúndio».

Na íntegra, essa referência diz, como segue:

«E tam forte é esta tradição que investigações arqueológicas muito interessantes, do meu erudito amigo S.<sup>or</sup> Luís Chaves, chegaram a documentar, perto de Montemor, vestígios da existência em tempos romanos da herdade alentejana com característicos semelhantes àqueles que hoje tem».

Esse artigo que, segundo o autor informa, é extracto do livro em preparos — *O Problema do Pão*, trazia o intento de provar pelo passado, até mesmo na tradição romana, a lógica natural do latifúndio.

<sup>1</sup> *O Arch. Port.*, 1902, vii, 313.

<sup>2</sup> Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, iii, 177.

Evidentemente, eu não venho com estas informações trazer o meu apoio, ou recusá-lo, à defesa da tradição da cultura latifundiária. A tradição, — é quanto verifico —, essa tem sempre a sua lógica na necessidade humana. É intuitiva e empírica na sua formação e desenvolvimento. A vitória da inteligência não está em a manter numa passividade velha, mas, pelo contrário, no aproveitamento especulativo e na actividade da base tradicional, que é o produto fecundo da terra e do homem, adaptando-a sempre às necessidades actuais.

Neste assunto, porém, de latifúndios, na sua extensão ou na sua actividade, sou absolutamente leigo e estou em branco. No estudo etnográfico do país, em apreciação de dominância de culturas, no aspecto natural, costumes locais e regime da propriedade, já poderia abalancar-me a estabelecer ideas gerais e comparações de pormenor entre umas e outras províncias portuguesas.

O meu intuito é bem diferente no entanto.

Em primeiro lugar, há uma correcção a fazer na referência corográfica às minhas investigações. Em seguida, como a informação do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pequito Rebelo havia de ter despertado curiosidade ao lavrador do Alentejo, em geral, e ao de Montemor em especial, porque não deu por investigações de qualquer ordem nos terrenos do aro da sua vila, quero dar a tôdas essas gentes do trabalho da planície informações curiosas da sua terra, desta terra sagrada, a que o sangue eterno de muitas gerações nos prende com os anéis de ferro da solidariedade através do tempo.

Se desta exposição advierem novos elementos para a defesa do latifúndio, e se de facto a sua existência é boa para a grei, muito agradável me será, tendo então de que me regozijar no beneficio da colectividade portuguesa.

À controvérsia de Basílio Teles, Ezequiel de Campos e Pequito Rebelo, entrego as notas dum latifúndio romano, aberto na arqueologia portuguesa e semivivo nas ruínas inconscientes da tradição local. Elas aqui ficam nestas páginas, elementos dum trabalho de maior vulto, que só a falta de tempo e os azares da vida me tem impedido de fazer.

O mosaico do Ameixial; a villa romana; sua grandeza; as noticias do séc. XVIII; a tradição popular; situação das construções; o latifúndio.

Era eu do quadro do Museu Etnológico Português, onde fui Conservador, quando se encontrou em Santa-Vitória do Ameixial (concelho de Estremoz), entre vários vestígios romanos miúdos, um pa-



vimento de mosaico. Para lá me dirigi, na missão de verificar os achados, arrancar o mosaico e prosseguir as pesquisas.

Como todos os encontros destas cousas, êste foi também casual. É certo que já o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos tinha conhecimento da existência de ruínas romanas<sup>1</sup> ali. Mas, nem por isso deixou de ser casual o achado do mosaico. Uma menina da aldeia tinha vindo a Lisboa, onde viu o Museu Etnológico. De regresso a casa, viu no fundo duns buracos, abertos em procura de pedra num ferragial de seu pai; «pedrinhas» de mosaico, parecidas com as que tinha visto no Museu.

Os alviões não venciam a resistência do mosaico. A menina tratou de o salvar, conseguiu sustar as obras, e mandou a informação para Lisboa.

Começados os trabalhos, breve descobri a extensão da *villa*, a que pertencia a sala do mosaico, aproximadamente de 7 por 9 metros. A frente, já tinha sido cortada pela abertura dum ramal, que, parte da estrada Estremoz-Sousel, e passa por Santa-Vitória em direcção ao Cano, velha vila municipal, hoje incluída no concelho de Sousel.

Estas pesquisas levaram-me a duas campanhas, a primeira no Verão e Outono de 1915, a segunda no Outono de 1916.



A *villa* era magnífica, e vale a pena ressuscitar na fantasia aquelas ruínas enormes, de riqueza surpreendente, se atendermos à distância do recanto lusitano para os produtos do requinte artístico de Roma.

As salas sucediam-se umas às outras sem fim. Tinham o chão de mosaico (*opus musivum*), delícia dos ricos proprietários, fôsem cidadãos ou colonos. Nessa decoração architectural era um museu. Os mosaicos variavam em todos os estilos da arte dos *musivarii*: com motivos geométricos, outros da flora e da fauna, gregas entrançadas, grinaldas, quadros com aves e outros animais, máscaras de teatro; aqui e ali taças com água, etc.; depois os mosaicos com figuras simbólicas, inanimadas e abstractas (estações, meses, ventos), ou activas e reflexivas (deuses, episódios míticos, scenas gímnicas). Outras salas eram pavimentadas dum cimento espesso e forte (*opus signinum*), de tejos imbrincados e de lajes do formoso mármore regional (Estremoz e Vila-Viçosa).

---

<sup>1</sup> Leite de Vasconcellos, *De Terra em Terra*, Lisboa 1927, p. 119.

Entre os mosaicos sobressaía o primeiramente encontrado, que deu senha das ruínas; as suas figuras mitológicas, como o cortejo marinho de Anfitrite; o mar com a barca purpurina de Ulisses e num recife três sereias, cantando, a atraí-lo; os quadros dos jogadores de gymnástica atlética, e a coroação do vencedor; medalhões figurados com os quatro ventos principais, alternados com bustos de homem; tudo cercado de riquíssimas e belas molduras policrômicas, faziam dêsse mosaico uma obra prima.

Tinha a *villa* um balneário (*balneum*), a que êste mosaico pertencia; piscinas: um admirável tanque revestido de placas delgadas de mármore, aonde se descia por largos degraus também de mármore, a água a cair bem de alto, borbulhante e cantadora, de grande caranca, de boa escultura marmórea. As salas dos banhos, rectangulares ou circulares, indicavam com todas as probabilidades o seu uso: a primeira com piscina de *opus signinum*, para o banho frio, e as circulares armadas sobre pilares e arcos de tejolo (*hypocaustum*), onde o ar quente em circulação aquecia fortemente o chão de cimento, cingindo-as por canais subpavimentares, e por tubos de barro, nas paredes, para os banhos quentes e tépidos. (Figs. 3 e 4).

Mais salas, corredores a ligá-las por extensas galerias. As paredes eram revestidas de cimento mais fino de cal e areia, ou forradas de mosaico leve de massa vítrea, irisada por infusão de óxidos metálicos; pinturas a fresco decoravam outras, e algumas tinham guarnições de frisos e lintéis de mármore bem trabalhados em relêvo, coloridos de vermelho nos ornatos, e alguns dêles dourados, como na imperial «*Villa Hadriana*», de Tibur.

Nesta sucessão, as salas agrupavam-se em dois núcleos distintos. Um formava a habitação com o balneário ao lado, — a *villa urbana*. O outro constituía mais para o Nascente, mas contíguo, a *villa agraria*, onde viveria o pessoal e o gado, onde também estariam as alfaias da lavoura, e a *villa fructuaria*, para arrecadação das colheitas, tulhas, lagares, adega.

A *villa urbana*, assim chamada porque, embora rural, a sua estrutura obedecia mais ou menos longinquamente ao modelo citadino, tinha duas partes, uma para a vertente do Sul no outeiro, que ocupava, e seria a vivenda no Inverno, outra para Norte e Noroeste, a habitação estival. Na coroa do outeiro estendia-se uma longa e bela galeria, de Nascente a Poente, de mosaicos sucessivos e com um grande tanque, circundado por ela.

Ao conjunto chamavam os Romanos, por se tratar de herdade ou casa de rendimento agrícola, — *villa rustica*, e eram aquelas as

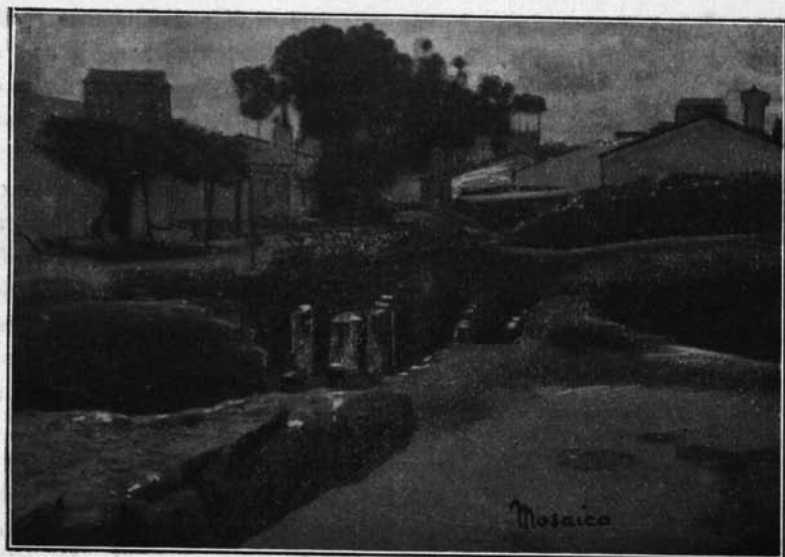


Fig. 3

*Balneário:* No primeiro plano, à direita, em plano liso, o mosaico; cada cova corresponde a uma sala sobre hipocausto, de que se vêem os pilares de tejo e dos arcos de suporte. Ao fundo fica a aldeia de Santa Victória-do-Ameixial



Fig. 4

Interior do recinto do hipocausto. No último plano compreende-se o esboço de um arco de tejos quadrados. Em frente, pilares de tejos iguais indicam renque de arcos, semelhantes e paralelos ao primeiro. Emoldurada pelo 1.º arco, reconhece-se a entrada. Parece ter sido este o Torrião a que se refere o P.º Luís Cardoso

suas componentes, dentro das regras gerais de Columella no tratado *De re rustica* (1, 6).

A parte mais rica, exceptuando o balneário, era a de Inverno, onde a permanência se alongava. De aí o proprietário corria a vista pelos campos do latifúndio.

Despojos de louças domésticas e de vidros variados, coloridos ou irisados, vasos de bronze, adornos femininos de ouro e osso, marcas para jogos, anéis de metal ou de vidro, documentos de arte, se não foram aparecendo em quantidade, pelo menos atestavam em qualidade, através das vicissitudes a que a *villa* esteve sujeita, a grandeza do patricio romano, possuidor desta maravilha. E, demais, bastava, para o atestar, a colecção de treze mosaicos de chão, estendidos nas suas salas.

O mosaico do balneário é até hoje o de maior perfeição e arte encontrado no nosso país, podendo-se classificá-lo entre os primeiros, de Itália, o Paraíso Perdido da arte dos mosaicistas, ou *musivarii*.

As notícias dos vestígios destas ruínas foram arquivadas pelo P.<sup>e</sup> Luis Cardoso no seu *Dicionário Geográfico*; ruínas que eram, como sempre, para a superstição popular, restos de Mouros.

\*

Não há nesta freguesia povoação junta<sup>1</sup>; mas tudo são *montes* espalhados («Casais, a que nesta provincia chamam Montes»), e a meio deles fica a igreja paroquial, dedicada a Santa-Vitória (Nossa Senhora da Vitória), fundada na *Courela da Moura*.

A maior parte das terras são velhos reguengos do *Ducado de Bragança*.

Há uma *fonte* chamada *da Moura*, não muito distante, a NO. da paróquia; «he de charco», diz o Padre Cardoso, ou seja nascente a brotar de uma cova, hoje afundada em poço.

«Da igreja para a parte do Occidente, e Norte, no mais alto sitio, se conserva ainda hum pedaço de parede fortissima<sup>2</sup> a que chamão Torrião, em altura de vinte palmos, e mais de cinco de grossura, que mostra ombreiras da porta, que teria hum a vara de largura, e de algum grande edificio, e dão a entender (como também corroboram este sentir, as muitas pedras soltas, e espalhadas, que por

<sup>1</sup> Hoje, um núcleo gregário de casas forma a sede administrativa da freguesia, e é a aldeia de Santa-Vitória.

<sup>2</sup> As paredes, duplas, encostavam-se umas às outras; por vezes atingiam 1<sup>m</sup>,30.



alli se vêem, além das que se tem já aproveitado os moradores para as suas casas)<sup>1</sup>, haver alli nos tempos antigos povoação, ou ser palacio de alguma grande personagem<sup>2</sup>; porém disto não ha memoria ou tradição; ainda que o vulgo diz ser povoação de Mouros, que talvez por isso a fonte, que está no baixo se chame da Moura<sup>3</sup>.

Existe mais huma, que parece fez lago, ou tanque de parede fortissima, com espigão por cima, com dez palmos de altura, e dous e meyo de largura, e noventa por lado em quadro ao comprimento; e junto está outro mais pequeno demolido, e entre a Igreja, e Torrião, outros dois alicerces de canos e arquetas, tudo destruido, por onde lhe vinha agua das fontes da Granja, e Ruivinos, o que só poderia ser por aqueductos de arcos, de que não ha vestigios».

Assim nos informa o P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, no seu *Dicionario Geografico*, edição de 1747, no tomo 1, a pp. 438 e 440, sob a palavra «Ameixial».

Se a parte saliente das ruínas era então a que fui encontrar, o «Torrião», de que fala o P.<sup>o</sup> Cardoso, seria junto da estrada para o Cano e Casa Branca, num canto do balneário, depois de cortada pelos trabalhos de rasgamento dessa estrada a frente das ruínas, uma sala do hipocausto sobre arcaria; as paredes na verdade sobresaiam dos alicerces, encobertos pela terra vegetal. Estavam adaptadas a galinheiro ou chiqueiro, e, antes de isso, funcionava aí um forno de pão.

Os dois tanques, pertencentes ao balneário estavam efectivamente juntos; apenas os separava uma parede; e havia quem se lembrasse de os ver abertos.

É possível que as águas de provisão da *villa* fôsem conduzidas em aqueduto da fonte da Granja. Esta quinta ainda hoje existe com este nome, a mil e tantos metros da *villa*, e a uma altitude um pouco superior. Entre os dois pontos extremos o terreno é baixo, cada um em seu outeiro; só um aqueduto conduziria as águas.

<sup>1</sup> A pedreira foi inesgotável; nas paredes das construções, e em frente das casas, a servirem de guarda ou de base aos prumos das parreiras em forma de alpendre, vêem-se grossos monólitos de granito, com aparelho rústico, da «villa» romana.

<sup>2</sup> A intuição é clara, e verificar-se há a realidade.

<sup>3</sup> A tradição do seculo XVIII manteve-se íntegra; continua hoje vívida. Diz a lenda que à meia-noite sai do poço, junto da fonte actual, a Moura encantada. Ouve-se-lhe o arrastar das correntes até de madrugada; vid. Luís Chaves, *Lendas de Portugal: Contos de Mouras Encantadas*, Lisboa 1924, «A Moura do Poço», pp. 59-62.

O tempo e os trabalhos da lavoura teriam destruído os últimos arcos dessa obra, e seria dêsses que fala o *Dicionário Geográfico*. E, facto curioso, na Granja também há como indício uma *Fonte da Moura*, muito celebrada na lenda vaga do povo da região.

\*

Este massiço de construções erguia-se num outeiro, cuja totalidade ocupava por completo. O proprietário abrangeria com a vista as suas terras, o seu *latifúndio*, que certamente se estendia até lá a essa barragem de montanhas, que vão da Serra-do-Ossa e lhe servem de contrafortes, onde se alcandoram o castelo de Évora-Monte e no horizonte o de Arraiolos, a perder-se de vista como ponto imperceptível para o Poente. (Fig. 1).

É esta a correcção a fazer. Não se trata das terras de Montemor, como por equívoco disse o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pequito Rebelo, mas desta região chã, que vai do Outeiro de Santa-Vitória do Ameixial à frente da Serra-do-Caixaieiro (cota 452, diante de Sousel, flanco direito das alturas, que vem desde Vila-Viçosa) até lá abaixo às serras, com o outeiro de Estremoz, altaneiro, sobre a esquerda, a Sudeste.

Cá de cima, dos seus terrados, numa cota de 300 metros, o senhor comandava as suas terras, sobranceiro como castelão roqueiro, no seu soberano prêfeudalismo da campina.

A não ser à volta da casa, em área limitada, os destroços das construções reduzem-se quási ao que seria a *villa rustica*. Nas terras além rareiam os vestígios, o que justifica e limita a localização. Encontram-se até boa distância, porém, nas terras ao pé do outeiro, os restos de telhas e teijolos.

Os trabalhos de construção, os da casa, os da agricultura, eram feitos pelos escravos, entre os quais havia todos os officios. Num outeiro, junto de Santa-Vitória, aí a duas centenas de metros da *villa*, era o cemitério dos escravos, onde se abriam os túmulos de teijolos grandes, cobertos de laje. Eram inhumados e sem adornos os despojos: uma ou outra conta que traziam ao pescoço, e ao lado a tenaz, o martelo ou o sacho, como indícios do officio; a pobreza do espólio indica bem a vida de opressão dêsse pessoal agrícola.

Os senhores, pela sua qualidade, seriam incinerados, mas não vi as urnas das suas cinzas patricias.

Por ali haveria também um templozinho, de que foram encontrados torsos de colunas e uma lápide votiva. Uma lei de Arcádio e Honório refere-se à fundação autorizada de templos pelos proprietários.

Assim independente com os seus serviços completos, aquela *villa* romana, a meio do Alentejo agrícola, era como as *villae* romanas do Lácio, rica a par das mais opulentas, tendo um mosaico do melhor em materiais (mármore exóticos e regionais), em arte (figuras mitológicas, e scenas reais de excelente desenho e pitoresco decorativo), e impondo-se soberanamente como architectura e senhorio.

Os latifúndios romanos; sua constituição; os escravos; a cultura e organização rural.

*Latifundia* eram os grandes domínios sob o Império Romano. Estes domínios tinham duas ordens: os *latifundia* e os *saltus*; estes formavam a massa dos outros.

Os latifúndios — *Latifundia* — eram terras de largos limites, — *lati fundi* —, muito além da superfície ou unidade da cultura ordinária<sup>1</sup>. Tinham duas formas: ou constituíam domínios dum só possuidor, ou um certo número de herdades, *fundi*, ou *villae*, isoladas no terreno, mas dum único senhor. As expressões de *ager* para o campo, e *villa* para a vivenda do senhor, fundiram-se, e a *villa* passou a designar todo o domínio.

O *saltus* na origem abrange bosques e planícies (*silvae et pastiones*, de Varrão<sup>2</sup>). Opõe-se ao *fundus*, por este ser território montanhoso, explorável só em talhões como nas nossas províncias do Norte, enquanto o *saltus* é a terra da cultura intensa e extensa, cuja ampliação senhorial e agrícola deu os *latifundia* da planície vasta, — os nossos latifúndios, isolados ou contínuos.

«País domado pelas armas, a Península devia ter visto cahir muitos dos seus filhos na servidão. Era por meio dos escravos que os Romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrania chegava a escravidão entre elles. Os servos agricultores foram os mais oprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo». Assim disse Alexandre Herculano<sup>3</sup>.

Os servos formavam duas categorias: a *familia urbana*, dos criados domésticos, e a *familia rustica*, dos escravos, muito numerosos, agrupados em serviços. Os serviços eram chamados *officina* ou *ministerium*; cada um tinha o seu *magister operum*, o nosso mestre de obras.

<sup>1</sup> *Gromatici*, Edition Blume, Lachmann et Rudorff: 157, 5; 161, 7.

<sup>2</sup> *De lingua latina*, 5, 36.

<sup>3</sup> *História de Portugal*, I, 40.

Estava a *familia rustica* dividida em grupos de dez homens (*decuriae*) com o seu *decurio* ou *monitor*. O chefe era escravo também, o *villicus*, ou regedor, o *rector*.

O senhor do domínio tinha o seu capataz, manageiro ou procurador e representante. Era o *procurator*, *praefectus*, *praepositus* ou *curator*, que no Baixo-Império se chamava claramente o *vice-dominus*<sup>1</sup>. Era a mais das vezes um escravo de confiança; fiscalizava as pessoas do domínio e os caseiros, e dirigia a exploração.

Uns dos escravos trabalhavam soltos, eram os *soluti*; outros enca-deados, os *vincti*.

Nos grandes domínios era quasi infinita a variedade das applicações dos escravos, mais ou menos especializados. Só a vinha exigia 60 escravos por cada 100 hectares, e tinham aí o seu mister: *aratores*, *vinitores*, etc. Numa propriedade de 300 hectares com vinha, olival e seara em partes iguais, diz Catão<sup>2</sup>, que se occupavam 137 operários sob a direcção do *magister vinitor*, ou sejam uns 45 por cada 100 hectares. Donde se conclui o numerooso pessoal que este latifúndio de Santa-Vitória do Ameixial teria.

Os Romanos não mantiveram os processos gregos de conservar as terras em pousio ou alqueive por um ano, 15 ou 16 meses, pela diminuição de proventos, que traziam. Trataram de alternar a cultura de cereais com a de outras plantas menos fatigantes.

Cultivavam cereais (*frumenta*) e leguminosas em pleno campo, e plantas têxteis como o *linum*, o cânhamo, etc.

Estes serviços exigiam muita gente, e, além desta de lavoura, havia-a para os outros trabalhos de construção e manutenção, obra civil, duma *villa* autónoma.

Ficou tudo no anonimato. ¿Quem era o senhor do latifúndio? Dizem que, na ocasião das obras de abertura da estrada, se encontrou uma grande lápide com inscrição e ornatos. Perdeu-se em alguns escaninhos das Obras Públicas de Estremoz. E só um tejoleiro deixou inscrito, provavelmente o seu nome, na face longa de um tejolo: VIBVLVS. Mais nada. É quanto pode saber-se dessa *villa* romana com moedas de ouro de Nero (séc. I) e bronzes de outros césaes dos sécs. II, III e IV.

<sup>1</sup> Marquardt, *La vie privée des Romains*, Paris 1892, I, 163 sgs.; Cagnat, *L'Ann. épigraphique*, 1896, n.º 117; *Analecta Bollandiana*, 9, p. 119; Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5, 5503.

<sup>2</sup> *De agricultura*, 10, 11, 17.



Situação política; comunicações; relações; outros vestígios; o latifúndio; a herdade; as culturas.

Esta região do Alentejo, que foi noutros tempos de *Antre Tejo e Odiana*, entre os rios que os Romanos chamavam *Anas* (Guadiana) e *Tagus* (Tejo), pertencia politicamente ao *Conventus Pacensis* com a sede em Beja — a colónia *Pax Iulia*.

Não ficava isolada esta *villa* no Alentejo. As estradas romanas cruzavam a província; os carrões com o granito do Redondo iriam por Bencatel levar a carga, como de Estremoz, Borba e Vila-Viçosa levariam o mármore dos revestimentos, e da região de Estremoz arrastariam o barro para os oleiros da *villa*. Nelas andavam as liteiras (*lecticulae*), onde os patricios eram levados por oito escravos.

A mais próxima via romana era a do *Iter ab Olisipo Emeritam* (Lisboa-Mérida) por *Equabona* (Coina), *Caetobriga* (por Setúbal), *Malceca*, *Malececa* ou *Malececca* (Marateca), *Salacia* ou «*Urbs Imperatoria*» (Alcácer-do-Sal), *Ebora* ou «*Liberalitas Iulia*» (Évora), indo a Bencatel, Vila-Viçosa, Vila-Boim, Elvas, *Budua*, já na Estremadura Espanhola, a caminho de *Emerita Augusta* (Mérida).

De Bencatel a Santa-Vitória seriam em linha recta aproximadamente 17 milhas, cêrca de 5 léguas, e de Vila-Viçosa 18 milhas, o que dava pouco mais das mesmas 5 léguas.

Em volta desta *villa* patricia, as povoações importantes eram: Assumar ou Alegrete (*Ad Sptem Aras*), Portalegre (*Ammaia*), Arraiolos (*Calantica*), Alter (*Elterii*), Elvas (*Helvii*), Ponte-de-Sôr (*Matusaro*).

Junto de Estremoz têm sido encontrados restos romanos. Em S. Pedro (Sousel) os vestígios dum cemitério são evidentes. Veiros tem na frontaria da Igreja da Senhora-de-Mileu uma lápide sepulcral, que deve ser da região, tanto mais que o defunto teria sido do termo de Portalegre.

A terra alentejana foi muito colonizada pelos Romanos. Mas entre todas as *villae*, conhecidas até hoje, a não serem talvez as da costa do Algarve, nenhuma se aproximava em fausto da de Santa-Vitória. Tudo indica, — como a distância dos outros restos e a acumulação de vestígios ao redor da *villa* —, que o latifúndio romano, segundo o direito itálico, era extenso.

Esta *villa rustica* ou *agraria*, antepassado tradicional do «monte» de hoje, tinha como carácter típico a exploração agrícola. Hoje essas terras dão pão; e ao fundo, lá para mais próximo das serras, é o que o povo chama ali o «mato», constituído por montados. Naque-

les tempos, a agricultura consistiria em seara, vinha e olival. É a terra solta, barrenta, coalhada de pedra, onde se cria bem o pão, dando assim um bom *campus frumentarius*.

Mós romanas, mós de mão (*mola manuaris*) com a sua *tremonha*, e as duas partes essenciais, móvel uma e fixa outra, apareciam abundantemente, misturadas nos despojos, mas principalmente para o lado da *villa fructuaria*. Era indício da cultura do pão, se não soubéssemos que os Romanos desenvolviam a sementeira d'este cereal. Moodas luso-romanas, como as de *Salacia* ou seja Alcácer-do-Sal, tinham espigas gravadas.

Que as terras davam pão, é pois natural concluir da própria natureza dessas terras, e das necessidades da casa e da «família» (a de sangue e a do serviço ou dos *servi casarii*).

Na zona da parte agrícola apareciam instrumentos de lavoura: a *pala*, enxada redonda, em ponta ou de gume recto; o *sarcutum*, sacho quadrado ou triangular; o *malleus*, martelo com cabeça e *rostrum*, ou gume; a *dolabra*, espécie de picareta;—que serviam para cavar, esboroar e bater a terra.

A relativa abundância de foices prova ainda mais e melhor a colheita do pão. É a foice vulgar—*falx messoria*, ou do segador. também *foenaria*, ou *stramentaria*.

\*

A cultura do vinho é provável da abundância de ânforas vinárias, que encontrei. Assim como apareciam restos de vasilhas grossas, de largo bojo e bordos fortes, e igualmente serviam de talhas para cereais e azeite, também estes fundos-de-ânfora em bico eram prova clara de largas existências de vinho em depósito.

Outra prova disso supponho estar nos emblemas báquicos dos mosaicos da *villa*, cujo proprietário os teria imposto, como invocação e voto ao deus do vinho, a fim de lhe aumentar a colheita; ou teria sido o artista quem se inspirou na cultura principal da casa. De mais, Baco era deus padroeiro de toda a agricultura.

A *pantera* é simbolo báquico; aparece nos monumentos, às vezes cavalgada pelo próprio deus<sup>1</sup>. O *cantharus* era vaso de beber, usado por Gregos e Romanos, taça funda com pé e duas asas grandes; vê-se

<sup>1</sup> Millin, *Vases peints*, I, est. LX; Dubois Maisonneuve, *Introduction à l'étude des vases du Louvre*, II, est. XVII; *Museo Chiaramonti*, est. XXVIII; *Museo Borbonico*, III, pl. L.

nas mãos de Baco e dos Sátiros: ficou símbolo báquico<sup>1</sup>. Pois, num dos mosaicos da *villa*, dividido em fracções geométricas, vê-se ao meio a *pantera* com a mão sôbre um *cantharus*. Outro quadro é uma *coroa de louro*, atributo do deus<sup>2</sup>. O *golfinho* faz também parte dos emblemas de Baco, é o símbolo da água, evocação da metamorfose dos piratas Tirrenienses<sup>3</sup>. A *serpente* igualmente se liga com o culto báquico, por a sua natureza fria e humida combater a embriaguez<sup>4</sup>. Todos estes emblemas e a *fôlha de hera*<sup>5</sup>, que lembra a da vinha e é vivaz, se vêem num dos mosaicos de Santa-Vitória.

\*

O azeite era recolhido em vasilhas de paredes grossas, semelhantes a ânforas terminadas em bico, para se enterrarem ou serem suportadas em orifícios, como se vê no museu romano, que é a cidade morta de Pompeios. Havia também grossas talhas, de base chata, para se guardar o azeite. Umas e outras se encontraram em fragmentos maiores ou menores, mas indiciais, na *villa frumentaria*.

Também nesta, a par de silos para cereais, se fizeram lagares rectangulares, que tinham quási ao centro o desgaste do atrito do eixo da prensa, e eram revestidos de cimento do preparo do *opus signinum*.

A foicinha chamada *falcula selvatica* ou *arborea* podava e limpava as árvores, a que depois os varejadores e ripadores tiravam a azeitona, que o *torcularium* ou lagar espremia em azeite, a guardar nos grandes vasos, *dolia, seriae*, e nas conservas do *cadus*.

E os Romanos dividiam os instrumentos agrícolas em três categorias: *genus vocale*, o homem; *genus semivocale*, os animais; *genus mutum*, os maquinismos<sup>6</sup>. Estas três culturas do latifúndio empregavam evidentemente os três géneros de instrumentos, não faltando neste de Santa-Vitória, onde os chocalhos de bronze a par dos restos

<sup>1</sup> Macrobio, *Satyras*, v, 21; Museo Borbonico, t. 11, est. x; Montfaucon, *L'Antiquité expliquée*, t. I, 167 e *Description d'un vase de sardonyx antique*, S. Petersburgo, 1800 (Taxa dos Ptolemeus), etc.

<sup>2</sup> Horacio, *Odes*, I, 1, 29 (associação do louro e da hera); *Anciens marbles in British Museum*, parte III, est. IX; Walthers, *Catalogue of lamps in the British Museum*, 1914.

<sup>3</sup> Welcker, *Griechische Goetterlehre*, t. II, p. 906; Max Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce*, 258.

<sup>4</sup> Welcker, *id.*, II, 639; Gerhard, *Gr. Mythologie* §§ 450 (3) e 453 (6).

<sup>5</sup> Ovidio, *Fasti*, III, 767.

<sup>6</sup> Varrão, *De re rustica*, I, 17.

humanos e dos aparatos agrícolas apareciam, um dêles enorme, semelhante aos do Ribatejo, mas chato como copo de viagem.

\*

São estas as informações que, por curiosidade, podem servir, num artigo curto, para completar a referência do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pequito Rebelo. Êste latifúndio, cultivado por legião de escravos, com a presença constante do seu senhor, é um modelo. Não será difficil encontrar no Alentejo outras propriedades da mesma extensão, onde existam vestígios de *villae* romanas, embora seja mais difficil dar com outra de riqueza semelhante.

Senhor, que no meio do Alentejo, longe de Roma, possuía uma habitação dêste luxo, era rico proprietário, a quem as terras em redor serviriam de base económica e de fama social.

## II

### A Villa.—Um Balnearium

**Sumário.** — Santa-Vitória-do-Ameixial; localização das ruínas; as ruínas; o mosaico; piscinas; salas rectangulares e salas circulares; o *hypocaustum*; um *Balnearium*.

I.—RUÍNAS.—De Estremoz parte para Sousel uma estrada, que corre de SE. para NO. os Campos do Ameixial, sempre encostada às alturas dos Casarões, Aboja, Morada, que vão subindo pelas cotas 382, 418, 451, até a Serra-do-Caixaieiro, ponto trigonométrico de cota 452. Na toponímia local, êste monte é conhecido pela *Serra-da-Pironga*, do nome que dão por ali ao marco geodésico, — a *pironga*. Em frente do colo entre as alturas da Morada e esta Serra, parte para SO. um ramal, que atravessa a aldeia de Santa-Vitória-do-Ameixial e continua para o Cano.

A aldeia é pequena. Está na margem direita da Ribeira de Almadafe, afluente da Ribeira de Sêda, na cota 298. Encosta-se pelo Norte às alturas da Serra-do-Caixaieiro; para Sul e Poente, o terreno desce até a charneca de azinhal, que cá de cima, da aldeia, é enorme mancha negra, alastrada, no onomástico da região o *Mato*, por onde se escoam as linhas de água para a Ribeira de Tera. Os montes<sup>1</sup> mais próximos para êsse lado são: a *Pacheca* (cota 269),

<sup>1</sup> *Monte*, na linguagem provincial do Alentejo, é sinónimo de casal, herdade.



o *Pinheiro* (264), as *Correias* (286), e de aí para as *Escatellas* (255), a *Pouca-Roupa* (239), a *Romeira* (230), etc., já internadas no *Mato*.

No extremo NO. da aldeia ergue-se um outeiro, que atingirá de cota entre 300 e 310. A estrada para o Cano cortou quasi a meio a vertente dêsse outeiro virada ao Poente. E as últimas casas da aldeia, por êsse lado, encostam-se ao outeiro, que foi o local das explorações.

Êste outeiro tem, pois, altura de comandamento sôbre essas terras em frente. Protege-o do Norte o macisso da Serra-do-Caixaieiro. Na descida, para êste lado, há uma nascente aproveitada. Por NO. corre-lhe aos pés um ribeiro, descido daquela Serra; e na margem dêsse ribeiro, logo ali, manam duas outras nascentes, uma delas em poço fundo<sup>1</sup>, a outra com abundância de água corrente. Repare-se na situação e na proximidade de nascentes, sem esquecer o que o P.<sup>o</sup> Luís Cardoso anotou, como vimos na Introdução a êste estudo, ao referir-se às fontes da Granja<sup>2</sup> e de Ruivinos no sopé da Morada e de cota 364, a uma distância entre um e dois quilómetros da aldeia.

Foi êste local que o misterioso Romano escolheu, para com todos os requisitos, exigidos à sua comodidade pelo destêrro naquelas terras de lavra, edificar a sua *villa*. Que, se a princípio supus tratar-se dum *vicus*, convenci-me depois, pela continuação das escavações, de estar em frente duma autêntica e bem preciosa *villa* de patricio lavrador. A ser simples *vicus*, ali isolado sôbre a charneca, êle havia de ser amontoado de casas independentes; além do mais, parte dessas casas caracterizar-se-iam pela sua modéstia de habitação de simples colonos. Ora a exploração mostrou-nos um aglomerado de salas, ligadas por corredores — *ambulacra* — e de luxo extraordinário, com mosaicos pavimentares e parietais, com decorações de mármore esculpturados e dourados, pinturas a fresco, uma estátua, todos os vestígios de ostentação.

\*

Ficava esta região no *Conventus Pacensis* (da *Lusitânia*, província consular da *Diocesis Hispaniarum*), correspondente ao velho *Antre Tejo e Odiana*, entre o *Tagus* e o *Anas* dos Romanos. A mais

<sup>1</sup> Êste poço tem consigo a lenda duma Moura encantada: vid. Luís Chaves, *Contos de Mouras Encantadas*, Lisboa 1924, p. 59, «A Moura do Poço». Vid. no cap. III da INTRODUÇÃO dêste estudo as referências do P.<sup>o</sup> Cardoso a esta *Fonte da Moura* e *Courella da Moura*, no *Dicionário Geográfico*.

<sup>2</sup> Esta fonte anda também ligada a lendas populares.

próxima das vias romanas era o *Iter ab Olisipone Emeritam* por *Equabona* (Coim-a-Velha), *Caetobriga* (cêrca de Setúbal), *Malececa*, *Malceca* ou *Malececca* (Marateca), *Salacia*, *Ebora*, a Bencatel, Vila-Viçosa, Vila-Boim, Elvas (dos *Helvii*), *Butua* ou *Budua* na Estremadura Espanhola<sup>1</sup> a caminho de Mérida. Do local da *villa*, de Santa-Vitória, a Bencatel, ia a distância em linha recta, pouco mais ou menos, de 17 milhas, cêrca de 5 léguas, e a Vila-Viçosa 18 milhas ou 5 léguas mais quilómetro e meio aproximadamente.

Outros caminhos favoreceriam as comunicações directas com as *civitates* mais aproximadas no Alto e Médio-Alentejo. *Calantica* (Arraiolos), *Ebora* ou *Liberalitas Iulia* (Évora), *Amoea* ou *Ammaia* (Portalegre), *Elteri* (Alter-do-Chão), *Helvii* (Elvas), *Matusaro* (Ponte-do-Sôr), *Merobriga* (Aramenha), etc. Tinha ali perto *Canace* ou *Canali*, no Vale-do-Infante, à beira da Serra-de-Ossa. Não mencionando, por desconhecidas, outras *villae*, cujos detritos juncam o solo até Estremoz aqui e ali, e se repetem nas cercanias da vila (massame de pavimentos, fragmentos de mosaico, *tegulae*, *imbrices*, *la-teres*, moedas ...).

Por mais isolada que a *villa* estivesse na região, ao seu senhor, —o *dominus*—, convinha estabelecer fáceis relações com povoados e outras *villae*. Já o Romano cortava o Império por cada vez mais apertada rêde de estradas, pois via, no seu instinto de povo dominador e sobretudo colonizador, que a facilidade de comunicações era o futuro na romanização do mundo e na defesa do domínio. Além desta lei geral, que levava a Roma todos os caminhos<sup>2</sup>, acrescia a necessidade e o interêsse particular das regiões e dos domínios, onde se abriam as *viae*. Ora êste *dominus* da *villa* de Santa-Vitória, opulento como era, tinha interêsse em abrir caminhos através dos seus *dominia*, que o posessem em comunicação mais à sua *villa* com os centros de difusão e cultura romana das circunvizinhanças.

Quando foi rasgada a estrada para o Cano, cortaram, conforme já disse atrás, a parte fronteira das ruínas romanas desta *villa*.

<sup>1</sup> I. do *Itinerário. Hispaniae, Pars Occidentalis*, com indicações das *Viae Romanae*: E. Hübner, *Corpus Inscriptionum, Supplementum*. Carta I. Cf. Discussão em: Christovão Ayres, *História do Exército Português*, vol. II, Lisboa 1898, p. 172 sgs. Felix Alves Pereira, in *O Archeologo Port.*, vol. XXVI (1923 & 1924), p. 182 e sgs.

<sup>2</sup> Adágio português ainda corrente: *Todos os caminhos vão ter ou levam a Roma*.

Não foi desconhecido este facto aos encarregados da obra; conquanto não soubessem avaliar o que significavam aqueles destroços, verificaram tratar-se de ruínas de edificios, de mais conhecidas, como na INTRODUÇÃO (cap. III) se viu das informações do P.<sup>e</sup> Luis Cardoso: a parede a que chamavam «Torreão», os dois tanques, «alicerces de canos e arquetas». Informaram-me de que nesse corte das ruínas apparecera uma lápide de mármore com inscrição latina; foi recolhida no depósito das Obras Públicas de Estremoz; e, se uns informadores guiavam a outros, nada mais se apurava, não se sabendo o destino que levou. É de lastimar este sumiço da única inscrição, se de facto inscrição houve, que nos poderia ligar talvez com os tempos do *dominus* ou dos *domini* da villa.

Esta parte das ruínas, cortadas pelas obras da estrada, fica logo à saída da povoação. Tem servido de pedreira para tôdas as construções modernas da aldeia. Pedras de granito aparelhadas formam poiais nas cozinhas, assentos à porta de casa, bases dos esteios de ferro para parreiras em frente das casas; lajes de mármore ladrilham o chão, e, como algumas eram trabalhadas em relevo decorativo, fixavam-nas, voltando-lhes para baixo a face ornamentada, a fim de oferecerem ao piso a face lisa; numa fonte da aldeia, construída há anos, já depois da abertura da estrada, foram aproveitados, ao que me informam, materiais das ruínas, entre elles *tabellae* de mármore, depois rebocadas; nos muros do cemitério vicinal, edificadas em 1914-1915, foram aproveitar pedra das ruínas da villa; e sobre parte dos «alicerces de canos e arquetas», de que fala o P.<sup>e</sup> Cardoso, assenta, em parte, a derradeira casa da aldeia, do lado das ruínas.

Foi por este local que principiou a exploração, em Agôsto de 1915.

São estes os factos remotos, que levaram ao projecto da exploração; o motivo próximo e definitivo, que a decidiu, foi o reconhecimento da existência dum chão de mosaico, ao fazerem-se pesquisas para extracção de mais pedra; já na INTRODUÇÃO me referi ao descobrimento do mosaico, e por elle ao descobrimento da villa a que pertencia (cap. III).

\*

Pôsto o mosaico a descoberto, chegou-se às paredes da sala em que se estendia, e elas indicavam a direcção a dar às escavações. Para o lado da estrada iam a par outras duas salas com pavimento de mármore uma, de xisto outra; foram estas que a estrada cortou, e formavam provavelmente a entrada no edificio. As paredes da villa

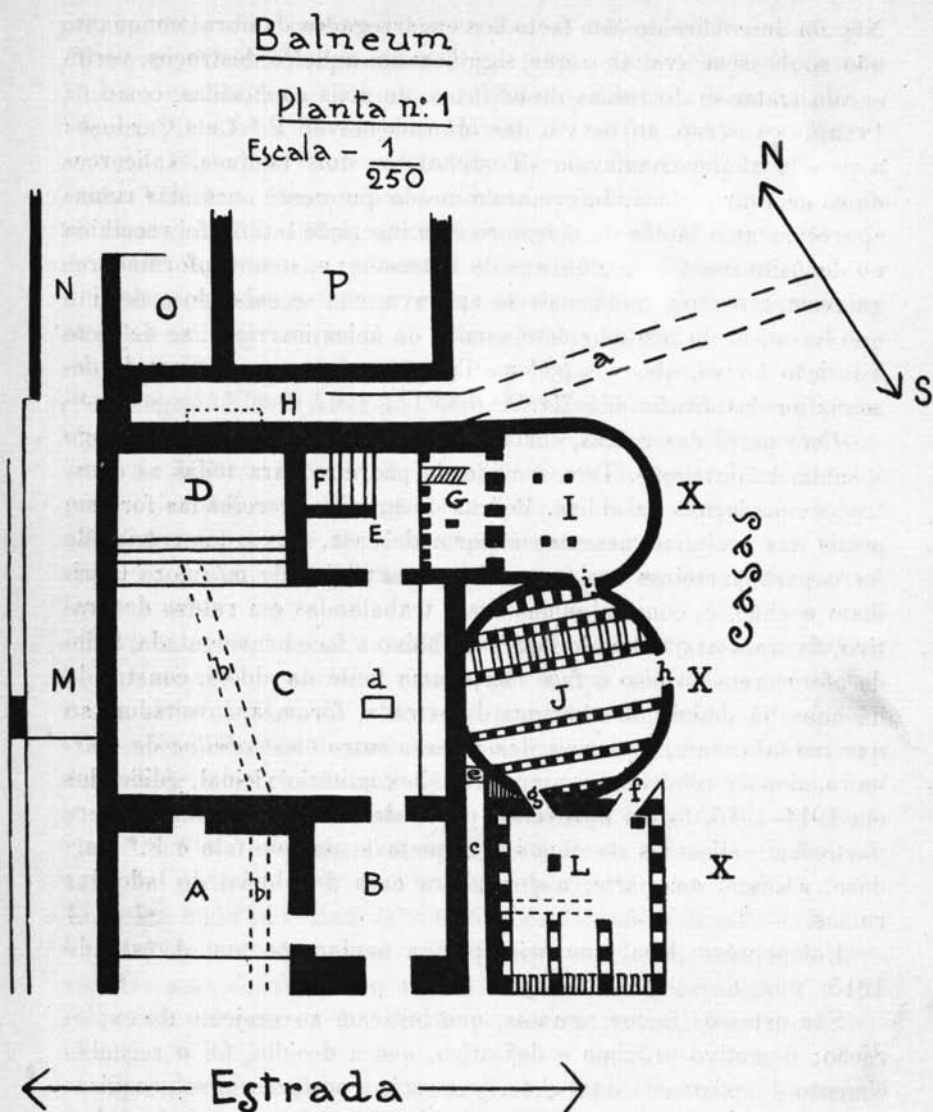


Fig. 5

partiam perpendicularmente ao corte da estrada na frente desta secção das ruínas. A subida de fora para essas salas desapareceu.

*Planta n.º 1.* (Fig. 5)—Estas duas salas ficavam a 1<sup>m</sup>,40 acima do leito da estrada. Viam-se a descoberto, no terreno cortado, alguns grandes paralelepípedos de granito do fundamento das paredes, que a estrada cortou. A sala da esquerda A, pavimento de mármore, era aproximadamente quadrada 5<sup>m</sup>,50 × 5<sup>m</sup>,39; a da direita B, pavimento



de lajes de xisto,  $4^m \times 3^m,61$ . Comunicavam entre si, e pelo fundo ambas elas com a sala do mosaico *C*, de grandes dimensões,  $9^m,91$  de comprimento,  $6^m,92$  de largura.

Na sala do mosaico, em frente da entrada, havia uma piscina forrada de enormes lajes de mármore branco *D*,  $5^m,31$  de largura,  $4^m,25$  da frente à parede do fundo,  $1^m,45$  de profundidade, para onde se descia por quatro degraus, o segundo dos quais com largura dupla dos outros ( $0^m,70$ ). A água caía na piscina por uma bela carranca fontanária de mármore de bom estilo e saía por um cano *b*, que atravessava obliquamente por baixo da sala do mosaico, e corria sob a sala *A* paralelamente à parede com a sala *B*; vinha desembocar na estrada após o corte. À direita desta piscina, que era aberta, havia uma sala *E*,  $4^m,25 \times 4^m,34$ , de pavimento de *opus signinum*; tinha as paredes decoradas a fresco; ao canto *F* estava outra piscina, de menores dimensões que a primeira,  $2^m,30 \times 2^m,20$ , mas da mesma profundidade, e toda, como a sala, de *opus signinum*. A parte *G* estava sobre *hypocaustum*, limitado este pela espessura do pavimento de *E* até o solo, e aberto para o subsolo da sala *I* por dois arcos que suportavam a divisória entre as salas *G* e *I*; o solo do *hypocaustum* estava a  $1^m,30$  de profundidade; restos de pègões de teijolo quadrado, fronteiros de um e outro lado ao longo da parede *E-G*, no meio da abertura e nos intervalos dos arcos *G-I*, mostraram a existência de arcos de suporte do pavimento que era de massame de *opus signinum*, em três espessas camadas. A seguir, a sala *I* era de fundo, circular,  $4^m$  de diâmetro, pavimento de *opus signinum* sobre pègões de  $1^m,34$  de altura. Esta comunicava com a sala *J* inteiramente circular, de  $7^m$  de diâmetro, chão de *opus signinum* em cima de xisto grosso e de teijolões, sobre o fundamento mais completo do *hypocaustum*, cinco séries paralelas de arcos, de pègões comuns a um e outro lado, e pègões simples sem arcos, de teijolo quadrado. Segue-se a sala *L*, correspondente no alinhamento às salas *A* e *B*,  $4^m,77 \times 5^m$ , sobre três séries de arcos, paralelos aos muros laterais da sala.

Em *M* estendia-se um corredor, de  $2^m,33$  de largo, cujos primeiros  $8^m,54$  eram de mosaico, e daí por diante de *opus signinum*,  $11^m,75$  até *N*, onde se continuava este mesmo massame. Em *H* depositavam-se as águas que corriam pela carranca fontanária para a piscina *D*, e vinham pelo cano de secção semicircular *a*, que se perdia à flor da terra. As salas *O* e *P* definiam-se a custo, porque as paredes, como o pavimento de *opus signinum*, estavam cobertos apenas por alguns milímetros de terra.

As salas *A*, *B*, *C*, *E*, assentavam sobre grossa balastragem, formada de calhaus, alguns bastante grandes, que nivelava as irregularidades do solo natural. Esta era coberta por massame de argamassa com teijolo britado, onde estavam incrustados grossos fragmentos de teijolo; seguia-se outra camada de *opus signinum*; na sala *A* o mármore, na sala *B* as placas de xisto assentavam nesta camada; a sala *C* tinha o mosaico; a sala *E*, que ficava com o *opus signinum* a descoberto, mostrou na piscina três camadas deste massame, a 1.<sup>a</sup> de 0<sup>m</sup>,02 de espessura, a 2.<sup>a</sup> de 0<sup>m</sup>,025, a 3.<sup>a</sup> de 0<sup>m</sup>,06, depois uma camada de pedra a servir de presa, de 0<sup>m</sup>,225, e novo *opus signinum* de 0<sup>m</sup>,10. O corredor *M* já era de assentamento mais simples; *O* e *P* ficavam no cabeço do outeiro, mais altas pois que as salas fronteiras, e o *opus signinum* tinha a espessura necessária ao nivelamento. A parte *G* da sala *E*, e as salas *I*, *J* e *L* assentavam sobre *hypocaustum* de arcos de teijolo quadrado.

Os muros das salas centrais orçavam pela média de 0<sup>m</sup>,80 de espessura, e por 0<sup>m</sup>,50 os das salas superiores *O*, *P*, e corredor *N*. Entre *B* e *L* as paredes eram duplas, 0<sup>m</sup>,78 a parede de *B*, 0<sup>m</sup>,82 a de *L*; para permitirem a passagem do canal *c*.

Em *X*, ao lado das salas do *hypocaustum*, passava um caminho de serventia pública, para as terras posteriores ao outeiro da *villa*.

Sobre parte da sala *I* assenta hoje uma casa; havia indícios de continuarem arcos à direita da sala *L*, e de estar o seguimento da sala *J* debaixo do caminho e de um muro, que separa deste o quintalejo da casa mencionada, sobre os alicerces da sala *I*.

No conjunto e na generalidade este grupo de salas, que constituía também o primeiro grupo de construções, fica delineado.

\*

*Salas A e B.* Nada mais de essencial há a mencionar nestas duas salas, que serviam de antecâmaras à sala *C*. A comunicação de ambas, em separado ou em comum, com o exterior, essa, como se disse já, foi destruída, sem vestígios nem probabilidades de indicação do que tenha sido, pela abertura da estrada.

\*

*Sala C.* Era a sala central, a mais importante, mais opulenta. O pavimento era de mosaico de alto valor, tanto pela arte musivária perfeita que denotava, como pela iconografia das suas figuras e riqueza do material utilizado.

Nos escombros desta sala encontraram-se: fragmentos de mosaico leve, que formaria guarnição parietal; guarnições de mármore com relevos, com indícios de pintura e dourados.

O mosaico estava muito danificado. Em bocados faltavam as *tessellae*; eram danos modernos, pela procura de pedra, por exemplo. Em outros sítios tinham sido arrancadas as *tessellae*, mas tapadas as falhas por argamassa, que as cobria: eram danos antigos, como também o era a abertura, a meio do mosaico, dum buraco, evidentemente para desentupir o cano *b*; e em *d* a abertura doutro buraco, rectangular de  $0^m,52 \times 0^m,33$  num dos lados menores e  $0^m,37$  no oposto, para escoar a água do mosaico, aí afundado, para *e*, sobre o cano *c*, porventura ramal de *b*.

A descrição do mosaico forma um capítulo à parte.

Quem andasse nesta sala, tinha à vista a piscina *D*, para onde corria cantante a água da carranca de mármore a  $2^m,20$  de altura do fundo. De alto a baixo, este tanque era coberto de placas de mármore. Ao nível da sala, corria em volta do tanque um rebôrdo; as chapas de mármore eram inteiras do fundo até o rebôrdo, e do rebôrdo para cima. As paredes tinham primeiramente teijolo de  $0^m,14$  de lado, com a espessura de  $0^m,40$ , depois  $0^m,03$  de argamassa branda,  $0^m,09$  doutra mais áspera e por fim a chapa de mármore. O rebôrdo era coberto de massame liso; e, acima do rebôrdo, de fora para dentro, a chapa de mármore, também com  $0^m,04$  de espessura, argamassa grossa com algumas pedras, argamassa forte, e o muro.

\*

*Sala E-G.* O compartimento *E* comunicava com a sala *C*; era de chão de *opus signinum*, como disse. Na piscina, da mesma construção, havia também um rebôrdo de  $0^m,12$ ; o fundo despejava através do muro para o tanque *D*. A parte *G* estava sobre o *hypocaustum*, com talvez nove arcos em série longitudinal; êles suportavam o pavimento de grosso massame em três camadas espessas,  $0^m,30 + 0^m,42 + 0^m,07$  que se continuava de *E*; o chão do *hypocaustum* era de teijolo, que estava coberto de fuligem, e se abria em caleiros de secção quadrada, formados de teijolos.

\*

*Salas I e J.* Ambas circulares sobre *hypocaustum*. A sala *I* tinha as paredes de pedra; nos destroços havia canos de barro e de chumbo, que teriam estado embebidos na argamassa das paredes, para circulação do ar quente e vapor de água. Nesta não havia mais que pè-

gões a suportar o pavimento da sala, parte de pedra, parte de *opus signinum*. Na sala *J* eram evidentes os restos dos arcos em cinco séries contíguas, sendo duplo o pègão comum aos dois arcos, que para um e outro lado se formavam e em conjunto constituíam as duas séries solidárias entre si. O pavimento da sala, que suportavam os arcos e pègões, os quais, por não terem outros pègões fronteiros, não formavam arco, era de pedra xistosa, grande e grossa de 0<sup>m</sup>,1, do muro para os primeiros suportes; e de tejo grande, 0<sup>m</sup>,045 de espessura, do xisto para o meio, entre os arcos e sobre eles, o que leva a concluir que todos aqueles pègões de tejo formassem arco. Sobre esta base, estendiam-se 0<sup>m</sup>,12 de espessura de massame, e por cima uma camada de *opus signinum* com 0<sup>m</sup>,06 de grossura.

O chão destes dois compartimentos do *hypocaustum* era de tejo grande; caleiros comunicavam com os de *G*.

O *hypocaustum* será mais minuciosamente descrito em capítulo especial.

\*

*Sala L.* Esta sala tinha o pavimento semelhante ao da sala *J*. O *hypocaustum* era formado por três séries de arcos, dos quais estavam intactos três, o primeiro de cada série, encostados ao muro que o separava da estrada. Em *f* havia uma saída, que se não pôde explorar. Ligava-se com *J* pela abertura *g*.

\*

*Corredor M.* A primeira secção deste compartimento cobria-se de mosaico vulgar, vermelho, preto e branco, de desenhos geométricos isolados, aqui círculos com figuras lineares inscritas.

\*

II.—O MOSAICO.—*Planta n.º 2* (fig. 6)—O mosaico é rectangular: 9<sup>m</sup>,91 × 6<sup>m</sup>,92. Atendendo à distribuição das figuras nelle representadas, compõe-se de duas secções: uma, ao centro, quadrada, com 4<sup>m</sup>,20 de lado; a outra, compreendida entre esta e as paredes da sala, e por isso formada por quatro faixas rectangulares em volta da parte central.

A parte central separa-se das faixas que a rodeiam, por uma moldura de torcido clássico, preto, branco e amarelo. Inscreve figuras espalhadas por quatro medalhões circulares, em volta do centro do quadrado, e oito quadros quási semicirculares assentes sobre a moldura envolvente, dois por lado.



Os medalhões centrais têm 1<sup>m</sup>,05 de diâmetro. O voltado a E. representa o rapto de Europa, que vai sentada de frente sobre o touro-marinho de cauda terminada em barbatana, como um golfinho, de mão direita no pescoço do animal e a esquerda erguida com uma flor nos dedos; para indicar o salto sobre as ondas do mar, o artista

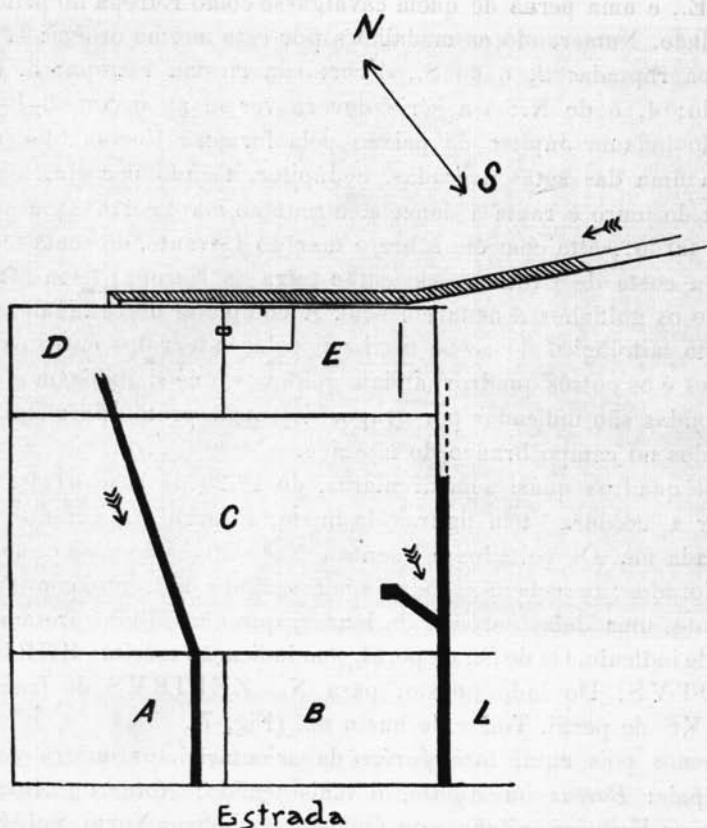


Fig. 6—Planta n.º 2

Sala C, onde estava o mosaico

musivário representou o mar pela presença de um peixe por baixo do touro; caminha para S. O medalhão de S. estava deteriorado, podendo apenas distinguir-se duas pernas cruzadas de quem fôsse a cavalo como no medalhão anterior; indicaria talvez outra fase do rapto de Europa, antes de saltar para a Ilha de Creta; caminha para O. No medalhão do Poente está Cupido, de pés para dentro do quadro; atira uma seta, e vê-se à direita a barbatana caudal do touro-golfinho, que vai para O. Cupido cumpre a sua missão, e Europa

é raptada por Júpiter, que toma a forma de touro; seria para indicar este desfêcho da obra do Deus-Amor que aparece no medalhão o rasto da raptada? Nas representações deste episódio da vida mítica de Jove, Eros assiste ao rapto de Europa<sup>1</sup>. O último medalhão, a N., não mostra mais que a cauda do touro-golfinho, que nadasse de O. para E., e uma perna de quem cavalgasse como Europa no primeiro medalhão. Numerando os medalhões por esta mesma ordem: 1, o da Europa raptada; 2, o de S., decerto da mesma Europa; 3, o do Cupido; 4, o de N.;—a série deverá ver-se na ordem 3-1-2-4. Cupido inflama Júpiter de paixão pela formosa Europa, lança da aljava uma das setas aceradas, e Júpiter, tocado por ela, toma a forma de touro e rapta a donzela, direito ao mar; corre o touro com o seu fardo; salta com ele sobre o mar do Levante, da costa fenícia para a costa de Creta, desde então terra da Europa; ficou atrás o mar, e os golfinhos a nadarem nêle. A completar decorativamente o assunto mitológico de scena marinha, pelos intervalos entre os medalhões e os outros quadros, andam golfinhos, que simbolizam o mar, e as ondas são indicadas por grupos de traços pretos paralelos, espalhados no campo branco do mosaico.

Os quadros quási semicirculares, de 1<sup>m</sup>,25 de base (0<sup>m</sup>,92 sem incluir a moldura), têm figuras de busto, de perfil e de frente, uma por cada um. Os voltados a Poente e Nascente estão mais ou menos deteriorados; percebem-se todavia personagens de frente, com túnica e manto, uma delas coroada de louros, que não se interpretam por falta de indículo. Os de S., de perfil, têm indicação escrita: BOREAS e NOTVS. Do lado oposto, para N., ZEFIRVS de frente e EVRVVS de perfil. Todos de busto nú. (Fig. 7).

Temos pois aqui, fora porém da orientação, os quatro ventos principais: *Boreas* ou *Aquilo*, o mais temido; *Notus* ou *Austrus*; *Eurus* ou *Vulturnus*; *Zefirus* ou *Favonius*, benéfico; Norte, Sul, Este, Oeste<sup>2</sup>. Os bustos dos ventos são de belo desenho: atléticos, côr

<sup>1</sup> Max. Collignon, *Mithologie figurée de la Grèce*, Paris, 9.<sup>a</sup> ed., pp. 156-168: *Eros*.

<sup>2</sup> Os ventos eram filhos de *Eos* (a Aurora) e *Astreo* (titân). Eram quatro, e viviam na Trácia, em uma caverna da Ilha Eólia, onde Eolo era rei. O assôpro ou bafo de *Boreas* fazia tremer a terra e agitar o mar: Ovídio, *Metamorphoses*, vi, fim. O *Notus* trazia chuvas e borrascas, que tornam os mares inavegáveis, e envolvem tudo em treva: *Metamorph.*, i (v. 264 e sgs.). O *Eurus* vinha ora enxuto, ora húmido, de Este. O *Zefirus*, vento favorável, nuncio de Primavera, a cujo bafo germinavam as sementes, era por isso

tostada, que as *tessellae* roxas conseguiram dar, cabeleira grande desgrenhada em linhas de *tessellae* pretas, amarelas, vermelhas e azuis. Da boca sai-lhes o que a princípio faz lembrar um charuto: é a costumada figuração de pessoa a soprar, bochechas cheias de vento, e linhas divergentes da boca em feixe, que espalha o vento



Fig. 7

Parte central do mosaico (fragmento), onde se vê o Busto de EVRVS

produzido; não é porém mais que espécie de tuba, a lembrar o barulho de tuba produzido pelos ventos; assim se vê em folhinhas e almanaques; assim representou Dürer os quatro anjos, que aos quatro ventos propagavam, sôbre a terra coberta de nuvens tempestuosas, as excelências da Santíssima-Trindade. De modo semelhante se indicava o bafo ou assôpro dos ventos na Tôrre-dos-Ventos, de Atenas. Essa *buccina* dos ventos *buccinatores* é feita de *tessellae* azuis<sup>1</sup>. (Fig. 8).

adorado como deus benéfico. «Minerva faz levantar do Ocidente um vento favorável e impetuoso, que percorre com voz sonora o negro império do mar»: Homero, *Odisseia*, canto II, final.

<sup>1</sup> Em *La Mythologie enseignée par tableaux*, ou *Collection de Jolies gravures*, de A. Antoine (De Saint-Gervais), Paris 1830, vem

Os quadros estão emoldurados de faixa de torçal, da largura de 0<sup>m</sup>,1 p. m. como a que contorna todo o quadrado central do mosaico. (Fig. 11, c). Aos quatro cantos do quadrado há uma fôlha ou flor estilizada, de côres diferentes. (Fig. 11, b e d). No centro do quadrado vê-se um óculo circular, branco, e ao meio preto.

Os ventos são oito na *Tôrre-dos-Ventos* de Acrópole; aí a representação é outra: são homens de corpo inteiro, com asas na cabeça e nas costas; a bôca semiaberta, bochechas inchadas de cheias para assoprar. Os outros quatro eram: *Caecias* ou NE. grego, também chamado *Aquilo*; *Apeliotes* ou *Subsolanus*, de E.; *Lipo* ou *Africus*, de SO.; e *Schiron*, *Iapyx* ou *Onchesmites*, de ONO.

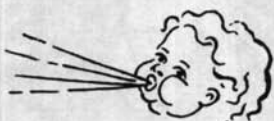


Fig. 8

As quatro figuras, que completam o quadro em simetria com os painéis dos ventos, sobre os lados de E. e de O. do quadro central d'êste mosaico, não terão ligação com os ventos; serão figuras de fantasia, para equilibrarem a harmonia da composição iconográfica. Seja como fôr, aí estão os quatro ventos principais, bem indicados com os nomes respectivos, que os outros não têm, e aos quais falta também a *buccina*. E os senhores da *villa*, vendo-os ali aos pés, calcando-os em effigie, lembrar-se-iam do côro dos velhos do *Agamemnon* de Êschylo, ao narrarem os males, que os ventos causaram nos mil navios da Acaia, com Menelau e Agamemnon, a caminho de Tróia, só aplacados com o sacrificio de Ifigénia, *auspicio da partida*: «hoje o unico penhor deste imperio»<sup>1</sup>; e ouviriam Clitemenestra, furibunda a bramar: «Condenais-me ao exílio, ao ódio dos Argianos, às imprecações do povo, sem de nada acusar aquele que, considerando em sua filha, fruto querido do meu amor, a vítima tomada ao acaso entre os rebanhos dispersos na pastagem, a imolou para acalmar os ventos importunos?»<sup>2</sup>.

\*

Em volta desta parte central, como se vê, de evocação marítima, desenvolvem-se em painéis rectangulares as scenas e figuras da segunda secção do mosaico. Tôda esta decoração em volta, ao

entre pp. 66 e 67 uma gravura, que representa Eolo a abrir as grades da gruta aos ventos; estes saem em multidão, assopram, sai-lhes da bôca o sinal < indicação do sôpro. É a *buccina* ou *bucina* usada por ventos e Tritões.

<sup>1</sup> Êschylo, *Agamemnon*, Acto I, Scena II.

<sup>2</sup> Id., *id.*, Acto V, Scena V, terceira fala de Clytemnestra.



longo das paredes, é variada em quatro espécies pelo assunto: mitológico e homérico, poético, atlético, mágico. Os assuntos mitológico e homérico são ainda episódios marítimos, em concordância e até mesmo ligação com a parte central.

A faixa, que se estende na direcção NE.-SO., ao comprido da parede que separa da sala o corredor *M*, poderá representar num belo e movimentado quadro o cortejo (*thiasus*) de Anfitrite. De NE. um cavalo-marinho cavalgado por um Tritão de corpo moreno como nas figuras dos quadros semicirculares da secção central, contôrno preto do rosto, cabelo ruivo, com tons amarelos e pretos; o Tritão toca por tuba um búzio, *bucina* ou *buccina*<sup>1</sup>, de pedras pretas e brancas, tocado de amarelo nas espiras; o cavalo rompente é desenhado com *tessellae* pretas, cheio de amarelo, branco e vermelho. A seguir, no mesmo sentido, vai uma mulher cavalgando um golfinho, com a mão direita na cabeça do animal, e a esquerda com uma flor erguida; a seguir vê-se outra mulher, apoiada também com a mão esquerda na cabeça do golfinho, que a leva, e na mão direita uma flor. Estas personagens estão nuas, sentadas nos golfinhos como a Europa sobre o touro, de frente para o espectador, pernas estendidas e cruzadas. A primeira faz sobressair, bem como a outra, a côr rosada do corpo nu; seios pronunciados, de mamilos vermelhos, argolas nos dois braços e nos pulsos, largas na primeira e estreitas na outra, feitas de *tessellae* vermelhas contornadas de escuro; cabelos de toques azuis, vermelhos e amarelos, contôrno azulado na cara, onde brilham dois olhos grandes contornados de preto; segura nos dedos cada uma sua flor, desfeita na primeira, colorida de alaranjado, verde e vermelho na segunda, que tem lábios e brincos vermelhos<sup>2</sup>. Fecha o cortejo outro Tritão *bucinator*; segura, erguido, com a mão esquerda o búzio da *bucina*, e estende obliquamente o braço direito para o alto com o tridente simbólico da rainha do mar; o búzio é azul nas linhas de

<sup>1</sup> A *bucina* ou *buccina* já a encontramos na boca dos Ventos, para exprimir o barulho de buzina das ventanias. Ventos e Tritões são pois *bucinatores*.

<sup>2</sup> Estas figuras, tam animadas, facilitavam a decoração de grandes superficies, e por isso as utilizavam muito os mosaicistas. O cortejo de Neptuno (*Poseidon* dos Gregos) e de Anfitrite era vulgar na pinturas dos vasos. Representavam o deus como a deusa sós, sobre um golfinho, ou em carro deslocado por um cavalo célere; outras vezes vão os dois deuses no carro atrelado a dois cavalos que são conduzidos à rédea, cada um por seu Tritão. No cortejo dos soberanos marinhos aparecia a escolta de Nereidas, às vezes com ins-

contôrno, e amarelo no meio, com toques azuis e vermelhos, e o tridente azul. O mar é indicado por traços pretos, espalhados na parte inferior do quadro, e andam nêles peixes de corpo côr de vinho, olhos



Fig. 9

Metade do lado esquerdo do Cortejo de Anfitrite

pretos circundados de azul, e golfinhos de tons verdes, aos pares ou isolados, de grandezas diferentes (figs. 9 e 10).

O golfinho da primeira mulher dirige-se para NE., bem como o cavalo-marinho; o da segunda nada para SO., mas o Tritão que a acompanha com o tridente neptunino, está voltado também de frente, que será o sentido do cortejo, divergente do centro para os cantos.

trumentos músicos, de Tritões com conchas sonoras e com cauda de peixe, de Centauros marinhos, de monstros do mar, como hipocampos, dragões, touros, etc. Um friso da Gliptoteca de Munich representa as núpcias de Neptuno e Anfitrite: ao centro, o carro onde são levados os dois deuses, sôbre as ondas, guiado por um Tritão que toca o sinal na concha; diante do carro vai a oceânide Dóris, mãe de Anfitrite, num hipocampo, e tem na mão as faixas nupciais dos dois noivos; aos lados do carro aglomera-se o cortejo de Tritões, Nereidas, e ao meio Eros-Cupido, a voar, guia os touros e delfins. (Max Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce*, pp. 207-214).



Fig. 10  
Metade do lado direito do Cortejo de Anfitrite

Os peixes aos pares nadam de SO. para NE. Dois golfinhos vão dos extremos para o centro. A disposição obedece à simetria procurada pelo artista: homens nos extremos, as duas mulheres ao centro, erguida para o mesmo lado, que é centro do painel, a mão que levanta a flor.

Qual Anfitrite? A segunda, como o indica o tridente, próximo dela.

O quadro está encaixado em moldura própria, de losangos pretos, vermelhos e brancos inclusos (Fig. 11, g); do lado da parede do Poente ainda tinha a moldura do encaixe geral, formada de grupos de quatro machados tricurvros (*securae*) ligados por um laço, a formar suástica (Fig. 11, e); o contôrno dos machados é desenhado a preto, o interior branco, e ao meio um núcleo triangular vermelho ou amarelo alternadamente de um para outro machado; o laço, que os une, é preto e vermelho; são brancos, alaranjados e pretos os filetes, que emolduram a cercadura. (Fig. 10).

O cortejo não é descabido neste mosaico. Era até muito da estima dos artistas do mosaico romano, pelo número e movimento das personagens figurantes, donde tiravam admiráveis efeitos de composição. Além disso, porém, neste mosaico em especial, a aparição de Tétis-Anfitrite, mulher de Neptuno, rainha do mar, harmoniza-se com os assuntos marinhos do rapto de Europa, e do quadro que a seguir se vai descrever. A água a correr em murmúrio permanente no tanque de mármore, aberto ao fundo da sala, daria vida às scenas de mar; a sala em meia penumbra, no mosaico as figuras de contornos pretos e de corpo ora côr de teijolo nos homens, ora rosado nas mulheres, com a água borbulhante, tinha frescura húmida no meio da paisagem e do clima alentejano. Melhor se compreenderá, quando soubermos o destino da sala.

Figuras nuas, ficavam bem neste ambiente fresco. Ora, entre as personagens mitológicas, eram as do mar que apareciam mais frequentemente em estado de nudez completa, o que constituía um dos sinais característicos destas divindades. Os atributos habituais de Neptuno são o tridente, o golfinho e o cavalo, que êle fêz sair duma contada do tridente no chão. Aqui figuram todos os atributos, e, como não é êle que figura, o tridente é conduzido por um Tritão, não admitindo que seja o próprio Neptuno, assim decaído em Tritão contra o cânone simbólico. Não era raro figurar só a Rainha do Mar nos cortejos marítimos; Max Collignon refere-se a Anfitrite só, levada por um Tritão, e com o tridente que a distingue das outras Nereidas<sup>1</sup>, e é por isso que o segundo Tritão leva o emblema da que deve de ser a Rainha, acompanhada duma Nereida que, como ela, mostra a flor que tem na mão. Entre os mosaicos com o mesmo episódio, recordemos dois, um de Pompeios, outro de Constantina (no Louvre).

Estas divindades, assim representadas, foram associadas pelo homem ao seu viver quotidiano: *Dionisos-Baco*, e os génios báquicos; *Héracles*; *Neptuno* e *Anfitrite*; *Afrodite* e os *Amores*; os semideuses que embelezaram e deram graça às formas e fôrças da Natureza: Rios, Montanhas, Ninfas, Faunos, Tritões, Nereidas. Os altos deuses, aqueles que mais respeito impunham, e estavam no íntimo das almas, êsses não tinham as suas imagens pisadas pelos pés dos homens<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Max Collignon, *op. cit.*, p. 210.

<sup>2</sup> Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «Musivum», p. 2101, 1.<sup>a</sup> col.



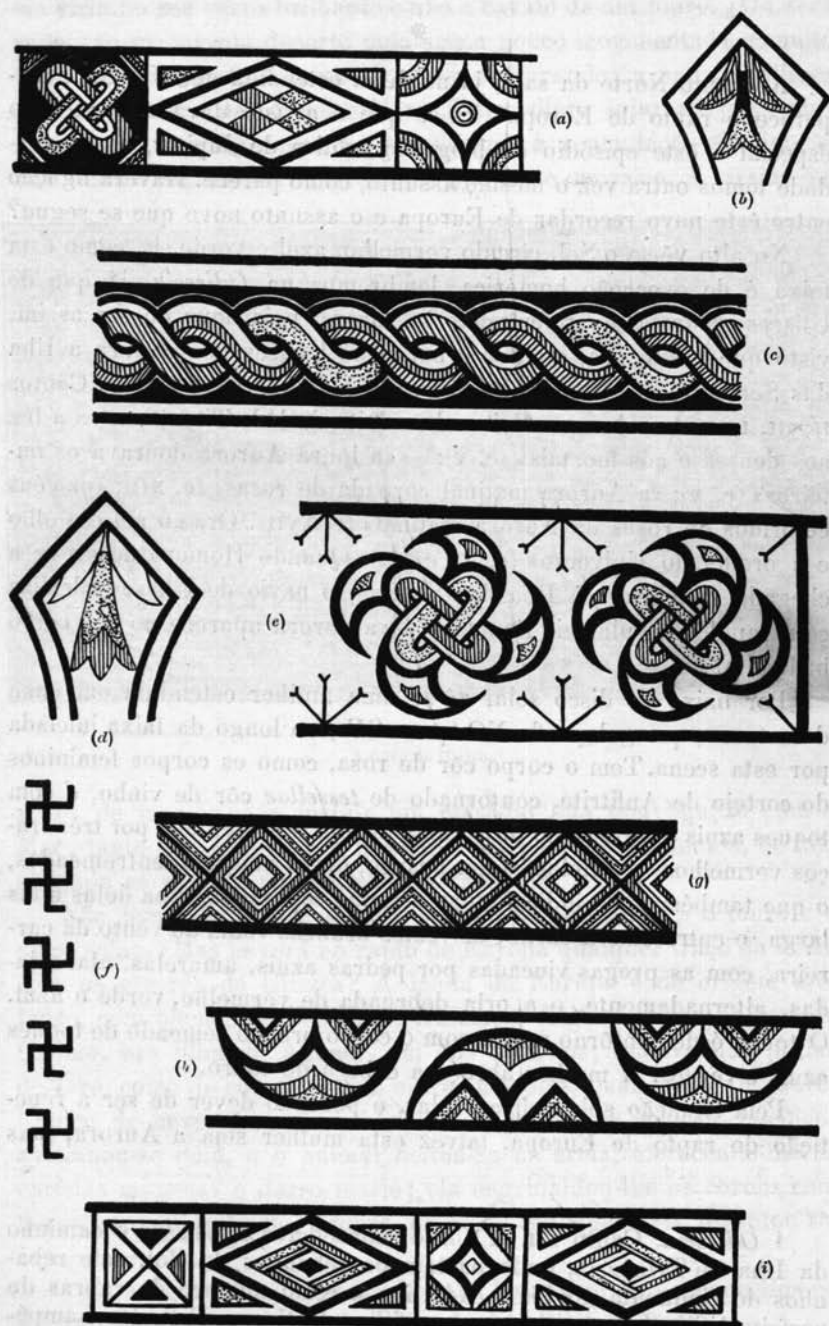


Fig. 11

Molduras do mosaico da sala C

\*

Ao canto Norte da sala, já na faixa estendida de NO.-SE., reapparece o rapto de Europa? Vê-se que o artista dava uma atenção especial a este episódio da biografia erótica de Júpiter, se na verdade temos outra vez o mesmo assunto, como parece. Haverá ligação entre este novo recordar de Europa e o assunto novo que se segue?

No alto vê-se o Sol, círculo vermelho, azul e verde. E, como esta faixa é de evocação homérica, lembremos na *Odisseia*, já que de Ulisses se trata, as referências à Aurora, pois deve de ser assim, visto que assim era, quando o barco de Ulisses voava para a Ilha das Sereias<sup>1</sup>. — «A matinal Aurora de dedos de rosa» (v. gr. Cantos II, III, IV); — «a Aurora, deixando o leito do belo Titon, levava a luz aos deuses e aos mortais» (c. V); — «a loura Aurora dourava os outeiros» (c. X); «a Aurora matinal coroada de rosas» (c. XII); «os céus coloridos de rosas da Aurora matinal» (c. XVII). Ora «o sol é o olho e a orelha do Universo» (c. XI e XII). Quando Homero descreve a chegada de Ulisses à Ilha das Sereias, o navio de Ulisses «desliza com rapidez na planície líquida»; — «a aurora aparece no seu carro brilhante».

Por baixo do disco solar vê-se uma mulher estendida em cima dum touro, que galopa de NO. para SE., ao longo da faixa iniciada por esta scena. Tem o corpo côr de rosa, como os corpos femininos do cortejo de Anfitrite, contornado de *tessellae* côr de vinho, e com toques azuis e verdes; no braço uma argola representada por três traços vermelhos, paralelos, e um branco, outro amarelo, entremeados, o que também pode indicar duas argolas separadas, uma delas mais larga, e entre elas a carne; as vestes brancas voam ao vento da carreira, com as pregas vincadas por pedras azuis, amarelas, alaranjadas, alternadamente, e a orla debruada de vermelho, verde e azul. O touro é de contôrno preto, com o corpo branco semeado de toques azuis e verdes. A mulher abraça a cabeça do touro.

Pela situação sob o disco solar, e por não dever de ser a repetição do rapto de Europa, talvez esta mulher seja a Aurora, mas

<sup>1</sup> *Odisseia*, Canto XII. A Circe aconselhava a Ulisses o caminho da Ilha de Trinácia, onde pastam os rebanhos do Sol, sete rebanhos de cinquenta novilhos cada um, e igual número de cabras de perfeita beleza. Pastoreiam-nos as filhas de Neera, Fetusa e Lampécia. Ulisses não fará mal a estes animais, se quere chegar de regresso a Itaca, ou morrerão, êle mais os seus companheiros.

ela viria no seu carro brilhante e não a cavalo de um touro. ¿Ou será repetição provocada decerto pela scena pouco movimentada e muito vazia do episódio? A faixa a encher era grande; a nau de Ulisses ao meio, a Ilha das Sereias lá no fim, o disco solar ao princípio; havia muito espaço vago, se atendermos à acumulação de figuras nas faixas ou, melhor, em todo o resto do mosaico. E assim em



Fig. 12  
A nave de Ulisses<sup>1</sup>

scena de mar ir-se-ia incluir um episódio que tem ligação com o Mar; tanto que a figuração fica dir-se-ia como que escondida, de tam chegada ao canto e em campo tam vago.

Não tem, visto isso, ligação a mulher que cavalga o touro e o disco solar. ¿Mas haverá no rapto de Europa qualquer traço de união com os erros de Ulisses? A lenda de Europa é de origem cretense, com elementos helénicos, fenícios e frígios<sup>2</sup>: Europa, irmã de Cadmo, era filha de Agenor, rei dos Fenícios; andava nas praias de Tiro, como de costume, com outras meninas, quando viu um touro, branco de neve, cornos meúdos e bem torneados, aspecto pacífico; avizinhou-se d'ele, e o animal deitou-se na areia, oferecendo-lhe às carícias mimosas o dorso macio; ela engrinaldrou-lhe os cornos com flôres, sentando-se nele; o touro, preso da confiança dela, levantou-se,

<sup>1</sup> Esta figura foi já publicada pelo Dr. Leite de Vasconcellos no 2.º vol. da *Etnografia Portuguesa*, Lisboa 1936, a p. 68.

<sup>2</sup> Félix Ramorino, *Mitologia Classica Illustrata* (Manuali Hoepli), 4.ª ed., Milão 1911, pp. 275-276.

entrou na água, levando-a sobre o mar para Creta. 2 Ora, dirigindo-se Ulisses no mesmo mar para a Ilha das Sereias, uma ilha portanto também, não haveria qualquer sugestão de paralelismo no destino a atingir, no espírito do mosaicista? Em todo o caso, fica da mesma forma isolada esta repetição, dentro do episódio da viagem de Ulisses.

3 Ou não será na verdade o símbolo da Aurora, em um dos novilhos dos rebanhos do Sol, cavalcando nêle uma das suas pastoras gentis, que vai espalhar a luz no mundo e mostrar o caminho ao herói, e levar «a luz aos deuses e aos mortais»?

A meio do quadro, na direcção de SE.-NO., navega um navio. *Navis* chamavam os Romanos a qualquer navio de remos ou de vela, mas principalmente aos de grandes dimensões. Esta *navis* era uma *navis aperta* e não *tecta* ou *contracta*, o *monoremis*, ou com uma única ordem de remos. Pelo comprimento, e por Ulisses ser guerreiro, esta *navis* pertence ao tipo dos navios de guerra<sup>1</sup>. A quilha (*carina*) é de bordo (*latus*) arqueado, mais alto à proa (*prora*) e à pôpa (*puppis*); a proa<sup>2</sup>, voltada para NO., termina pelo *aplustre* ou *aplustrium*, ornato feito de pranchas de madeira com aspecto de plumas; a pôpa tem o *cheniscus* em forma de colo e cabeça de cisne<sup>3</sup>. Leva um só mastro (*malus*) com a vela (*velum*) latina, quadrada, na *antenna*. Vão quatro remadores (*remiges*) sentados, entre o mastro e a pôpa, voltados para esta<sup>4</sup>, olham todos à sua direita; não se percebe o leme (*gubernaculum*), mas vê-se à frente dos remadores, no extremo do navio, um quinto nauta, que não tem remo, e será o guiador dos remadores (*hortator* ou *pausarius*) e homem do leme (*gubernator*). Debaixo da vela reticulada, vê-se um homem de pé, de frente, vestido de túnica e com o *sagum*, de mãos atrás das costas (prêso ao mastro que se não vê, mas adivinha), capacete de plumas na cabeça, a olhar para o largo, como que ouvindo. (Fig. 12).

A quilha do barco é feita de *tessellae* em linhas pretas, brancas, amarelas, côr de telha, e azuis. A vela tem o pano branco, retalhado

<sup>1</sup> Deremberg & Saglio, *Diction.*, s. v. «navis», VII, 25. Catálogo dos navios gregos na *Iliada*, II, 509-510.

<sup>2</sup> A proa tinha esporões para aproar o navio inimigo; este navio denuncia o pormenor na protuberância angular da vante da quilha.

<sup>3</sup> *Iliada*, IX, 241, e XV, 716; Luciano, *Navigat.*, 5; Cartault, *La Trière athén.*, p. 95; *Wand-Gemälde in Herculaneum*, «monoremis» duma vela, proa e pôpa ornamentadas, *Wörther und Sachen*, IV (1912), p. 107.

<sup>4</sup> Os remadores voltavam-se para a proa, e arrastavam o navio; ou para a pôpa, e impeliam-no.



de amarelo torrado. O homem de pé está coberto com o *sagum* amarelo de pregas de côr de azeitona (*sagum purpureum*). Três (1.º a 3.º) dos remadores vestem *chiton* azul, ao quarto restam no dorso algumas pedras amarelas; braços nus; pedras azuis e vermelhas na cabeça; os remos são vermelhos; ao homem do leme não se distingue já a côr, apenas notamos os pregueados brancos e mais escuros.

Que espécie de navio é, já o vimos: é um navio de guerra. Entre estes havia categorias diferentes. O *actuarius* ou as *naves actuariæ* eram navios de guerra, manobrados à vela e a remos, e serviam para transportes e para serviços militares que exigiam rapidez grande, ou ainda de observação; tinham de dezoito remos para cima, e usavam-nos os piratas ou usavam-se contra os piratas. Pelo número de remos, este do mosaico está excluído da categoria. O *moneris* era um navio de guerra, duma só ordem de remos, e parece que seja o tipo deste. Um *stamnus* de figuras vermelhas do Museu Britânico tem pintado o navio de Ulisses, muito semelhante a este, com cinco tripulantes, quatro com remos, o quinto junto da pôpa a servir de piloto<sup>1</sup>. Outro navio parecido com este é o de Teseu na *Ariana abandonada*, pintura de Pompeios<sup>2</sup>; Jules Martha menciona o baixo relêvo duma urna cinerária do Museu de Florença: vê-se Ulisses passar de barco diante dum rochedo, onde estão três Sereias sentadas a atraí-lo<sup>3</sup>.

A Circe aconselhava Ulisses: «velas, remos, põe tudo em acção para escapares». E, quando a Aurora aparece no seu carro brilhante, Circe envia-lhe um vento favorável; este enche-lhe as velas, e, sempre pela pôpa, é companheiro fiel. Aproxima-se da Ilha das Sereias, e o vento acalma, deixando os nautas à mercê do ar calmo e do mar tranqüilo. Tomam os remos. As Sereias entoam canto harmonioso. São as encantadoras, a fascinarem os homens, que se aproximam. Desgraçado do imprudente, que se detenha a escutar-lhes a voz. Elas cantam, chamando Ulisses, preso ao mastro por indicação da Circe; ele, já seduzido, pede que o soltem, e os companheiros<sup>4</sup>, em resposta, reforçam os nós. E o navio foge para longe destes lugares perigosos; a distância apaga o canto das Sereias. Até aqui o episódio do canto XII da *Odisseia*.

<sup>1</sup> Cecil Smiths, *Catalogue* III do British Museum, Est. 440.

<sup>2</sup> Na *Região IX, Insula II*, de Pompeios. P. Gusman, *Pompei*, fig. p. 375, texto pp. 377-378.

<sup>3</sup> Jules Martha, *L'art étrusque*, Paris 1889, p. 365. fig. 253.

<sup>4</sup> Chamavam-se Euriloquo e Perímedes.

Estará no mosaico a Ilha das Sereias? Para lá da pôpa do navio está no meio do mar uma ilha rochosa, que o mosaicista parece ter querido representar formada de três rochedos, um para cada Sereia, frontalizada, de pé em cima dele; a ilha é formada de côres cruzadas com predomínio do vermelho de barro; as Sereias vestem mantos de pregas bem lançadas, a tiracolo, com as côres azul, ala-



Fig. 13

As três sereias sôbre os rochedos, no caminho de Ulisses

ranjada, amarela, de asas grandes, abertas, vermelhas, verdes e amarelas, com as patas de ave; uma delas dedilha a lira, as outras parecem-no. As Sereias, do baixo-relêvo do Museu de Florença<sup>1</sup>, estão sentadas nos rochedos, uma a tocar a flauta de Pan, outra lira, e a última está quebrada da cinta para cima<sup>2</sup>.

Temos por consequência, segundo o poema homérico, e conforme a iconografia das figuras, o episódio de Ulisses, escapo das Sereias. O homem de pé sob a vela reticular do navio, amarrado ainda, depois de passado o perigo, não é outro senão Ulisses, mãos detrás das costas, preso ao mastro invisível. Deixa já para trás o rochedo das

<sup>1</sup> Jules Martha, in *loc. cit.*

<sup>2</sup> No *Catalogue of Lamps in the British Museum* figuram relevos que representam navios com guerreiros dentro (n.ºs 566, 568, 963, 964); na lâmpada com o n.º 878 vê-se «*Ulisses passing the Sirens*».

Sereias. Entre o navio e a ilha nadam dois golfinhos a par, de tons variados, desenho vermelho e branco, barbatanas carmesins; o mar é indicado por traços pretos, paralelos, espalhados pelas *tessellae* brancas, que ondeiam à proa. (Fig. 13).

\*

Na faixa que se estende ao longo da parede, entre a sala do mosaico e a sala circular *J*, a NO.-SE. há uma série de quadros parcelares. Acabam as scenas marítimas, começam os combates.

O primeiro, torneante da sala do lado da paisagem homérica para esta terceira faixa retabular, tem da esquerda um homem de pé, com o braço erguido e mão aberta em atitude de combater, enquanto da direita se vê o busto de segundo homem, que volta as costas ao primeiro; os estragos antigos não permitiram melhor exame. Os homens são feitos de *tessellae* de roxo, côr de vinho.

A seguir, o segundo quadro representa à esquerda um homem de joelhos, de frente, em postura humilde; à direita outro homem de pé, também de frente, com uma palma azul e alaranjada na mão esquerda, e uma coroa de folhagem, feita de pedras vermelhas, amarelas e azuis, na mão direita; os corpos de mate roxo, côr de vinho. Representa a coroação de poeta ou músico, vencedor no ditirambo em jogos dionisiacos.

À esquerda da cabeça do laureado, entre a cabeça e o braço, que segura a coroa, lê-se uma inscrição grega incompleta, com invocação de *Dyonisos*:

// I O N Y C I //

T ω H P

K λ H μ H

O λ I K ε N

O ramo de palmeira era dado nos circos aos vencedores dos jogos e das corridas, como símbolo de vitória. As coroas variavam consoante os jogos, mas a palma era comum a todos. A palma era dada simultaneamente com a coroa, e vê-se figurada na mão do vencedor, ou ao lado dele<sup>1</sup>.

A seguir, na mesma faixa sucedem-se mais dois quadros dos jogos gymnásticos: *tabulae lusoriae*.

<sup>1</sup> As coroas eram de oliveira em Atenas e Olímpia, de loureiro em Delfos. O símbolo comum da consagração, que precedia a coroa era um diadema; nos vasos pintados, onde apareciam Vitórias, umas tinham nas mãos a coroa, outras o diadema.

O terceiro quadro dá-nos uma luta de pugilato<sup>1</sup> entre dois atletas, de pé, um em frente do outro; parece combaterem com luvas de coiro, como era de preceito, pois têm as mãos grossas, azuis e cheias de amarelo. No quadro imediato ao canto, há dois homens também, num combate de *pugiles*; tem a curiosidade de estar invertido em relação às figuras dos quadros laterais, proveniente, por certo, de descuido do mosaicista ao colocar o quadro armado sobre a argamassa de prêsa; o atleta da direita dá um golpe na face esquerda do antagonista.

As molduras, que cercam esta faixa, são variadas e duplas. Exteriormente, a cercadura geral tem neste lado por decoração uma série de suásticas, (ângulo de NE. e todo o contorno NE.-SO.), que vão ligar-se com a mais simples, que é a da faixa anterior, formada por uma fita de nove filas de *tessellae* pretas. Tem depois a cercadura de losangos e quadrados, paralela à de suásticas (NE.-SO.) e torneante para SE.-NO. Cada um dos quadros é ainda metido em moldura de torçal.

\*

A última faixa SE.-NO. continua com uma nova scena gímnica: *cursus*. Dois atletas, *cursores*, correm um após o outro da direita para a esquerda, e em sentido inverso corre o terceiro; representam pois *cursus dupla*, isto é, de ida e volta, no *gymnasium* ou na *palæstra*. As figuras são menores, e a técnica mais simples.

Acabam porém os jogos atléticos, em que figuram atletas leves e pesados; os atletas eram agrupados em leves e pesados; estes eram os que tomavam parte na luta, no pugilato, e no *pancratium* ou *pancratiasta*, mixto de pugilato e luta, sem o *caestus* do pugilato. No mosaico das Termas de Caracala vêem-se atletas de pé, corpo inteiro, e em busto; no tempo do Império, colocavam-se nas «palestras» os retratos dos atletas famosos. No mosaico de Barcelona, estudado por Hübner, há figurantes dos «jogos circenses»<sup>2</sup>. As *Termas pequenas* de Pompeios têm um mosaico com dois lutadores, no *prothyrum*; e há um atleta vencedor pintado na parede, com palma na mão direita<sup>3</sup>. Nas lâmpadas romanas do Museu Britânico<sup>4</sup> encontram-se

<sup>1</sup> O *pugilatus* era simples, sem *caestus*, ou o atleta (*pugil*), lutava com o antebraço guardado e até reforçado de correias de coiro com bolas de metal, ao que chamavam *caestus*.

<sup>2</sup> E. Hübner, «Mosaico di Barcellona raffiguranti ginocchi circensi», nos *Annales del Instituto*, 1863, p. 135 e sgs., est. D.

<sup>3</sup> Pierre Gusman, *Pompei*, Paris, 1906, p. 160, fig. a pp. 161 e 162.

<sup>4</sup> *Catalogue of Lamps in the British Museum*, Londres, 1914.



lutadores (*pugiles*, n.º 983; luta de gladiadores, n.ºs 558, 663, 787, 803, est. XIX), vencedores de jogos e corridas (627, 1139), coroas e palmas (n.ºs 1016, 1256, 1311, etc.).

Por fim, à entrada no mosaico pela porta (*janua*) da Sala A, desdobra-se uma scena de magia. (Fig. 14).

A magia da época imperial constituiu uma literatura de numerosos escritos anónimos ou apócrifos e compilações de papiros mágicos em grego ou em latim com fórmulas de encantamentos e exorcismos (*incantamenta*). Não é fácil reconstituir os textos de semelhante literatura, com formulários, hinos, prédicas, ora curtos ora extensos, transmitidos pela tradição. Entre as práticas de magia, as mais seguidas eram as de encantamento ou feitiço<sup>1</sup>.

Figuras representativas das pessoas em quem se queria fazer cair malefício, colocavam-se onde o autor do feitiço gostaria que elas estivessem, para se pisarem, bater-se-lhes na cabeça ou furar-lhes o coração. Podia ser o feitiço também para captar simpatias ou amor, adquirir segredo alheio ou triunfar dum inimigo. Nas figuras escreviam o nome das pessoas representadas, ou um papel com a cerimónia e seu objectivo, e esta forma valia muito mais porque o papel servia de talismã, e garantia o efeito<sup>2</sup>.

A fórmula mágica, usada pelos Romanos é o *carmen* e a *devotio*. A *devotio* era uma fórmula especial do *votum*, que consistia em entregar aos deuses infernais uma ou mais vidas humanas, sem sacrificio propriamente dito; implorava sobre a pessoa doutrem a força destrutiva do Inferno. Era uma maldição, e escrevia-se em lugares e documentos, que devia preservar de irreverência. Dar a alguém o destino de maldição era *commendare*, com encantamento *obcantare*.

Aqui no mosaico surge uma fórmula de *devotio* caracterizada: figura da pessoa amaldiçoada, indicação do castigo a impor-lhe, e a *imprecatio* às divindades infernais.

Depois da última scena de *cursus*, começa o acto de *devotio*. Um homem, nu de tronco e pernas, com um curto avental de tanga, caminha de SE. para NO.; há grande balde tronco-cónico, preto, vermelho e amarelo, atrás dele, no chão, e, quasi aos pés, um banco ou capitel, que na scena teria função importante a desempenhar; agride com uma *virga* (vara, vergõtea, ramo, para castigar crianças

<sup>1</sup> *Zeitschrift für Ethnologie*, xv, 85; *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, 1890, p. 413.

<sup>2</sup> Franz Cummont, *Catalogus Codicum astrologorum Graecorum: Mediolanenses*, 117, Bruxellas, 1900-1912.

e escravos<sup>1</sup>) ou, melhor, com um feixe de varas, uma mulher inteiramente nua, a furtar-se diante dêle, com atitude de pudicícia e defesa. A mulher deveu de ser votada à maldição; quem entrasse na sala, pisava-lhe a efigie, pois ficava à porta da Sala A; o homem batia-lhe, era a vingança; faltava a fórmula escrita, o *carmen* cominatório, mas lá está em inscrição dividida em três partes: a primeira, detrás do



Fig. 14

Cena mágica, na orla do mosaico: figuras e inscrições

homem; a segunda, no intervalo das pernas do homem em andamento; a terceira, em frente da mulher. A inscrição está *exarata* ou *scripta* com *tessellae* pretas.

I	II	III
FELICI	FELI	PROS <del>IN</del>
OTORRI	CION	RESETE
TATVS	EMISSO	VARER
PEIOR EST	S	
QVAVT C		
IRDALVS		

Esta inscrição nas suas três partes pode interpretar-se assim:

- I.—FELICIO TORRITATVS PEIOR EST QVAM VT CIRDALVS
- II.—FELICIONE MISSE S[VB IVGO]
- III.—PROS[ERPINA] RES[ID]ETE VARER

<sup>1</sup> *Habere ius virgarum in aliquem...* não o permitia contra os Romanos a lei Pórcia. *Accusatus atque de iure virgarum in eum...*, Plínio, *Naturalis Historia*, VII, 43.

Da parte II há apenas incompleta a fórmula pela existência do S em abreviatura. A parte I não oferece dúvida alguma. A imprecação do *encantamentum* está na parte II, que a III completa, pois que a I está independentemente das seguintes, completando-se a si própria dentro da *devotio*: FELICIAO TORRITATO É PEOR QVE CIRDALO. Este Felício é pois invectivado em favor de Cirdalo. Temos aqui dois homens com o seu respectivo nome. Mas a segunda figura é sem dúvida de mulher flagelada.

A imprecação é dirigida a Prosérpina, se podem assim completar-se as letras da parte III da inscrição. Ora Prosérpina era a mulher de Plutão, o deus que governava como soberano o *Inferno* ou *Infernos*, região subterrânea onde as almas dos que morriam, eram julgadas. Estava indicada para ter invocação contra as pessoas em quem se reclamavam malefícios. RESETE foi talvez abreviatura de RESIDETE. E como interpretar VARER? ¿Estará o nome bem reproduzido pelo artista musivário? ¿Poderá incompletamente interpretar-se como segue?

Ó PROSÉRPINA MANTENDE VARER... SOB O JVGO EM QUE FOI POSTO FELICIAO. VARER, a que faltará uma ou mais letras ¿será um nome indígena, bárbaro, ou de escrava, que pertença à mulher? Então rogava-se a Prosérpina que mantivesse VARER... a par de FELICIAO, pôsto já sob o jugo infernal da mulher de Plutão. E CIRDALVS satisfeito?

Em casas particulares no tempo dos Severos (sécs. II-III) figuravam nos mosaicos assuntos, que dissessem respeito ao proprietário, ou a amigos, escravos, cavalos, etc. Representavam-se também os episódios mais agradáveis da sua vida diária: festins, caçadas, pescarias, scenas de amor. Sobre o limiar (*limen*) da porta, animais ou símbolos afastam o mau olhado. Não era raro verem-se aí saudações ao proprietário, desejando-lhe saúde a ele, à família, e aos amigos, como em Pompeios<sup>1</sup>, Halicarnasso<sup>2</sup>, Salzburgo<sup>3</sup>.

Aqui neste mosaico há uma imprecação contra um homem (Felício Torritato) e uma mulher (VARER...?), e ao mesmo tempo uma saudação a CIRDALVS, que por certo com lisonja dizem melhor que Felício, o que devia de ser honroso para aquele.

<sup>1</sup> *Bulletin Archéologique du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques*, Paris, 1878, p. 90.

<sup>2</sup> *Id.*, 1860, p. 106.

<sup>3</sup> *Id.*, 1841, p. 175.

O *carmen* é evidentemente contra Felicião Torritato<sup>1</sup>, ou seja contra um homem. ¿ Como figura inconograficamente na *devotio* também uma mulher? ¿ Ou terão relação, e por isso mesmo procurar-se-ia o castigo dela por causa do Felicião? ¿ E o Cirdalus, que era melhor que o Felicião, seria o autor da *devotio*, o vingativo, e este o dono da *villa* ou quem mandou fazer o mosaico?

As figuras são do mesmo tipo das outras. A moldura, ao longo de toda a parede, é formada de machados grandes (*secures*) como os da moldura externa do quadro do cortejo de Anfitrite, mas isolados e não agrupados; desenho preto, campo branco, vermelho e alaranjado; estes *secures* estão alternadamente invertidos (Fig. 11, i).

\*

¿ Qual a técnica do mosaico?

Marquardt dá-lhe a designação técnica de *opus musivum*, *musium* ou *museum*, usada nestas formas pelos Romanos<sup>2</sup>. Tinha duas variedades: *pavimentum* ou *opus tessellatum* e *opus vermiculatum*. O *opus tessellatum* emprega cubos iguais, *tessellae*<sup>3</sup> ou *tesserae*<sup>4</sup>, ou ainda o diminutivo *tesserulae*; o *vermiculatus* usa *tesserae* não cúbicas, para melhor se adaptarem ao desenho de formas oblongas ou redondas; a distinção estava pois no material de que o mosaicista lançava mão para compor os seus quadros. Confundem-se porém os dois no tempo dos Antoninos (sécs. III e IV); o *vermiculatum* associa-se ao *tessellatum*.

Os artistas chamavam-se *musivarii*, *musiarii*, *musaearii* ou *musarii*, e compor mosaico era pintar: «*quae musivo picta sunt*» (Augustinus, de *Civ. Dei*, XVI, 8, 1); «*pictum de musivo*» (Spart., *Pesc. Nig.*, 6, 8); «*in qua Aurelianus pictus est*» e «*pictura est musaeo*» (Treb. Poll., xxx *Tyran.*, 25, 4)<sup>5</sup>.

Na ordem cronológica, os pavimentos cobertos dos Romanos foram: *opus sectile* ou *alexandrinum*, à maneira grega, que cobria o chão

<sup>1</sup> O cognome de *Felicio*, *-onis*, aparece em Hübner, *Corp. Insc. Lat.*: 2611, 3349, 4414; em Dessau, *Inscriptiones Latinae Selectae*, Berlim, 1914; etc.

<sup>2</sup> J. Marquardt, *La Vie Privée de Romains*, tradução francesa de Victor Henry, Paris 1893, II, 274 sgs.

<sup>3</sup> J. Marquardt, *id.*, nota 7 de p. 275, cita um passo de Seneca e outro de Plínio, a propósito de *tessellae*.

<sup>4</sup> J. Marquardt, *id.*, nota 5 de p. 275, cita um passo de Vitrúvio, a propósito de *tesserae*.

<sup>5</sup> J. Marquardt, *id.*, p. 274, notas 7 e 8; dá neste lugar estas citações, que ficam por prova.



de chapas de mármore coloridos, talhadas com forma geométrica<sup>1</sup>; *opus musivum*, de pedrinhas a princípio pretas e brancas, às vezes vermelhas e côr de azeitona, sucessivamente reunidas em desenhos geométricos, figuras planas, objectos reais, de contornos monocró-micos, preto em branco; *opus tessellatum* e *opus vermiculatum*, distintos primeiro, depois confundidos.

Quanto à disposição dos quadros de mosaico: desde os fins do séc. I, o mosaico invade todas as casas, de ricos e pobres, no campo como na cidade. Conhecem-se muitas oficinas na Península desde o começo do séc. II, para corresponder à propagação do uso do mosaico; por exemplo, em *Barcino* (Barcelona)<sup>2</sup>, *Tarraco* (Tarragona)<sup>3</sup>, *Itálica*<sup>4</sup>, *Emporiae* (Ampúrias)<sup>5</sup>; chegaram à Lusitânia<sup>6</sup>, nos reinados de Hadriano (séc. II) e dos Severos (sécs. II e III).

O quadro central do mosaico diminui, até se transformar quasi em bordadura; depois com a grande composição do tempo dos Antoninos (séc. II), as figuras centrais invadem tudo, saem das molduras, e substituem a decoração geométrica; no tempo dos Severos vai esta decoração geométrica tomar o lugar das figuras animadas. O quadro central, em sala rectangular, usava-se com a forma de quadrado na época dos Antoninos; nos Severos domina a forma hexagonal (mosaico dos Sete Sábios da Grécia, em Colónia)<sup>7</sup> e mais tarde a octogonal.

No livro *Carthage Romaine*, Audollent enumera as quatro fases da decoração técnica do mosaico:—1.<sup>a</sup>, motivos geométricos, botânicos e zoológicos, gregas, entrançados, grinaldas, medalhões com pássaros ou cestos de frutos, máscaras de teatro, peixes, etc.;—2.<sup>a</sup>, figuras simbólicas, isoladas ou agrupadas, mas independentes, umas abstractas (estações, meses);—3.<sup>a</sup>, outras activas e vividas (Amor

<sup>1</sup> Desenhos de *opus sectile*: rectilíneos: xadrezado, rêde, quadriculado, filetes, bandas, traços, dentilhões, gregas (redentes, ressaltos, virolas, meandros, gregas quadradas, rectangulares, triangulares, poligonais, alternadas, entrelaçadas em *labirinto*...); curvilíneos: rosáceas, imbricados, escamas e em molduras (postes, ondas, cordões, torçais, entrelaços, cadeias, tranças); figuras animadas: golfinhos, hippocampus, esfinges, perfis humanos, animais.

<sup>2</sup> Hübner, *Annali*, 1863, p. 135 sgs; *Bulletino*, 1860, p. 151.

<sup>3</sup> *Annales de la Société des Ant. de France*, 1854, p. 108.

<sup>4</sup> *Ephemerid. epigraph.*, IX, p. 75.

<sup>5</sup> *Bulletin de la Société de Ant. de Villefosse*, 1892, p. 192.

<sup>6</sup> Em Rielves: P. Arnal, *Descubrimiento de los pavimentos (mosaycos) de Rielves*; em Merida: Hübner, *Corpus*, II, 492.

<sup>7</sup> Daremberg & Saglio, *Dictionnaire*, loc. cit., 2111.

e Psique, os deuses do mar, Tritões, Nereidas, etc.); — 4.<sup>a</sup>, scenas da vida real<sup>1</sup>.

Este mosaico emprega o processo mixto da *opus musivarium*, obtido com a confusão do *vermiculatum* e do *tessellatum*. Como o desenho é muito cuidado, e as figuras numerosas, em geral não se empregavam *tessellae* curtas e compridas, mas *tessellae* cúbicas de dimensões diferentes. As indicações anteriores levam-nos à conclusão provável de este mosaico pertencer à arte antonina (sécs. II-III).

O *opus musivum* tinha o emprêgo primitivamente de pedaços de vidro colorido ou de massa vítrea esmaltada; a *pictura musiva* servia-se exclusivamente de essas *tessellae* ou de mistura com pedras naturais; o *opus lithostrotum* usava pedras naturais e mármore de diferentes côres, e applicava-se a tectos e paredes.

Este mosaico de Santa-Vitória foi composto com *tessellae* de mármore e outras pedras, quando servia ao artista a sua côr natural, e de *tessellae* de massa de esmalte vítreo, colorida de óxidos metálicos<sup>2</sup>: azul de cobalto, ou óxido azul de cobre; vermelho de ocre ou óxido de ferro, e de purpurina (para a côr dos corpos nus<sup>3</sup>); violeta de óxido de magnésio. Acontecia isso com o azul escuro, os verdes em seus tons vários, amarelo vivo, vermelho de Saturno.

O emprêgo das pastas de esmaltes estava já muito em voga no séc. I, como em Pompeios. Encontramo-lo em Capri na «Villa de Tibério», em Tivoli na «Villa de Adriano<sup>4</sup>», nas Termas de Caracalla<sup>5</sup>, em Colónia<sup>6</sup>, em Port-Said, no mosaico dos hieroglifos que está no Museu Britânico<sup>7</sup>. Fumi enumerou os esmaltes de Orvieto, em lista organizada por côres<sup>8</sup>. Com as *tessellae* de mármore (de Paros, La-

<sup>1</sup> A. Audollent, *Carthage Romaine*, pp. 659-661.

<sup>2</sup> Corroem-se pela acção das águas. Cesário Augusto Pinto, refere-se a um mosaico de Guimarães, e diz que as *tessellae* vítreas mais resistentes são as de ocre. *Boletim da Real Associação dos Archeologos e Architectos Civis*, 1881, 2.<sup>a</sup> Série, III, 145.

<sup>3</sup> A composição deste esmalte descobriu-a em 1755 Mattioli, químico de Roma, conhecido por Purpurina: silício, potássio, protóxido de cobre.

<sup>4</sup> Minutoli e Klaproth, *Über antike Glasmosaik*, Berlim 1817, p. 8.

<sup>5</sup> Blouet, *Restauration des thermes d'Anton. Caracalla à Rome*, p. XIII.

<sup>6</sup> Lesseh, *Das Coelner Mosaik*, Bonn 1846, p. 23.

<sup>7</sup> Este mosaico é do séc. VI.

<sup>8</sup> Fumi, *Il Duomo di Orvieto e i suoi Restauri*, Roma 1891, pp. 105 e 122.

cónia, Egipto) ligavam as de pasta de esmalte em gradações (*gradi*) por vezes numerosas.

O nosso musivário serviu-se de todos estes recursos técnicos. A massa de esmalte era utilizada em barras compridas, que o artista ia cortando, como se vê por fragmentos encontrados nas ruínas. Os mármore regionais foram por certo muito utilizados, de tão abundante fornecimento a *villa* necessitava para mosaicos, pavimentos e guarnições; é caso de examinar os exemplares colhidos.

Como último informe, — atendendo às dimensões do mosaico, à perfeição e adaptação dos quadros componentes, alguns muito grandes (o cortejo de Anfitriote, o episódio de Ulisses, a scena da *devotio*), à existência de *tessellae* de pedra e de vidro, no mesmo quadro, — lembremos que os mosaicistas, já desde o meio do séc. II, armavam o seu mosaico em seu lugar definitivo. A inversão casual do último quadro dos jogos pode explicar que estes quadros menores fôsem feitos à parte e applicados depois. O assento do mosaico tem quatro camadas: sôbre a terra natural, batida, nivelada e drenada, ficava o *statumen*, camada de calhaus; a seguir o *rudus*, argamassa espessa, composta de pedra e cal na proporção 3 : 1, bem apisoada; o *nucleus*, camada de cimento formado de fragmentos de telhas e tejos triturados, e cal, 3 : 1; por fim uma camada de cimento de presa lenta, para prender as *tessellae*. Vitruvius dá ao *rudus* a espessura de 9 polegadas pelo menos, e ao *nucleus* o mínimo de 6 dedos (VII, 1, 2). O de Santa-Vitória estava dentro das regras; e de tal forma era compacto o *statumen* e tão desnivelado o terreno, que a presa de todas estas camadas dificultou as operações de arrancamento.

À falta doutro processo de que lançasse mão, foi necessário debastar a parede entre a sala do mosaico e o corredor *M*, para extrair o mosaico. Depois foi-se cavando o chão até o terreno firme, o que atingiu grande profundidade, visto ser espessa a base do mosaico para dar a este o nível requerido. À medida que avançava a escavação, especava-se o *nucleus* com estacas, deixando menos apoiadas as molduras ou superfícies desornadas, a fim de provocar a fractura por aí, porque a moldura podia facilmente reproduzir-se. Imperfeição do processo utilizado, irregularidade heterogênea do massame do *nucleus*, que também se desagregava da camada superior, onde se prendiam as *tessellae*, nem sempre permitiu o bom êxito da tentativa. Assim se dividiu o mosaico em muitos fragmentos, alguns deles pesadíssimos, o que prejudicava o transporte para Lisboa.

É de lastimar que, desentranhada toda a *villa*, mosaicos e paredes à vista, não fôsse resguardada por inteiro, e não tivesse ficado ali patente, a atestar a civilização passada e os cuidados presentes pelos monumentos da história nacional.

\*

III.—O HYPOCAUSTUM ou HYPOCAUSTUS: «hipocausto». — *Planta* n.º 3 (Estampa II). Estes nomes indicam uma ou mais salas aquecidas. *Hypocaustis* é o aparelho total dêsse aquecimento. Um *hypocaustum* consta de quatro partes integrantes:

1—pátio ou câmara com o forno, onde se obtém o calor; *prae-furnium* ou *propigneum*;

2—o canal, que liga o forno com as salas a aquecer;

3—*hypocaustis*, que é constituído por três elementos: solo, pègões (*pilae*) e o pavimento da sala de cima (*suspensura*);

4—a tubulação, que circula nas paredes das salas a aquecer.

Nos *hipocausta* romanos variava o número e a forma das salas aquecidas, e nem uma sala aquecida havia de estar por completo sobre *suspensura*, como pode ver-se no hipocausto de Vila-Verde (Sintra), descrito pelo D.<sup>or</sup> Vergílio Correia em *O Arch. Port.*, XIX (1914), 202–205.

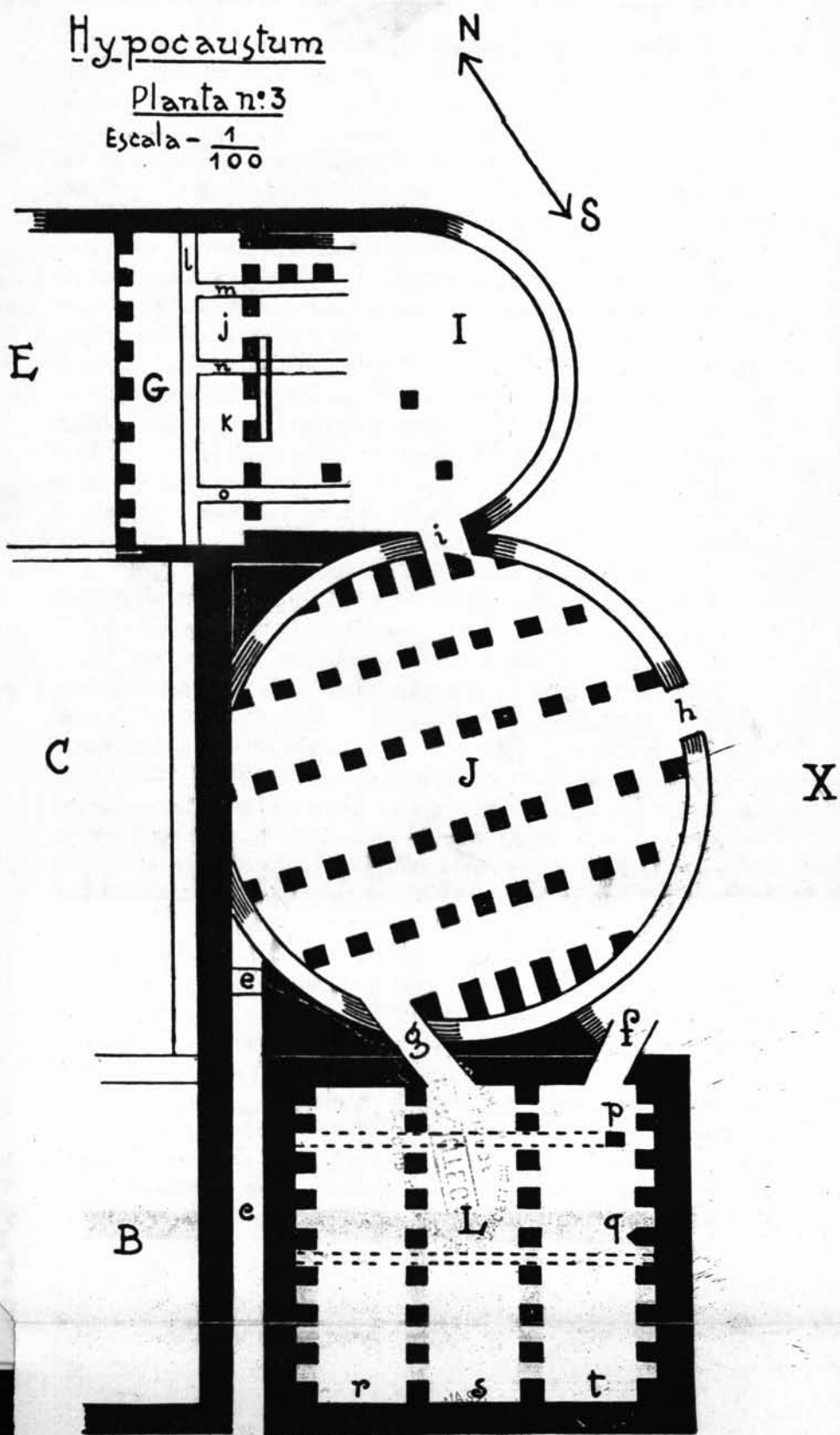
O *hipocaustum* desta *villa* tem quatro salas, ou mais pròpriamente três salas e meia. Salas *I*, *J*, *L*, e a parte *G* da sala *E*. 1) Os restos do forno talvez estejam debaixo do muro do caminho *X* ou a servir de alicerce duma casa ao fim do muro, a qual se estende sobre parte da sala *I*; pelo que se não encontrou; 2) O canal de circulação das câmaras aquecidas tem os troços *g* e *i* de *L* para *J* e de *J* para *I*, dois arcos *j* e *k* entre *I* e *G*; e com o forno provàvelmente comunica pelas aberturas *f* e *h*; o cano *c* com a abertura *e* comunicava com o exterior para descarga; 3) O *hypocaustis* é assim formado: no solo teijolões grossos no chão natural, sulcado de caleiros de paredes de teijolo, para drenagem das águas de infiltração (em *G*: *l*, *m*, *n*, *o*, formam rêde que ligava com *I* e *J*); pègões (*pilae*) de teijolos quadrados, que a meia altura desdobraram em arco em *J* nas quatro séries centrais, em *L* nas duas do meio, talvez também em *G*, e julgo que ficavam em toda a altura as *pilae* na sala *I*; a *suspensura* era formada por placas de xisto e teijolões apoiados nas paredes e nos arcos ou pègões próximos, e depois entre os arcos dois a dois ou pègões quatro a quatro; sobre os teijolões assentava o cimento que, em várias camadas, ia fazer o pavimento das salas; 4) As paredes eram atravessadas por tubos de barro.



# Hypocaustum

Planta n.º 3

Escala -  $\frac{1}{100}$



← Estrada →

BIBLIOTECA  
MUSEU  
LISBOA

O solo do *hypocaustum* em *G* tinha 1<sup>m</sup>,30 de profundidade; de lado havia nove pègões, distanciados de 0<sup>m</sup>,41 na série, e 2 metros dos que lhes ficavam fronteiros. Em *j* e *k* dois arcos de 1<sup>m</sup>,18 de abertura; o pègão que ficava ao meio de cada arco, nem pela existência de ambos desapareceu, o que faz concluir pela existência de arcos de lado a lado. Os pègões eram formados de teijolos quadrados com 0<sup>m</sup>,105 de lado e 0<sup>m</sup>,04 de espessura, bem argamassados uns sobre os outros com argamassa de cal e areia. No solo havia um canal de drenagem, longitudinal, a que iam dar três transversais, procedentes da sala *I*. Na *suspensura* desta sala apenas se encontraram algumas *pilae*; a metade do Norte do pavimento desta sala era lajeada de pedra, a outra metade cobria-se de *opus signinum*, a que talvez tivesse sido extraída a guarnição de pedra; o solo, como em todas as outras câmaras do *hypocaustum*, era de grossos teijolões resistentes, que assentavam na terra natural, e cobriam caleiras de teijolo da rede geral de drenagem.

O *hypocaustum* da sala *J* estava mais completo. Seis ordens paralelas de *pilae*; distâncias de N. para S.: a 1.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> estavam coladas ao muro, e o pègão maior de ambas elas tinha de comprimento 0<sup>m</sup>,575 de base; entre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>, 0<sup>m</sup>,87; entre a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, 0<sup>m</sup>,90; entre a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>, 1<sup>m</sup>,21; entre a 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, 0<sup>m</sup>,86, e entre a 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, 0<sup>m</sup>,87. As *pilae* do centro a 0<sup>m</sup>,67 de altura bifurcavam-se e formavam arco para um e outro lado sobre o pègão fronteiro; os intervalos de pègão a pègão variavam entre 0<sup>m</sup>,37 e 0<sup>m</sup>,41; os teijolos das *pilae* eram os mesmos das salas antecedentes, 0<sup>m</sup>,165  $\times$  0<sup>m</sup>,04; para formar o arco davam-lhes a inclinação precisa por meio de argamassa. As *pilae* que não tinham par, a fim de fazer arco, serviam de simples esteio. O solo era de teijolões de 0<sup>m</sup>,45. O pavimento da sala superior assentava sobre placas de xisto de 0<sup>m</sup>,1 de grossura, lançadas entre o muro e os pègões próximos, ou de teijolões sobre os arcos; por cima era uma camada de 0<sup>m</sup>,12 de massame, e 0<sup>m</sup>,06 de *opus signinum*. A abertura em *h* para o forno alargava 0<sup>m</sup>,94 entre dois paralelepípedos de grossa cantaria; a ligação *g* com o *hypocaustum* da sala *L* media 0<sup>m</sup>,70 de largura; em *i* haveria talvez um arco, ou a abertura simples do muro, com 0<sup>m</sup>,70 de largura, como em *f*, *g* e *h*.

A sala *L* ficava também sobre *hypocaustum*: quatro filas de *pilae*, duas encostadas aos muros laterais NE.-SO., duas centrais, de 9 pègões cada uma. Do lado *X*, em vez do 5.<sup>o</sup> pègão, havia uma cantaria *q* como as de *h*, esquadriada, de 1<sup>m</sup>,34 de altura, com a face superior talhada em bisel. Estas *pilae* formavam três

filas de arcos, iguais aos da câmara *J*; estavam de pé os três que se encostavam ao muro exterior para a estrada (*r*, *s*, *t*): teijolos quadrados de 0<sup>m</sup>,14; abertura de 1<sup>m</sup>,65; altura de 1<sup>m</sup>,47; distância entre pègões de 0<sup>m</sup>,35 a 0<sup>m</sup>,40. O pavimento superior apoiava-se nos arcos com lajes de xisto grosso e teijolões. O solo da câmara condiz com as câmaras anteriores, teijolões, drenagem com uma abertura em *p*. Por *f* ligava com o forno.

Por meio de teijolos, como os das *pilae*, fortemente argamassados, preenchia-se o espaço entre a face inferior das lajes e teijolões da *suspensura* e o dorso dos arcos em que se apoiavam.

A espessura das paredes variava entre 0<sup>m</sup>,60 a 0<sup>m</sup>,86. Eram percorridas por tubos de barro (*tubuli*), condutor económico e práctico para levar e conservar o calor; a espessura de 0<sup>m</sup>,02 a 0<sup>m</sup>,03 era maior na extremidade por onde entravam uns nos outros, fixados por cal temperada com azeite. O vapor de água circulava dentro do edificio em tubos de chumbo (*tubi* ou *fistulae*, *fistulae aquariae*), de chapa enrolada sôbre si, os bordos comprimidos pelo enrolamento, ou ajustados e soldados<sup>1</sup>.

Apareceu numa destas câmaras do *hypocaustum* uma torneira de bronze para regular a passagem da água entre dois tubos: em Bourbonne, Lebrun encontrou quatro tubos de chumbo, ainda com as torneiras de cobre<sup>2</sup>.

Os teijolos de *opus latericium* eram cozidos, *lateres cocti* ou *coctiles*, de argila vermelha (*rubrica*), freqüentemente misturada de areia compacta de grãos grandes (*sabulo masculus*)<sup>3</sup>. As superfícies dos teijolos (*corium* ou *cutis*), principalmente dos maiores, eram muito rugosas. Os *lateres* do chão do *hypocaustum* devem de corresponder ao tipo dos *pentadoron*, de 22 polegadas quadradas<sup>4</sup>,

<sup>1</sup> Os tubos de chumbo obtinham-se enrolando fôlhas dêste metal, mais ou menos largas, consoante o calibre a obter, em razão da capacidade e quantidade de água. Os bordos ou se sobrepunham, apertando-os um contra o outro; ou se aproximavam e se fechavam com solda que enchia uma ranhura de um dos bordos e em que ajustava o outro; ou fechavam-se com solda empastada, e composta de chumbo fundido; às vezes fechavam-se também com juntas de bronze, pregos e rebites de ferro. Não tinham a secção circular mas piriforme. Vitruvius, *De Architect.*, VIII, vi; Isidoro de Sevilha, *Origines*, xix, 10, 29; L. Bonnard, *La Gaule Thermale*, Paris 1908, p. 503.

<sup>2</sup> L. Bonnard, *op. cit.*, pp. 504 e 505.

<sup>3</sup> Choisy, *L'art de bâtir chez les Romains*, pp. 205 sgs.

<sup>4</sup> Jules Martha, *L'art étrusque*, já mencionada, p. 125; fig. 183, pp. 275-276.

ou aos *sesquipedales* rectangulares de Vitróvio<sup>1</sup>, de 0<sup>m</sup>,49 × 0<sup>m</sup>,29; Vitróvio fala de uns tejos de forma quadrada com 2 pés de lado, empregados no solo das *suspensurae*. Jules Martha menciona os quatro tipos de tejos rectangulares: *pentadoron*, de 22 polegadas quadradas, *tetradoron* de 16, *laterculos* de 7, e *lydius* de meio pé por pé e meio<sup>2</sup>. Vitróvio menciona os *sesquipedales*, os *bipedales*, os tejos quadrados de 8 polegadas de lado e 3 de lado. As dimensões porém variavam com a região em que se fazia o tejo; nas províncias, os legionários eram empregados muitas vezes em construir fornos para o cozer<sup>3</sup>.

\*

Neste *hypocaustum* temos uma série de salas aquecidas. É certo que havia aquecimento d'este processo em casas de habitação, mas o freqüente era utilizar-se em balneários. Haveria aqui um balneário — *Balneum*, *Balnearium*, *Balineum*? uns banhos — *Balinea*, *Balnea*?

O aquecimento por *suspensura* ou *balnea pensilia*, de salas seguidas (*cellae*), a última (*E*) em parte de fora do *hypocaustum*, e aí com uma *piscina* ou *baptisterium*, a cujo *alveus* se descia por degraus (*descensio*), correspondendo esta *cella* à última da série de *cellae* dum balneário; a existência doutra piscina, também com *descensio*; e, como veremos, o facto de estas ruínas pertencerem a um todo mais complicado, levam à convicção de estarmos num *Balnearium*. Além disso houve um especial cuidado em drenar bem o subsolo, como deve de se reparar que estas salas estão em nível bastante inferior a *H* donde a água se espalharia; em *D* cai ela duma cisterna fontanária; em *E-G* é provável que succedesse outro tanto.

A sala *E-G* estava voltada a NE.; ora Vitróvio marcava que o lugar fôsse o mais quente<sup>4</sup>, e lá estavam as salas voltadas para E., S., e SO.; a sala *E-G* estava protegida pelos aposentos superiores, como o deviam de ser as outras salas pelo lado de X. Esta sala *E-G* era a que menos precisaria de resguardo, com a sua *piscina* de água fria.

*Magnitudines autem balnearum videntur fieri pro copia hominum*<sup>5</sup>. O balneário duma villa era lógico que estivesse em proporção com o número dos seus habitantes. Êste não parece que fôsse dema-

<sup>1</sup> *sesquipedalibus tegulis*: Vitróvio, V, x.

<sup>2</sup> Jules Martha, *loc. cit.*

<sup>3</sup> Choisy, *loc. cit.*

<sup>4</sup> .. *locus quam calidissimus*: Vitróvio, V, x.

<sup>5</sup> Vitróvio, V, x.



siado para a gente dos nobres senhores da *villa*; tinha o necessário; o luxo do mosaico, das decorações architectónicas, das guarções de mármore, mostra o cuidado que os senhores tinham pelo seu *Balineum*, delicado para piso de muita gente. Os planos dos banhos de Verdes e de Landunum, em França, que podem ver-se nas *Noções de Archeologia*, de Possidónio da Silva<sup>1</sup>, não tinham variedade nem número notável de *cellae*; a célebre pintura parietal a fresco das Termas de Tito, em Roma, mostra maior número<sup>2</sup>.

Havia banhos públicos e havia banhos privados nas casas ricas.

Banhos particulares tinham-nos, por exemplo, as casas pompeanas chamadas *delle Nozze d'Argento*, *del Centenario*, *del Laberinto*, e de *Blanduo*, em Pompeios<sup>3</sup>. Que tinha um *Balnearium*? Pelo menos, di-lo Vitruvius, uma sala de banho quente (*cella caldaria*, — o *caldarium*), uma sala de banho frio (*cella frigidaria*, — o *frigidarium*), uma sala intermediária (*cella tepidarium*, — o *tepidarium*<sup>4</sup>). Um *Balnearium* completo, porém, esse tinha muitos mais compartimentos: o *apodyterium* para vestiário, o *aquarium* com os reservatórios de água de distribuição, o *vasarium* com os vasos de água quente, tépida e fria, o *laconicum* ou estufa sobre *hypocaustum*, o *oleothesium*, *unctorium* ou *destrictorium* onde os banhistas esfregavam o corpo com óleos e perfumes<sup>5</sup>. Estas eram as *cellae* regulamentares e clássicas; o número, a distribuição, a disposição variavam até o infinito, e sobretudo fora de Roma não se encontravam dois balneários iguais.

Neste de Santa-Vitória temos quatro salas total ou parcialmente aquecidas por *hypocaustum*. A sala *E-G*, meio pênsl, meio sobre o solo, poderia ter sido o *frigidarium*, onde ao sair da sala *I* a temperatura seria suavizada, como poderia ser o *tepidarium*, para a *piscina* da sala do mosaico (*D*) servir de *frigida natatio*. As salas *J* e *L* parece terem sido as mais aquecidas, se na verdade, o que tudo faz crer, *f* e *h* são ligações com o forno; seriam o *laconicum*, e o *caldarium*? *E I* o *tepidarium*, para *G-E* ser o *frigidarium*, e a *piscina D* uma simples *frigida natatio*? O corredor *M* pode ter dado a entrada no *Balnearium*. As portas não puderam definir-se a não ser entre *A* e *C*, *B* e *C*, *C* e *E*, *A* e *B*. A cantaria, que as for-

<sup>1</sup> *Noções Elementares de Archeologia*, Lisboa 1878, pp. 78 e 79.

<sup>2</sup> Possidónio da Silva, *op. cit.*, p. 76.

<sup>3</sup> P. Gusman, *Pompei*, p. 306.

<sup>4</sup> Vitruvius, V, 11, 1, e IX, praef. 10.

<sup>5</sup> Maquardt, *Manuel des Antiquités Romaines*, t. II, p. 332.

maria, estava de tal forma quási ao nível da terra, que tinham sido arrancadas, operação que durou desde que encontraram tam abundante e a tam pequena fundura aquela mina inesgotável. Não se pode por isso ver a ligação das salas umas com as outras e especialmente com a sala do mosaico. *A* e *B*, salas em comunicação com a do mosaico eram acessórias; *O* e *P*, tam retiradas, serviriam talvez de arrecadação do que pertencia ao *Balnearium*.

Por consequência, convencido da presença dum *Balnearium*, concluí que não estava ali isolado. ¿Era uma parte de *villa* sumptuosa? Era forçoso alargar a exploração.

\*

IV.—CONCLUSÃO.—Estas ruínas não formavam só por si os restos duma *villa*. Eram apenas uma parte dessa *villa*, e parte luxuosa de prazer, onde os senhores recreavam em família os ócios da sua vida de isolamento e de lavoura. Nem mais nem menos que um *Balnearium*, estabelecimento a que os Romanos caprichavam dar a maior comodidade e opulência.

## PARTE II

### A «Villa» urbana

**Sumário.**—Paredes a mais. A *pars fructuaria*? *pars rustica*? Mais mosaico.

Um *impluvium*. Mosaico de figuras geométricas, com animais, inscrições, etc.

V—MAIS RUÍNAS.—Continuam as explorações de 1915. Para lá das salas *O-P* nada se consegue. Estão à flor da terra. Não se pode seguir o caleiro *a* pela mesma razão. Êste caleiro trazia as águas numa direcção aproximadamente O-E. ¿Viria na verdade da fonte da Granja, conforme diz o P.<sup>o</sup> Cardoso, no *Dicionario Geográfico*? Ficava nessa direcção; mas, para trazer de lá essas águas, só por um aqueduto seria possível; que a fonte está a um nível um pouco superior, é certo; para se obter a comunicação, por aqueduto, tinha êle de galgar o vaezinho da Ribeira de Almadafe, e estender-se por quási 2 quilómetros. Nem vestígios visíveis.

Era necessário procurá-los, se existiam, nas proximidades do *Balnearium*. E com êsse objectivo se explorou o terreno lavradio, confinante com o chão das ruínas do balneário, para E. e NE., terras que ficam por trás das casas da aldeia, no alinhamento da casa que mencionámos ter sido construída sôbre parte da sala *I* do *Balnearium*.

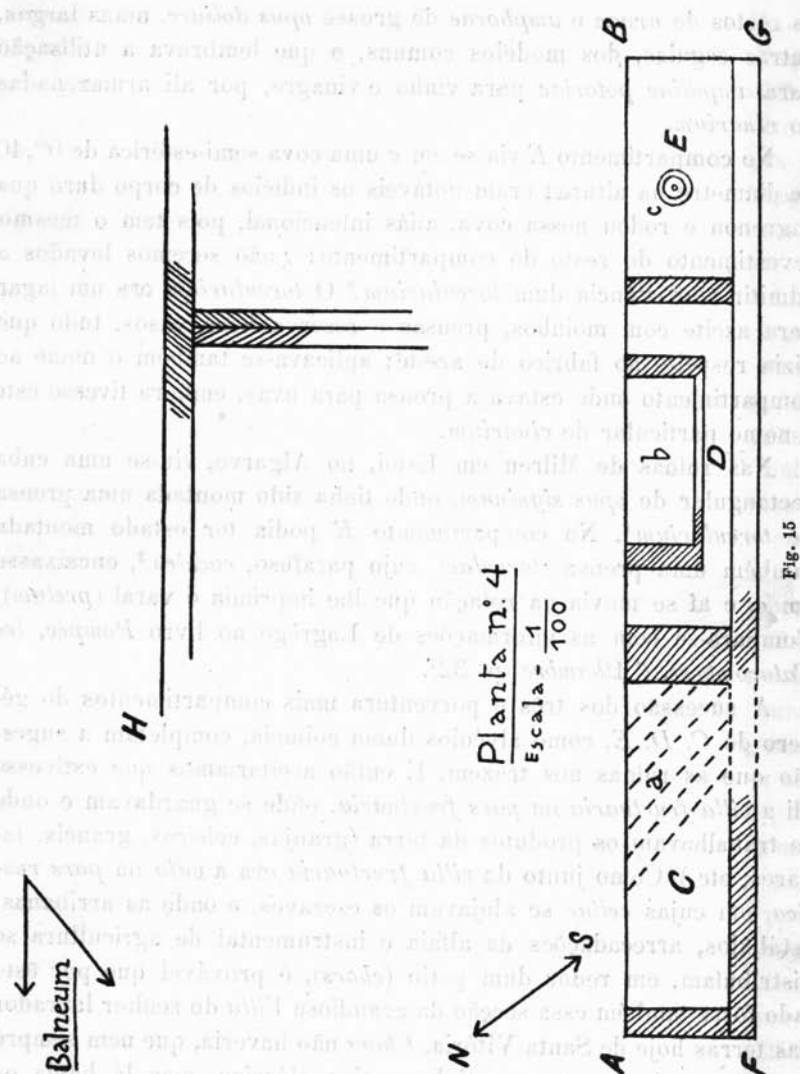
O solo estava muito revolvido pelo amanho agrícola, e a terra arável vinha-nos carregada de pedra solta, fragmentos de argamassa, tejo, telhas, e de pedaços de *tabellae* de mármore.

Cerca de 100 metros para nascente da sala *P* principiavam indícios de paredes, que se cruzavam em ângulo recto: umas na direcção NO.-SE., outras NE.-SO., isto é, nas do desenvolvimento em largura e profundidade do *Balnearium*; estas para NE.-SO. perdiam-se sob o tardo das casas da aldeia; as outras continuavam-se imprecisamente sem interesse de maior para a exploração, e sem o tempo necessário para as seguir, por estarmos no princípio da época das lavras. Estas paredes de NO.-SE. ocupavam por aquele lado a linha de maiores alturas do outeiro das ruínas; por isso a parede *A-B* (*Planta* n.º 4) apenas aqui esboçada, estava em diversos sítios rasada pelo chão.

Esta parede, de aparelho miúdo, bem argamassado, era corrida, e a ela iam dar por SO. as outras que se lhe ligavam. Do lado de NE. não tinha cruzamentos. Havia aqui três compartimentos encostados à parede *A-B*. O compartimento *C* tinha as dimensões  $4^m,27 \times 1^m,32$ ; o pavimento era de *opus signinum*, arruinado na parte *a*, e estava à profundidade de  $0^m,92$ ; a parede voltada a NO. era de tejo, e tinha a espessura de  $0^m,32$ ; a de SE. era de pedra com  $0^m,75$ . O compartimento *D*,  $4^m,24 \times 1^m,31$ , e  $0^m,41$  de profundidade, tinha contra o muro *A-B* um tanque *b* de  $2^m,76 \times 0^m,965$  e altura  $0^m,21$  de bordo de tejo e cal, tudo coberto de cimento signino; entre a parede de *D-C* e o tanque  $0^m,71$ ; entre o mesmo e a parede *D-E*  $0^m,77$ ; bordos laterais do tanque  $0^m,28$ , o bordo fronteiro  $0^m,1$ ; entre este e a parede *F-G*  $0^m,345$ . O compartimento *E* media 3 metros à profundidade de  $0^m,70$ , altura de paredes  $0^m,50$ ; parede *E-D*  $0^m,30$  de espessura,  $1^m,31$  de comprido, a  $0^m,37$  de profundidade; parede de SE.  $0^m,32$  de espessura e  $1^m,32$  de comprimento, a  $0^m,50$  de profundidade; a  $0^m,10$  da primeira e  $1^m,52$  da segunda parede lateral tinha em *c* uma cova semi-esférica de  $0^m,40$  de abertura, estriada circularmente por movimento de rotação de peça ajustada; o solo era todo de cimento de grão fino. A parede *F-G* era também corrida como *A-B*, com a espessura de  $0^m,32$ .

À distância de  $6^m,46$  para SO. corria outra parede *H* paralela a *A-B* e *F-G*, com a qual cruzava uma parede dupla de  $0^m,57$ , que seguia para as casas da aldeia.

Neste recinto apareciam, como também apareciam nas salas deste lado no *Balnearium*, restos de indústria caseira, como vários exemplares de moendas ou atafonas e tremonhas de mão, para ce-



real — *mola manuaris*, ora a parte inferior (*meta*), ora a superior (*catillus*), com as suas cavilhas ao lado, e o orifício circular na corôa (tremonha) tão conhecidas em explorações portuguesas, e trazidas pelos legionários de quem se manteve o uso<sup>4</sup>. Também eram muitos

<sup>4</sup> Rich, *Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques*, trad. Chérueil, 1861, pp. 128, 402 e 403. Guhl e Wohner, *La vie antique*, (parte II, trad. O. Riemann), Rome, p. 378.



os restos de *urnae* e *amphorae* de grosso *opus doliare*, umas largas, outras esguias, dos modelos comuns, o que lembrava a utilização para *ampullae potoriae* para vinho e vinagre, por ali armazenadas no *vinarium*.

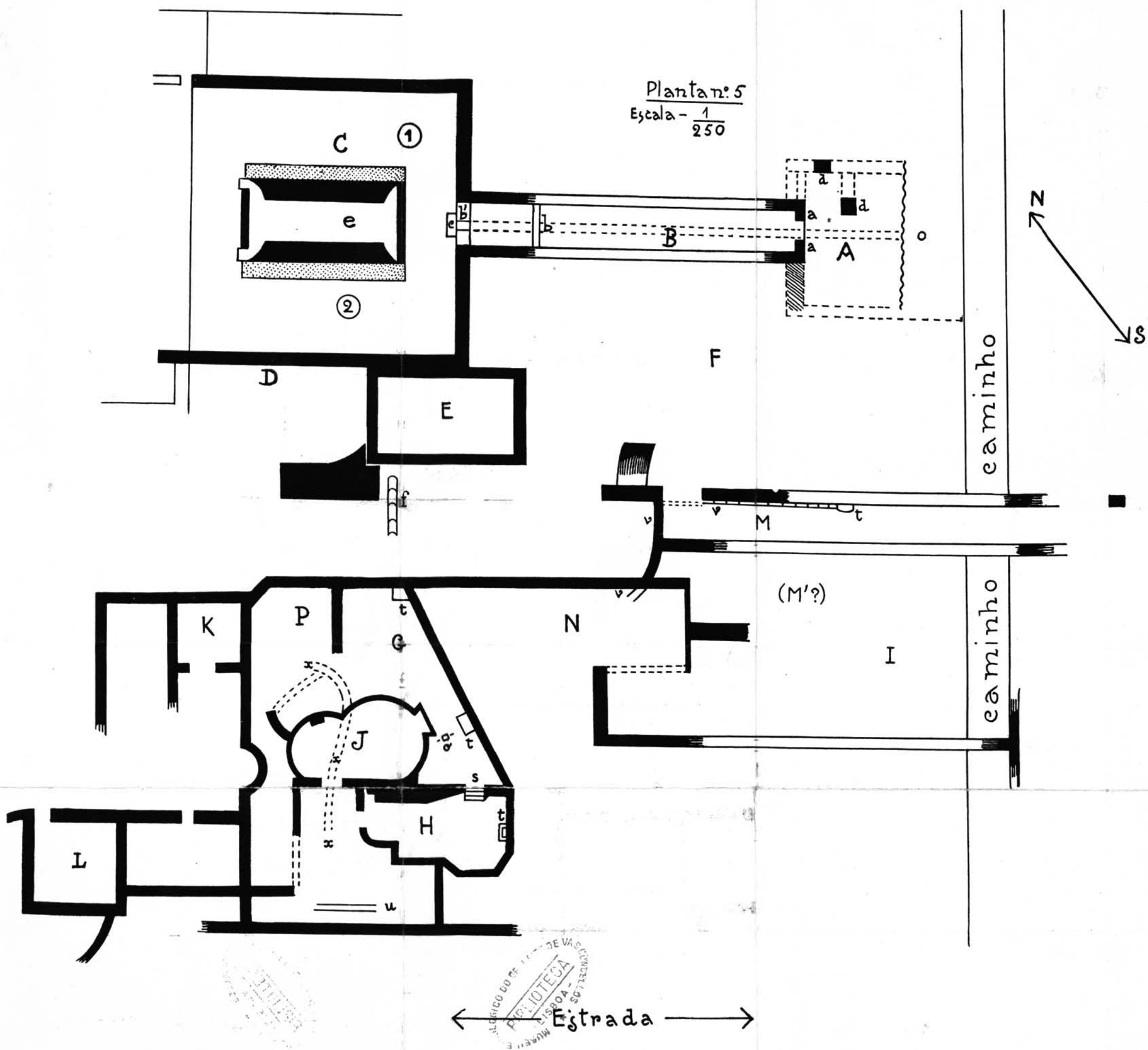
No compartimento *E* via-se em *c* uma cova semi-esférica de 0<sup>m</sup>,40 de diâmetro na altura; eram notáveis os indícios de corpo duro que engrenou e rodou nessa cova, aliás intencional, pois tem o mesmo revestimento do resto do compartimento: ¿não seremos levados a admitir a existência dum *torcularium*? O *torcularium* era um lugar para azeite com moinhos, prensas e reservatórios, vasos, tudo que dizia respeito ao fabrico do azeite; applicava-se também o nome ao compartimento onde estava a prensa para uvas, embora tivesse este o nome particular de *vinarium*.

Nas ruínas de Milreu em Estói, no Algarve, viu-se uma cuba rectangular de *opus signinum*, onde tinha sido montada uma prensa de *torcularium*<sup>1</sup>. No compartimento *E* podia ter estado montada também uma prensa (*torcular*), cujo parafuso, *cochlea*<sup>2</sup>, encaixasse em *c*, e aí se movia na rotação que lhe imprimia o varal (*prelum*). Compare-se com as informações de Lagrège no livro *Pompée, les Catacambres, l'Alhambre* (p. 32).

A sucessão dos três e porventura mais compartimentos do género de *C*, *D*, *E*, como alvéolos duma colmeia, completam a sugestão que as ruínas nos trazem. E então aceitaríamos que estivesse ali a *villa fructuaria* ou *pars fructuaria*, onde se guardavam e onde se trabalhavam os produtos da terra (granjas, celeiros, granéis, lagares, etc.). Como junto da *villa fructuaria* era a *villa* ou *pars rustica*, em cujas *cellae* se alojavam os escravos, e onde as arribanas, estábulo, arrecadações da alfaia e instrumental de agricultura se distribuíam, em redor dum pátio (*chors*), é provável que por este lado fôsse também essa secção da grandiosa *Villa* do senhor lavrador das terras hoje de Santa-Vitória. *Chors* não haveria, que nem sempre e mesmo até raro se mantinha o tipo clássico, mas lá havia os restos de paredes prováveis dessa *villa fructuaria* e *villa rustica*. Era dêsse lado, nas terras caídas para O. e SO. sobre o *Balnearium*, que se descobriam os instrumentos e objectos agrícolas aparecidos: *pala*, *sarculum*, *pecten*, *falx* e *falcula*, *scalprum fabrilis dolabra*, *malleus*, *tintinabulum*, *clavi*, *trua* ou *truella*; ou armas de defesa: *hasta*, *cuspes*.

<sup>1</sup> O Arch. Port., III, 82.

<sup>2</sup> Plínio, Nat. Hist., XVIII, 74, 6 e 7.



VI. — MAIS RUÍNAS AINDA. — *Planta* n.º 5. Continuam ainda as explorações de 1915. Nada mais se tendo podido fazer deste lado, alargou-se a escavação para o lado oposto, ou seja para NO. do *Balnearium*. As salas *O* e *P* não se continuavam. Ao lado do *Balnearium* passava um caminho, já mencionado, na direção NE.—SO. Para lá desse caminho começava a aparecer chão de *opus signinum* muito deteriorado, com uns milímetros de terra por cima, e adiante ainda com mosaico. O próprio caminho passava sobre ele. Era a sala *A*: dimensões imprecisas, restos de muros cuja espessura andava duns para os outros entre 0<sup>m</sup>,42 e 0<sup>m</sup>,50; pedras de cantaria em seu lugar referenciavam paredes; a parede da entrada não se marcava senão pelo fim do pavimento, bordo aliás muito esborcinado que não servia para definir com precisão mínima o extremo da sala; aproximadamente poderia ter sido de 5<sup>m</sup>,10  $\times$  3<sup>m</sup>,10. O mosaico tinha a base de tapetamento branco, e distribuídas nêle em séries rosáceas negras e vermelhas, como complemento duma secção maior com uma grande rosácea em molduras rectangulares.

Entrava-se no corredor *B* por uma porta (*janua*) entre duas ombreiras *a*, distanciadas de 1<sup>m</sup>,72, a soleira de pedra num muro de 0<sup>m</sup>,42 de espessura. O corredor tinha 2<sup>m</sup>,42 de largura; e 12 metros de comprimento até *b*, onde havia um degrau (*gradus*) de 0<sup>m</sup>,28 a toda a largura; o chão era de mosaico. Do degrau até fim do corredor iam mais 3<sup>m</sup>,95 também pavimentados de mosaico. A sala *A* e o corredor são percorridos por um caleiro de largura irregular, entre 0<sup>m</sup>,25 e 0<sup>m</sup>,050 e profundidade de 0<sup>m</sup>,18 a 0<sup>m</sup>,30, que em *A* estava destruído, mas conhecendo-se pelo rasgamento do mosaico e seu massame; era talhado na soleira de pedra da entrada, e corria coberto com *imbrices*, através do mosaico destruído na faixa central; passava no degrau *b* como na soleira da porta, num sulco de 0<sup>m</sup>,42 aberto na pedra; daí por diante continuava-se por um tubo de chumbo, que, cortando o degrau *b'* e por baixo do mosaico, lançava a água no tanquezinho *c*, de 1<sup>m</sup>,25  $\times$  0<sup>m</sup>,50  $\times$  0<sup>m</sup>,18 de profundidade, altura esta dos dois degraus *b* e *b'*.

Entrava-se, pois, por um degrau em *C*, grande sala de 16<sup>m</sup>,95  $\times$  13<sup>m</sup>,85. Em toda a volta estendia-se uma faixa de mosaico de 3<sup>m</sup>,40 e 3<sup>m</sup>,50 de largura, monocrómico (branco e preto) em 1, tricómico (branco, preto e vermelho) em 2. Ao centro estava um tanque rectangular (*e*) de 9<sup>m</sup>,44  $\times$  5<sup>m</sup>,40, profundidade de 0<sup>m</sup>,95, que tinha o corte dum I romano, largo, com 6<sup>m</sup>,90 e 7<sup>m</sup>,20 de cada lado e 5<sup>m</sup>,40 e 5 metros de tópo; o tanque e uma faixa a um e outro lado, entre o tanque e o mosaico, eram de *opus signinum*. As paredes não tinham espessura uniforme, aproximavam-se porém da média de 0<sup>m</sup>,50.

Os mosaicos até aqui eram cinco: o de *A* tricolor, de rosáceas isoladas, dispostas em série; o de *B* até o degrau *b* era branco e negro em duas séries de losangos negros de cada lado do caleiro; entre *b* e *b'* bicolor de meandros a negro sobre branco<sup>1</sup>; em *C* o mosaico 1 era igual ao último, e o de 2 tricolor era do tipo de figuras geométricas ligadas, aqui representadas por círculos que se cortavam em séries nos dois sentidos do comprimento e largura.

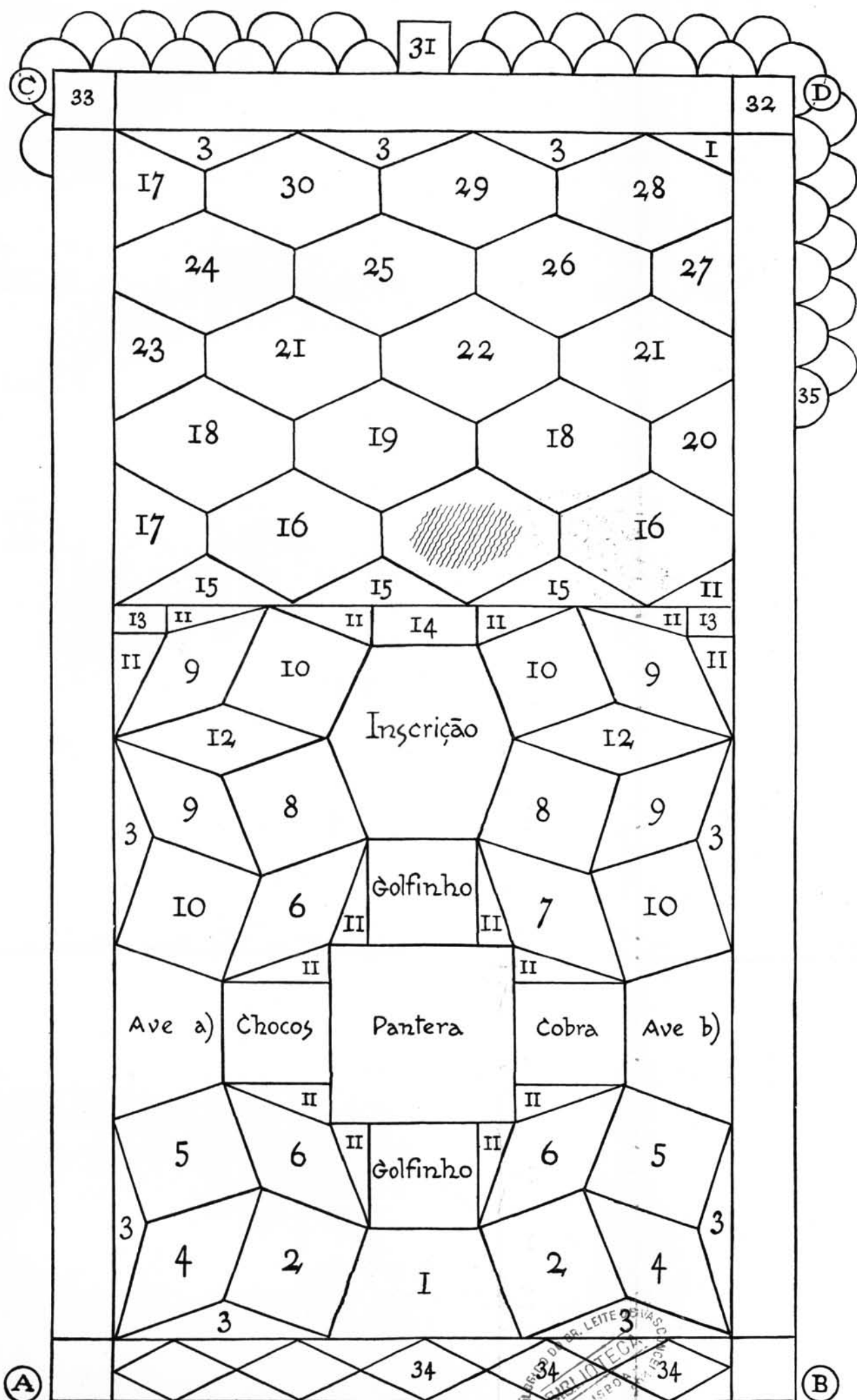
Os mosaicos de *A* e de *B* até *b* estavam destruídos ao longo do caleiro; os restantes encontrei-os inteiros; uns e outros com estreita camada de presa e assentamento sobre o solo natural.

Este corredor entre duas salas, na extensão total de cerca de 35<sup>m</sup>, ficava na parte mais alta do cabeço do outeiro. A perspectiva através dessas salas fantasia-se admirável e suave, desde *A* que podia bem ser *vestibulum*, pelo corredor *B*, um *ambulacrum*, até *C* evidentemente um *atrium* com *impluvium* ao meio, mosaico em volta. Seguir-se-iam outros compartimentos, como se vê pela indicação de continuarem as paredes, mas estavam tão desmanteladas estas, tão à superfície o pavimento de *opus signinum*, e faltava tão pouco tempo já para as lavras, que não prossegui; pelos objectos a encontrar também não valia a pena continuar por aquele lado, pois o pavimento estava com uns milímetros de terra apenas; além disso, o terreno por esse lado ia descer rapidamente uns metros adiante.

Disseram-me que em tempos apareceram nesse lugar umas colunas de mármore, cujo destino os informadores ignoravam. O outeiro aí é escarpado sobre o leito duma ribeira que corre de E. para O. e vai lançar-se junto do Mochão (220) a sul da Casa Branca (Sousel) na Ribeira do Almadafe. Esta circunstância não deixava prolongar a *villa* na direcção *A-C* mais talvez que com a sucessão doutra sala. ¿Era esta sala o que os prolongamentos das paredes de *C* apontam? ¿Era esta que, com as colunas aparecidas, formaria pórtico ou galeria sobre a ribeira, prolongando a perspectiva *A-C*? Para cima de *C* algumas paredes se esboçavam câmaras e talvez corredores.

<sup>1</sup> No mosaico da estação romana da Quinta da Ribeira, em Tralhariz, que estudou Ricardo Severo, vêem-se gregas por elemento decorativo, a cinco cores (*Portugalia*, 1900), I, fasc. 20. São vulgares: Pierre Gusman, *La villa Impériale de Tibur (Villa Hadriana)*, Paris 1904, p. 225, fig. 327; em Silchester, Hants 1901, Est. III, Insula xxvii, Casa I, *Archaeologia*, da Sociedade de Antiguidades de Londres, 1902; em Spoleto, *Atti della Accademia dei Lincei*, 5.<sup>a</sup> série, 10, pp. 460-461, fig. 2.





Planta n.º 6

Para baixo do *atrium*, ou seja para SO., descarnada de terra toda a parede desse lado, surgiram duas novas salas *D* e *E*. A primeira tinha restos de mosaico, de desenhos ininterpretáveis, e onde, como informe, apenas se encontravam *tessellae* das três cores mais vulgares: branco, preto, vermelho. ¿Para NE. da sala *C* ficariam as salas mais ou menos simétricas com estas? Uma diferença, pelo menos, havia-a: as de cima estavam na corôa do outeiro e no mesmo nível de *C* (*atrium*); as de baixo estavam a um nível inferior, cêrca de 1 metro.

A sala *E*, de  $8^m,02 \times 5^m$ , foi um belo aposento. Cobria-lhe o chão um esplêndido mosaico tricromado de branco, vermelho e negro, todo repartido em figuras geométricas, desde o triângulo ao hexágono, cheias não só de elementos de decoração cruciforme, e doutras combinações geométricas, mas também de animais (chocos, cobras, golfinhos, pombas, pantera). O hexágono, colocado ao centro em lugar de saliência, tinha uma corôa de louros, e ao meio as de certo laudatórias

K A F

C T F

Não era perfeito o seu estado de conservação, no entanto podia admirar-se no conjunto harmonioso e rico de decorativo. As falhas do mosaico tinham sido consertadas com formigão, grosseiramente, de tal modo que até este fazia saliência grande; não eram porém tantas e tão grandes que prejudicasse o aspecto artístico do mosaico.

Surpreenderam-nos as chuvas e sobretudo o Inverno rigoroso da charneca sem abrigo, e por isso foram suspensos os trabalhos de exploração. Resguardou-se o mosaico enterrando-o e protegendo-o com mato. Não se pode dizer que não fechassem bem os trabalhos da campanha arqueológica de 1915<sup>1</sup>.

VII. — O MOSAICO DA SALA *E*, ou um MOSAICO BÁQUICO. — *Planta* n.º 6. A sala *E* tinha as dimensões já notadas:  $8^m,02 \times 5^m$ . O mosaico em comprimento era de  $7^m,864$ , e em largura 5 metros, havendo

<sup>1</sup> Cumpre-me aqui mencionar a inteligência e zelo do funcionário Pedro Madeira, do Museu Etnológico Português, que me acompanhou em todos os trabalhos. E, tendo eu vindo a Lisboa, continuou êle as escavações na direcção que lhes imprimi e conforme as instruções que lhe deixei; seguindo-as à risca, descobriu este mosaico da sala *E*, — honra lhe seja —, e libertou-o da terra que o cobria, limpou-o, cuidadosamente, até meu regresso.

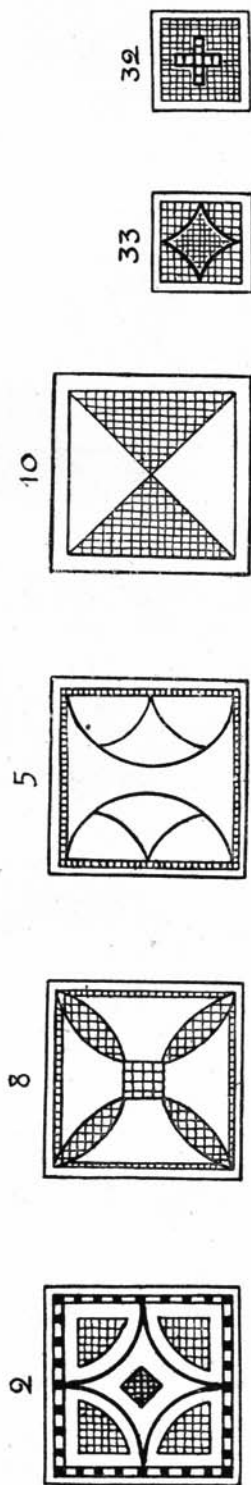
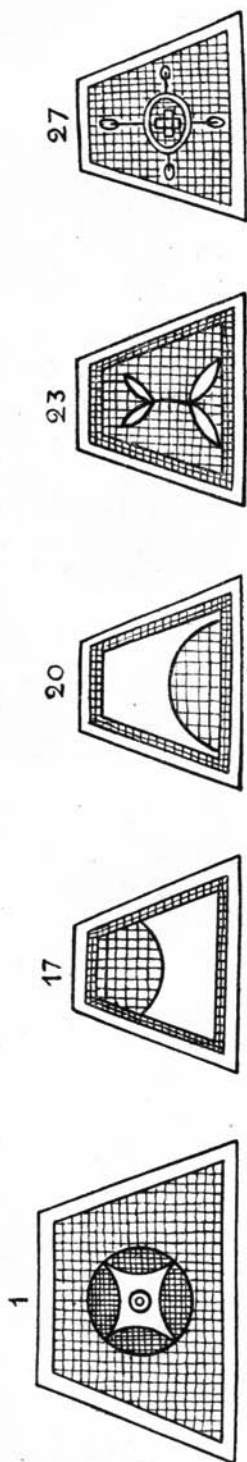
portanto, entre o mosaico e as paredes, uma faixa de 0<sup>m</sup>,156 nos topos, e de 0<sup>m</sup>,150 dos lados, continua em toda a volta; esta faixa não tinha mosaico, mostrava o formigão fino de *opus signinum* em que o mosaico assentava. O tapête musivário estava nivelado; a faixa perimétrica inclinava à parede, para escoamento da água.

Sigamos na *Planta* n.º 6 a descrição do mosaico.

Este mosaico é formado de duas partes, uma adiante da outra no sentido do comprimento. A primeira parte é, sem dúvida, a mais importante pela variedade e melhor cuidado na distribuição das figuras geométricas em que se recorta; e, a mais, a decoração animal e as letras entre corôa de louros estão nesta parte. A outra, mais uniforme, repartida em hexágonos iguais, trapézios e triângulos isósceles iguais, a completarem intervalos, essa servia de enchimento da área deixada pela composição da primeira. A *Planta* n.º 6 e os quatro *Mapas das figuras* servem para acompanhar a descrição.

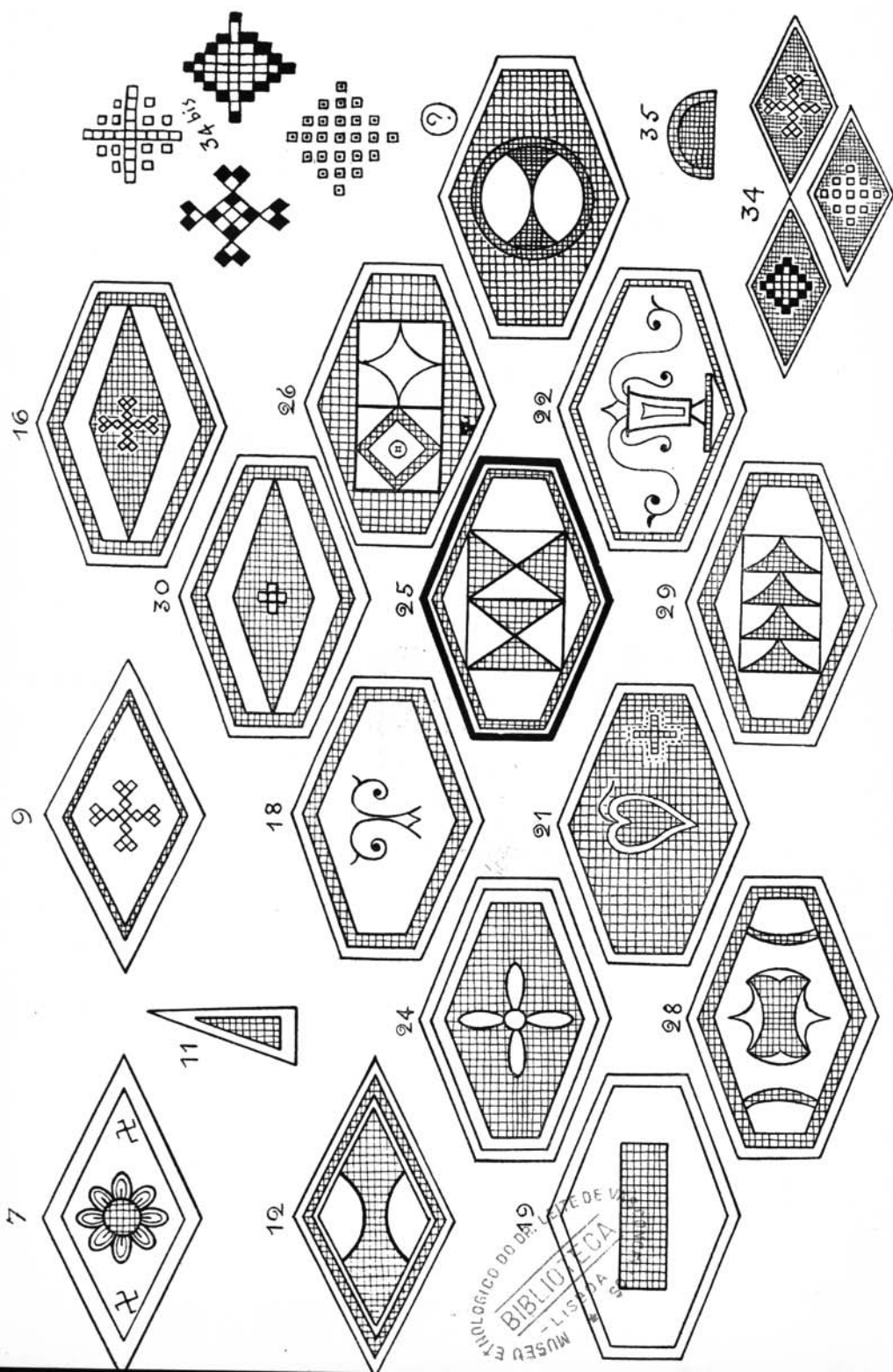
Toda a peça está emoldurada em uma cercadura rectangular, de largura desigual; do lado *A-C* tem 0<sup>m</sup>,38, do outro 0<sup>m</sup>,28. Essa cercadura ainda tem exteriormente uma série de semicírculos de 0<sup>m</sup>,16 de diâmetro, ligados entre si, e com os intervalos de arcatura carregados doutros semicírculos. A faixa da cercadura é branca, enche-a uma cadeia de losangos vermelhos de 0<sup>m</sup>,65 na diagonal maior. É pouco variada a decoração destes losangos: veja-se nos *Mapas das figuras* deste mosaico: 1.º, n.º 34; 2.º, n.º 34; e figuras centrais de cada um no n.º 34-bis. O 4.º *Mapa das figuras* mostra o canto *D* do mosaico.

A primeira secção tem duas figuras centrais, uma falante, outra muda: um hexágono com as letras já mencionadas e transcritas no fim do capítulo anterior; um quadrado com uma pantera a beber em uma taça. Estas duas figuras geométricas estão rodeadas de triângulos (n.º 3, no 1.º Mapa; n.º 11, no 2.º; e na *Planta* n.º 6), paralelogramos (n.º 14, no 1.º Mapa), quadrados (n.ºs 2, 5, 8, 10, 13, no 1.º Mapa), losangos (n.ºs 4, 6, no 1.º Mapa; 7, 9, 12, no 2.º), trapézios isósceles (n.º 1, no 1.º Mapa), todos com decoração linear; rodeiam-nos os quadrados e trapézios com figuras zoomórficas, a ver no 3.º Mapa. Advirta-se que aos números da *Planta* n.º 6 correspondem os dos Mapas (1.º e 2.º). As medidas tomadas no mosaico são muito irregulares: por exemplo, o quadrado da pantera tem 1<sup>m</sup>,10 × 1<sup>m</sup>,02; o quadrado n.º 5 tem 0<sup>m</sup>,65 × 0<sup>m</sup>,62; os lados do hexágono uns têm 0<sup>m</sup>,52, outros 0<sup>m</sup>,60, outros 0<sup>m</sup>,57; nos losangos uns lados são de 0<sup>m</sup>,56, outros de 0<sup>m</sup>,57; a *Planta* n.º 6 deu-lhes a possível uniformidade. Para as figuras poligonais com a sua decoração geométrica bastam o 1.º e 2.º Mapas.



MUSEU  
N.º 6  
planta n.º 6  
BIBLIOTECA  
CONCELLOS  
SANTO





2.º mapa da planta n.º 6



Fig. 16  
3.º Mapa da planta n.º 6

Mas, se o recorte do mosaico é geométrico, as figuras geométricas têm o campo ornamentado com três grupos de ornatos:

1.º—Ornatos geométricos: figs. n.ºs 1-5, 10, 13-15, 17, 20, 23, 27, 31-34, no 1.º Mapa; 9, 11, 12, 16, 18, 19, 21, 22, 24-26, 28-30, 34, no 2.º Mapa.

2.º—Ornatos de elemento vegetal: figs. n.ºs 6, 8 e 23, no 1.º Mapa; 7, 18, 21, 22, 24, no 2.º Mapa.

3.º—Ornatos zoomórficos: 3.º Mapa (chocos, cobra, golfinhos, aves, pantera).

Isto sem falar no hexágono com inscrição laureada (3.º Mapa).

O ornato geométrico é de preferência rectilíneo: figuras geométricas simples ou combinadas, cruces; muitas vezes curvilíneo ou mixto: círculos, arcos. O ornato vegetal em uso é a rosácea (quadrifólia, em 6 do 1.º Mapa e 24 do 2.º; octofólia em 7 do 2.º Mapa),

a folha simples (21 do 2.º Mapa), ou combinada (23 do 1.º Mapa), e estilização (18 e 22 do 2.º Mapa). É sempre a mesma a combinação das três côres: uma a três fiadas de *tessellae* sobrepostas, em geral os negros em primeiro lugar, depois as brancas e mais dentro as vermelhas. Como se vê pela observação das figuras dos Mapas, onde os traços cruzados representam a côr vermelha, o seu campo é quasi constantemente desta côr, poucas vezes mesmo o não sendo.



Fig. 17

4.º Mapa da planta n.º 6

O *suástica* aparece aqui três vezes: duas no losango n.º 7 (2.º Mapa), a terceira na taça onde bebe a pantera do grande quadro central (3.º Mapa). A cruz vê-se diferentes vezes: n.ºs 4, 27, 32, no 1.º Mapa; 9, 16, 21, 30, 34, no 2.º; em 34-bis, no 2.º Mapa, notem-se as quatro formas de cruzes, que ou como elemento principal (n.ºs 4, 32, no 1.º Mapa; 9, 34, no 2.º) ou elemento complementar (27, no 1.º Mapa; 16, 21, 30, no 2.º) entram na decoração interna do mosaico. Nem o *suástica* tem no decorativo acepção hie-

rológica; nem combinado com a cruz, êle mesmo como cruz gamada, pode ter intenção cristã. A cruz é um elemento ornamental vulgar, para pequenas superfícies, ou para carga de figuras geométricas, como neste mosaico, e enfeite de indumentária; e, além destas considerações, não se har-

monizava o emblema cristão com toda a ideografia pagã do mosaico, para mais não se podendo separar nem artisticamente nem cronologicamente.

Déchelette estudou o *suástica* no seu *Manuel d'Archéologie pré-historique celtique et gallo-romaine*. Fórmula de saudação para Max Müller<sup>1</sup>, tinha carácter sagrado originariamente como emblema do sol em movimento, segundo Déchelette, para depois adquirir derivativamente valor simbólico ou profilático, e por fim se transformar em um dos muitos elementos de decoração banal. Era apresentado freqüentemente com a grega, composta de elementos geométricos

<sup>1</sup> Max Müller, em Schliemann, *Ilios*, p. 517.

similares. Não se deve isolar doutros sinais equivalentes ou de que elle é derivado, antes aproximá-lo dos discos radiados, trísceles, cruces, etc., todos com a mesma origem comum da roda solar, e quasi todos empregados desde a idade do bronze para representar o sol. Déchelette apresenta exemplos da associação gráfica do suástica e do disco solar: nuns fragmentos de estela galo-romana da comuna de Monfort, em Robernier; e em cipos timbrados; em razão do que se vê a equivalência dos symbolos na época romana<sup>1</sup>. Na Índia, o suástica representa o movimento solar, e varia de nome, consoante indica movimento para a direita (*swastiks*) ou para a esquerda (*sanvastika*), tendo o primeiro significação de bom prenúncio, e sendo o segundo sinal de mau agouro<sup>2</sup>.

O suástica foi muito usado nos vasos de barro de Hissarlik (segunda cidade incendiada), da Grécia e Arquipélago no segundo período da cerâmica helénica; figura a par de decoração geométrica nos vasos arcaicos de Chipre, Rhodes, nas cabanas dos *terramares* da Itália<sup>3</sup>. Foi usado onde lhe davam significado simbólico, mas esse significado perdeu-se à força de tanto se confundir com os outros ornatos usados. Se entre os Romanos o suástica tinha o sinal de augúrio, como na Índia, o que figura neste mosaico move para a esquerda, e significaria portanto mau agouro. Num mosaico policrómico do Amendoal (Faro) também como aqui em Santa-Vitória se associam os ornatos de suástica e cruz<sup>4</sup>.

A cruz equilateral foi a mais usada na antiguidade, representando em primeiro lugar a radiação ou a superficie; foi symbolo do céu e do deus Amu caldaico; apparece nos vasos de Troade; o sceptro de Apolo, deus do Sol, o próprio Sol, é por vezes cruciforme; Castor e Polux, de natureza solar, são representados por duas cruces associadas<sup>5</sup>. Os cristãos usaram o suástica por symbolo seu nas catacumbas; na pintura *O cavador cristão* da catacumba de Domitila, o homem tem um suástica no ombro direito, e dois de cada lado da túnica por cima dos joelhos<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> J. Déchelette, *ob. cit.*, I, 454-468.

<sup>2</sup> Goblet d'Alviella, *Croyances, rites, institutions*, Paris 1911, I, 14; *Mystères des Symboles*, Paris 1891, cap. II.

<sup>3</sup> Goblet d'Alviella, *Mystères, etc.*, pp. 72 sgs.

<sup>4</sup> Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, III, 34-35; na edificação a que pertence este mosaico havia sete pavimentos de *opus musivum*.

<sup>5</sup> Goblet d'Alviella, *Croyances, etc.*, I, pp. 64 sgs.

<sup>6</sup> Perret, *Catacombes de Rome*, I, est. XXX.



Podia, sem dúvida, qualquer destes emblemas, suástica e cruz, indiciar cristianismo nos senhores da *villa*, cristianismo disfarçado na própria Província de Roma, aonde as perseguições chegavam com violência. À falta doutras provas, e porque o mosaico em suas figuras principais é de carácter pagão, parece-me assisado não ver aqui sinais cristãos, mesmo que pudéssemos ser levados a equipará-los simbòlicamente com as duas aves, que bem poderiam então ser duas pombas, conhecidas na arte cristã das Catacumbas, ou com os golfinhos associados também ao peixe das Catacumbas<sup>4</sup>. De não estar a cruz em sítio proeminente, não se infere a negativa, pois que a serem sinais cristãos as cruzes e suásticas, — relativamente em saliência o do vaso da pantera —, haviam elles de estar disfarçados. Parece-me prova cabal que a cruz, a ser cristã, não estaria nos losangos da cercadura e outros lugares como elemento decorativo, tam repetido e diferenciado. Mesmo disfarçada, a cruz demandaria mais respeito a um cristão, que mesmo seria denunciado pela sua repetição, onde elle, discípulo de Cristo, não poria os pés. E nem se suponha que a cruz tivesse sido incrustada mais tarde.

Nas Catacumbas de S. Calisto fizeram os Cristãos primitivos sobre duas pedras tumulares a reprodução do episódio de Ulisses preso ao mastro do navio, salvando-se das sereias, meio mulheres, meio peixes, que o seduziam. Porque? «Fujamos das más companhias, escolho perigoso como as sereias da fábula. É uma ilha nefasta, cheia de ossos e de cadáveres. Encontra-se lá uma cortesã sedutora: a voluptuosidade. Passageiro, deixa-lhe os seus cadáveres. O Espírito de Deus ajudar-te há a vogar mais para longe. Despreza este canto sedutor que te causaria a morte. Para o conseguires, escapando a uma morte certa, basta-te querer: prende-te ao mastro sagrado (da

<sup>4</sup> A âncora, o peixe e a pomba são os emblemas cristãos mais antigos: a âncora como símbolo da esperança, e inicial disfarce da cruz; a pomba, ou símbolo do Espírito Santo, ou a pomba de Noé com o ramo de oliveira no bico, ou ainda representação da alma que voa para o Paraíso; o peixe, símbolo de Cristo, por leitura do vocábulo grego ΙΧΘΥΣ, formado com as iniciais de Ιησους Χριστος Υιος Σωτηρ (Jesus-Cristo, Filho de Deus, Salvador); exemplos no Cemitério do Vaticano, nas Catacumbas de Lucina (sob a via *Ostiensis*), nas de S. Calisto, etc. Também as lâmpadas de bronze das Catacumbas tinham umas a forma de peixe ou de pomba, em outras estes emblemas servem-lhes de decoração. Cfr. vários passos de De Rossi, *Bulletino di archeologia cristiana*, e *Roma sotterranea*; Kraus, *Roma sotterranea* e *Real-Encyclopädie*, etc.

Cruz) e nada terás que recear! Cristo será ele próprio o teu piloto; conduzir-te há ao pôrto do Império Celeste». Assim explicou S. Justino (mártir da primeira metade do séc. II) a existência e a significação dessa scena do paganismo<sup>1</sup> em um túmulo cristão em recinto cristão<sup>2</sup>. Não queiramos associar a cruz, o suástica<sup>3</sup>, as aves, os peixes, ao episódio de Ulisses, o mesmo, que encontrámos na sala C do *Balnearium*. Porque então ¿como justificar a existência do «cor-tejo de Anfitrite», a scena da *devotio*, as fases da luta de *pugiles*?

Conclua-se que o suástica e a cruz não devem ter mais do que uma significação de ornato geométrico neste mosaico. A descrição do mosaico levará decerto à convicção de estarmos a estudar vários atributos de iconografia báquica; a cruz e o suástica eram nela elementos decorativos.

Ao centro estão evidentemente as duas alegorias proeminentes; diríamos serem as figuras centrais: 1.º, a pantera; 2.º, a corôa de louros com inscrição:

1.º—A *pantera*. Neste quadrado, onde o mosaicista incluiu intencionalmente a pantera, há dois atributos báquicos: a pantera e o vaso onde bebe.

Uma das representações de Baco-Dyonisos na arte greco-romana figura o deus a cavalo numa pantera: em vasos pintados, baixos-relevos e pedras gravadas<sup>4</sup>. Procedeu da Ásia Menor, origem de todos os felinos de pele marchetada, e de todos eles o mais apparecido nos monumentos é a pantera, dedicado a Baco por ser um animal vivo e saltitante como as Ménades; umas vezes o deus cavalga-a<sup>5</sup>; outras vezes, ela acompanha-o e elle oferece-lhe um cacho<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Outra scena corrente nos túmulos cristãos era de assuntos pastoris dos pagãos: o Bom-Pastor com o seu rebanho, e entre as suas ovelhas, como símbolo de Jesus Cristo entre os fiéis; vê-se, por exemplo, no túmulo de LIVIA NICARVS no Cemitério do Vaticano.

<sup>2</sup> Kraus, *Real-Encyclopädie*, II, 520.

<sup>3</sup> No Amendoal, junto de Faro, havia uma série de sete pavimentos de mosaico, num edificio estudado por Estácio da Veiga (*Antiquidades Monumentaes do Algarve*, III, 34-36) com o suástica e cruz alternados. Também o D.º Leite de Vasconcellos, nas *Religiões da Lusitania*, III, 624, pergunta se será um mosaico cristão.

<sup>4</sup> Müller Wieseler, *Denkmäler der alten Kunst*, II, est. XXXV, n.º 405.

<sup>5</sup> Millin, *Vases peints*, I, est. IX; Dubois Maisonneuve, *Introduction à l'étude des vases* (do Louvre), II, est. XVII.

<sup>6</sup> Museo Chiaramonti, est. 28.

ou um vaso de vinho<sup>1</sup>, porque a pantera, sendo a transformação duma Ménade, gosta de vinho, e então Baco abebera-a.

Baco segura na mão um *cantharus* ou *carchesium*, que é uma taça funda com pé e duas asas grandes, vaso próprio para beber, usada entre Gregos e Romanos. Distribuíam-se também o *cantharus* pelo séquito de Bacantes e Coribantes, ou espalhava-se pelo chão nas pinturas báquicas. Figura em quadros murais, decorativos e no ornato de vasos de metal e de pedra valiosa<sup>2</sup>. Na casa de Lucrécio em Pompeios associou-se em uma pintura o *cantharus* com o tirso (o sceptro de Baco), a cabra, bode ou cabrito (animal dedicado ao deus, por destruir com gula os rebentos da vide) e o tamboril (instrumento dos Bacantes<sup>3</sup>). Numa escultura do Museu Archeológico de Berlim vê-se o *cantharus* associado com a pantera a comer um cacho de uvas<sup>4</sup>. No Museu Etnológico Português pode ver-se uma lucerna báquica de Balsa (Algarve), com um cão, companheiro de Baco, a lamber um cacho de uvas, e além d'ele um *cantharus* e o tirso<sup>5</sup>.

Aqui no mosaico em vez do cão é a pantera, e cá está o *cantharus*. Temos pois iniludivelmente uma alegoria báquica. A pantera, Ménade transformada, que Baco tanto gostava de abeberar, aí está a beber; e é no *cantharus*, por onde Baco bebe, que o seu animal favorito está a beber. Não aparece Baco em figura humana, mas lá está presente nos seus atributos. Na galba do *cantharus* está como elemento decorativo um suástica<sup>6</sup>.

2.º — A corôa de louros está dentro dum hexágono.

Nos concursos corágicos ou dionisiacos de Atenas, representados num vaso pintado, Baco aparece coroadado de louros, como vencedor ou patrono e protector dos vencedores; o mesmo se dá com estátuas, como se vê na est. XI da parte III dos *Anciens marbles in British Museum*. Esta corôa pode ser, pois, a dos concursos corágicos. ¿ Não poderá ser também um *Evohé* de alusão à guerra com os Titãs, em auxilio de Júpiter, ou à expedição à Índia? Ou será a vulgar corôa

<sup>1</sup> Museo Borbon, III, est. L.

<sup>2</sup> V. Gr. o *cantharus* de sardónica do Gabinete de França; a taça dos *Ptolomeus*: Montfaucon, *L'Antiquité expliquée*, I, 167.

<sup>3</sup> Niccolini, *Casa di Pompei*, «Casa di Lucrezio», L.

<sup>4</sup> *Beschreibung*, n.º 87.

<sup>5</sup> Leite de Vasconcellos, *Relig. da Lusitania* III, 245, fig. 112.<sup>a</sup>

<sup>6</sup> Num dos mosaicos do Balneário na praia de Nossa Senhora da Luz (concelho de Lagos) aparece nos quatro cantos um *cantharus* com suástica. (Exploração de Estácio da Veiga, em *O Arch. Port.*, XXI (1916), 443, Planta n.º 3-C).

de parras, com que figuravam correntemente o deus. Também o mirto era utilizado nas cerimónias dionisiacas. Seja, como fôr, é referência báquica, e as letras seriam qualquer saudação ritual a Baco, saudação heróica, ou invocação agrícola, sabido que era deus de toda a agricultura, em especial da vinicultura, e inventor da charrua. A corôa no mosaico parece de louro<sup>1</sup>.

\*

Em volta do quadro da pantera, e completando a emblemática de Baco, estão dois quadrados com golfinhos, um por cima outro por baixo; mais dois quadrados aos lados, um com uma cobra, o outro com aparentemente dois chocos; e, a seguir a estes, dois trapézios isósceles com aves pousadas em ramos.

O golfinho pertence ao ciclo báquico. Recorda o episódio da transformação dos piratas em golfinhos, quando Baco preso por eles no Mar Tirreno lhes quis mostrar o seu poder divino, castigando-os assim com a metamorfose em peixes<sup>2</sup>.

A cobra, ou serpente, figurava nas orgias do Baco mítico, tebano, como na fundação do oráculo de Anficleia na Fócida<sup>3</sup>; Eurípides considera a serpente uma das transformações de Baco, serpente de muitas cabeças<sup>4</sup>. Foi a natureza fria e húmida dêste animal que o associou ao culto e mistérios de Baco; ao invés do ébrio, combatia a embriaguez.

Não sei de ligação mítica entre Baco e os chocos, a não ser que possa ser outra a interpretação das duas figuras dêste quadrado.

A ave dedicada a Baco é a pêga, palreira como os ébrios. As duas dêste mosaico decerto não são pegas. Pregunto mesmo se estas se referirão ao simbolismo das figuras centrais, e não serão, como é vulgar, mera decoração. Vêem-se aves pousadas em ramos nos mosaicos de Roma<sup>5</sup> e da *Villa Hadriana* em Tibur<sup>6</sup>. As duas aves do mosaico de Santa-Vitória estão ambas pousadas em seu raminho com duas fôlhas, um dêles enrolado; e, para indicar sem dúvidas que se trata de autên-

<sup>1</sup> A corôa de Baco também era de carvalho: Eurípides, *Baccho*, 109 e 702.

<sup>2</sup> Welcker, *Griechen Goetterlehre*, II, 606 sgs. Max Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce*, 258.

<sup>3</sup> Welcker, *ob. cit.*, II, 639.

<sup>4</sup> Eurípides, *Baccho*, 1104.

<sup>5</sup> *Atti della Accademia dei Lincei*, 5.<sup>a</sup> série, II, 72.

<sup>6</sup> Pierre Gusman, *La villa impériale de Tibur (Villa Hadriana)*, Paris 1904, p. 224, figs. 325 e 326.



tico ramo duma árvore, o artista marcou o arranque da árvore com um traço no fim da haste, e ao lado o tronco donde se arrancou.

Com a pantera ligam-se pois claramente os golfinhos e a cobra ou serpente. A corôa pelo simbolismo e pela posição é complementar da pantera<sup>4</sup>. Pela disposição, também parecem ligar-se a Baco os dois choccos. E as aves? Uma delas pode ser uma pomba; a outra tem poupa, e sê-lo-á ou não.

\*

O mosaico báquico, no *tablinum* talvez, desta *villa*, é a meu ver uma prova de affecto e uma invocação permanente a Baco. — Baco protector da agricultura, nas terras latifundiárias dum *dominus* romano; — Baco protector da vinha, que seria uma das riquezas desse domínio. E, sendo assim, — porque Baco foi um dos apaixonados de Vénus, que dos amores com elle teve o louro e gentil Himeneu e as três sempre formosas e jovens Graças —, não será pelo menos lógico ver nestas aves duas pombas, e elas como símbolo de Vénus? Suporia o mosaicista, autor do mosaico, ou o alto senhor da *villa*, autor da ideia, que esta alusão aos amores de Baco seria uma lisonja para o protector das suas terras, ali invocado *ad perpetuum* no mosaico da sala sobranceira a essas terras de vida, movimento, fartura e beleza. Só nesta acepção me parece terem justificação mitológica na iconografia báquica do mosaico.

VIII.—SEQÜÊNCIA DAS RUÍNAS.—(*Planta* n.º 5). Para SE. da sala *E* estendia-se um grande espaço *F*, por onde as paredes não seguiam. Teve porém utilidade immediata, porque não se encontra o solo natural. Todo esse espaço é pavimentado de *opus signinum*. É fechado ao fundo SO. pelo muro corrido de *M*, um corredor (*ambulacrum*) que, pela direcção que tem, decerto ligava esta parte com o *Balnearium*. Entre *A* e *M* iam 15<sup>m</sup>,90. Este corredor era pavimentado de *opus signinum*. A parede de *F* para *M* era dupla, 0<sup>m</sup>,57 de espessura do lado de *F* e 0<sup>m</sup>,50 do lado de *M*. Ao longo desta parede estendia-se pelo corredor um cano (*v*) aberto no pavimento; o muro era duplo pela circunstância de servir de aqueduto de água, que, vinda do depósito do balneário, caíria no tanquezinho *t* (0<sup>m</sup>,85 × 0<sup>m</sup>,50), e dêste passava ao cano *v*; êste seguia a parede do fundo do corredor, que

<sup>4</sup> Nos mosaicos apareciam animais ferozes, agrestes e domésticos, todos voltados à esquerda. V. gr. um tigre assaltante, na IX. *Regie Calabria*, a que se referem os *Atti... dei Lincei*, II, 282 e 284-286; um lobo, id. II, 445; outros, id. I, 195.

continuava até se perder no espaço largo, marcado com a letra *N*. O arranjo do aqueduto nesta parede mostra como elle teria sido na parede de *F* para *M*; a parede formava uma abobadilha em toda a espessura, e por cima a parede continuava-se apoiada nos encaixes do cano; temos pois um *canalis structilis*; esta parede, ao fundo, era também dupla como a primeira (0<sup>m</sup>,55 do lado de *M*, 0<sup>m</sup>,51 do lado exterior), e a que ligava em curva com *N* era um aqueduto coberto, de 2<sup>m</sup>,71 de comprimento e 0<sup>m</sup>,42 de espessura, a galgar 0<sup>m</sup>,53 sobre o muro que cortava. O corredor, na parte reconhecida, tinha 16<sup>m</sup>,25  $\times$  2<sup>m</sup>,52. A saída para *F* media 3<sup>m</sup>,75.

De *M* para *I* a parede do corredor tinha 0<sup>m</sup>,62 de espessura. O espaço *I* media de alto a baixo 14 metros. A 7 metros da parede de *M* havia restos duma parede que formaria corredor paralelo com o anterior. Note-se que estes corredores abriam todos do lado de SE., isto é, do lado do *Balnearium*, e fechavam do oposto. Note-se igualmente que nesta zona entre *A* e o fundo de *I* havia grandes espaços nus, aproveitados iniludivelmente porque são pavimentados de *opus signinum*. O mesmo acontece com *N*, espaço irregular em tudo parecido com os outros. A parede fundeira de *I* contava 0<sup>m</sup>,68 de espessura, a divisória *I-N* 0<sup>m</sup>,80. Entre *N* e *G* corria uma parede obliqua, de 0<sup>m</sup>,52 de espessura, cêrca de 14 metros de comprimento, quasi na direcção Norte-Sul; era bastante inclinada, e duma altura, a calcular pela superficie boleada, de 0<sup>m</sup>,70; ora servia, nem mais nem menos, de aquedutozinho de água que lançava em dois tanquezinhos (*t*) em *G*, e prolongando-se, ao quebrar para SO., alimentava novo tanquezinho (*t*) em *H*. Para conduto de água, devia ligar com *f*, cano coberto de *imbrices*, que pela direcção parece provir de *C*, e traria as águas de descarga do tanque *e* (*impluvium*).

Esta parede de *N* para *G* poderá talvez indicar a utilização dos grandes espaços abertos e pavimentados (*F*, *M*, *I*, *N*, *G*). O pavimento impermeabilizavam-no com o *opus signinum*, resistente ao tempo e cómodo ao piso. Não seriam terrados descobertos, a descerem o outeiro, com um muro baixo dum para outro, com degraus? Adorná-los-iam de vasos com plantas; teriam canteiros de terra própria sobre o pavimento; alvejariam as estátuas. Só de *F* para *M* a parede seria mais alta, e a passagem aquele vão de 3<sup>m</sup>,75 mencionado. Uma prova e um exemplo: de *G* para *H*, um terrado poligonal, irregular, de *opus signinum*, descia-se por três degraus *s* (0<sup>m</sup>,30 + 0<sup>m</sup>,19 + 0<sup>m</sup>,30 de altura de soleira de 0<sup>m</sup>,27 no segundo e 0<sup>m</sup>,24 no terceiro). A diferença de nível, aqui de 0<sup>m</sup>,79, equivaleria à dos outros terrados entre si.

A água vem toda de SE. para NO., em *A-B-C*, e em *M*: a do cano *f* lança na parede *GN* a que traz da corrente ou cano *A-B-C*. Vemos portanto que os architectos da *villa* conseguiram trazer à corôa do outeiro grandes massas de água. Os reservatórios forçosamente eram de boa capacidade. Haviam de alimentar o *Balnearium*, onde no tanque ou piscina *D* corria constantemente a água. Havia de fornecer a água de serviço doméstico e de recreio desta secção da *villa*: por tubos de barro (*tubuli*) e de chumbo (*tubi*), caleiros de teijolo, e aquedutos (*canales structiles*).

Em *J* dava-se com umas construções circulares, de notável irregularidade, com aparência de fornos, cruzadas de canos fundos (*x*), entre 1<sup>m</sup>,07 e 1<sup>m</sup>,80 de profundidade, 0<sup>m</sup>,37 de largura, com paredes de teijolo. Estes canos dirigiam-se ao cano *u*, na parte mais baixa da *villa* e paralelamente à estrada. ¿Seria o receptáculo geral da água a despejar? ¿Ou fornos de aquecimento de água para as salas adjacentes? Não havia *hipocaustum*. O tanque inferior de *G* comunicava com os canos *x*, e esse canal de ligação tinha um opérculo em *o*.

A parede seguida (0<sup>m</sup>,63 de espessura), por baixo das salas *D* e *E* e a cerca de 4<sup>m</sup>,35 delas, dá encôsto a pelo menos quatro paredes, para NO. da sala *G*. Formavam-se para aí várias câmaras, bastante enterradas. A mais notável era a sala *K*; estava a 1<sup>m</sup>,55 abaixo da parede corrida; tinha cerca de 15<sup>m</sup>²,50 de área (3<sup>m</sup>,95 × 3<sup>m</sup>,98), coberta de mosaico fino, de *tessellae vitreas*, mas completamente desagregado. Várias paredes, chão de *opus signinum*, mais salas, fórmãs imprecisas e a sala *L* com mosaico (5<sup>m</sup>,22 × 5<sup>m</sup>,30), de que restava, e muito danificada, uma rosácea de 1 metro de diâmetro. Por baixo da sala *L* vê-se que seguiam paredes; foram cortadas, como as do *Balnearium*, pelas obras de abertura da estrada de Santa-Vitória-Cano, ramal de Estremoz-Sousel.

Até aqui temos as ruínas em duas secções: para SE. o *Balnearium*; para NO. a habitação com salas cobertas e pátios ou terrados abertos, entre aquelas e o *Balnearium*; a ligação patente, por corredores de certo abertos *M* e *M'* (?), e um fechado *B*, a seguir a uma sala de entrada para elle *A*.

De SO. para NE. sobe o outeiro um caminho de pé-pôsto, alargado pela passagem de carros-de-bois e de gado. Corta as paredes transversais de ligação. E vêem-se para lá as paredes do *Balnearium*. Como se nota, a frente da *villa*, em todas as suas partes, estende-se de NO. a SE.; em profundidade as paredes correm em ângulo recto, com a parede fronte, por isso de SO. para NE.

IX.—UM CEMITÉRIO.—A SE. da *villa*, à beira do ramal da estrada por Santa-Vitória ao Cano, fica o «monte» das Discorreias, que ocupa com as suas instalações um outeiro. Ao lado dessas casas há uns terrenos de horta, cercados pela vasta área de sementeira de pão. O terreno estende-se em ondulações suaves; numa dessas ondulações a NO. do «monte», e entre o cabeço onde este assenta e um outro seguido, encontravam-se ossos e teijolos de grande espessura, quando se lavrava o campo.

Procedendo a pesquisas, no lugar, foram descobertas algumas sepulturas ainda. Não havia orientação intencional uniforme na disposição das sepulturas, a esmo, umas a N.-S., cabeça para N., outras E.-O., cabeça para E. Eram rectangulares; os flancos e topos de teijolo; fundo e tampo formados por uma laje xistosa; do tipo das de Ferrestelo no Museu Municipal da Figueira, restauradas por Santos Rocha<sup>1</sup>. Os esqueletos estavam de costas. O espólio consistia em umas pobres contas de vidro. Informaram-me de que em algumas das sepulturas, que os trabalhos de lavra iam abrindo, tinham sido encontrados instrumentos de officio, como um martelo, sacho, e numa delas uma espécie de tenaz.

Pela pobreza das sepulturas e do espólio tira-se a qualidade dos individuos ali inhumados, que seriam os operários, os servos, escravos e libertos da *villa*, tiranizados em vida, desprezados na morte.

X.—LÁPIDE HONORÁRIA.—Entre o cemitério e a *villa*, mesmo à entrada da aldeia de Santa-Vitória, notavam-se vestígios de construção romana. Os destroços de teijolo e telha juncavam o campo naquele sítio. Informaram-me terem aparecido por ali colunas e outras pedras. Umas escavações de exploração sumária exumaram apenas um torso de coluna, um capitel de mármore e um soco de granito com inscrição honorária.

BONO R[EI]. PVBLICAE NATVS

¿Quem foi este que nasceu para bem da República? A inscrição, para ser funerária, ou devia de invocar os D[IIS]. M[ANIBVS] em benefício do falecido, ou pelo menos manifestar as condições próprias duma lápide deste género, com menção certificante de nomes, filiação,

<sup>1</sup> O Arch. Port., II, 72.



idade, e possíveis qualidades que o distinguiam, até mesmo o nome de quem lhe erigiu a memória.

Parece portanto que se trata duma inscrição laudatória. Ora a pedra paralelepipedica da inscrição tem um arranjo na face superior, que pode levar-nos a concluir que era encaixe dum busto; teria sido assim a base dessa memória, levantada à personagem de tanta veneração que consideravam nascida para felicidade da República. Não há indício de que a pedra tenha apenas parte duma inscrição; esta completaria a imagem, servir-lhe-ia de justificação. Ainda assim poderia fazer parte dum túmulo, não como inscrição tumular, mas como saudação gloriosa ao falecido, cujo busto a encimasse. E ele quem era? O fundador da *villa*, que pela sua riqueza e pela exploração do seu latifúndio prestou serviço notável à República? Lembremos de que o Romano tudo fazia e tudo julgava fazer, para maior honra e glória de Roma, da República, a causa comum a todos e de todos os Romanos. No seu campo de acção, e todos eram bons para a grandeza de Roma e do seu Império, foi um herói este lavrador opulento da *villa* de Santa-Vitória, com o vastíssimo latifúndio como um condado.

Para se tratar dum templo, uma edícula que mais não fôsse, o único deus a quem poderia dirigir-se aquela saudação, tam simples e tam orgulhosa ao mesmo tempo, era o Imperador, *Divus Cesar Augustus*, e o busto seria o da effigie imperial.

\*

Não muito longe, para NE., nesta mesma região, fica Veiros. Na parede fronteira da igreja branca de Nossa Senhora de Mileu está incrustada uma lápide romana, cuja legenda sepulcral é clássica. Numa tábua simples, com moldura, lê-se epigrafe, sem a consagração regular aos *D(iis)*. *M(anibus)*. ou a fórmula completa *D(iis)*. *M(anibus)*. *S(acrum)*.:

SEX · AEBVTIV

S · SEX · F · PAP · RVF

INVS · AN · XXXXV

HIC EST · S · T · T · L

F · PATRI · P · C.

SEX[TVS] · AEBVTIVS SEX[TI] · F[ILIVS] · [da tribu] PAP[IRIA] ·  
RVFINVS AN[NORVM] · XXXXV · HIC EST · S[IT] · T[IBI] · T[ERRA] ·  
L[EVIS] · F[ILIVS] · [HVNC MONVMENTVM] · PATRI · P[ONENDVM] ·

C[VRAVIT]. Seria a leitura completa. Vem no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, I, n.º 167 (Hübner; P.º Caetano do Bem)<sup>1</sup>.

Aqui jaz SEXTVS AEBVTIVS RUFINVS, filho de SEXTVS da tribu Papiria, de 45 anos de idade.—É a parte biográfica do falecido, com o *praenomen*, o *nomen* e o *cognomen*, a filiação, a tribu, na ordem expressa pela *lex Julia municipalis* do ano 45 A. C. [*Corpus*, I, 206].—A terra te seja leve (voto dedicado ao morto).—O filho tratou de erguer este monumento ao pai.

Não se sabe a proveniência da lápide, tudo levando porém a crer que seria da região do *Municipium Ammaia* (Portalegre), e Sextus Aebutius Rufinus, cujo nome em-*ius* e cognome em-*inus* são romanos, teria sido um cidadão romano dos *Municipes Ammaienses*<sup>2</sup>. O centro de dispersão da tribu Papiria na Lusitânia era a *Colonia Augusta Emerita, olim Lusitaniae caput*.<sup>3</sup> Estando Portalegre e seu termo na zona de influência desse centro, Veiros teria tido em suas proximidades alguma *villa* romana dum membro de tribu Papiria. Segundo o *Corpus* as inscrições desta tribu confinam-se uma a Veiros, outra a Badajoz (já na Bética, e dum legionário da LX legião), seis a Mérida (centro territorial da tribu na Província), outras três a Plasência, Norba, e Vila-Viçosa (*ex-voto* de Endovellicus)<sup>4</sup>.

Pelo tipo da letra e pela divisão das palavras na passagem de linha, sem atender à divisão silábica, a inscrição acusa o século IV ou V. Temos pois no século IV ou V um *civis romanus* com *cursus honorum* na região de Veiros. O filho que, sendo primogénito era *Sextus* como o pai e o avô, um dos nomes que se mantinha em certas famílias, *Aebutius* do nome fixo da *gens* a que pertencia, *Rufinus*, cognome do pai, levantou ao pai o monumento sepulcral que tinha esta inscrição.

<sup>1</sup> Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno*, s. v. «Veiros», dá a inscrição com esta leitura:

SEXTVS · BVCIVS  
 SENAT · ROM.  
 H · S · E.

SEXTVS · BVCIVS SENAT[OR] · ROM[ANVS] · H[IC] · S[EPVLTVS] ·  
 E[ST].

<sup>2</sup> *Corp. Inscr. Lat.*, I, n.º 158.

<sup>3</sup> Seraf. Ricci, *Epigrafia latina*, Milão 1898, p. 333.

<sup>4</sup> *Corp. Inscr. Lat.*, I, n.ºs 167, 1016; 512, 528, 559, 560, 568, 571; 823; 719; 139.

XI. — A VILLA. — O conjunto. A *villa* compunha-se pois de duas partes essenciais: edificios de habitação e divertimento, e terras de exploração agrícola.

O estudo duma *villa*, como esta, pode fazer-se por exemplo pelas descrições de Catão (*De Re Rustica*, 3, 4, 10, 13-15), Varrão (*De Re Rustica*, 1, 13), Columela (*De Re Rustica*, 1, 6) e Vitruvius (*De Architectura*, 6, 6-9), na literatura clássica; e, entre os modernos, Ramsay (*Cities*, p. 284), Ganckler que estudou a *villa* dos *Laberii* em Uthina<sup>1</sup>, Pierre Gusman a *Villa Impériale de Tibur* (*Villa Hadriana*), etc. A «Escola Francesa de Roma» tornou conhecida em seus *Mélanges* a *villa* dos *Hortensiani*<sup>2</sup>.

A habitação do senhor (*dominus*) do domínio era a *villa urbana*, com todas as condições e comodidades da *villa* citadina em seus requintes de aristocracia e opulência. A par da *villa urbana* moravam os colonos do domínio em edificios (*casae*, *casulae*), isolados da *villa*, mas em geral agrupados no aldeamento (*vicus*), por vezes fortificados (*castella*).

Não havia essencialmente grande diferença entre as casas de campo e as da cidade; as mesmas divisões pouco mais ou menos, e uma distribuição mais arbitrária, conforme as exigências do terreno, a beleza da região, a importância e extensão da exploração rural, e outras circunstâncias construtivas. Uma *villa* constava de: *villa* ou *pars urbana*, habitação do proprietário; *villa* ou *pars agraria*, habitação dos lavradores e animais da lavoura; *villa* ou *pars fructuaria*, edificios onde se recolhiam as colheitas e frutos das terras. A. Grenier considera duas espécies de *villae*: de rendimento (*villae rusticae*), de conforto e prazer (*villae urbanae*)<sup>3</sup>. Não se excluem porém o conforto e o rendimento na *villa*, e aquelas três partes de Columela definem bem a qualidade da *villa urbana*, ao meio das terras do rendimento de seu senhor.

A *villa urbana* compunha-se de salas de Inverno, salas de Verão, salas de banhos, longas galerias (Columella, 1, 6). A *villa Avitacus* tinha termas, quadras das mulheres, pórticos, galeria para passeio, três salas de comer, uma de repouso<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Ganckler, *Le domaine des Laberii à Uthina*, *Monuments* ..., 111, 177-229.

<sup>2</sup> *Mélanges de l'École Française de Rome*, 1894, pp. 420-425.

<sup>3</sup> A. Grenier, *Habitations gauloises et villas latines dans la cité des Médiomatrices*, Paris 1906, pp. 59 e 94.

<sup>4</sup> Sidónio Apolinário, ed. Baret, 2, 2; do mesmo, a *Villa Octaviana*, 8, 11.

\*

Esta *villa* de Santa-Vitória, parece-me poder concluir das escavações de exploração que tinha as quatro espécies de salas ou edifícios, apontados por Columella. As salas de Inverno seriam, com as máximas probabilidades, os compartimentos enterrados fundo, em volta de *K* e *L* da *Planta* n.º 5; estavam na parte mais baixa do outeiro, resguardada do Norte pela corôa do mesmo outeiro e pelas construções que a erguiam. Acaso as paredes redondas de *J* com as suas canalizações seriam de fornos de aquecimento reabastecidos pelo terrado *G* e por pessoal que talvez se alojasse em *P*. Entre este grupo de construções e o *Balnearium* havia uma área vasta de terrados sobrepostos em escalão (*N-I-F*), e as comunicações faziam-se por galerias ou corredores transversais (*M* e talvez *M'*?). Entre as mesmas casas e as do cimo do outeiro, estendia-se da mesma forma um terrado que continuava *F* para Noroeste.

O conjunto ou núcleo de casas do alto, pela sua posição mais descoberta, desembaraçada e arejada, pela existência da série de salas e corredores *A-B-C*..., o *impluvium* onde a água refrescava o ambiente aberto ao céu, a água constante na vasca *c*, o ar em corrente por aquelas salas em continuação, tudo poderá logicamente indicar-nos ter sido essa a parte de verão *veranda*, para empregar o termo popular que designa as povoações de Verão, nas terras do Norte português, a par de *inverneira*, para estádio no Inverno<sup>1</sup>.

\*

Temos ainda que considerar *villa* como vocábulo territorial. No capítulo III da INTRODUÇÃO ficaram definidos os *latifundia*. *Fundus*, *salutis*, dão somados os *Latifundia*. Estes têm duas formas: ou domínio contínuo dum só possuidor, ou conjunto duns tantos *fundi*, *villae*, isolados, mas pertencentes a um único proprietário. *Ager* era o campo, sentido vago, referência precisa ao campo trabalhável. *Villa* era a casa do proprietário primitivamente, mas depois estendeu-se a todas

<sup>1</sup> São o flagelo das serras a baixa temperatura e a ventania: «então, em Castro-Laboreiro, os povos mais altos de Portos, Seara, Rodeiro e outros mais, mudam das *verandas* ou habitações de verão, para as *inverneiras*, residências mais baixas, situadas num vale profundo e abrigado da tormenta». Descem às *inverneiras* pelo Natal, sobem às *verandas* pela Páscoa. — Rocha Peixoto, «A Casa Portuguesa», na revista *Serões*, 2.ª série, vol. I, 1905, p. 109.



as pertenças que se lhe ligavam, e o nome alargou-se e passou a designar o domínio todo.

Por isso, quando queria nomear-se uma *villa* no campo, sede de exploração e habitação do proprietário, a designação abrangia totalmente construções e terras. A *villa* de Santa-Vitória é pois o conjunto de edifícios verificados e das terras que do mesmo proprietário dependiam. Os grandes proprietários eram *senadores* ou *altos funcionarios* (*Cod. Theodosio*, 10, 26; 5, 13). Seria um ilustre *senador* o dono destas terras.

¿E este senador não poderia ser o *Bono Rei Publicae Natus*?

### PARTE III

#### A construção da «Villa» & os restos da vida doméstica

XII. — FORMAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. — Os proprietários de Roma não seguiam na íntegra a variação das modas da arquitectura urbana; a cidade imperial apresentava todos os tipos de construção desde os mais primitivos aos mais sumptuosos. A distância, as condições de lugar, material e gosto ou fortuna do proprietário, faziam que pela província fora os tipos de casa não tivessem harmonia alguma. Na época imperial podiam porém estabelecer-se dois tipos centrais: casas com *atrium*, ou com *perystilium* (greco-romano).

Era notável a irregularidade das casas de Pompeios, onde imperava o maior capricho das construções. Predominava o *atrium* sobre o *perystilium*, mas a divergência nas linhas gerais da casa eram numerosas: umas casas, como a do *Poeta Tragico* e a do *Labyrintho*, tinham uma ala; a de *Meleagro* e a de *Siricus* não tinham nenhuma. O que havia sempre numa *villa* eram duas partes essenciais, qualquer que fôsse o seu tipo ou construção; uma acessível ao visitante, a outra reservada à vida familiar. E o plano geral, submetido às maiores variações, consistia em uma grande sala iluminada do alto, em volta da qual se agrupavam as outras salas da casa.

Nos três grupos de construções da *villa* de Santa-Vitória podemos notar esta distribuição das salas: no *Balnearium*, em volta da sala *C* do mosaico, ao meio da qual não estava como era de norma a fonte, que ficava a um canto em *D*; na *villa de Verão* (*veraneira*), chamemos-lhe assim, em volta da sala *C*, *impluvium*; na *villa de Inverno* (*inverneira*), talvez em volta da parte *G*. Não se repare, pois, na irreductibilidade destas construções à unidade vitruviana. Os tipos apartados da influência central de Roma modificavam-se de tal forma,

conforme a província, os materiais, o clima e as tradições locais, acentuava H. Saladin<sup>1</sup>, que se desfaz toda a unidade.

\*

As *foundationes* ou o *fundamentum*<sup>2</sup> eram sempre paredes mais largas que as de elevação. Os *fossore*s nem sempre no outeiro de Santa-Vitória cavaram fundo até a rocha, para assegurar nas trincheiras a firmeza, o *depressio ad solidum*, e alargarem o alicerce; por vezes o alicerce tem uma espessura incrível que atinge 1 metro e 1<sup>m</sup>,30 (v. gr. *Planta* n.º 5, em D, F, J). Os *executores* (cabouqueiros) e os *structores* (pedreiros) erguiam as paredes, que, conforme vimos, se constituíam freqüentemente para cada sala como se não houvesse as da sala contígua, ficando assim paredes duplas (*Planta* n.º 1, A/C,—*Planta* n.º 5, C/E). Os *fabri* (operários, diríamos hoje) das paredes eram os *structores* ou *aedificatores*, *structores parietarii*, e *instructores*, ora escravos, ora libertos ou homens-livres.

A pedra do *fundamentum* era variada, sem aparelho, bem apertada, sem argamassa, ou argamassa grosseira e mal distribuída; este muro, para diminuir a infiltração da humidade subterrânea, era rebocado. Era, pois, uma *structura* de *pilae lapideae*. Os ângulos e os vãos eram de granito na assentada inferior; o granito, cortado em forma de paralelepípedo (*lapis* ou *lapis quadratus*), tinha 0<sup>m</sup>,50 a 0<sup>m</sup>,60 de altura por 0<sup>m</sup>,40 a 0<sup>m</sup>,50 de lado na base; esta cantaria era aparelhada sem grande esmêro, e tinha travamento nas faces da base; o travamento consistia num desbastamento imperfeito, intencional; os bordos ajustam, mas o centro protuberante da base dum paralelepípedo vai encaixar na reentrância correspondente da base oposta, imediata, sem argamassa ou qualquer induto.

A parte superior da parede acima do *fundamentum*, ou seja a *elevatio*, era de pequeno aparelho, formado de pedra fragmentária, calhau, tejo quebrado, formas irregulares em camadas desiguais (*pseudisodomum*) de *opus incertum*, ligadas entre si por argamassa<sup>3</sup> grossa de cal e areia com boa presa (*muris caementicius*). Estas pedras ficavam com a face mais regular para fora, tanto para com-

<sup>1</sup> *Nouvelles Archives des missions scientifiques et littéraires*, 1892, p. 402.

<sup>2</sup> Vitruvius, I, 5, 1; III, 3, 1; V, 12, 5; VI, 11, 1.

<sup>3</sup> A argamassa empregada pelos Romanos era tam forte que por vezes, como em Byrsa, se torna necessário desagregá-la por meio de mina. Andollet, *Carthage Romaine*, Paris 1901, p. 630.

postura das superfícies da parede, como por técnica de construção, a fim de as irregularidades oferecerem maior presa à massa mural.

Quando as paredes estavam prontas, cobriam-nas por dentro e por fora dum induto especial, o cimento chamado *albarium opus*, que consistia em uma mistura de tejolo, mármore e gesso, muito pisados, muito homogênea (*caementicia structura*<sup>1</sup>). Dava-se com as paredes mais cuidadas, que se destinavam a decoração.

Outras paredes construíam-nas de pedras irregulares, calhaus, bocados de mármore e alvenaria, tejos quebrados, restos de telha, em camadas compactas, alternadas com camadas de cal. Revestiam-se de *albarium opus*, aspecto e consistência do *opus signinum*. Era empregado este processo de construção nas salas do *hypocaustum*.

As paredes mais espessas, em volta de 1 metro, tinham outro aparelhamento: pedras assentes dum lado e outro, a formarem as superfícies murais, e o intervalo recheado de tejolo e pedra britada.

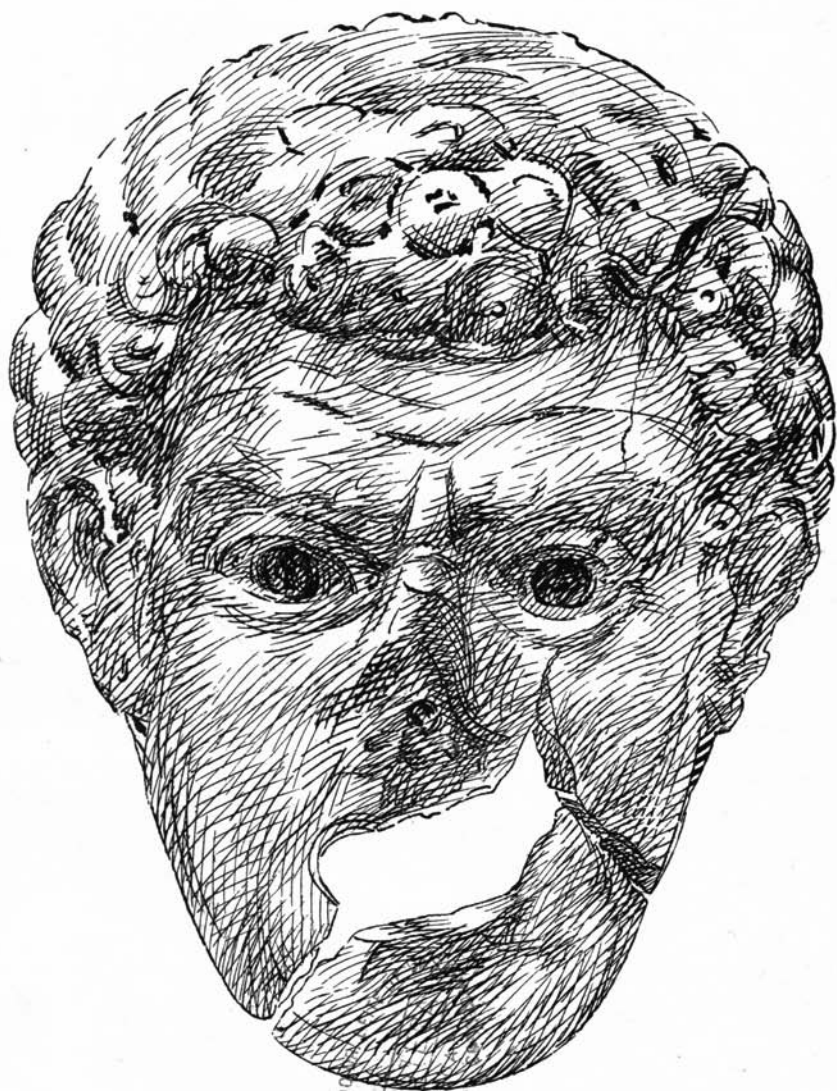
*Paries latericius*, de tejolo rectangular 0<sup>m</sup>,30 × 0<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,05, argamassado em fiadas, só o havia na construção da *suspensura* no *hypocaustum* das quatro salas G, I, J, L do *Balnearium* (Planta n.º 1).

Por cima do induto parietal dava-se a caladura. A cal (*opus albarium*) corria sobre um rebôco suficiente para regularizar a superfície da parede. Sobre a cal assentavam-se os revestimentos de mármore (*opus sectile*), ou applicavam-se pinturas ornamentais.

Os *lapidarii* ou *quadratarii* talhavam a pedra; os *marmorarii* trabalhavam o mármore, que os *sectores serrarii* lhes mandavam, depois de o serrar<sup>2</sup>, e colocavam-no nas paredes, segurando as placas com fortes grampos de ferro (*ansae ferreae*) chumbados na parede.

<sup>1</sup> Vitruvius, II, 4 e 8.

<sup>2</sup> Das pedreiras (*metalla*) vinham os grandes maciços de mármore. O *marmorarius* cortava a pedra, pulia-a, ajustava-a em placas aos muros. Para arrancar o mármore, descobriam-no, procuravam-lhe os planos de fractura, e isolavam a rocha por três entalhes: um paralelo à face anterior do banco de mármore, os outros aos lados. Abriam a picão e cinzel os sulcos, onde metiam cunhas depois; a operação executava-se dos três lados simultaneamente; era o *método de traço*. Depois foi usada a serra para cortar a pedra pelo tamanho desejado, e empregava-se para talhar as tabelas de mármore, que se applicavam nas paredes. Esta serra não tinha dentes, para as pedras moles. Para as duras, como o mármore e o granito, usavam uma lâmina longa e fina, que não cortava mas desgastava por atrito a rocha; na ranhura aberta introduziam-se grãos de areia para o atrito ser forte; a areia procurada para este efeito vinha



*Carranca fontanaria do tanque da Sala C do Balnearium*



*Sectores, albarii, albi* e *dealbatores, gypsarii, pictores parietarii, coloratores*, sucediam-se no trabalho da parede e sua decoração.

Na cal das paredes distinguia-se o assento da *truella*, colher triangular de caiador; sente-se o trabalho cansado do operário, que assentou a *truella* na massa fresca, e não a correu, e ali a moveu preguiçosamente ao longo dos rastos paralelos que sulcou. Havia a *trua*, colher grande, e *truella* a menor, ambas triangulares.

A decoração mural fazia-se habitualmente por três processos, aqui representados nesta *villa*:—simples induto; fôrro de mármore; cobertura de frescos. O induto aparecia em todas as paredes, umas é que se guarneciam ou não de mármore sôbre esse induto, outras decoravam-se com pinturas na camada de cal que cobria o induto. A espessura d'este induto variava de 0<sup>m</sup>,01 a 0<sup>m</sup>,03 e mesmo às vezes 0<sup>m</sup>,04, de côr de barro cozido, mais grosseiro quando se destinava a paredes a cobrir de guarnição. Os muros interiores tinham um induto menos espesso e de melhor cal; era mais grosseiro nos de fora. Nestes consistia num rebôco rude para atenuar as irregularidades do aparelho, e por cima d'este uma camada superficial de cal.

A pintura aplicada directamente sôbre o muro era preferida. Aqui, em Santa-Vitória, foi no *Balnearium* que apareceram vestígios de pintura parietal. Na parede da sala *E* ainda o fresco estava no seu lugar, nas outras salas do *hypocaustum* havia destroços, mas não talvez em quantidade que fizesse notar ser esta a decoração delas. Os que se viam, eram do gôsto do fresco que estava na parede da sala mencionada: dividido em caixilhos quadrados lisos, ornados de florões e separados por largas faixas, ao gôsto do época dos

da Etiópia (*arena aethiopica*). Plínio, *Nat. Historia*, xxxvi, 51 sgs.; Vitrúvio, *De Architect.*, II, 7, 1. As serras atingiam 4<sup>m</sup>,50 de comprimento e 0<sup>m</sup>,004 de espessura: Forrer, *Anthropologie* 1899, p. 339, (serra encontrada nas pedreiras de *Felsberg*); Cohausen e Wörner, *Römische Steinbrücke auf dem Felsberg*, p. 31; em 1845, nas pedreiras de Garde, junto de Bône (Argélia), os vestígios da serra eram evidentes: Fournel, *Richesse minérale de l'Algérie*, I, 34; Tissot, *Géographie de la province romaine d'Afrique*, p. 261; Estampa XLIII em Dubois, *Étude sur l'administration et exploitations des carrières dans le monde romain*. *Sectores serrarii* eram os serradores de pedra.

A princípio as *crustae marmorum*, guarnições murais de mármore, vinham do Oriente, já preparadas; o aparelhamento desenvolveu-se em Roma no Império. Vitrúvio, II, 7, 1; Marquardt, *La vie privée des Romains*, I, 272.

Severos, com as cores branca, vermelha, castanha e azul. As paredes eram guarnecidas de molduras de óvulos de estuque em relevo.

As salas dos banhos, o *Balnearium*, estão bem marcadas, logo de início da exploração de 1915.

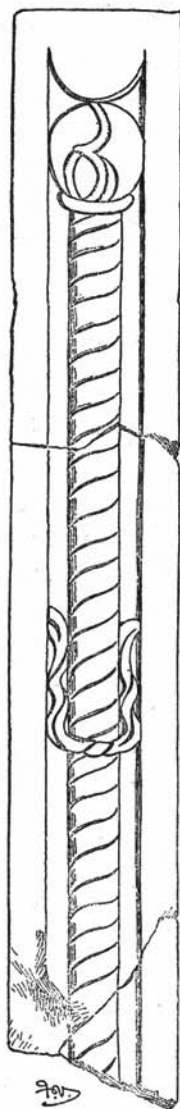
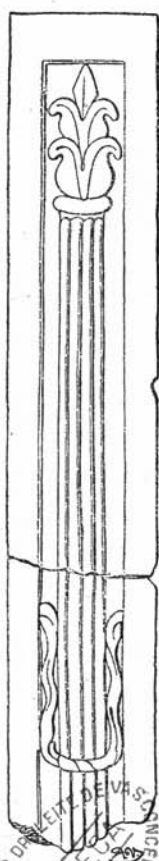
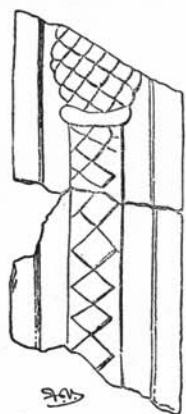
As galerias ligavam as três partes essenciais da *villa*, *M* e *N* ao *Balnearium*, *Planta* n.º 1, *B* e *M*, talvez *M'* (?) também na *Planta* n.º 5.

\*

Para SE. do *Balnearium* ficavam as edificações esboçadas no capítulo v. Entre o *Balnearium* e ela poderia ter havido um intervalo, e é de admitir que assim fôsse; será prova a falta de paredes nesse terreno, desde as salas *P* e *C* do *Balnearium* até as ruínas que o capítulo v descreveu. Como então se disse, é lícito por análise das ruínas e destroços, por necessidade e por exclusão, admitir que tivesse aí sido a *villa* ou *pars fructuaria* e a *villa* ou *pars rustica*. Granjas, celeiros, granéis, na primeira; quartel dos escravos, estábulos, arrecadação das alfaías e instrumentos agrícolas, na outra. Costumavam ficar em volta dum pátio (*cohors*), mas, se era essa a regra, a necessidade ou a fantasia do architecto e vontade do proprietário é que marcavam.

A piscina *D* do *Balnearium* tinha um fôrro completo de grandes chapas de mármore, onde se notava o desgaste da serra a tóda a largura; no *alveus* da piscina tódas as três paredes estavam cobertas dessas chapas de mármore até o rebôrdão não guarnecido, presas ao rebôco da parede por grampos de ferro, que se cravaram fundo na espessura do muro e foram soldadas com chumbo. As chapas adaptadas ao fundo e aos degraus fixaram-se da mesma maneira. A espessura média era de 0<sup>m</sup>,05.

Nas paredes da sala *C*, do mosaico, havia guarnições de mármore, de *opus sectile*, que formavam placas rectangulares, de molduras lisas salientes, e ao centro em relevo festões, feixes, um *thyrsos* báquico, policrómicos, onde se distinguíam o verde e cobertura dourada. Os intervalos deixados pelas *tabellae* parietais, — algumas das quais, talvez daqui, apareciam em fragmentos pela aldeia, em paredes, pavimentos, lareiras, com folhagens, animais —, parece terem sido cobertos de mosaico. Na escavação desta sala encontraram-se: muitas *tessellae* de esmalte vítreo, menores que as empregadas no pavimento; um fragmento de argamassa com estas *tessellae*, sem que o desenho se pudesse observar, mas variadas; outros pedaços menores, com *tessellae* muito separadas, a desagregarem-se; entre estes



Guarnições decorativas, de mármore, da Sala C do *Balnearium*

fragmentos do mosaico parietal, veio à mão um pedaço de argamassa, em que tinham sido incrustadas, em vez de *tessellae* de mármore ou de massa vítrea, quadrados de pasta de louça fina (*arretina, saguntina* ou *samia*).

\*

Os *pavimentarii* preparavam o pavimento. A terra era batida, endurecida a mão; sobre ela lançavam uma camada de argila, areia, cascalho e calhaus. A seguir havia nova camada de calhaus e teijolo partido, misturados com cal; podia sobrepor-se outra de calhaus menores; e por cima de tudo estendia-se o *opus signinum*, aperfeiçoamento italiano, que era um formigão formado de teijolo ou cerâmica pisada com cal, a que se juntava areia grossa ou calhau miúdo, bem batida a massa e embebida de bôrra de azeite. O mais espesso pavimento era o da sala *C*, onde assentava o mosaico, *opus musivum*, já descrito. A sala *A* tinha pavimento de mármore, em placas de tamanho irregular; a sala *B* differia em ter lajes de xisto em vez de mármore. Na sala *E* não se cobriu o *opus signinum*, e parece ter sido esse exclusivamente o pavimento das salas do *hypocaustum*. Era o mesmo massame que formava o pavimento e o embôço das paredes, em todo o resto das construções da *villa*. É provável que nas paredes mais sumptuosas, das salas e corredores de mosaico (*v. gr.*, na sala do mosaico báquico, no *impluvium* e seu corredor, da parte alta da *villa*, acaso Veraneira), houvesse pinturas e guarnições de mármore; as escavações porém não encontraram vestígios. Guarnições de mármore, incontestavelmente, só na sala do mosaico (*C*) do *Balnearium*; fôrro completo de mármore, liso, só na piscina *D*; e frescos, ainda na parede, só na sala *E*, sempre do *Balnearium*.

Sem poder verificar o pavimento, existiu também no *Balnearium*, e talvez na sala *J*, um chão de teijolo imbricado, de forma rectangular, com um entalhe de cada lado em que se encaixam mutuamente os ladrilhos<sup>1</sup>. Os intervalos que ficam entre os teijolos travados são occupados por teijolo curto,  $0^m,15 \times 0^m,05 \times 0^m,05$ . O recorte dos entalhes do teijolo figura-o terminado em T; e é pelos braços do T que cada teijolo encaixa nos entalhes, em fiadas invertidas. Apareceram exemplares destes *lateres cocti* no *hypocaustum* da sala *J*, o que faz supor e é crível que o chão total ou parcialmente fôsse assim pavimentado nesta sala.

<sup>1</sup> São conhecidos os teijolos emeritenses d'este tipo; Barrantes, *Museo español de antigüedades*, T. 7.



Do chão do *hypocaustum* já em seu lugar se falou, dizendo-se estar construído de grandes teijolões, sobre que assentava a *suspensura*.

Além destes teijolões, dos teijolos rectangulares do muro, dos teijolos quadrados dos pilões da *suspensura*, dos teijolos que fechavam os intervalos do teijolo travado em T, apareciam outros teijolos triangulares para formar colunas de fuste cilíndrico. Ou eram rectângulos, e a hipotenusa em arco de círculo, de forma que, um grupo de quatro fechava disco; ou eram isósceles e o lado menor arqueado, de forma que, juntando-se em assentada de cinco, bordo arqueado para fora, fechavam igualmente disco; sobrepostos os discos de 0<sup>m</sup>,05 de espessura, ficava o fuste à altura desejada<sup>1</sup>.

Da architectura de madeira, *trabs*, nada mais podia restar que os pregos (*clavi*) com que os carpinteiros (*fabri lignarii* ou *lignuarii*) seguravam tóda a construção interior (*opus intestinum*). Uns cravavam-se nas traves e vigas, os *clavi trabales* ou *tabulares*; outros ficavam com a cabeça de fora, os *clavi capitati*, cabeça que era ponteguda ou globulosa. Como *ansa ostii*, punho de porta, appareceu ali uma argola de bronze<sup>2</sup>. As telhas rectangulares, lisas de rebôrd, *tegulae*, e as telhas curvas, *imbrices*, eram as vulgares, enormes e pesadas; inteiras ou quebradas em fragmentos maiores ou menores, juncavam o terreno, e acumulavam-se nos entulhos. Ligadas as *tegulae* pelos bordos, cobertos estes pelos *imbrices*, formavam o *tmbri-catus*; este telhado assim constituído cobria o edificio; as filas de *imbrices* eram travadas por antefixas (*antefixae* ou *imbrices extremi e frontales*) de argila, modeladas em forma de palmetas.

Da sala A para a sala C do *Balnearium* havia o vão duma porta (*janua*), entre dois montantes de granito de que restavam as duas cantarias basilares das ombreiras (*postes*) dum lado e outro (*antae* ou *pedes*); na soleira ou limiar (*limen*) via-se claramente o encaixe do gonzo (*axis*) em tórno do qual girava a porta de coucinho, com um batente só (*valva*)<sup>3</sup>. Nos entulhos appareceu uma chave *laconica* de ferro (*sera*) curvada em L, com três dentes no ramo transversal<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> De cinco: vid. Museu de Beja, *O Arch. Port.*, I, 315. Havia frequentemente secções de coluna, de seis teijolos.

<sup>2</sup> Varrão, *de Re Rustica*, II, 9, 15. Grivaud de la Vincelle, *Arts et matériaux des anciens*, p. LX.

<sup>3</sup> Batia-se à porta com uma empunhadura de metal (*ansa*) suspensa de máscara, leões, etc. Babelon, *Le cabinet des antiques*, Est. XXXII.

<sup>4</sup> A fechadura era uma cavilha de madeira, depois de metal, de forma variável, dentro duma caixa fixada na porta por cima do

Encontrava-se abundância de fragmentos chatos de vidros de vidraça. *Specularia* chamavam duma forma geral a todas as matérias translúcidas, e especialmente às que eram dispostas em chapas unidas e de pouca espessura. O vidro encontrado era formado de diversas lâminas especulares; tinha côr azulada ou esbranquiçada, baça, às vezes rosada com irisações metálicas<sup>1</sup>. A espessura média andava por 0<sup>m</sup>,05, como em Pompeios (Museus de Pompeios e de Nápoles)<sup>2</sup>. O emprêgo do vidro nas janelas foi tardio: na época do Império é que começou, e foi sempre objecto de luxo.

As águas corriam em caleiros de formigão como em *H* do *Balnearium* (*Planta* n.º 1), ou de tejo como em *B*, *J*, *M*, da *villa* de Verão (*Planta* n.º 5); em tubos de chumbo (*fistulae plumbeae*), em *J* do *Balnearium* e em *B* da *villa* de Verão, manilhas de barro (*tubuli fictiles*), ora cilíndricas, ora troncocónicas, embutidas umas nas outras (dispersas pela *villa* em *B* da *Planta* n.º 5, por exemplo); em canos de aqueduto de pedra dentro das paredes (em *M*, *N*, *G*, da *Planta* n.º 5); em regos formados de *imbrices* em série, ajustados pelo dorso<sup>3</sup>, entrando uns nos outros, e cobertos por outra série de *imbrices* emborcados sobre os primeiros (*imbrices supini*). As águas expelidas com os detritos e dejectos da *villa* canalizavam-se pelas *cloacas*, que no *Balnearium* vinham por *b* e por *c* e na *villa urbana* concorriam a *J* e passavam em *u*.

\*

XIII — INSTRUMENTAL AGRÍCOLA. — Quási todos os instrumentos agrícolas, os utensílios domésticos, cerâmica, foram encontrados no *Balnearium* do lado do *hypocaustum*, talvez por ser a construção mais funda, e para aí descerem todos êsses destroços, talvez porque tivesse sido a última parte habitada. Alguns foram os instrumentos agrícolas aí aparecidos, e não era evidentemente aquele o lugar próprio para êles.

ferrólho; a cavilha descia por seu pêso sobre o ferrólho, engrenando no entalhe dêle, que ficava imóvel; a cavilha tinha vários buracos alinhados, onde se ajustavam os dentes da chave.

<sup>1</sup> As pedras especulares da Hispania eram preferidas pelos Romanos; algumas, encontradas em Roma, tinham a transparência dos melhores cristais. Colocavam-se os vidros em caixilhos como em Pompeios e Herculanium, e eram retidos por botões que os fixavam nas ranhuras. Mazois, *Ruines de Pompéi*, II, 3.<sup>a</sup> parte, p. 77, Est. I.

<sup>2</sup> Mazois, *Bulletino archeologico di Roma*, 1884, p. 159.

<sup>3</sup> Columella, IX, 13, 6.



Enxada:

*pala* — para remexer a terra.

Sachos:

*sarculum* — encabado em ângulo recto, de ferro quadrado (gume recto ou curvo) ou triangular;

*rastrum* e *raster* — sacho com dois dentes ou pontas<sup>1</sup> (*bidens*);

*malleus* — martelo dum lado, sacho do outro, o *alveus* ao meio<sup>2</sup>.

Machados:

*dolabra* — machado dum lado e martelo do outro;

*securis* — machado pequeno, de gume em arco;

*securis* — machado pequeno, de gume recto.

Estes instrumentos, todos de ferro, munidos de cabo (*capulum*), tinham utilização diferente: o *sarculum* para cavar, o *rastrum* para quebrar os torrões depois da arada, o *malleus* para desterroar, a *dolabra* para cortar madeira, talhar e mondar as árvores, cavar (*fossore*), *dolabra fossoria*<sup>3</sup>, e seu diminutivo: *dolabella*.

A *falx* e *falcula*, foice e foicinha, estavam representadas por alguns exemplares da *falx messoria* do ceifeiro, *falcarius*<sup>4</sup>, correspondentes à «seitoira» e «roçadoira»; a *falcula selvatica* ou *arborea*, para limpar e podar árvores, vides, etc.

Do *pecten*, pente de ferro para os ceifeiros separarem a espiga do caule, houve um exemplar.

Restos de pascigo de gado corpulento (bovino ou cavalgar) dava-os um grande chocalho (*tintinabulum*) de bronze, inteiro, e os fragmentos de outro; um terceiro menor para gado miúdo (caprino ou ovino). Os chocalhos eram cilíndricos e de bronze, o badalo de ferro; os chocalhos maiores eram de forma cilíndrica achatada; havia-os em uso, mas não aqui nesta *villa*, de forma quadrangular, também de bronze<sup>5</sup>. É verdade que o chocalho servia de amuleto de carácter

<sup>1</sup> Cagnat, et G. Goyau, *Lexique des antiquités romaines* (Paris 1896), s. v. «*bidens*» e «*rastrum*»; Daremberg et Saglio, *Diction. des antiquités grecques et romaines* (Paris, desde 1877), figs. 854 e 855.

<sup>2</sup> Exemplares no Museu de Nápoles: Ceci, *Piccoli bronzi del Museo di Napoli*, Est. x, 21.

<sup>3</sup> Columella, II, 24, x, 2; Daremberg et Saglio, *Diction.*, s. v. «*dolabra*», com figura.

<sup>4</sup> Adolfo Coelho, *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Porto 1902 (Separata da *Portugalia*, I, fascs. 2 e 3), p. 23 sgs.

<sup>5</sup> Babelon et Blanchet, *Catalogue des bronzes du Cabinet des Médailles*, p. 683, n.ºs 1865 e 1866, 1867 a 1881.

profilático, em uso para conjurar a má sorte, e apartar os malefícios, contra o mau olhar nos animais domésticos, usando os cavalos *tintinabula* nos arreios. Era talismã protector das colheitas, e nas mãos de Priapo favorecia os pomares<sup>1</sup>. Uma ou outra cousa tinha origem, destino e significado rurais.

Outros instrumentos: *radula*, peça de ferro, curvada na extremidade, para remover o combustível nos fornos e tirar as cinzas e carvões do fogão; pedaço de crivo de bronze (*cribum*), de orifícios circulares, dispostos irregularmente<sup>2</sup>; *scalper* ou *scalprum*, cinzel de ferro de gume curvo; de tenaz, martelo, sacho, houve informação de seu aparecimento no cemitério dos *fabri* e *servi* da *villa*.

Para defesa, usada talvez pelos guardas do gado, ou mesmo pelos guardas do senhor da *villa*, encontraram-se peças de apetrechamento militar, no mesmo local: ponta de lança (*cuspis*), de nervura média; ponta de dardo, do mesmo tipo; ponta de dardo rebarbada (*spiculum*); conto de lança. Segundo Tácito a *hasta*, nome geral genérico de qualquer lança, era arma dos auxiliares; o dardo, *pilum*, usavam-no os legionários<sup>3</sup>.

Das mós de granito fino, vários exemplares da *mola manualis* ou *manuaria*, *trusatilis*, *versatilis*, falámos quando se descreveu a *villa fructuaria*.

Quer como utensílio doméstico, quer como vasilha empregada nos trabalhos de cultura dos lagares e dos granéis, ou ainda para uso da hygiene pecuária, podemos incluir as caldeiras de bronze (*situlae*), de que se encontraram dois exemplares, um muito danificado, o outro inteiro mas bastante amolgado. *Ansa* de *situla* também apareceram. O tipo das caretas das asas é o vulgar; Déchelette não o considera anterior à época imperial<sup>4</sup>, consoante o supunha P. Paris; o protótipo é o dos selos de bronze itálicos, estudados por Villers na *Revue Archéologique*<sup>5</sup>.

Algumas das vasilhas de grande porte (*dolia*) tinham a parede interna untada, a que estava aderente uma camada de terra esbranquiçada. Era grande a variedade dos destroços, em fragmentos maiores ou menores, de *amphorae*; os bordos, uns delgados e lisos,

<sup>1</sup> *Bronzi di Ercolano*, II, Est. xcvi, texto a p. 387, n. 8.

<sup>2</sup> Crivo, *ignis Vertae*, em *Festus*, apud. Paul. Diac. Viv. *Acti dei Linnei*, I, pp. 316-327, fig. 117.

<sup>3</sup> Tácito, *Annales*, XII, 25.

<sup>4</sup> J. Déchelette, em *L'Anthropologie*, XVI, pp. 38-39, figs. 5-6.

<sup>5</sup> 1902, II, 280-282.



outros dobrados, outros enrolados em grosso toro de bocal, mostram, na série recolhida, as dimensões e a robustez das *amphorae*, e o mesmo se dá na série dos fundos em *rostrum*, para fincar no chão, e das asas. Uma vasilha curta conservava em aderência nas paredes e no fundo grãos de trigo, aglutinados. Estas vasilhas apareciam no terreno da *villa fructuaria* e, como se disse já, nos subterrâneos do *hypocaustum* do *Balnearium*.

XIV. — DA VIDA DOMÉSTICA. — Estes indícios da vida doméstica na *villa* de Santa-Vitória, quevão enumerar-se, procedem das salas *B, C, E, G, I, J, L*, do *Balnearium*, espalhados por elas sem predomínio algum. A *bullæ* tinha um emprêgo duplo, jóia e amuleto. É na origem uma jóia etrusca, adoptada pelos Romanos. Formavam-na duas placas côncavas sobrepostas, a formarem cápsula, redondas ou lenticulares, cordiformes, com uma argola de suspensão. Servia de amuleto pela virtude da sua matéria prima<sup>1</sup>, das figuras cinzeladas nas placas, ou das substâncias nela encerradas (*prævia remedia*). Usavam-na os jovens até atingirem a idade viril; então depunham, e ofereciam-nas aos Lares ou a Hércules, a *toga prætexta* de bandas de púrpura e a *bullæ*. As raparigas também usavam a *bullæ*, não se sabe até que idade, e, ao tirá-la, ofereciam-na a Juno.

Nesta *villa* encontrei uma *bullæ* de ouro, de dimensões reduzidas; a cápsula é formada de lâmina fina de ouro, liso, sem qualquer relevo (*aurum purum* ou *leve*<sup>2</sup>). O ouro tinha entre os metais, próprios para amuleto, uma virtude filactérica especial<sup>3</sup>.

Quem usava *bullas* de ouro (*bullæ aureæ*)<sup>4</sup>, eram os filhos dos senadores e dos cavaleiros; depois das Guerras Púnicas usavam-nas os filhos de famílias nobres e ricas; os que o não eram, tinham *bullas* de coiro (*bullæ scortææ*); os pobres usavam um nó, também de valor contra os malefícios<sup>5</sup>. Traziam-se suspensas ao pescoço, nos braços ou no peito, presas dum colar ou dum bracelete. Usavam-nas as crianças nos *crepundia* (reliquias) contra o quebranto<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Plínio, *Nat. Hist.*, xxxiii, 4, 25.

<sup>2</sup> *Argentum* e *aurum purum* ou *leve*, em opposição ao metal cinzelado em relevos, *caelatum* ou *asperum*.

<sup>3</sup> Plínio, *Nat. Hist.*, xxxiii, 4, 25.

<sup>4</sup> Marquardt, *La Vie privée des Romains*, I, 102.

<sup>5</sup> Marquardt, *id.*, II, 362.

<sup>6</sup> Em *La Tentation de Saint-Antoine*, de Flaubert, ed. p. 181, dizem os Lares domésticos (parlent les Lares domestiques): «Puis, devenus grands, ils suspendaient à notre poitrine leur bulle d'or ou de cuir».

Mais uma prova talvez da alta categoria do senhor da *villa*, acaso, mais convencido estou, o *Bono Rei Publicae Natus*.

*Contas* de esmalte, achatadas ou roliças, para colares, apareciam dispersas, da forma das que os Etruscos enfiavam no arco das fíbulas<sup>1</sup>.

Uma *armilla* de bronze, lisa, roliça, inteira; outra, laminar, de bronze também, quebrada e incompleta, ornada de traços paralelos longitudinais: foram os únicos exemplares dêste adorno feminino. Todos os materiais serviam para estes braceletes: o ouro, prata, ferro, bronze, âmbar, coral, vidro. As *armillas* de vidro eram muitas vezes enfiadas de pérolas ou cilindros.

As *fibellas* empregavam-se nos trajes civis e militares; nas mulheres para reter as tranças dos cabelos; no arreio dos cavalos. Apareceu uma, circular, completa, de ferro, 0<sup>m</sup>,05 de diâmetro, com o seu travesão e alfinete. Deve ter pertencido a qualquer cinturão ou arreio.

Mas dêste utensílio de utilidade e adorno, o mais notável é a *fibula*. Algumas apareceram. Uma em forma anelóide de arco interrompido, fusilhão direito, é do tipo dos bronzes ibéricos a que P. Paris chama «fibula portuguesa»<sup>2</sup>. Outras, inteiras ou quebradas e incompletas, são do tipo derivado de *La Tène III*, o arco perfeito, cabeça torcida em mola, fusilhão recto a apoiar no descanso do pé desenvolvido em cauda<sup>3</sup>. São tôdas de ferro. A *fibula* era considerada jóia, e por isso usava-se bem decorada. Estas são estriadas, menos a circular que é lisa. Aos vestidos que usavam *fibula*, chamavam *fibulati*. Entre os Romanos prendia os vestidos exteriores (*chlæna*, *chlamys*, *lacerna*, *palla*, *sagum*), e não a *toga*. O *pallium* porém era um *amictus* lançado sobre as espáduas como um chaile, ou usado por homens e mulheres com a *toga*, e seguro por uma fibula. A *stola* era uma véstia feminina, ampla, cingida, que se usava sobre a túnica, aberta dos dois lados, segura nos ombros por fivelas e talvez fíbulas.

*Anéis* (*anuli* e *annuli*): um de ferro, outro de bronze, sem marca (*signum*). O anel de ferro era de uso comum. Havia-os de ferro, bronze, chumbo, prata e ouro. O de Santa-Vitória, de ferro, é do tipo dos que le Comte George de Looz encontrou no túmulo de la Hexbaye<sup>4</sup>. Um último anel era de massa vítrea.

<sup>1</sup> Jules Martha, *L'Art Étrusque*, Paris 1889, p. 83, fig. 73.

<sup>2</sup> *L'Anthropologie*, 1905, xvi, 38; J. Déchelette, *Les petits bronzes ibériques*.

<sup>3</sup> J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, III, p. 1246.

<sup>4</sup> Le Comte Georges de Looz, *Explorations de quelques villas Romaines et tumulus de la Hexbaye*, Bruxelles 1889, p. 30, Est. IV, fig. 28.

*Alfinetes.* Para segurar os laços e fitas das cabeleiras, e outros enfeites, ou simplesmente para segurança de cabelo e peça de vestimenta, usavam os alfinetes: *aci crinales*, ou *comatoriae*, se serviam para ajustar o cabelo; *aci discriminale*, ou *discernicula*, se eram grandes, para pentear<sup>1</sup>. *Acuarius* ou *acutarius* era o fabricante.

Uns de osso, marfim, madeira dura; outros de bronze, ferro, ou metais preciosos; os de osso e madeira eram roliços, ponteados, de cabeça esférica, cilíndrica, piramidal, prismática, ora cuidados, ora irregulares. Os de Santa-Vitória formam série com a cabeça das diferentes formas, e um sem cabeça nem indício: são de osso. Veio também um de bronze e outro de ferro, lisos.

Com os alfinetes apareceram agulhas, do mesmo tipo daqueles, mas sem cabeça e com o orifício rectangular, na parte mais grossa, achatada para facilidade de fazer o orifício e de correr com a linha ou cordão na costura.

*Vidros.* A indústria vidreira fabricava vidraças, baixelas, garrafas, ânforas, caixas de medicamentos, frascos de perfumes, lâmpadas, figurinhas de deuses, homens e animais, urnas funerárias, dados de jogo, jóias, entre elas pérolas de vidro. Eram célebres os vidros de Alexandria. Aurélio recebia em vidros os tributos do Egipto.

Dos fragmentos de chapas de vidro das vidraças do *Balnearium* já atrás se falou. Maiores ou menores, eram chapas grossas de vidro muito opaco, ora azul, ora esverdeado. De baixela ou toucador feminino, mais caracterizados, houve alguns bons fragmentos de *patera*, lisa, de rebordo bem dobrado, entre eles um pedaço que pode reconstituir a peça a que pertenceu; são de pasta irisada. Muitos dos bocados informes, uns extremamente delgados, outros grossos, de pasta homogénea, teriam pertencido a vasos de toucador: *malluvium*, *polubrum*, *trulleum*, *lebes*, etc. A irisação metálica dos vidros era por vezes belíssima, e calcule-se pelos efeitos artísticos da vidraria artística de hoje o efeito dessas peças de vidro, irisadas de reflexos variados.

Talvez galba dum *unguentarium*, desenterrou-se um lindo pedaço de vidro azul<sup>2</sup>, que na parte mais boleada é guarnecido de elipses

<sup>1</sup> Varrão, *Lingua Latina*, v, 29, 129.

<sup>2</sup> Frascos de vidro azul: um de Ravena, em fig. 13, dos *Atti della Accademia dei Lincei*, 5.<sup>a</sup> série, I, p. 187; uma garrafa azul, estriada, fig. 14, *id.*, *id.*; de vidro verde, *id.*, fig. 17, p. 189; verde amarelado, *id.*, fig. 16, p. 188, e fig. 19, p. 190; branco esverdeado, fig. 18, p. 189; um *alabastrum* de vidro, azul e branco, do Civitello S. Paolo, *Atti*, II, 305.

esguias, sucessivas, cavadas paralelamente umas às outras, como caneluras; a concavidade de cada elipse estava cheia de massa vítrea branca, até a superfície esférica da galba do *unguentarium*. Devia de ter sido uma peça de bom efeito,

**Lucernas.** As *lucernae* encontradas eram de prensão: algumas de barro, três de ferro.

Uma das lucernas, de argila cinzenta fina, tinha decoração florícola na *margo* à volta do *discus*; estava reduzida à metade traseira, com a *ansa*, *manubrium*. Outra, de barro vermelho, era lisa. Uma terceira, do mesmo barro, irregular, grosseira, não teria tido uso em mãos patricias. Estas lucernas ofereciam à luz um só *rostrum*, *nasus* ou *myxus*. Outra lucerna de barro cinzento-pardo, muito grosseira, com indícios de fogo, era *bimixe*, ou seja com dois bicos (*rostra*), divergentes do depósito (*infundibulum*). Todas com uma asa só, e com base.

As três lucernas de ferro pertenciam ao tipo comum, fechadas, uma completa, as outras a desfazerem-se em ferrugem.

**Fiação.** A fiação era a ocupação principal das mulheres em família; o zelo que punham neste trabalho dava a medida das suas virtudes domésticas. Fiavam lã, linho e sêda. A fiandeira (*quasilaria*)<sup>1</sup> tinha a seu lado o cesto da rama e das maçarocas do fiado (*quasillus* ou *calathus*). A roca (*colus*) de cana, de marfim e até de ouro ou guarneçada dêste metal, fiava a rama colocada na gaiola aberta na cana, fendida no marfim, ou formada com ramos de metal; o fuso (*fusus*) era de açafrão, de osso, ou de madeira. O fuso compunha-se de haste, com um gancho que girava na mão, e dum pêso na extremidade para facilitar o movimento de rotação (*verticillus* ou *turbo*).

Resto desta ocupação caseira estava em alguns pesos de fuso e eram de barro vermelho cozido, em forma de tronco de cone ou de toro.

**Jogos.** *Alea* chamavam os Romanos aos jogos de dados, e, em geral, a qualquer jogo de azar. Pois também estes cidadãos de Roma, nesta *villa* tam para os extremos ocidentais do Império, passavam a jogar os ócios da sua vida campestre, nos intervalos das palestras, dos banhos, das refeições, e dos passeios de liteira ou de carroça por essas terras fora.

Havia um jogo semelhante ao actual «jogo das damas»; as pedras moviam-se numa tábua ou mesa quadriculada — a *mandra* ou *tabula*

<sup>1</sup> *Corpus Inscr. Lat.*, VI, 9495, 9849.



*latruncularia*, de *latrunculus* que era a joga, pedra ou marca do jogo. Estas marcas eram de madeira, metal ou marfim, umas brancas para um dos campos, as outras negras. Tinham forma de calote esférica, como se vê no achado de Fioselli em um túmulo romano de Cumas<sup>1</sup>, e como Déchelette as descreve nas sepulturas gaulesas cisalpinas<sup>2</sup>. Esta marca ou *jetton* de Cumas era de pedra.

A que encontrei em Santa-Vitória é de marfim. Pelo menos, pela forma, foi o único exemplar demonstrativo do *ludus latrunculorum*<sup>3</sup>.

Outras marcas de jogo, além desta, foram encontradas porém: um disco de pedra, *orbis*; uns calhauzinhos gastos por atrito, negros ou brancos, para contar, *calculi*; um disco de louça arretina, talvez servindo de *calculus*, talvez simples *tessera*, para contramarca; outro disco de barro grosseiro<sup>4</sup>, de 0<sup>m</sup>,035 de diâmetro.

Uma que outra esferazinha de barro serviria de *pila lusoria* no jogo da bola. A êste se refere Horácio no livro *De Arte Poetica*:

Indoctusque pilae discive trochive quiescit,  
Ne spissae risum tollunt impune coronae.

(Vers. 380-381).

Nos gymnásios havia o *sphaeristerium*, e junto das termas, ou mesmo dentro delas, uma sala fechada, onde os jogadores da *pila lusoria* se despiam e oleavam. Os percutores de pedra, esferoidais, que em tanta quantidade aparecem nos campos e especialmente nos arredores de Santa-Vitória, desenterravam-se em abundância; ¿ será de terem sido *pilae lusoriae* ou *ceraunia*? ou uma cousa e outra?

*Cerâmica.* Do vasilhame grosso de *opus doliare*, já por várias vezes tenho falado. Eram os receptáculos para provisões e conservação de vinhos, azeite e grão. Apareciam em fragmentos maiores ou menores no local do que parece ter sido a *villa fructuaria* e nesta parte do *hypocaustum* do Balneário. Tomei uma coleção demonstrativa de bordos, asas e fundos de ânfora, asas e bordos de vasos menores, fragmentos de galba de grandes vasilhas tulheiras.

*Dolia* enormes por lá havia, tam grossos são os seus restos, de massa espessa e homogênea. E, com os *dolia* grandes, as *seriae*,

<sup>1</sup> Fioselli, *Monument. Cumani*, tav. II, 5.

<sup>2</sup> Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, III, 1397, fig. 19; 1398, texto.

<sup>3</sup> Marquardt, *La vie privée des Romains*, II, 530-531 (jogos de tabuleiro).

<sup>4</sup> Já nos *Oppidos* de la Tène III, apareciam discos aparelhados de cacos de vasos, talvez para *jettons*. Déchelette, *id.*, III, 1398.

que eram vasilhas menores do tipo doliar. A *urna* de duas ou três asas, o *urceus* duma asa, davam participação nos destroços cerâmicos. Uma *seria* completa, de barro cinzento-escuro, dá o modelo perfeito destas peças de cozinha.

As *amphorae* tinham umas o fundo terminado em espigão para ferrar no solo para suporte (*incitega*), outras o fundo chato; asas menores, colos esguios, grossos, de bordo liso esbeigado, teriam pertencido a *cadi*, para onde se deitava o vinho da *amphora*, e a *ampullae potoriae* para qualquer bebida, ou mesmo *ampullae oleariae* para óleos usados no *Balnearium*. *Paterae*, de louça cinzento-claro, representavam-se em pedaços bem identificáveis. E com isto um tecto de panela, *operculum*. Esta cerâmica era em geral grosseira, como quasi toda a louça de uso fabricada pelos oleiros luso-romanos. Os fragmentos de *ampulla* eram os mais cuidados.

Foram muitos os fragmentos de *opus figlinum*, essa bela *argilla* ou *creta figulina*. Os restos de *vasa Arretina* estavam bem representados. Essa preciosa louça vermelho-coral esmaltada brilhava de rubro na terra negra, que as enxadas punham ao sol quente de Agosto e Setembro. Eram pedaços reconhecidos dum ou outro *discus*, fundo chato, bordos rectos ou recurvados de leve; de *scutella*, de secção naviforme, bordos prolongados, fundo côvo; e com elles a metade completa duma malgazinha elegante, fundos rasos com marcas lineares, galbas, bordos, simples lascas. Todos estes cacos de louça fina tinham superficie lisa.

Apenas um pedaço de qualquer vaso de galba fina estava decorado em relêvo. Psiche alada, com a túnica cingida ao corpo e apertada pelo cingulo, é abraçada por Eros-Cupido, nu, que parece beijá-la, segurando-lhe ela o antebraço. A figurinha de Psiche está quasi completa; apenas lhe faltam os pés; mede 0<sup>m</sup>,029 de altura. Cupido, esborcelada a galba, ficou reduzido ao tronco, do nombril acima, visível a face interna de parte da coxa esquerda.

Vestígios directos de comida estavam apenas no grão de trigo aglutinado em restos dum *dolium*, e na abundância de ossos miúdos e conchas de ostras. Os Romanos eram gulosos pela ostra—*palma mensarum divitum*, de Plínio (ix, 79),— *ostrea cruda* e *ostrea cocta*, das *Satyras* de Macróbio (iii, 13, 12).

Uma estátua. Nas escavações do que me pareceu ter sido a *villa* veraneira foi exumada uma estátua de mármore. Estava na sala por cima do *impluvium*, encostada à parede que a separa dêste. Representa uma mulher reclinada, com um pomo ou esfera na mão direita. Não é grande: 0<sup>m</sup>,60 × 0<sup>m</sup>,80.

Que representará esta mulher deitada, com amplas pregas da túnica a descerem-lhe pelo corpo? A cara foi-lhe cortada por qualquer sacholada nos trabalhos agrícolas do ferragial, que era este outeiro da villa.

Três divindades tiveram por atributo o pomo ou a esfera: Juno, Vénus, Urânia; símbolos tirados da lenda ou do culto em alguma das suas particularidades.

Juno era protectora da mulher em todas as idades e condições de existência. A Juno ou Hera Teleia davam como símbolo a romã, a maçã e o marmelo<sup>1</sup>.

Vénus-Afrodite era a deusa da beleza e do amor sensual. Procedente da Astarte fenícia, breve tomou três caracteres: a Afrodite Pandemo, protectora terrena dos amores vulgares; a Afrodite Urânia, deusa do amor celeste, distribuidora de bênçãos; a Afrodite Pontia, padroeira da navegação. Consagravam-lhe o pomo<sup>2</sup>.

Urânia era a Musa da astronomia; atributo seu foi uma esfera celeste e o *radius* ou compasso<sup>3</sup>. Na «apoteose de Homero», baixo-relevo de Archelaos de Priene, Urânia figura com a esfera, no grupo central<sup>4</sup>. Nas pinturas murais de Herculaneum, no Louvre, as outras oito Musas estão de pé, e Urânia vê-se sentada, com a esfera na mão esquerda. Na *Villa Hadriana* (Tibur), Urânia, sentada, olha o céu, e tem a esfera na mão esquerda<sup>5</sup>. Figura com a esfera em um relevo da frente de dois sarcófagos do Museu Britânico<sup>6</sup>. Salomon Reinach<sup>7</sup> menciona algumas estátuas de Urânia com o seu atributo esférico; ora de pé (905, p. 172, est. 339) no Louvre; com a bola na direita do Museu Borbónico, de Nápoles (1102 C, 498 D, 258); na «Colecção Visconti», no Museo Pio Clementi, no Museo Chiamonti, Villa Borghesi (Est. 530 sgs.), em Roma; ora sentada, com a esfera na mão esquerda e encostando-se à direita, a olhar o céu,

<sup>1</sup> Overbeck, *Griechische Kunstmythologie*, II, 34; Welcker, *Alte Denkmäler*, v, 395, n.º 49, 50.

<sup>2</sup> Felice Ramorino, *Mitologia Classica Illustrata*, 4.ª ed. dos Manuali Hoepli, Milano 1911, p. 76.

<sup>3</sup> Max Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce*, p. 188.

<sup>4</sup> Duruy, *Histoire des Grecs*, I, 445.

<sup>5</sup> Pierre Gusman, *La Ville impériale de Tibur...*, fig. 501, p. 288; fig. 510, p. 290.

<sup>6</sup> British Museum, *Later greek and graeco-roman reliefs*, London 1904, Parte VIII, n.º 2305, p. 316-317, n.º 2306, p. 317-118.

<sup>7</sup> *Répertoire de la Statuaire grecque et romaine*, I, 2.ª ed., Paris 1906.

da colecção de S. M. a Rainha Cristina, de Espanha (1100, 529, 276); na Pintura de Herculano no Museu de Nápoles; no Museu Pio Clementi, e na «Colecção Mattei» de Roma (Est. 529 e 533).

Que seja estátua de Venus deve excluir-se, pelo carácter artístico da própria figura, que nada tem de venusiano, em attitude ou roupagens. Restam Juno e Urânia. O mutilamento de cara não deixa ver se a mulher, que a estátua representa, olhava o céu, como a Urânia. Juno não deveria talvez estar ali no cimo, na parte mais alta da *villa*. É provável que fôsse Urânia. ¿A Venus-Urânia, protectora do amor celeste e distribuidora de bênçãos, ou a Urânia, Musa da astronomia, com poderes simbólicos na previsão e satisfação de oráculos e protecções astronómicas?

O senhor, proprietário da *villa*, lavrava em redor aquelas terras vastas, onde medra o pão, e nas encostas se enche de sol e côr a vinha, e nos outeiros sombreia o olival. O sol dava colorido de ouro às messes, amadurecia os frutos; as chuvas embebiam as terras, que a lavoura enriquecia; os astros bemfazejos vinham à invocação do agricultor; e os astros malévolos eram perseguidos com imprecações. A força soberana da alma pagã estava no mistério activo, aqui representado na energia fecundante, que provinha do sol. ¿A quem invocar nesta lotaria agrícola, que é a acção do tempo? Urânia, a Musa da astronomia. E, assim como apareceu na parte mais alta da *villa*, ela permaneceria sobranceira ao latifúndio seu protegido, como protectora vigilante, para a tudo acorrer. Não será descabido considerar a lavoura dêste senhor entregue à protecção de Urânia.

¿E não podia ser, muito diferente disso, a estátua duma pessoa de família que tivesse estado na Biblioteca da *villa*, junto do *impluvium*, alta e arejada? Salomon Reinach, no *Répertoire* citado, menciona três estátuas, que podemos comparar: imagem de Júlia Pia, de pé, representada de Urânia, na Colecção inglesa de Blundell (2482 A, 965, 593); a de Lucilia, sentada, a apoiar a mão esquerda numa bola (2464 E, 959, 590); a da Imperatriz Sabina, a fazer de Vénus (1289, 592, 317).

*Moedas.* Antes das explorações da *villa* foram encontradas várias moedas. Por ocasião duma trovoadá violenta, a enxurrada, que se precipitou do outeiro da *villa* sobre o leito da estrada, arrastou para esta um *aureo* de Nero (54-68), que me foi mostrado mas não ce-

---

<sup>1</sup> Marquardt, *La Vie privée de Romains*, I, 263.



dido. Bronzes apareceram alguns, e desde há muito tempo elles appareciam nos trabalhos agrícolas. Como era dinheiro, e corria na região que havia tesouros escondidos no outeiro, os trabalhadores consideravam essas moedas romanas como autênticos valores; ora elles chegaram a quasi dúzia e meia no trabalho de escavação, de pesquisa e remoção, e não era possível fiscalizar completamente para impedir que algumas dessas moedas fôsem desviadas.

Alguns bronzes estão ilegíveis, outros são de Constantino (306-337), Constâncio Flávio (323-361), Valentiniano (I, 364-375 e II, 375-392).

*Inscrições*:—1.<sup>a</sup> No Mosaico do *Balnearium* ficou mencionada a inscrição mágica;—2.<sup>a</sup> Também se mencionou a saudação báquica do mosaico da *villa* na sala *E* da *Planta* n.<sup>o</sup> 5;—3.<sup>a</sup> Em seu lugar se fez referência à inscrição honorária, com a invocatória, *Bono Rei Publicae Natus*;—4.<sup>a</sup> Em um tejo parietal do *Balnearium* o fabricante deixou o seu nome, gravado com o dedo ou com grossa ponta romba na pasta fresca: VIBVLVS.

O V inicial está esborcelado com o canto do ladrilho, mas é do mesmo tipo dos outros dois, e bem reconhecível nas duas hastas confluentes.

XV.—RELIGIÃO. (Superstição, amuletos, etc.).—*Divindades cultuadas*. Como boa casa de lavoura, prestava-se culto a *Baco*; elle aí está no mosaico báquico, da parte alta da *villa* ou *villa* veraneira. Se a estátua feminina representa efectivamente *Urânia*, bom lugar ella tinha como intermediária entre o céu, que representava, e a terra, que beneficiava.

1.—*Magia*: a) *fórmulas mágicas*: foi estudada a fórmula de *devotio* com figuração representativa, que estava à entrada da sala do mosaico (C) do *Balnearium*, e dirigida talvez a Prosérpina, divindade infernal; b) *amuletos*: uma *bull*a de ouro, de que se falou no cap. XIV; um *dente de javali*. Os Romanos tinham a crença de que um guerreiro acertava sempre com o dardo no alvo, se trouxesse no braço um dente de hiena<sup>1</sup>. Povos antigos e modernos têm prestado veneração especial aos dentes de homens e de animais, usando-os como amuletos<sup>2</sup>. Nas explorações romanas de Búdens, no Algarve, Santos Rocha encontrou um dente de javali, engastado em cobre ou bronze

<sup>1</sup> Daremberg & Saglio, *Diction. des antiq. grecques et romaines*, s. v. «*amuletum*».

<sup>2</sup> Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, 120.

com anel de suspensão<sup>1</sup>, que está no Museu Arqueológico da Figueira da Foz. É um amuleto romano do género dos que o D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos estudou nas *Religiões da Lusitania*<sup>2</sup>, a que andaria ligada qualquer superstição de força, agilidade, ferocidade, resistência à fadiga, em benefício do seu possuidor, ou simplesmente virtude favorável à dentição das crianças. Como se sabe, o dente de javali, entre outros, é um amuleto encontrado desde o período neolítico (v. gr., na gruta pirenaica de Malvézie<sup>3</sup>, e em Portugal na gruta da Casa-da-Moura, na Cesareda, na da Furninha, de Peniche, na anta da Capela, em Avis, etc.).

O dente da villa de Santa-Vitória não tem engaste, mas a base está esfacelada, o que pode ter acontecido por arrancamento do engaste, ou pelo esgarçamento do orifício de suspensão, que a atravessasse.

2.—*Machados neolíticos*. Algumas pedras tinham valor amulético. Encontravam-se como as *ceraunia*, procuradas pelos magos; segundo estes, apareciam nos sítios feridos pelos raios<sup>4</sup>. O amuleto provém da medicina como origem na superstição de atribuir os males a potências ocultas, males de causas desconhecidas<sup>5</sup>. Nesta superstição, «a connexão entre as pedras e o espirito mau não é clara, mas devemos ver aqui um echo inconsciente duma epocha em que, por qualquer circumstancia, essa connexão era effectivamente clara», diz o D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos<sup>6</sup>.

As *pedras de raio*, como lhes chama hoje o povo, eram: machados, pontas de flecha ou lança, e outros instrumentos de pedra talhada ou pulida. Eram tidas por maravilha. *Ceraunia* ou *lapides fulminis* lhes chamavam os Romanos. *Ceraunia* propriamente ditas eram as lâminas de faca, flechas e pontas de lança. *Betuli, similes securibus*,<sup>7</sup> eram os machados. As *Glossopetrae* não saíam do raio, caíam do céu em noites escuras: eram as pontas de flecha triangulares, de sílex, e os dentes fósseis de esqualo<sup>8</sup>. A origem celeste dava-lhes

<sup>1</sup> O Arch. Port., III, 78.

<sup>2</sup> I, 120 sgs.

<sup>3</sup> *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, VIII, 449.

<sup>4</sup> Plínio, *Nat. Hist.*, XXXVII, 9.

<sup>5</sup> Plínio, XXX, 1.

<sup>6</sup> *Religiões*, I, 114.

<sup>7</sup> Plínio, XXXVII, 9, 51.

<sup>8</sup> Michel de Rossi, *Annales de l'Inst. Archéolog.*, t. XXXIX, § 15. Lenormant, *Premières Civilisations*, I, 171.

virtudes extraordinárias: serviam de talismã contra os raios, livravam das trovoadas os nautas, davam sono bom e sonhos aprazíveis. Os *betuli* eram as *ceraunia* de maior poder: possuí-los assegurava indemnidade na terra e no mar<sup>1</sup>.

Apareceram em Santa-Vitória machados pequenos, no *Balnearium*. Do mesmo modo apareciam martelos-percutores neolíticos, e estes em número considerável. Podia ter acontecido que pela sua forma esférica os utilizassem, como na sua altura se disse, para *pilae lusoriae*, tam em voga nos banhos e termas. É possível e mais provável que, equiparados aos machados, tivessem virtudes de *ceraunia*. Apareceram em restos romanos dos Pardenheiros, no Cabo-Mondego<sup>2</sup>; seixos rolados, extraídos das ribeiras próximas, do Douro ou do Tâmega, e, talvez tomados por *pilae* ou *ceraunia*, encontrou-os José Fortes no *Balineum* luso-romano de S. Vicente-do-Pinheiro<sup>3</sup>.

«O amuleto é de ordinario um objecto (portatil) dotado de virtudes maravilhosas contra o mal. Ainda que ás vezes um amuleto possa não ser propriamente religioso, no emtanto suppõe de ordinario a crença, real ou extincta, em seres sobrehumanos, cujos effeitos destroe, ou por cuja influencia actua; em todo o caso está sempre tão ligado com os objectos rigorosamente religiosos, que, ainda quando a independencia d'elle seja como tal reconhecida, mal se poderá separar da religião». Assim disse o D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos<sup>4</sup>, e assim estas notas cabem no mesmo capítulo.

3. — *Figurinhas de osso*. Descreve-as assim Vieira Natividade, ao referir-se a uma que êle encontrou nas *Grutas de Alcobaça*<sup>5</sup>: «pequena escultura de osso, repetida sem a mais ligeira differença nalgumas estações hespanholas. Vae figurada no n.º 332».

A figura, considera-a êle masculina, e pela interpretação de guerreiro. Tem o corpo em parte nu e em parte coberto como que por armadura. Esta armadura é formada por uma rêde de linhas cruzadas sôbre a caixa torácica da figurinha, e a passar sôbre os ombros, lembrando couraça e respectiva golilha. Assim a vai descrevendo o fallecido e notável arqueólogo de Alcobaça. Na cabeça tem uma espécie

<sup>1</sup> Plínio, xxxvii, 9, 51.

<sup>2</sup> *O Arch. Port.*, I, 263.

<sup>3</sup> J. Fortes, *Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro*, Porto 1902, p. 31.

<sup>4</sup> *Religiões*, I, 111-112.

<sup>5</sup> Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, in *Portugalia*, fasc. I, p. 459, fig. 232, na est. xxvii.

de turbante, terminado em recortes que semelham de corôa. A parte nua é a menos perfeita. Um buraco praticado no sentido transversal à figura, ombro a ombro, e correspondente ao braço, deixa supor que esta pequena escultura fôsse destinada a usar-se dependurada de colar ou torques.

No Museu Etnológico (Secção de Arqueologia Comparativa) há reprodução duma destas figurinhas, de Mérida ou de Granada, a que Vieira Natividade se refere.

Engano porém houve em considerar a figurinha masculina, quando ela é claramente feminina, o que se vê na ilustração das Grutas de Alcobaça (n.º 232).

Salomão Reinach, no estudo de *les déesses nues*, na *Revue d'Archéologie*, refere-se às mulheres-deusas com o triângulo sexual aparente, por vezes com uma espiral ou o suástica, e colorido para o tornar mais visível. Era essa a representação mais ou menos exacta da forma sexual simples ou comum; os mistérios de Vénus em Chipre, Grécia e Roma, Egipto, Fenícia, Frígia, Assíria, Pérsia, México, África, associam os dois emblemas, masculino e feminino. A representação simbólica do triângulo: o *yoni* aparecido no cume do Monte Kailaça (Índia), sinal da teogonia hindu de Brahma, Vixnú e Xiva; símbolo do deus gerador Xiva; trimurtis e trindades<sup>1</sup> (da Índia e do Cristianismo); no Egipto, onde o Sol era o deus-Criador ou deus da geração e fecundação, a luz zodiacal representada por um triângulo figurava a face do deus gerador<sup>2</sup>.

As estatuetas femininas do Aveyron, do tipo da coruja de Schliemann, micénicas na opinião de d'Acy, têm marcados os seios e por baixo deles um ornato triangular<sup>3</sup>. Um ídolo feminino de Phestos, neolítico, indica o sexo por um triângulo com a base no «monte de Vénus<sup>4</sup>». Nos ídolos chatos de Chipre vê-se manifestamente a preocupação de marcar bem acentuado o sexo, quando nus; nos que são

<sup>1</sup> O triângulo rodeado de chamas é a representação do Criador, Deus dos Judeus e da Trindade dos Cristãos, talvez, na origem, como símbolo do sexo feminino, atravessado pelo *lingam* que o fecunda (C. Lejeune, 469).

<sup>2</sup> C. Lejeune, *La représentation sexuelle en religion, art et pédagogie*, in *Bulletins et mémoires de la Soc. d'Anthropologie*, 5.<sup>a</sup> série, II, 1901, p. 469.

<sup>3</sup> Lejeune, *ob. cit.*, p. 469.

<sup>4</sup> Angelo Mosso, *Escursioni nel Mediterraneo*, Milão 1907, ln. 212-213.



vestidos, associa-se a representação às pregas dos vestidos<sup>1</sup>; as figuras de Tróia e Chipre, quer de chumbo quer de ferro, da primeira idade do ferro, são elucidativas, com o triângulo de base para cima e o vértice cortado<sup>2</sup>. Outras vezes, como nas estatuetas de Olímpia, o sexo é designado pelos seios e o umbigo<sup>3</sup>. A insistência com que aparece o triângulo sexual é significativa<sup>4</sup>, declara Ed. Piette, em *L'Anthropologie*, e reproduz figuras femininas de Meónia, na Lídia, com o triângulo definido, e ao lado delas uma figura masculina<sup>5</sup>.

O triângulo está no sítio mais conveniente para ser o emblema da geração; é o «monte de Vénus», por via de regra triangular, largo, pouco saliente<sup>6</sup>. O triângulo é simétrico do falos. De significação feminina estendeu-se ao simbolismo da geração. É indiferente a posição do triângulo, com a ponta para baixo ou para cima. Lejeune lembra que o triângulo, transformado em delta, era a letra inicial dos nomes dos grandes deuses: Dévar, Dyans, Deus, e dos Demónios e Diabos, os maus deuses opostos aos bons<sup>7</sup>.

Temos portanto nestas esculturazinhas figuras femininas. Mas há mais. Em Santa-Vitória apareceu uma série de treze destas figuras. São tôdas do mesmo tipo, talhadas em pedaços de costelas, por isso chatas, do mesmo tamanho aproximadamente, 0<sup>m</sup>,130 × 0<sup>m</sup>,015. Tem a cabeça mais ou menos afeioada de contornos; o corpo tem o contôrno recto da costela; as pernas são indicadas, a meio do osso, por um sulco longitudinal a separá-las, e os pés formam leve saliência dum recorte que marca o fim das pernas.

O contôrno geral é o mesmo. Pelo pormenor anatómico e artístico é que podem dividir-se em três grupos: no primeiro, estão as figurinhas em que a marcação e decoração ficaram completas; no segundo, as que têm a decoração incompleta; no terceiro, as que apenas fazem indício dos sinais do sexo.

<sup>1</sup> René Dussaud, *Les civilisations préhelléniques dans le bassin de la mer Égée*, Paris 1910, pp. 229-230. Heuzey, *Catalogue des figurines antiques de terre cuite du Musée du Louvre*, pp. 69-71, n.<sup>os</sup> 193-194; e pp. 171-102.

<sup>2</sup> Hoernes, *Urgeschichte Bilden den Kunst in Europa*, Wien 1898, p. 180, figs. 32-34; p. 434, fig. 134; e p. 464, fig. 139.

<sup>3</sup> Ed. Piette, *La station de Brassempouy et les statuettes humaines de la période glyptique*, in *L'Anthropologie*, vi, 1895, p. 297, fig. 229. Cita Salomon Reinach, in *La sculpture en Europe*.

<sup>4</sup> Ed. Piette, *ob. cit.*, vi, 551.

<sup>5</sup> Ed. Piette, *ob. cit.*, vi, 550-551.

<sup>6</sup> Ed. Piette, *ob. cit.*, vi, p. 147.

<sup>7</sup> Lejeune, *ob. cit.*, p. 471.

Ora todas elas, além do triângulo sexual, de ponta para baixo, têm marcado o umbigo e os seios. Nas esculturas melhores, esta marcação é feita por um ponto, e uma corôa de dois círculos concêntricos em volta desse ponto. Não pode restar dúvida que se trata de figuras de mulher.

O traçado em que Vieira Natividade via couraça, não é mais que aderêço feminino, talvez duas faixas ou fitas a tiracolo, cortadas em cruz, que deixam os seios descobertos; no pescoço há traços horizontais paralelos, a mostrarem colares; na cinta outros traços semelhantes formam faixa ou cinto. Na cabeça têm um toucado com diadema. O aderêço torácico vai continuar-se no dorso, nas figurinhas do primeiro grupo; e não nas do segundo. A parte posterior da cabeça é riscada por traços cruzados para indicar os cabelos; um traço angular faz o mento, e todo o espaço além serão bandós do toucado. O alargamento da chapa de osso, a indicar os pés, também está riscado, o que apontará talvez as sandálias.

As figurinhas do terceiro grupo não têm decoração alguma; têm apenas o contôrno geral, e no corpo estão marcados a ponto os seios e o umbigo, e abaixo o triângulo sexual. Prova êste facto evidentemente a intenção de acentuar o sexo feminino das figuras.

Tôdas estão atravessadas por um orificio transversal de ombro a ombro, o que mostra deverem ser trazidas em enfiadas, para suspender, ou simplesmente isoladas, do que é indício talvez a desigualdade das esculturinhas. Não se deve andar longe da verdade considerando-as amuléticas ou mágicas.

XVI.—CONCLUSÃO.—E aqui está o que resta duma *villa* sumptuosa, recheada de mosaicos e de mármore, colorida nas irisações policrómicas dos tapêtes de mosaico e das guarnições marmóreas. Sobrepor-se-ia em degraus de altura de construções, e terrados de jardins suspensos, alcandorada por cima da planície cuja fertilidade a enriquecia, e cuja beleza melancólica era atenuada pelo marulhar da gente que por ali trabalhava, enriquecia e se divertia.

No século iv fôra feita ou estava de pé, consoante o provam a letra das inscrições, o tipo dos mosaicos, as moedas, etc. A horda das invasões tê-la-ia destruído; e o tempo, que nada poupa, cobriu o abandono e as ruínas dos homens com a sepultura de terra em que tudo afunda e esconde.

LUÍS CHAVES.

## Epigrafiã do Museu Etnologico (Belem)

(Continuação de p. 225 do vol. xxix d-O Archeologo Português)

Antes de passar á continuação do Catálogo, queira o leitor fazer as seguintes correcções:

No n.º 23 o texto é:

D M s  
F I R M I N  
F I R M I . f  
A N . X X . . .  
M O D E S T V s  
V X O R I  
F C

Sentido total da inscrição: Sagração aos deuses Manes. Modesto mandou fazer este monumento a sua esposa Firmina, filha de Firmo, e falecida na idade de vinte e tantos anos.

No n.º 39, linha 2.ª: ACCENNIA em vez de ACCENIA.

## CATÁLOGO

(Continuação)

40. Do santuario do deus Endovelico, de que se fala nas *Religiões da Lusitania*, II (1905), 111-146, e noutras obras publicadas

DEO ENDOVEL  
LICO SACRVM  
FANNIVS APIO  
ANIMO LIBENS  
VOTVM POSVIT

posteriormente. Insculpida num cipo de marmore, de 0<sup>m</sup>,30 de altura. Foi de estar por extenso em inscrições como esta a clausula, na fórmula final, que os epigrafistas deduziram a explicação da abreviatura ALVP, que se lê muitas vezes nas lapides. — *Apio*, -onis tem origem grega.

41. Do mesmo santuario. Parte inferior de ara ou cipo.

A lapide, de marmore e de 0<sup>m</sup>,237 de altura, está mutilada na parte superior. No começo devia estar, pelo menos, o nome do deus.

..... O cognome *Pultarius* lê-se numa inscrição funeraria  
Q. IVLIVS da vizinha Vila-Viçosa: C, II, 148. No lado esquerdo  
PVLTVRIVS da lapide, olhando para ela o observador, vê-se figu-  
A . L . V . S rada uma pinha; e no direito uma haste de pinheiro  
com ramos. É provavel que estes emblemas se relacionem com o  
caracter naturalistico de Endovelico; vid. *Religiões*, II, 125 sgs.  
O cognome *Pultarius* deriva do lat. *puls*, *pultis* «papa de farinha». Ha um vaso para estas papas chamado *pultarius*, de caracter origi-  
nariamente adjectival; mas o cognome talvez corresponda realmente  
a um adjectivo, que falta nos dictionarios.

## 42. Do mesmo santuario. Fragmento de lapide:

S  
E S P  
V M

Alt. 0<sup>m</sup>,19.

1. Parte de um S, e de uma haste inclinada, como de A. Seria [sa]crum.

2. [r]esp[onso], que se lê por extenso noutras lapides; cf. *Religiões*, II, 142.

3. haste inclinada e M.

## 43. Do mesmo santuario. Fragmento de lapide:

DEO....  
LICO....  
EXR....  
C V....  
A..A.

Alt. 0<sup>m</sup>,38.

1-2. Deo [Endovel].

3. ex r[esponso].

## 44. Do mesmo santuario:

=====

DEO INDOVEL....IV

=====

=====

PRO IUL V MAR

C F I I A A I I I

Larg. 0<sup>m</sup>,54.

1. Deo Indovel[lico]..Iu[l]...

2-3. Pro Iul(io) Marc...

45. Do mesmo santuario: Lapide mutilada dentro de uma moldura, reconstruida de gesso: Dimensões: 0<sup>m</sup>,56 × 0<sup>m</sup>,555 plus minus.

DEO INDOVELLI  
CO SACRVM EX  
RESPONSVM  
F CAIVSIV  
TVMI  
O IF  
S FECI

4. Parece F. Caius Iu.

5. [O]ptumi.

Não sendo muito vulgar escrever-se por extenso um *praenomen*, encontramos aqui *Caius*, e já no n.º 44.



## 46. Do mesmo santuario. Arula mutilada:

eNDOVELLICO  
S A C R V M  
S V R O M V L A  
.....

Alt. 0<sup>m</sup>,21.

1. [E]ndovellico.

3. No começo um S.

## 47. Do mesmo santuario. Cipo.

E N D O V..  
L I C O E X  
V. M L I V I V..  
S E V E R V S  
A L S

Alt. 0<sup>m</sup>,46 × 0<sup>m</sup>,225.

3. M(arcus) Livi[u]s.

## 48. Do mesmo santuario. Fragmento de lapide:

) ÷ ENDO  
CO ÷ .....

1-2. [De]O Endov[elli]co.

Alt. 0<sup>m</sup>,40.

## 49. Do mesmo santuario. Fragmento de cipo:

DEO ENDO  
VELLICO  
VS  
.....

1. 3. A ultima letra é parte de S, a penultima se-lo-ha de V.

Alt. 0<sup>m</sup>,33.

## 50. Do mesmo santuario:

DEO INDO  
VELLICO  
V O T V M  
PETRONI  
AALBILLAS

4-5. *Petronia Albilla, se[rva]*. — De *Albilla* não conheço segundo exemplo, mas ha outros nomes proprios em *-illa*: *Domitilla, Plautilla, Sancta Petronilla* (lat. eccles.) etc.; temos aqui um sufixo diminutivo que aparece em muitos nomes comuns, por exemplo, *mamilla, turturilla*: cf. Stoltz, *Hist. Grammat. der lat. Spr.*, 1894, I, 582.

Alt. 0<sup>m</sup>,60; larg. 0<sup>m</sup>,39; espessura minima 0<sup>m</sup>,105, com um ornato, de forma de palma em cada uma das faces laterais, como noutra pedra do mesmo santuario.

## 51. Do mesmo santuario. Base:

IVLLIA ◊ C ◊ F  
 M O D E S T A  
 E N D O V E L I ◊  
 V O T V M ◊ L ◊ S ◊

Na linha 3.<sup>a</sup>, L incluso no L, e O no C.

Depois de *votum* na linha 4.<sup>a</sup> ha uma *hedera distinguens*.

A primeira palavra é *Iullia*.

Na parte superior abertura rectangular, de encaixe.

Alt. da lapide 0<sup>m</sup>,55.

## 52. Do mesmo santuario. Fragmento de lapide:

E N D

S A ◊

.....

= *End[ovellico] sac[rum]*.

Alt. 0<sup>m</sup>,18.

## 53. Do mesmo santuario. Fragmento de lapide:

◊ R C

◊ A

1. ..arc.. (de *Marcus?*).

Alt. 0<sup>m</sup>,19.

## 54. Do mesmo santuario. Parte inferior de lapide:

.....

..... R V M

◊ P V R N I V S

◊ O R E T I A N V S

1. Vestigio de R: *[sac]rum*.

2. *[Cal]purnius*.

3. Parece \**Doretianus* (?)

Alt. 0<sup>m</sup>,23.

## 55-61. As seguintes sete inscrições são do mesmo santuario:

55. ENDOVEL || LICO || L · CALPVRNIVS || ANDRONICVS || A · L · P ||.

Nos meus *Opusculos*, v, 207.

56. END · SACR || PRO VERN || ACLAM || TREB MVSE || SER · Q · L · CA ||  
TVLLVS || A · L · V · S ||. Nos meus *Opusculos*, v, 208.

57. DEO SAN || CTO IND || OVELLICO || O · · · · I || LIANV ||. Nos meus  
*Opusculos*, v, 208. Nas ll. 4-5: *Iulianu[s]*.

58. ENDO || VELLICO || VALERIV || · · · Nos meus *Opusculos*, v, 209.

59. M · · · · MOGOLIVS || C · · · · S · END || OVELLICO || V · A · L · S · ||. Isto  
é: *M(arcus) Mogolius*, *C(ai)* [*f(ilius)*, *d(eo)*] *s(ancto) Endovellico*  
*v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)*. Nos meus *Opusculos*, v, 210.

60. D · E · S || · · REST || · · · · As letras REST podem significar *Res-*  
*titutus*. Nos meus *Opusculos*, v, 210.

61. · · · OVO || LICO IVL || IA · ANVS || RELICTW || A MAIO || RIBVS ||  
ALP ||. Nos meus *Opusculos*, v, 211.

62. Lápide calcarea, quebrada á direita, de alto a baixo, e algo  
carcomida. Achada em Lisboa. Dimensões: 0<sup>m</sup>,35 × 0<sup>m</sup>,24 × 0<sup>m</sup>,03.

COMI

MOI

II

Só se vê claro o que aqui se copia:

1. C, lido pelo D.<sup>or</sup> Wickert.
2. Os traços obliquos devem ser de M. No fim, traço vertical.
3. Dois traços verticais, talvez de H.

Numero de entrada: 6:326.

63. Em 1894 encontrei na igreja da Senhora de Abobriz, frê-  
guesia da Amoreira, no concelho de Obidos, uma lapide calcarea,  
quebrada, em que, depois de então discutir comigo mesmo o texto  
(deixarei acaso para outra vez reproduzir a discussão), apurei a  
seguinte leitura:

d M S

· O L I O

· · M A X I M I N O

· i i V I R [?] E B O R O

· · · · T ♡ A N N ♡ L I I

N I V

Linha 2: Não conheço outro exemplo de *Tolius*, mas ha o feminino *Tolia* numa inscrição do C., II, 349, de Val de Maceira, concelho de Alcobaça, da mesma região a que pertence a igreja da Senhora de Abobriz: *Tolia Maxima*, e até da mesma familia do duúmviro. É curiosa a relação morfológica em que os cognomes estão um com o outro: *Maximinus* e *Maxima*.

A palavra que vai do fim da 4.<sup>a</sup> linha para a 5.<sup>a</sup> é, no meu entender, EBORO[bre]t(iensi), ou melhor EBORO[bri]TT(iensi), nome etnico de *Eburobrittium*, de que fala Plinio, IV, 113, chamando-lhe apenas *oppidum*; e vid. também os *Monum. Ling. Ibericae*, p. 231. O final da linha 6.<sup>a</sup> póde ser NIV ou INV, pois no meio está rachada a pedra. Esta, com a condução desde a igreja de Abobriz até Belem, sofreu no começo da linha 5.<sup>a</sup> deterioramento um pouco superior ao que já tinha. Dimensões: altura 0<sup>m</sup>,46; espessura 0<sup>m</sup>,53.

Vê-se que a inscrição se refere a um duúmviro de Eborobricio. De ser pre-romano o nome do *oppidum*, e de haver aqui um duúmviro conclue-se que a povoação era um município.

Número de entrada: 6:314.

**64.** Inscrição gravada numa lapide calcarea, de 0<sup>m</sup>,80 de altura, 0<sup>m</sup>,385 de largura, 0<sup>m</sup>,19 de espessura. Em baixo havia uma especie de pedestal, que foi cortado adiante, na parte inferior, e no lado esquerdo (do observador).

M ▾ D ▾ S ▾

D V O ▾ I R I N A E I ▾ P A E R

E T ▾ F L ▾ C R I O B O L A T I

N A T A E ▾ S V O ▾ S A C I E

L ▾ A N T I S T ▾ A V I T O

G ▾ A N T I S T ▾ F E L I C I S

S I M O

A lapide appareceu nos arredores de Beja (*Pax Iulia*), e passou ás mãos de um filho de Manuel Joaquim Duro, hoje falecido, que a vendeu ao S.<sup>or</sup> Luís Reis Santos, de Lisboa. Este S.<sup>or</sup>, havendo-a transportado para sua casa, fez-me o obsequio de m'a deixar ver em 21-XI-1933, e a meu pedido cedeu-a logo para o Museu Etnologico, onde hoje está. O estrago que a lapide apresenta na parte inferior resultou de tencionar o seu primeiro possuidor adaptá-la piedosamente a lousa da sepultura do pai, porque Manuel Joaquim Duro negociára em cousas velhas (eu proprio lhe comprei algumas



para o Museu Etnologico), e o filho entendia que prestava boa homenagem á memoria do pai, cobrindo-lhe os restos mortais com uma pedra romana.

A 1.<sup>a</sup> linha significa *M(atri) d(eum) s(acrum)* «sagração á mão dos deuses», isto é, a Cibele, e pertence ao grupo de monumentos estudados nas *Religiões da Lusitania*, III, 328-334, e 622. Nas linhas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> ha letras menores que outras, e na palavra *IRINAEI* estão dispostos simetricamente os II das extremidades, maiores que as restantes letras. Na linha 2.<sup>a</sup> o A com um traço horizontal sobreposto corresponde a AT. Na linha 3.<sup>a</sup> o I de *FIL* ficou acima do L. Na linha 4.<sup>a</sup> ha um I incluso num L, e um E num C. A ultima letra da mesma linha 4.<sup>a</sup>, que era R, acha-se reduzida á haste vertical. Os pontos separativos são triangulares. Tudo isto e a disposição das letras que formam a linha 7.<sup>a</sup> (última) dão ao conjunto da inscrição certo ar de elegancia, que condiz esplendidamente com a importancia do texto.

Ainda umas observações, antes de passar á interpretação.

*Irinaei* é o plural de *Irinaeus*, cognome romano conhecido. Do grego ἱρηναιός por εἰρηναιός, que á letra quer dizer «pacífico», de εἰρήνη «paz». O cognome, na origem, applicou-se a um individuo realmente pacífico; com o tempo obliterou-se o sentido, e o cognome applicou-se a qualquer individuo. Em caso analogo estão apelidos nossos como *Manso*, *Bom*, etc.: vid. *Antroponimia portuguesa*, p. 190 sgs.

*criobolati*. Participio passivo com significação activa: tendo feito um *criobolium* ou sacrificio de um carneiro. Isto é: por cuja intenção se fez um *criobolium*. A palavra *criobolati* conheço-a d'este texto a primeira vez; não vem, por exemplo, no *Dicionario latino-alemão*, de Georges, que é um dos melhores que existem. Com ela cf. *ara taurobolata* (por *tauroboliata*) em Dessau, *Inscript. Latin. selectae*, n.º 4155, e *petra tauroboliata* noutros textos epigráficos; aqui o participio do verbo *tauroboliari* tem porem translatamente significação passiva: ara ou pedra erecta em comemoração de um taurobolio<sup>1</sup>.

*natalis* substantivamente. Cf. uma inscrição de Mérida: *Val(eria) Avita aram tauriboli SUI NATALICI redditi d(ono) d(edit)*, etc., em Dessau, *op. laud.*, n.º 4156, onde o mesmo epigrafista diz que talvez Avita quisesse indicar que considerava dia natal aquele em que celebrou o taurobolio.—No nosso caso, conquanto não fosse cousa

<sup>1</sup> Vid. os *Dicionários* de Freund, Theil, Benoist-Goelzer, e o já citado de Georges.

insólita coincidir o aniversário do pai com o do filho, talvez os dois dedicantes equiparassem a sua iniciação nos mistérios de Cibele a um segundo nascimento. Também na Igreja se chama renascimento ao baptismo.

*sacer* na 4.<sup>a</sup> linha é abreviatura de *sacerdotibus*, do que dá exemplo Cagnat, *Épigraphie romaine*.

Na 6.<sup>a</sup> linha a letra inicial tem traço, e é pois «G».

O campo da inscrição está limitado verticalmente de cada lado por traços finíssimos, de que restam vestígios.

Transcrição do texto:

*M(atrī) d(eum) s(acrum). Duo Irinaei, pater et fil(ius), criobolati natali suo, sacer(dotibus) Lucio Antist(io) Avito, G(aio) Antist(io) Felicissimo.*

No meu entender, o sentido é:

«Sagração desta pedra á mãe dos deuses pelos dois Iríneus, pai e filho, em honra da qual fizeram um criobólio, no dia do seu natal ou da sua iniciação, sendo sacerdotes Lucio Antistio Avito e Gaio Antistio Felicissimo». O *criobolium* constituiria a festa da iniciação.

Os sacerdotes que praticaram o sacrificio eram parentes, senão irmãos.

Número de entrada: 7:268.

**65.** Paralelepipedo rectangular de granito, de 0<sup>m</sup>,59 × 0<sup>m</sup>,39 × 0<sup>m</sup>,18, encontrado na necropole do sitio do Alto da Costa, ao Nascente de Germinade, freguesia de Carvalhais, concelho de S. Pedro do Sul.

A inscrição está gravada numa das faces maiores do paralelepipedo.

SIIRIINIS

AVRIILVS

Transcrição: *Sereni s(ervus) Aurelius.*

Tradução: «Aurelio, servo de Serenio».

Foi-me oferecida esta lapide para o Museu Etnologico pelo meu antigo aluno universitario Rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Avelino de Figueiredo, natural da Beira.

Número de entrada: 6:960.

J. L. DE V.

## Nomenclatura numismática<sup>1</sup>

Desenvolvo o assunto mais do que seria necessário, já para aproveitar notas que avulsamente tomei para lições, etc., já porque escrevo em Portugal, onde os estudantes, a quem destino o meu trabalho, nem sempre, com risco de ficarem sem saber nada, estão dispostos a fazer consultas em bibliotecas: o seu gôsto é terem tudo à mão.

**Abreviaturas** (braquiografia) usadas em Numismática:

- 1) siglas ou letras avulsas, geralmente iniciais de nomes, por exemplo: A=*Aulus*, L=*Lisboa*, R=*Rex*. Vid. *Letreiro*.
- 2) grupos de letras como FL—FL(*avius*).
- 3) nexos ou ligações de letras, como N=A N T, que ás vezes formam monogramas.
- 4) combinação de 2 e 3, como: VESP=*Vesp(asianus)*.

Designação dos metais: Æ(s), R(*gentum*), A(*rum*), B(*ronze*) N(*iquel*), C(*alaim*), E(*stanho*).

**Acostado.** O mesmo que *encostado*. Diz, por exemplo, Lopes Fernandes, *Mem. das moedas*, p. 223, que o escudo do *cruzado novo* de D. Pedro II está *acostado* do valor e da data, por ter esta ao longo de um dos lados do escudo, e aquele ao longo do outro lado.

**Adulterada** (moeda). Vid. *Falsificação*.

**Alteração da moeda.** Num documento do sec. XVII, publicado n-*O Arch. Port.*, IX, 154, lê-se: «póde o principe *creçer* e *deminuir* o preço da moeda» = «crescimentos ou baixas de moeda» = «levantar e abaixar a moeda» = «alterar ou abaixar o valor da moeda».

**Amoedar.** Dar a um metal a fôrma e valor de moeda; torná-lo moeda. Assim se diz, como expressões opostas entre si: *ouro amoe-dado*, *ouro em barra*. Ao acto de *amoedar* chama-se *amoedação*.

**Anel.** Circulozinho figurado na moeda. Corresponde-lhe mais ou menos *arruela*, termo de heraldica, do francês *rouelle* («roda pequena»), o mesmo que *bezante* (na origem: *nummus Byzantius*). Cf.

---

<sup>1</sup> Este trabalho destina-se a fazer parte de uns *Prolegómenos de Numismática*, que em parte já estão no prelo.

Villasboas, *Nobiliaria Portugueza*, Lisboa 1676, p. 225: «*besante*, he hũa figura como moeda; .. o mesmo he *arruela*».—O anel está freqüentemente reduzido a um ponto, quando a moeda se gastou no uso.

**Anepigrafa ou inanimada ou muda.** Moeda ou face de moeda sem letreiro algum.

**Anomala.** Diz-se a moeda que sai do comum, no diametro, na espessura, no cunho, etc.—Termo usado por J. Pedro Ribeiro, *Reflexões Historicas*, I, 14: «as menos *anomalas* considero as muitas peças de bronze que me tem occorrido, e de diversos tamanhos, com a esphera e a legenda *contos* para *contar*» (estas peças são porém inexactamente chamadas *moedas*; são *contos*). *Anomala* é sinonimo de *singular*.

**Anverso.** É a página principal da moeda, onde está o tipo ou letreiro mais importante, como a figura de um chefe de estado, a personificação de uma nação, uma divindade<sup>1</sup>. Opõe-se-lhe *reverso*, termo já usado no sec. XVII por D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Ecclesiastica de Lisboa*, fls. 102. Bluteau diz *rosto da medalha*, no sentido de «anverso», e diz *revés* ou *avesso*, no sentido de «reverso»: vid. *Vocabulario*, nos lugares respectivos. Também ás vezes se usa *verso* em vez de «reverso». O reverso costuma, nas descrições, indicar-se por um R cortado na curva inferior, isto é, R; o anverso pôde indicar-se por um A cortado de modo analogo, isto é, A, mas geralmente não se indica, porque as descrições começam por ele. Ha moedas em que, por falta de elementos característicos, não é facil ou não é possível dizer a qual das páginas deve chamar-se anverso; cf. Lenôrmant, *Monnaies et médailles*, pp. 89–91. Por «anverso» os Franceses dizem *avers*, do lat. *aversum*, o que é propriamente «avesso» ou «reverso». A palavra *anverso* parece formada de ante-versum, e veio-nos por intermedio do hespanhol: ela não figura ainda no *Diccionario* da nossa Academia das Sciencias (1793); o primeiro lexico-grafo que a menciona creio ser Moraes.—Em linguagem pitoresca dizemos o *avesso* ou o *reverso da medalha*, para indicar o lado mau de uma cousa, pessoa, ou acto, por opposição ao lado bom.

<sup>1</sup> Acêrca de nações personificadas que figuram em moedas vid. A. Blanchet, in *Revue Archéologique*, 1890, I, 1, 344, e as suas *Études de Numismatique*, I, 29.



**Apagada.** Diz-se da moeda completamente obliterada, isto é, reduzida a simples *chapa*. A obliteração pôde não ser completa, e neste caso a moeda chama-se *gasta* ou *çafada*.—Assim se evita o termo francês *fruste*, que alguns numismaticos usam.—Vid. *Conservação*.

**Apocrifa.** Vid. *Falsa*.

**Armas de Portugal.** Desde o principio da monarchia até hoje elas têm variado na disposição dos escudetes, na disposição e número das arruelas e dos castelos, na fôrma do escudo, em terem ou não coroa, e noutras particularidades.—Valia a pena fazer um estudo d'este assunto, tomando por base o pouco que já ha escrito (por exemplo, nas *Moedas de Portugal* de Aragão, I, 48 sgs.; ha algumas informações em cronistas), os selos antigos, portadas de livros, tumulos, frontarias de edificios, e outros documentos. Nas minhas aulas de Numismatica dei sobre isto apontamentos aos alunos.—Já depois de redigido este parágrafo publicou o meu colega e amigo D.<sup>o</sup> Antonio de Vasconcellos, da Universidade de Coimbra, uma excelente dissertação intitulada «O escudo nacional português» na *Lusitania*, I, 171-185, e 321-337.

**Arruela.** (Termo de brasão usado por vezes em Numismatica). Anel ou circulo muito pequeno. Do francês *rouelle*. Tambem pôde dizer-se *bizante*, igualmente do francês (*besant*, por *nummus byzantius*).—Vid. *Anel*.

**Bimetalismo.** Vid. *Sistema monetario*.

**Bolhão ou bilhão.** Prata muito ligada com cobre, e portanto baixa. Considera-se em Numismatica como um metal. São de bolhão muitas das nossas moedas até o reinado de D. Afonso V, inclusivè. Os Hespanhois dizem *billon* ou *vellon*, os Franceses *billon*, os numismaticos portugueses ora *bilhão*, palavra já arquivada por Bluteau em 1712, ora *bolhão*. A origem é francesa, mas a palavra veio cedo para cá, talvez por Hespanha. No *Dicc. universal das moedas*, Lisboa 1793, p. 104, lê-se: «... metal a que o franceses chamam *Billon*, e nós os portuguezes chamamos *Metal de composição*». A última expressão tem o inconveniente de ser perifrastica. Segundo a nota manuscrita de um livro do sec. XVI, citado por Sousa, *Hist. Genealogica*, IV, 251, dizia-se no sec. XV *bolhão* ou *bolhom*: «estas são as ligas de *bolhoens*, e moedas correntes, assim d'ouro como de prata». Ha tambem



*bolhão* em um doc. de 1460, transcrito por Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 382, n.º 33. Num documento de 1514 fala-se do *bulham do Porto*, isto é, da moeda de bolhão aí cunhada (ainda hoje ha nessa cidade uma praça chamada do *Bolhão*, nome que deve provir d'isso).

**Bôrdo.** É a parte mais estreita da moeda, correspondente á espessura. Póde ser:

- 1) *liso*, por exemplo, na moeda de «quatro centavos»;
- 2) *com letreiro*, por exemplo, nos «cinco francos» franceses, de prata;
- 3) *com serrilha*, por exemplo, nas nossas moedas de prata e de ouro dos ultimos reinados;
- 4) *recortado* ou *dentado*, em certos denarios da Republica romana, por exemplo, nos da familia *Aurelia*;
- 5) com uma especie de trança ou cordão, por exemplo, no *dobro* de D. João V, onde continua no rebordo, fazendo as vezes de circuito granulado;
- 6) *reticulado*, em uma moeda de bronze de Caterina II da Russia. Uma das maiores moedas de bronze que ha.

**Bracteata.** Moeda feita de delgada folha metalica, de cunho grosseiro, que ficou ôco em uma página, e de relêvo na outra. Houve, por exemplo, moedas d'estas na Suecia em várias epocas.—A palavra *bracteata* vem do latim *bractea*, que quere dizer folha fina de ouro ou de outro metal.—No Museu Etnologico ha alguns exemplares de bracteatas suecas do sec. XII, que adquiri na Suecia em 1921.

**Bronze.** Na Numismatica romana usam-se as denominações de *grande bronze* (á francesa) ou *bronze maximo*, *bronze mediano*, ou *bronze médio*, e *bronze minimo*, ou *pequeno bronze* (tambem á francesa), conforme o módulo. Representando estas por letras, temos, segundo o hábito dos numismaticos: GB, MB, PB. Propriamente o *bronze maximo* corresponde a um sestercio (valor de quatro asses); o *médio* a um dupondio (dois asses) e a um asse; o *minimo* corresponde a divisões minimas do asse (semis, quadrante). Cf. Gneecchi, *Monete romane*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 218.

**Busto.** Com freqüencia se representam nas moedas bustos (ou cabeças) de imperantes, de divindades, de nações personificadas, etc. (vid., nesta Nomenclatura, *anverso*). Nas moedas bem cunhadas os bustos ou cabeças dos imperantes representam em geral retratos. No

fim do livrinho de Gnechi, *Monete romane*, dos Manuais hoeplianos de Milão, vem uma colecção de estampas, ou «serie iconografica imperiale», com os bustos dos imperadores.

O busto pôde estar voltado para a *sua direita*, por exemplo, nos *torneses* de D. Fernando I, para a *sua esquerda*, por exemplo, nas moedas de ouro de D. João V, ou de *frente*, por exemplo, em muitas moedas visigoticas. Quando ha dois bustos e estão voltados na mesma direcção lateral, dizem-se *conjugados*, por exemplo, em várias moedas de ouro de D. Maria I & D. Pedro III; quando a direcção é contrária, por exemplo, numa moeda de cobre da colonia de Viena (Gallia), dizem-se *opostos*; quando olha um para o outro, dizem-se *de frente*, ou *convergentes*, por exemplo, nas moedas da familia



Fig. 1



Fig. 2

*Rustia* da Republica romana, fig. 1. O que se diz dos bustos diz-se das *cabeças*. Numa moeda de *Istrus*, Moesia Inferior (Sul do Danubio), ha duas cabeças postas ao invés, ou *inversas*: vid. fig. 2.

Nas moedas ha geralmente só um busto ou cabeça (com ou sem pescoço), mas pode haver mais, e tambem ha figuras de pé, sentadas, a cavallo: de figura em pé, por exemplo, na *dobra pé-terra* (de ouro) de D. Fernando I; sentada, por exemplo, no *justo* de D. João II (ouro); a cavallo, nos *morabitanos* da 1.<sup>a</sup> dinastia (ouro).

**Campo.** É, na superficie da moeda, tanto no anverso como no reverso, o espaço ou fundo em que assentam as figuras principais: assim, descrevendo um real de D. Fernando, pôde Aragão dizer, *Moedas de Portugal*, I, 179, § 5, que o *campo* está occupado por um «F» coroadado. Severim de Faria, *Noticias*, p. 179, falando do anverso da *barbuda* do mesmo rei, diz que «hũa cruz . . toma todo o vão», onde *vão* corresponde a «*campo*».

**Cantonada.** Os nossos numismaticos modernos, por exemplo, Lopes Fernandes (1856), e Aragão (1874-75), quando no anverso ou reverso de uma moeda ha uma cruz, em cada angulo da qual está uma letra, ou qualquer desenho, dizem *cruz cantonada* por tais letras ou tais desenhos, por exemplo, na *meia-barbuda* de D. Fernando (Aragão, I, 181, n.º 20); na *moeda de A*, de D. João V (Aragão, II, 73, n.º 3); no *engenhoso* (Aragão, I, 277, n.º 10); no *tostão* de D. Manuel (Aragão, I, 249, n.º 9); no *tostão* de D. João III (Aragão, I, 13, n.º 24); no *meio-tostão* de D. João III (Aragão, I, 13, n.º 26).

O termo *cantonada* é o francês *cantonnée*, derivado de *canton* (ital. *cantone*, «esquina, etc.»). Os nossos antigos usavam outras expressões. Falando do anverso da *barbuda*, diz Severim, p. 179: «hũa cruz das da ordem de Christo, que toma todo o vão; nos quatro cantos da cruz quatro castellos»; e falando do reverso da moeda de 4 cruzados (ouro) de D. João IV: «da outra parte a cruz de S. Jorge, e nos quatro vãos o ano de 1642». Podem citar-se aqui os nobiliarquistas: por exemplo, Villasboas, *Nobiliarchia Portugueza*, 1.<sup>a</sup> ed., p. 236, quando descreve um escudo: «campo vermelho, esquar-telado com hũa cruz . . e em cada quarto hũa flor de lis». Empre-guem-se hoje expressões analogas.

**Carimbo.** Sinal que, já depois de a moeda andar em circulação, se lhe estampa ou grava, para lhe regularizar o curso, dar curso novo, aumentar o valor, etc. Costuma em especial chamar-se *contramarca* o carimbo que indica o valor diverso do que a moeda tinha antes. Nas moedas de D. Antonio, por exemplo, cunhou-se um açor (vid. *tipo*). Os patacos lavrados pela Junta do Porto em 1847 receberam curso legal perante o carimbo de «G.C.P.» (Governo Civil do Porto), fig. 3. Por causa da guerra da Restauração, muitas moedas de D. João IV foram aumentadas de valor, com contramarcas. Nas *Moedas de Portugal*, de Teixeira de Aragão, índices, s. v. «carimbo» e «contramarca», se encontram muitos exemplos.



Fig. 3

Para significarem *carimbo* e *contramarca*, os nossos Autores antigos empregam diversos termos, por exemplo, *selo*, *cunho*, *marca*. Num trabalho publicado pelo Conde da Ericeira na *Hist. Genealogica*, iv, 439, diz ele, falando dos Felipes: «houve por este tempo a moeda de meio-vintem, ou dez reis em prata . . e estas se *sellarão*», e cita a proposito uns versos do *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manoel:

..... Affonso Mendes,  
dayme ora ahi, se o tendes,  
hum meyo vintem *sellado*;

todavia, a p. 440, diz o Conde que D. João IV mandou pôr novo *cunho* no dinheiro, subindo os tostões a seis vintens; e a p. 441 usa *marca*. Já também D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccles. de Lisboa*, fls. 109 v, escrevera: «marca do açor». — *Contramarca* é mera tradução do francês *contre-marque*.

**Cercadura.** Serie de granulos, pontos, ou tracinhos que circundam a legenda ou o tipo. Quando é de pontos ou granulos, chamo-lhe *granulada*. Muitos numismaticos, por exemplo, Aragão, *Moedas romanas*, p. 17, dizem *grènetis*, termo francês. Tambem podemos dizer *circuito granulado*, *pontuado*, etc.

**Cerceada.** Diz-se *cerceada* a moeda que foi diminuida fraudulentamente no seu pêso, por córte, limadura, raspagem, etc., para se lhe extrair metal. O *cerceo* ou *cerceio* pratica-se sobretudo nas moedas de ouro e prata. Contra os cerceadores cominam as *Ordenações Afonsinas*, liv. v, tit. 82, a pena de açoute, seguida de dois anos de degrêdo, exceptuando-se as pessoas privilegiadas, em quem a pena se atenuava em multa e um só ano de degrêdo. Um poeta da *Fenix Renascida*, t. iv (1746), pp. 262-263, alude graciosamente ao *cerceo* nos seguintes termos:

.. ha de patacas barbeiros,  
E tão destros em cerceallas,  
Que lhe fazem a la moda  
As barbas ás tizouradas,

onde *barbeiros de patacas* quiere dizer «cerceadores de patacas». As patacas eram moedas de prata hespanholas que corriam em Portugal no sec. xvii; ás patacas cerceadas se refere tambem Teixeira de Aragão, *Moedas de Portugal*, II, 62, citando a esse respeito providencias legislativas do mesmo seculo.

**Chapa.** Quando se fala de moedas, tem duas acepções: a) disco metalico destinado a receber os cunhos, e por consequencia liso; b) moeda quando gasta (vid. *Apagada*). Uma chapa grande denomina-se *chapão*.—É do segundo sentido de *chapa* que vem a designação de *jôgo das chapas*, porque as moedas com que se joga ficam gastas com o uso (cf. *Revista Lusitana*, xxii, 225-226).

**Circuito.** Vid. *Orla*.

**Conjugados.** Vid. *Busto*.

**Conservação.** Segundo o estado de conservação de uma moeda, pôde dizer-se na descrição d'ela: *nova em folha*; *bem* ou *mal conservada*; *gasta*, *apagada*, *çafada*; *cerceada*; transformada em simples *chapa*.

Vid. alguns d'estes termos na presente Nomenclatura.

**Contorneada.** Moeda em que ha um sulco fundo em volta do tipo. As moedas contorneadas estiveram em uso especialmente em Roma (*medalhões contorneados*).

**Contos de contar.** Vid. *Tesseras*.

**Contra-marca.** Vid. *Carimbo*.

**Cordão.** Vid. *Bôrdo*.

**Coroa.** A primitiva coroa real portuguesa é formada por um círculo, d'onde se elevam equidistantemente uns tantos florões, ficando aberta por cima.

A primeira vez que appareceu uma coroa em moedas portuguesas foi no tempo de D. Pedro I, porém não temos desenhos das respectivas moedas, que só conhecemos pelo que conta F. Lopes na *Cro-*



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

*nica* d'aquelle rei, cap. xi. D'aí em diante, a coroa apparece em moedas de todos os reis portuguezes, ou formada como fica dito, ou de outro modo, como se dirá.

Nas mais antigas moedas só estão visiveis tres florões, estando encoberto um, o que dá quatro florões, mas entre dois d'elles vê-se uma saliencia angular terminada numa perola, fig. 4, ou em tres perolas, fig. 5, por exemplo no anverso de uma moeda de D. Duarte, depois esta saliencia transforma-se tambem em florão, menor que os outros, por exemplo, no reverso da mesma moeda, ou em florão do mesmo tamanho, por exemplo, uma moeda de ouro de D. João II, fig. 6: ficando portanto oito florões (cinco visiveis, e tres invisiveis), que é o número tambem das folhas d'aipo da coroa de Hespanha, e das flores de lis da antiga coroa real de França.

No tempo de D. Sebastião a coroa real fecha-se com arcos de círculo, que partem de alguns dos florões, como se vê de um tostão de 1558, fig. 7, mas continúa a apparecer após esta data, no mesmo reinado, ainda coroa aberta, por exemplo, na fig. 8. Nas moedas de D. Henrique ha ou coroa aberta, ou coroa fechada. Nas dos Governadores do reino a coroa é fechada. Nas de D. Antonio vê-se coroa aberta a par de coroa fechada. Nos reinados subseqüentes até o último a coroa permanece fechada.



Quando a arte monetaria se apura um pouco, ficam visiveis cinco arcos, estando ocultos tres, por exemplo, na fig. 9: pois a coroa real tem, como já disse, oito arcos.

Nas moedas cunhadas por D. Pedro II como Principe regente vêem-se dois arcos, mas ha-de entender-se que de um florão partia outro arco para o florão oposto, visto que as coroas de principe só têm quatro arcos: fig. 10.



Fig. 9



Fig. 10

O esplendor da arte e riqueza monetaria atingiu o apogeu no reinado de D. João V: em algumas moedas d'ele, e em todas as dos reinados seguintes, vêem-se dois arcos de lado (em plano) e tres de frente, estando ocultos outros tres.

O vertice da coroa real, quando fechada, terminava freqüentemente num globo encimado de uma cruz: já na 3.<sup>a</sup> dinastia, mas sobretudo na 4.<sup>a</sup>, de D. Pedro II, ou melhor, de D. João V para cá.

Acêrca do uso da coroa na antiguidade, e sua historia, haveria muito que dizer se aqui fosse o lugar apropriado: coroas de folhas, de flores, de espigas, de frutos; nos Egipcios, nos Gregos, nos Romanos; em estátuas de deuses (de loureiro na de Apolo; de carvalho na de Zeus; de vide na de Dioniso). Coroas de vîctimas. Os mortos corovavam-se como os deuses: d'aí vem o uso moderno de coroas funebres. Coroas dos vencedores de jogos, e dos guerreiros, vencedores de batalhas. Das coroas dos monarcas da antiguidade veio o uso das dos da idade media, e conseqüentemente das dos modernos.—Pôde ler-se com proveito o artigo «corona» no *Dict. des antiq. grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio. Acêrca de coroas funebres vid. *Religiões da Lusitania*, III, 424—425. Vid. *Grinala*.



Fig. 11



Fig. 12

N. B.—Os Hespanhois e alguns Portugueses chamam *diadema* ao que aqui chamo *arco de circulo*.

**Corpo.** Conjunto e relêvo das figuras. Tambem se diz *volume*.—*Moeda encorpada* ou *relevada*.

**Cruz.** Em qualquer enciclopedia ilustrada se podem ver figuras de cruces, de várias fórmãs. Vid. tambem (com relação a Portugal) P.<sup>o</sup> Viterbo, *Elucidario*, s. v. «cruz». Adiante se indicam algumas que aparecem nas nossas moedas e nas dos grão-mestres portuguezes de Malta:

Fig. 11—de Cristo.

Fig. 12—de S. Jorge; alta, de calvario (á cruz de haste alta, e maior que os braços, chamam os nobiliarquistas *potentéa*, palavra já usada na *Monarchia Lusit.*; vid. Moraes. No *Novo Diccionario* de C. de Figueiredo dá-se-lhe outra definição.—Á cruz de haste alta chamamos vulgarmente *processional*).

Fig. 13—de Avis, que corresponde à *croix fleurdelisée* dos Franceses.

Fig. 14—de S. Tiago.

Fig. 15—do Santo Sepulcro.

Fig. 16—de Malta, que é a que creio que chamam «do Espírito Santo». Em moedas de D. Fernando, vid. Aragão, *Moedas*



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17

de Portugal, est. v, n.º 18, ha uma cruz cuja forma lembra esta.

Em *dinheiros* da 1.ª dinastia ha uma cruz de forma especial, fig. 17, de braços nodosos.

**Cunho, cunhos.** Assim chamavam os nossos autores ao conjunto das figuras (divindades, bustos ou caras de monarcas, edificios, brasões, emblemas religiosos, etc., etc.) representadas na moeda. Numa lei de D. Fernando (*apud* Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 349) diz-se: «o *cunho* e a *escripta* da nossa moeda», onde *escripta* significa «letrado». Vid. outros exemplos na *Hist. Genealogica*, IV, 130, e na *Chronica de D. Manoel*, de Damião de Goes, pt. IV, cap. 86. Também Severim, *Noticias*, p. 178 e 189 (§§ 25 e 33), diz: *cunhos* e *letras*; cf. p. 188, onde emprega *cunhos*. No antigo jôgo das chapas, a que já me referi, s. v. «chapa», havia a expressão: *cunhos & cruces* no plural, certamente porque se atiravam ao ar duas moedas; hoje em Lisboa corresponde-lhe *cara* ou *cruz*, onde *cruz* significa as quinas, por estarem dispostas crucialmente, e *cara* é o busto do rei (nos patacos). Falando do *quarto de cruzado* de D. Manuel, diz Damião de Goes que o Rei os mandára fazer «com a mesma *divisa* e *letrado*» de outra moeda chamada *português* (cf. Lopes Fernandes, *Moedas*, p. 114), onde porém *divisa* está em sentido geral e não tecnico. Diz Soropita, *Poesias e prosas inéditas* (ed. de Camilo), sec. XVII (começos), p. 69: «não ha na bolça *cunhos* nem *cruzes*».

**Denteada.** Vid. *Bôrdo*.

**Electro.** Liga de ouro e prata, também chamado «ouro pálido». Considera-se em Numismática como um metal; cf. o que se disse do bolhão. São feitas desta liga as primitivas moedas da Ásia Menor.

**Engastada.** Moeda feita de duas qualidades de metal ou outra substancia (o centro, de uma; a orla, de outra).

**Ensaio monetario.** Antes de se emitir uma moeda, fazem-se ás vezes tentativas de cunhagem que não chegam a adoptar-se, por não agradar a fôrma, ou o desenho, ou por qualquer outra circumstancia. O exemplar que assim se cunha como *prova* chama-se *ensaio monetario*. A *prova* pôde tirar-se ou no metal que se destinava a circular, ou noutro. Merecem especificar-se alguns ricos ensaios monetarios do tempo de D. João V, descritos por Aragão, II, 73, n.ºs 1 e 2, e 76, n.ºs 23 e 24, e publicados nas estampas XXX e XXXI. Ha varios estudos e gravuras de ensaios monetarios n-*O Arch. Port.*, IV, 273-274, VIII, 246-250, XIII, 195-199 (artigos de M. J. de Campos).

**Epigrafe.** Vid. *Letreiro*.

**Escala:** vid. *Módulo*.

**Estalada.** Chama-se assim a moeda que tem a orla e os bordos rachados pela fôrça empregada na cunhagem ou carimbagem. Por exemplo, certa moeda de D. Antonio contramarcada.

**Exergo.** Espaço (no anverso ou reverso), com letra ou letras, datas, etc., situado debaixo da figura ou figuras principais, ás vezes separado por um traço horizontal.

**Falsificação.** Consideremos tres classes de moeda falsa:

- I. *Moedas falsificadas* ou *imitadas*. São aquelas em que se imitam moedas verdadeiras, não o sendo. Podem imitar-se:
  - a) moedas antigas, para enganar a sciencia ou os colleccionadores (não se confunda esta falsificação com *reproduções* feitas para estudo);
  - b) moedas modernas, para enganar o público. Os falsificadores estão sob a alçada do Código Penal. Cf. *Elencho*, II, 14-18, onde aludi á nossa legislação antiga e moderna respectiva a falsarios.

II. *Adulteradas*. São as que provêm de moedas verdadeiras, alteradas *ad hoc*. Destinam-se a enganar ou o publico ou a sciência. Por exemplo, moedas douradas para passarem por ouro; moedas verdadeiras, em que se raspou um elemento.

III. *Moedas apocrifas* ou de fantasia. São as que se pretende que passem por moedas antigas que nunca houve. Destinam-se a enganar a sciencia e os coleccionadores.

Da moeda falsa, em qualquer dos dois sentidos indicados em I-b) e II, diz o adagio: *moeda falsa, de noite passa*.

A historia consigna os nomes de falsarios célebres de moedas, que ou tentaram iludir a sciencia ou o público. Entre aqueles conta-se, por exemplo, o Paduano, isto é, Giovani Covino (1500-1570), que admiravelmente falsificou grande quantidade de moedas antigas, associado a seu irmão Alessandro Bassiani (cf. *La Grande Encyclop.*, s. v. «Covino»); Becker (1771-1830), que se dedicou á falsificação de moedas dos reis visigodos da Peninsula hispanica (vid. J. Lelewel, *Numismat. du m. âge*, I, 21, nota; e A. Heiss, *Monn. des rois visigoths*, Paris 1872, p. 144); Luigi Cigoi, de Udina, fabricante moderno de peças que imitam moedas romanas (vid. *Monatsblatt der numismat. Geselsch. in Wien*, 1896, p. 387). Relativamente a falsificadores estrangeiros da segunda especie, temos na *Rev. Archeolog. Barcelonesa*, IV, 386 sgs. (em continuação noutros volumes), menção e extractos de processos judiciais do sec. XVI.

**Fiduciaria.** Moeda que, sem ter valor real, o representa, feita, por exemplo, de ferro, estanho e chumbo, na Grecia, em certas crises; e de pau, na Russia. Seriam fiduciarias as famosas *moedas de sola* de que toda a gente fala em Portugal, como tendo existido entre nós: cf. *Elencho das lições de Numismatica*, I, 18, nota 3. Em Cartago e Lacedemonia houve realmente moedas de couro fiduciarias: cf. *La Grande Encyclopédie*, s. v. «papier-monnaie». Por extensão de sentido diz-se: *circulação fiduciaria*, a que se baseia apenas na *fiducia* ou confiança do Estado, por não terem valor real os objectos que circulam em guisa de moeda, por exemplo, as *cedulas* na crise actual (1922).—Vid. *Obsidional*.

**Florão.** Chama-se assim em Numismatica a um ornato de fôrma de flor estilizada, que serve de separar palavras ou datas, preencher angulos de cruzes, etc. Este termo não é mais que o fr. *fleuron*, pois

*florão* em português deve significar «flor grande», ao passo que esta é pequena. Melhor seria dizer *roseta*, como diz Lopes Fernandes, por exemplo, na descrição de um *cruzado novo* de D. Pedro II, p. 223, e de uma *moeda* de ouro de D. João V, p. 240.

**Folheada.** Chamarei assim á moeda que, sendo de ferro ou de outro metal baixo, é revestida de metal nobre (prata, ouro). Parece-me preferível este termo a *forrada* (do fr. *fournée*), como dizem alguns numismaticos. Ha moedas *folheadas* que são verdadeiras, por exemplo, alguns denarios da Republica romana (vid. Babelon, *Monn. de la républ. rom.*, I, p. LIII), e outras que são falsas.

**Garfila.** Vid. *Orla*.

**Grinalda.** Na linguagem ordinaria confunde-se *grinalda* com *coroa* (ou *capela*, palavra antiga, que deixou de se usar por causa da homonymia com *capela* «templo»: ainda nos *Lusiadas*, III, 134; etc.); entendo porém que a *coroa* é fechada (vid. *coroa* nesta Nomenclatura), e destinada a pousar horizontalmente na cabeça, fig. 18, ao passo que a *grinalda*, se compõe



Fig. 18

de dois ramos verticais enlaçados em baixo, fig. 19. Conquanto o francês vacile nas significações de *guirlande* e *feston*, seu sinonimo, parece-me que *guirlande* se deve traduzir em português por *festão*, e não por *grinalda*: cf. o emprêgo que faz da palavra *guirlande* o archeologo Espérandieu, *Bas-reliefs de la Gaule*, I, 362-363; e vid. p. 370. No Porto publicou-se em 1864 um jornal de versos chamado *A Grinalda*, o qual tinha no frontispicio, por ornato, uma lira dentro de duas palmas enlaçadas por uma fita nas hastes, o que no conceito dos redactores representa, e muito bem, como penso, uma grinalda. Esta palavra lê-se já no *Boosco delleytoso*, obra impressa em 1515, mas redigida no sec. XV ou XIV.



Fig. 19

Em virtude do que fica exposto, não deverá dizer-se, como dizem Lopes Fernandes, *Memoria das moedas*, p. 245, etc., e Aragão, *Moedas de Portugal*, II, 76, etc., que D. João V e outros reis têm «coroa de loiro» na cabeça, mas uma «grinalda»; do mesmo modo não deverá dizer-se que a marquilha X no dez-reis de D. João V, e marquilhas analogas, ficam dentro de coroas, mas sim, tambem, dentro de grinaldas. Os ramos ou palmas, que abraçam o brasão real, de D. João V para cá, são igualmente, no meu parecer, grinaldas e não coroas.



**Guinario.** Termo que se usava para designar o pequeno bronze ou bronze mínimo — hoje desusado.

**Hermeneutica numismatica:** expressão empregada na *Rivista di Num. Italiana*, xxxviii, 259: «Ermeneutica numismatica romana»; e p. 260: «esercizi di ermeneutica delle monete veneziane». Isto é: interpretação de moedas e seus letreiros.

**Heteróclita.** Termo usado por J. Pedro Ribeiro, in *Reflex. hist.*, I, na acepção de *hybrida*. Vid. êste último.

**Hibrida ou heteróclita.** Moeda que, por êrro de cunhagem, ficou com tipos ou letreiros de várias moedas, isto é, com o reverso que devia ter, e com o anverso de outra, ou ao contrário. Os Franceses chamam a estas moedas pitorescamente *mules*, «mulas» (por as mulas serem animais híbridos); cf. *Rev. Historique*, cxxvi, 163. Vid. nesta Nomenclatura: *heteróclita* e *anomala*. Em Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, t. I, p. LV, ha um capitulo sobre moedas híbridas romanas. Nas *Observações historicas*, p. 71, nota 2, cita João P. Ribeiro alguns exemplos portugueses. Como híbrido considero eu um cruzado de ouro do sec. xv em que se lêem os nomes de D. Afonso V e D. João II: vid. *Elencho de Numismática*, II, 56. O mais amplo trabalho porém que possuímos a respeito de *moedas híbridas* (portuguesas) é o que com este titulo o S.<sup>or</sup> Raul Couvreur inseriu n-*O Arch. Port.*, xxiii, 26-47.

**Inanimada (moeda).** Vid. *Anepigrafa*.

**Incerta.** Moeda cuja data e destino não podem determinar-se.

**Incusa.** Moeda que tem de um lado o tipo ôco, e do outro não tem nenhum, ou tem saliente aquele mesmo tipo. Ha pois duas classes de moeda incusa:

a) por imperfeição de cunhagem: são assim, por exemplo, algumas das mais antigas moedas que ha (podem ver-se no Museu Etnologico reproduções que obtive em Londres, no Museu Britanico, em 1913);

b) por êrro de cunhagem, o que acontece com algumas moedas da Republica romana (por exemplo, denarios da familia AEMILIA) e em moedas



Fig. 20



Fig. 21

portuguesas, por exemplo, na fig. 20. No Museu Etnologico ha, pelo menos, um exemplar de denario romano incuso, apparecido na Beira Baixa, fig. 21, onde o obtive (appareceram outros que não pude obter). Vid. *Bracteata*.

**Inscrição.** Vid. *Letreiro*.

**Legenda.** Vid. *Letreiro*.

**Letreiro.** Numa moeda pode haver letras simples ou ligadas, parte de palavras, palavras avulsas, frases, e bem assim datas, numeros representativos de valores, algarismos ou numeros varios, por exemplo: P = Porto, S C = senatus consulto, RM = Roma, F. A. C. (iniciais da assinatura de um artista = Frederico Augusto de Campos), FS = *Fernandus* por *Ferdinandus*, LEG = legio, CONSECRATIO, PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM, 1562, 20 CENTAVOS, I = unus, CONT = *Constantinopolis (officina) tertia*. Chamarei *letreiro*, de modo geral, a tudo isto. Já Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel*, pt. iv, cap. 86, empregou esta expressão, e depois d'ele outros autores, por exemplo, Severim de Faria, §§ 10 e 16, o qual usa a par *letra* ou *letras* (§§ 6, 33, etc.) e *cifra* (§ 32). D. Rodrigo da Cunha, fls. 3 v, usa *letreiro* ou *letra* (a *letra* da orla, fls. 104); Bluteau diz a «letra da medalha». Outros dizem *escrita*. Embora estes autores tenham em mente sobretudo a «legenda», de que adiante falarei, servem-se aqui de uma expressão geral.

Um letreiro pôde ser, quanto á sua posição:

- *retrógrado*, por exemplo: AREMIH = *Himëra* (Sicilia);
- *bustrófedon* (βουστρόφεδον), alternadamente da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, isto é, uma linha da esquerda para a direita, continuada por outra em sentido inverso, á maneira dos sulcos que o boi deixa na terra com o arado (βούς «boi» + στρέφειν «volta»);
- *da esquerda para a direita*, nas moedas modernas, e já nas romanas, etc.;
- *da direita para a esquerda*, nas moedas semíticas, e muitas ibericas, por exemplo, numa de Salacia: 𐤓𐤍𐤕𐤕𐤕 (vid. *O Arch. Port.*, I, 83);
- *circundante, horizontal, em quadrado*.
- *ficar dentro de outro*, por exemplo, no *português*, de D. Manuel I e D. João III.

As letras podem ser plenas (o usual), ou pontuadas (por exemplo, em moedas romanas e ibericas). Também o letreiro pôde ser do

tipo chamado *graffito* (palavra italiana usada aqui e em Epigrafia): cf. Lenormant, in *Revue Numismatique*, xv, 325, onde fala de inscrições amorosas, feitas, riscadas ou gravadas nas moedas pelos donos d'elas.

Conforme o lugar que ocupa na moeda, o letreiro toma diferentes nomes:

- *legenda*, se ocupa a orla;
- *inscrição*, se ocupa a parte central da moeda, servindo de tipo, ou completando-o, por exemplo, numa moeda de D. Sebastião chamada *real* (de cobre), Aragão, I, est. XXI, n.º 35, e noutra de D. Henrique chamada *real português dobrado* (de prata), ib. n.º 4.

- *epigrafe*, se está dentro do *tipo*, por exemplo, numa moeda de D. João III, chamada *real* (de cobre), Aragão, est. XVIII, n.º 49.

Falando do denario romano, diz Viterbo, *Elucidario* (s. v. «dinheiro»): «... tinha esta *marquilha* X que lhe deu o nome de *denario*, ou equivalente a dez». Podemos adoptar a expressão *marquilha* para significar a letra, letras, algarismo ou número que representa o valor da moeda.

**Linguas.** Sem poder mencionar aqui todas as linguas em que se escreveram letreiros monetarios, falarei só de Portugal. Em moedas da antiga Lusitania ha letreiros em linguagem ibérica (algumas moedas de Salacia) e latina (outra moeda de Salacia, moedas de Ebora, etc.): vid. *Moeda*. Em latim são também as moedas dos Suevos e Visigodos, e muitas d'elas foram cunhadas cá. Vid. também *Moeda*. Os Muçulmanos serviram-se naturalmente do arabe, e por eles foram cunhadas moedas em Mertola no sec. XII (acêrca porém de moedas arabicas com caracteres arabicos & latinos na Africa e na Hespanha, vid. Codera, *Tratado de Numismática árábigo-española*, Madrid 1879, pp. 35-56. De D. Afonso VIII de Castela, e de seu filho D. Henrique I, conhecem-se também moedas bilingues: ibidem, ...). As moedas propriamente portuguesas são em latim ou em português, com excepção de um ceitil de D. Manuel I com uma inscrição em arabe, publicado por Aragão, t. I, est. XIV, n.º 22 (e vid. p. 250).

**Marquilha.** Vid. *Letreiro*.

**Medalha.** Na fôrma, uma medalha parece-se muito ás vezes com uma moeda, mas, ao passo que esta é uma medida de valores, aquela é essencialmente comemorativa de acontecimentos, e de pessoas. Também ha medalhas de galardão e devoção; ha-as que servem

de insignias, etc. Vid. *O Arch. Port.*, xvi, 156-157, onde fiz uma classificação geral das medalhas; e cf. também Artur Lamas, *Medalhas portuguesas*, vol. I (1916), pp. ix-x. Não só as moedas antigas tinham com frequência caracter comemorativo, senão que no nosso proprio Portugal ha moedas que são ao mesmo tempo medalhas, por exemplo, a que o Govêrno da Republica emitiu para comemoração do centenario da Guerra Peninsular. Dá-se não raro o nome geral de *medalhas* ás moedas antigas, visto que elas estão fóra de uso, ou sem valor circulante, e se tornaram meros documentos historicos.

A uma colecção de medalhas, organizada para estudo ou regalo, chama-se *medalheiro*, designação que, pela razão dada, também se applica a uma colecção de moedas antigas.

Chama-se *medalhista* ao individuo que se occupa do estudo das medalhas. Esta palavra creio que foi introduzida na nossa lingua no sec. XVIII por Fr. Vicente Salgado (acêrca d'este autor vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 351) na redacção manuscrita das suas *Conjecturas*, que se guarda na biblioteca da Academia das Sciencias, gab. 5.º, est. 8.ª, n.º 42: vid. fls. 7, mas é curioso que emendou ao lado *medalhistas* em *sabios* (isto é, eruditos); a fls. 21 tem: «... medallha... desconhecida dos *medalhistas*», e substituiu igualmente esta última palavra por *numismaticos* na edição da mesma obra, p. 72. Também nas suas *Observações sobre as medalhas antigas e modernas*, de 4 fls., cod. 114 da est. 14 do referido gabinete da Academia, se lê «medalhista», palavra que o autor, na redacção impressa que tem por título *Instrucção das medalhas romanas*, suprimiu, pondo em vez d'ela *curiosos*. Esta hesitação de Fr. Vicente no emprêgo de *medalhista* provém certamente d'isto: que a palavra, para o espirito do autor, significava mais particularmente «fabricante de medalhas», e ele quis assim evitar sinonimia ou confusão.

Acêrca de *Medalhistica*, vid. estes Prolegómenos no comêço; e acêrca da nossa bibliografia medalhística, vid. *Da Numismatica em Portugal*, pp. 325-326.

**Módulo.** Por esta palavra entende-se a grandeza de uma moeda, considerada nas suas faces; a área; ou o diametro. O módulo permite também que certas moedas se comparem entre si, quanto ao tamanho: assim podemos dizer vintem de D. Luís de módulo grande, e de módulo pequeno, porque no seu reinado se cunharam vintens de dois tipos, segundo as epocas. Para avaliarem o tamanho das moedas serviam-se os antigos numismaticos de *escalas*, a mais conhecida das quais é a de Mionnet, constante de varios circulos,

de desigual raio, incluso uns nos outros, e tangentes entre si no mesmo ponto: cada moeda era colocada em seu circulo, e pelo número expresso nos circulos se indicava o tamanho das moedas. Todas as escalas foram publicadas por Grote, *Münzstudien*. Hoje não se faz uso de escala, porque temos o sistema metrico: exprimimos o diametro em milímetros e centímetros.

O diametro pôde tomar-se, atendendo ao contôrno, ou, por ele ser variavel, atendendo ao circuito granulado: cf. *Rev. Numismatique*, 1894, p. 379.

O nosso povo emprega duas palavras diversas para indicar *módulo*. Numa canção dirige-se assim um rapaz a uma rapariga, e diz-lhe graciosamente (vid. *Mil trovas*, de Agostinho Campos & Alberto de Oliveira, n.º 453):

Tendes o pé pequenino,  
Da *marquinha* de um vintem;

noutra canção, que eu colhi, o segundo verso é:

À *medida* de um vintem

(Fozcôa). Contudo, os nossos autores antigos também dão a *marca* o sentido de «carimbo»: vid. *carimbo* nesta Nomenclatura.

**Moeda.** Vide a definição que se dará noutro lugar, e o que se disser acêrca da origem das moedas.

A palavra *moeda*, antigamente *\*mōeda*, vem do latim *moneta*, que era na origem um epíteto de Juno, cujo templo servia de officina monetaria aos Romanos. Os nossos maiores pronunciavam *moêda*, palavra que rima com *quêda*, no *Cancioneiro* de Rêsende, I, 149; o povo na Beira e no Norte ainda assim diz hoje.

Por *Moeda* também se entendia d'antes «casa da moeda» ou officina monetaria. Num documento lisbonense de 1259, publicado por Vieira da Silva na *Universidade dos estudos*, Coimbra 1919, pp. 5 e 8, lê-se «x domos sub *Moneta*», «arredor contra *Monetam*» e *Moeda Velha*. No meu livro *Da Numismatica em Portugal*, p. 42 e nota 2, citei exemplos portuguezes dos secs. XVI e XVII de *Moeda* neste sentido. Cf. La Monnaie, em Paris.

Na epoca lusitano-romana cunhou-se moeda nas seguintes cidades que ficavam em territorio que hoje é portuguez: *Ebora*, *Salacia*, *Pax Julia*, *Myrtilis*, *Baesuris*, *Ossonoba*, todas na Lusitania; também se cunhou moeda em Serpa, na Betica, vid. *O Arch. Port.*, VI, p. 81. Os reis suevos cunharam moeda em Braga, os visigodos em *Egitania* (Idanha), *Elvora* (Evora), *Portocale* (Porto), *Iminio* (Coimbra), *Bra-*



cara (Braga), Lamego, Veseo (Viseu). Vid. *Religiões da Lusitania*, III, 577, nota. Na epoca dos Arabes cunhou-se moeda em Mertola. Das casas da moeda propriamente portuguesas fala Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 68-69.

Num documento do sec. XII chama-se *moeda*, isto é, *moneta*, aos proventos, segundo parece, resultantes da fabricação da moeda real: vid. Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 16.

*Moeda* é também o nome de uma especie monetaria, por exemplo, no tempo de D. João V.

Várias expressões monetarias em que entra a palavra *moeda*:

— *Moeda de boa lei*, aquella que no metal, toque e pêso, e em tudo o mais, está conforme com a lei que a mandou lavar.

— *Moeda de conta* ou *imaginaria*. Unidade de valor a que não corresponde moeda efectiva, e que só serve para a ela se referirem as quantias. Moeda puramente teorica. Por exemplo, *conto* de reis. Às vezes os nomes provêm de moedas que efectivamente existiram: como *reis*, plural de *real*, moeda antiga. Na lingua usual dizemos «*tantas moedas*», por «*tantos valores correspondentes a outras tantas vezes 4:800 reis*». Conquanto *centavo* queira hoje dizer centesima parte de um *escudo*, essa palavra no falar usual considera-se também moeda de conta. Para a nossa concepção *vintem*, numa expressão como *sete vintens*, tornou-se do mesmo modo hoje moeda de conta, visto que o *vintem* já não é corrente, substituído como foi pelo valor de 2 centavos; mas como a peça d'este valor não corresponde nome particular, a palavra *vintem* ainda perdurará muito tempo. — Aragão consagra um capitulo ás moedas d'esta categoria, nas *Moedas de Portugal*, I, 18-21.

— *Moeda corrente*, a que tem curso em determinado momento.

— *Moeda cursavel*, a que voga, corre, e chega a muitas partes, como diz o P.<sup>o</sup> Viterbo, no *Elucidario*, s. v. «*cursavel*», citando um documento do sec. XV: *moeda nobre, e rica, e mui cursavel*. Assim algumas moedas de ouro portuguesas do sec. XVI foram *mui cursaveis* nas antigas provincias belgas: vid. Alphonse de Witte, in *O Arch. Port.*, III, 273. A libra ou soberano inglês é outra moeda de ouro *mui cursavel*. Já em textos latinos a idea de o dinheiro *ter curso* se exprimia com *moneta cursualis*, e *curribilis*, em Lampridio (sec. IV): ap. *Zs. rom. Philol.*, XXXVII, 590.

— *Moeda representativa*: vid. *Papel-moeda*.

*Lavar* ou *bater moeda*: diz-se, de modo geral, por fabricar moeda, quer esta seja fundida, quer cunhada. Propriamente *lavrá-la* é apurá-la com buril e outros instrumentos adequados, quando fundida.

*Bater* é uma das operações da cunhagem. Fr. Vicente Salgado, *Instrucção sobre as moedas romanas*, p. 32, diz: «moedas de bronze, ou vasadas ou gravadas», isto é, as fundidas ou cunhadas. De varios termos tecnicos de cunhagem das moedas, no sec. XIII, se dá notícia n-*O Arch. Port.*, III, 209 sgs.

Vid. outras expressões nesta Nomenclatura: *falsa*, *obsidional*, *safada*, *quebrar moeda*, *alteração*, etc.

A uma colecção de moedas, feita para estudo, ou simples prazer, dá-se o nome de *monetario*, e *medalheiro* (vid. *medalha*); tambem pôde dizer-se *numofilacio* (vid. este vocabulo).

**Monograma.** Letras entrelaçadas que formam como que uma só.

**Monometalismo.** Vid. *Sistema monetario*.

**Nova.** Chamarei assim (à falta de outro termo melhor) a moeda em perfeito estado de conservação; também se podia usar do termo familiar *novinha*. — Evita-se dêste modo a frase à *flôr do cunho*, que é tradução bárbara do francês, à *fleur de coin*.

**Numerario.** Conjunto das moedas que andam em circulação em certo momento. — Palavra já usada por Accursio das Neves em 1814-1817 numa obra intitulada *Variedade sobre objectos relativos ás notas*, etc.: vid. *O economista Accursio das Neves*, por M. B. Amzalak, II (1921), 33, e I, 19.

**Numismata, numismatico.** É o indivíduo que se ocupa de Numismatica; especialista de Numismatica. Palavra formada, por um lado, como *aristocrata*, pelo outro, como *matematico*. Conquanto eu empregasse a primeira no título de um opusculo que publiquei em 1909, acho mais nacional a segunda, que foi já usada no sec. XVIII por Fr. Vicente Salgado, num ms. da Academia das Sciencias: «prática dos Numismaticos»; vid. tambem esta Nomenclatura, s. v. «medalha». Pelo meu venerando Mestre de Medicina D.<sup>or</sup> Pedro Dias, que tambem se ocupou da sciencia das moedas com grande fruto, vi empregada a mesma palavra numa carta que escreveu ao D.<sup>or</sup> Araújo, e se guarda no Museu Etnologico.

**Numofilacio.** O mesmo que *monetario* e *medalheiro*, isto é, colecção ordenada de moedas; lugar onde elas se guardam. Vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 2, nota 2, e *medalha* nesta Nomenclatura.

**Obsidional.** Moeda provisória, de baixa lei, fabricada durante um cerco (*obsidio*) para acudir às necessidades do comércio.

**Orla** é, de modo vago, a extremidade de cada página da moeda, às vezes delimitada pelo rebôrdo, ou definida por uma serie de pontos ou granulós, fig. 22. D. Rodrigo da Cunha usa esse termo a fls. 102 v, 104, 106; no último lugar diz «*garfila* ou *orla*». Damião de Goes,



Fig. 22

*Chronica de D. Manuel*, fls. 112 v, ed. de 1566, diz que os *portugueses*, moeda de ouro, tinham dois letreiros: «hũ na garfilla de fôra, aho redor, q̃ dizia *primus Emanuel*, & outro letreiro aho redor das armas...»; d'onde se vê que *garfila* é «orla». O escrever Goes *garfilla*, com ll, faz crer que ele acentuava o i, e é assim que Moraes,

*Dicc. da ling. port.*, s. v., manda ler; todavia os Hespanhois, que também, noutra fôrma, têm a mesma palavra, pronunciam *gráfila*. Num texto do sec. xvi, publicado nas *Provas da Hist. Genealogica*, II, 459, lê-se: «... seis braceletes... com huns fios grafilados pelas bordas» (isto é, bordas dos braceletes). Severim de Faria, no sentido de «orla», emprega *à roda*, § 26, *pela roda*, § 29, *na cerca*, § 32, *no circuito*, § 32, *na cercadura*, § 34. Esta última expressão é igualmente usada por D. Rodrigo, cit. fl. 106.

**Páginas**, de uma moeda, são as duas superfícies maiores, opostas uma à outra. Em vez de *páginas* pôde dizer-se *faces*, *lados*, etc. Severim, §§ 4, 6, diz: *de ambas as bandas*, *de ambas as partes*. D. Rodrigo da Cunha, fls. 102 e 107, diz *face*. Uma d'estas páginas chama-se *anverso*, a outra *reverso*.

**Quebrar moeda**, ou *levantar moeda*, isto é, cunhar com o mesmo valor intrínseco e o mesmo tipo uma moeda corrente, porém com maior liga e portanto com menor valor intrínseco. Um ant. sin. de *quebrada* ou *mingoada*, é *febre* do latim *flebilis*.

**Pátina.** É o *verdete* (carbonato de cobre hidratado) que, pela humidade do ar, se forma nas moedas de cobre ou de bronze. O *verdete*, acumulando-se lentamente à superfície das moedas, dá-lhe um verniz especial chamado pátina. O verdete nas moedas em circulação aparece pouco por causa do atrito continuado.

**Rebôrdo.** Saliencia que o bôrdo faz em cada uma das faces da moeda. Cf. «cordão», s. v. «bôrdo».

**Recunhada.** Diz-se assim a moeda que, por engano, recebeu em uma de suas faces parte do tipo de outra que estava pousada sobre ela na ocasião da cunhagem, fig.23.

**Restituídas.**

Chamam-se particularmente em Numismática romana *moedas restituídas* as que certos imperado-



Fig. 23

res cunharam, reproduzindo mais ou menos moedas anteriores, de outros imperadores, ou da republica, e juntando ao nome, para designarem isso, a palavra RESTITVIT, geralmente abreviada (REST). Restituíram-se moedas de todos os tres metais. As causas da restituição não estão bem averiguadas: seriam causas complexas, vid. F. Gnechi, *Monete romane*, Milão (Hoepli) 1900, p. 283 sgs. O imperador que restituiu maior número de moedas foi Trajano (ouro e prata).

No reverso das moedas (de prata) do Centenario da India, cunhadas no reinado de D. Carlos, ha uma restituição parcial, pois reproduziu-se nelas a cruz dos pintos; nos «500 reis» de D. Manuel II, de 1908, quis-se imitar o brasão das moedas do sec. XVIII.

**Reverso.** Vid. *Anverso*.

**Roseta.** Vid. *Florão*.

**Rosto.** «O rosto da medalha é a parte ou face opposta ao reverso». Morais, *Dicc.*, s. v. «rosto». Vid. *Anverso* nesta Nomenclatura.

**Safada.** (Çafada): Moeda gasta pelo uso.

**Scifata (scyphata).** Moeda concavo-convexa, que por isso lembra a fôrma de um *scyphus* (taça ou copo).

**Senhoreagem.** Lucro da amoedação; emolumento que o rei, o senhor, ou o estado percebia por ela. Tambem se chamava assim aos gastos ou custo do fabrico, o que igualmente se chamava *braçagem*. (Cf. Morais, *Dicc.*).

Do rendimento da *senhoreagem* da moeda da nossa Índia, do sec. XVI ao XIX, fala muitas vezes Aragão, III, 99, 155, 266, 286, 326, 331, 378, citando documentos.



Num alvará de 26 de Fevereiro de 1643 manda o rei que as *patacas* ou *reales* de Castela correntes em Portugal sejam contra-marcadas com «480 reis», e que depois «se responda a seus donos, por cada hũa 400 reis, e a 200 por cada mea, e que os mais crescimos, que vem a ser a 20 por cento, fiquem *para minha fazenda e para os gastos do mesmo cunho*» (*apud* Aragão, II, 266).

Senhoreagem nas moedas de ouro de D. João V: Aragão, II, 86.

A expressão *braceagem* lê-se numa lei de 4 de Agosto de 1688, onde juntamente se lê *senhoreagem*. Já Bluteau se referiu a esta lei ao falar d'aqueles dois vocabulos, porém não a especifica.

De tempos modernos diz Aragão, II, 236: «algumas nações não tiram senhoriagem de moeda de oiro, como acontece na Alemanha, emquanto na França a moeda é de inferior toque, e peso, ao decretado».

**Serrilha.** Vid. *Bôrdô*.

**Sigla.** Letra isolada como inicial de nome.

**Simbolo.** Vid. *Tipo*.

**Sinal oculto.** Certo sinal que se põe na moeda para indicar o local da fábrica, os moedeiros, etc.

**Singular.** O mesmo que *Anomala*. Vid. este último termo.

**Sistema monetario.** Conjunto de moedas de uma nação, ligadas entre si segundo certa relação ponderal, e com base comum, ou *unidade monetaria*. Os tratadistas chamam *padrão monetario* á porção de metal fino que se toma por unidade: se é só ouro, ou só prata, temos o *monometalismo*, ou sistema monometalico; se é ao mesmo tempo ouro e prata, temos o *bimetalismo*, ou sistema bimetálico.

**Tipo.** Significa tudo o que está representado ou figurado na moeda: comprehende o *cunho* ou *cunhos*, e o *leiteiro* ou *escrita*. Tambem se emprega *tipo* só como sinonimo de *cunho* ou *cunhos*, e é essa acepção mais geral. Empregar *tipo* no sentido de *simbolo*, como alguns fazem, é improprio, pois o *simbolo* designa a *divisa* de uma cidade, a *empresa* de um rei, e bem assim certas letras ou imagens religiosas e outras.

O tipo ou o simbolo dizem-se *falantes*, quando representam hieroglificamente um nome, por exemplo, nas moedas da ilha de Milo um pomo (μῆλον), nas de Rodas uma rosa (ῥόδον), talvez por vezes sob a influencia de ideas religiosas; nas moedas da Republica romana uma *flor* correspondentemente a *Aquilius Florus*, um *pé grande* correspondente a *Furius Crassipes*, uma *Musa*, correspondente a *Pompo-*



nus *Musa*, um martelo ou *malleus*, correspondente a *Publius Malleolus*. Acêrca deste assunto, quanto á antiguidade, vid.: Reinach, *Manuel de Philologie*, I, 105; Lenormant, *Monnaies et médailles*, p. 100. Entre nós temos, por exemplo, nas moedas de D. Antonio, Prior do Crato, cunhadas em Angra, o simbolo do «aço», por alusão ao nome do Arquipelago.

Comparando entre si certas moedas de um mesmo tipo geral, e provenientes de uma mesma officina, observam-se nelas, por vezes, diferenças, quer no cunho, quer na legenda, as quais se chamam *variedades*.

Quando uma d'essas moedas é menos importante que a outra, ou menos antiga, chama-se *variante* d'essa; quando não pode saber-se a data, ou quando a importancia é quasi igual ou igual em ambas, diz-se simplesmente que são *variantes* entre si.

**Variedade.** Vid. *Tipo*.

**Verso.** Vid. *Anverso*.

J. L. DE V.

Desenhos de F. Valença.

## Antiquitvs

(Continuado d-O Arch. Port., xxx, 1 a 13)

### XXIX

#### Sepulcros romanos inéditos no Casal de Santo Amaro (junto a Sintra)

Na crónica de velharias sintrenses, aqui publicada em 5 de Outubro último, sobre a Ermida de Santo Amaro, prevendo a curiosidade do leitor, a quem a presença isolada dêste monumentozinho religioso na desolante charneca do mesmo tópico surpreendesse, revelei o achado, no casal vizinho, de duas antigas sepulturas pagãs, uma delas com inscrição, facto que devia, por si só, ser interpretado como explicativo do culto cristão naquele sítio. E por sua vez também, o aparecimento de lápidas romanas não devia causar estranheza nesta região.

A romanização do território de «Olisipo» foi bastante intensa para E. Hübner, o notável epigrafista alemão, ter registado no *Corpus Inscriptionum Latinarum* mais de trinta epígrafes, só no alfoz de Sintra, às quais devem hoje somar-se algumas posteriormente encontradas. Mas muitíssimas mais certamente destruíram os dezanove

séculos transcorridos e ocupados, por assim dizer, a aniquilar os veneráveis vestígios do passado, mórbida psicologia de que nem a terapêutica do nosso civilizadíssimo século ainda nos deu por curados.

Por outro lado, localizava-se neste sítio um caso de tradição, a que era necessário dar merecido vulto. Desde o primeiro dia em que casualmente me prendeu os olhos a galilé, sedutora de antiguidade, de Santo Amaro, reflecti sobre a possível vizinhança de sepulturas antigas. Não era vão nem leviano o meu pressentimento, porque, transpondo o tóscico portal do próximo Casal de Santo Amaro, logo fui encontrar as lápidas correspondentes àquelas sepulturas, tendo uma, a epigrafada, a serventia de pia de cal, e a outra, desaproveitada. Uma «villa rustica» ali devia ter existido nos primeiros séculos da era cristã; dos frutos daquele mesmo chão de lavradio, ainda hoje fabricado, se alimentaram esses recuados habitantes, de cujas jazidas se encontravam as provas irrefragáveis; adstritos às mesmas glebas de então, os casaleiros de agora revolvem ainda a mesma terra, à luz do mesmo sol! Êste encadeamento inexorável das gerações, no desenrolar de tantos séculos, tem aspectos de sentimento, que nos vem estimular o amor do torrão pátrio, como velho morgadio de sangue.

A inscrição funerária ocupava o tópo transversal da tampa do sarcófago, cuja forma característica costuma ser comparada à de um baú, barril ou meia coluna ôca. Esta classe de monumentos é constituída por uma pia rectangular de menor comprimento que o corpo humano, destinada a receber as cinzas da cremação, piedosamente ainda resguardadas dentro de algum pequeno recipiente de vidro ou de chumbo. Dá-se-lhes em arqueologia a denominação de sepulturas «cupiformes» ou «arciformes» e o epitáfio costumava ser gravado ou no tópo da pedra que constituía a tampa, como é o caso presente, ou a um dos lados. Em Portugal são as províncias meridionais que têm revelado maior disseminação d'este tipo de sepulturas romanas e o motivo é que a sua introdução se effectuou através do «Fretum Gaditanum», isto é, do estreito de Gibraltar, por provirem da Mauretânia, como mostrarei.

\*

Vejamos, pois, a epígrafe do único monumento que a tinha:

I V L I A /// . . . . .  
 /// . . V S C A A . . . . .  
 /// . . C A S S I V . . . . .  
 /// . . A S S . . . . .  
 H . . . . .

A degradação da lápida inutilizou todos os esforços empregados para ler integralmente esta inscrição, que aliás obedece aos mais simples formulários, pois que indica o nome da pessoa falecida «(Julia (T)usca)» com a sua idade (A...) (ilegível) e o nome incompleto da pessoa ou pessoas dedicantes do sepulcro «(Cassio)» ou talvez «Cassia» e, provavelmente, a primeira letra da abreviatura da cláusula final: «está aqui sepultada» (H.S.E). Era o essencial.

É geralmente sabido que não só os nomes pessoais romanos tinham preceitos reguladores da sua estrutura, mas as inscrições eram redigidas segundo fórmulas variáveis com a classe a que pertenciam. E é por isso que é possível, diante de uma epígrafe incompleta, determinar a função das palavras que faltam. Ora cada nome de pessoa compunha-se de três elementos designados por: *prenome*, *nome gentílico* e *cognome*.

O nome de *Julia*, como feminino que era, não tinha porém *prenome*. Por isso, antes dessa palavra, não podia encontrar-se no epitáfio nenhuma outra palavra.

*Julia* era no 1.º século da era cristã nome vulgar nesta região olisiponense (*Felicitas Julia* era o epíteto concedido a *Olisipo*); o *Corpus Inscriptionum Latinarum* de E. Hübner, obra monumental de que não pode prescindir-se quando se trata de epigrafia romana na península hispânica, coleccionou ali quasi uma dúzia de legendas latinas com *Julia*.

Os caracteres que, na mesma 1.ª linha, deviam seguir-se àquele nome, revelavam a filiação, expressa pela inicial do *prenome* do pai antecedida da abreviatura F. (filia) ou a tribo, mas o espaço não permitia as duas menções.

Na 2.ª linha apenas se lê *usca*. É parte do cognome de *Julia*. Seria *Fusca* ou *Tusca*, este mais comum que aquele na Lusitânia. É ainda o C. I. *Latinarum* quem me sugere esta reintegração, que também prova que o primeiro nome da inscrição estava em nominativo; podia estar em dativo.

Depois do provável *Fusca*, vê-se um *a* maiúsculo, ao qual se seguiriam mais letras no espaço que resta ainda. Devia ser o princípio da palavra *annorum* ou antes da sua abreviatura *an*; o que indicava a idade com que *Julia Tusca* falecera. O ordinal correspondente só podia estar na 3.ª linha, por falta de espaço na 2.ª.

Na 3.ª lê-se bem *Cassiu*, de que não se encontra o *s* final que foi destruído. Era o nome gentílico do talvez parente que mandou recolher as cinzas de *Julia* no modesto monumento arciforme. Deveria estar precedido do seu *prenome*. E. Hübner menciona no C. I. *Latinarum* uns nove *Cassios* só na Lusitânia.

Da 4.<sup>a</sup> linha desta inscrição restam legíveis apenas três letras: ASS; talvez o feminino «Cassia», cônjuge de «Cassio»; homonímia não rara; terminaria essa linha por dois caracteres F e C, que seriam as iniciais das palavras «Faciendum Curavit» ou «Curaverunt» (mandou ou mandaram fazer).

A 5.<sup>a</sup> linha, de que há um quasi ilegível H, deveria ter, como já disse: H·S·H (= *hic sita est*): está aqui sepultada.

\*

Esta epígrafe funerária corresponde a uma fórmula geral muito concisa; é o seu mau estado de conservação que dificulta a leitura. E como estas pequenas crónicas sintrenses têm a dupla intenção narrativa e didáctica, em prol da propaganda da região, dilatei-me um tanto na aplicação ao caso presente de alguns preceitos epigráficos, processo que seria impertinente em uma revista científica, em cujos leitores se presumem conhecimentos fundamentais<sup>1</sup>.

As pessoas mencionadas nesta lápida arciforme usavam já nomes não indígenas, mas de estirpe romana, o que pode depor, mas só provavelmente, como sintoma da romanização demográfica desta província; seria preciso percorrer todo o onomástico latino da epigrafia romano-lusitânica para tirar corolários um tanto seguros. Sob este aspecto onomatológico há ainda uma coincidência que não deixarei escurecer. E. Hübner arquiva três inscrições funerárias que, com a de Santo Amaro, denunciam a mais estreita analogia. Os nomes que elas contêm são os seguintes: «Julia mater Tusca», «Julia C. F. Tusca» e «Julia Q. f. Fu(sca)»; esta de Chelas, as outras de local ignorado. Não se trata claramente da mesma defunta, nem da mesma epígrafe, mas há homonímias curiosas a notar neste capítulo de epigrafia latina. Na Covilhã encontrou-se também uma lápida com o nome «Tusca».

O estado de degradação em que os caracteres desta legenda se encontram mal permite uma suposição cronológica fundada em paleografia, se bem que não é só esta ciência que auxilia o conhecimento do século, a que pertence um título imperatório. Em todo o caso, como corolário das considerações anteriores, poderei aventar que esta sepultura é do século I ou II, mas mais provavelmente do 1.<sup>o</sup> século, em que o nome de Julia teria maior voga.

<sup>1</sup> A razão dêste dito está em que este e outros trabalhos relativos à região de Sintra destinam-se a um volume que terá por título o de *Sintra do pretérito*.

As dimensões da tampa d'êste monumento são: 0,80 para o comprimento; 0,45 para a largura; a não epigrafada mede 1,20 de comprimento e 0,55 de largura. As arcas pròpriamente não foram encontradas; as inscrições eram sempre lavradas na peça superior da sepultura. Os dois monumentos foram cedidos pelo S.<sup>o</sup> Moreira Rato ao Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, onde se encontram.

F. ALVES PEREIRA.

### Miscelânea arqueológica

#### III

##### 1. Ornamentos da Igreja do Salvador da Ilha do Faial

Lopo Serraão escudeiro do duque de Bragança que ora tenho carrego dalmoxarife nesta ilha do Faiall faço ssaber a quantos esta certidam virem que Bastiam Nunez morador nesta dita ilha me entregou os ornamentos que sse sseguem que lhe foram entregues no tesouro dEl Rei nosso Senhor que os entregasse nesta ilha e me entregou primeiramente pera a igreja do Salvador os ornamentos seguintes:

Primeiramente hũu calez de prata com ssua patena que pesou hũu marco e meo. Item hũu syno que pesou tres quintaes e xx arrateis. Item dous livros missaes de forma misticos encadernados. Item hũu livro de canto de forma encadernada. Item hũu tribollo de latam. Item hũu frontall de chamalote alionado de seis panos forrado de bocassym e franjado de barbilho de cores. Item outro fromtall de lanbell pintado. Item duas sobrepelizias de lemço. Item duas toalhas de Frandes pera o altar que tem seis varas e mea. Item hũu retavollo pintado de oleo de tintas finas dourado por partes com as armas reaes com esperas da envocaçam do Ssalvador quando appareceo a Madanella no orto que lhe disse *nolli me tangere* forrado de tavoado de pinho e ho pee e ilhargas cubertas de calhamaço. Item hũu par de galhetas e hũuas obradeiras.

E pera a Igreja de Santa Catarina os ornamentos sseguintes.

Item hũua vistimenta de chamalote alionado com ho ssauastro doutro chamalote rroxo forrada de bocassym e franjada de barbilho de cores com todos seus comprimentos e alva. Item outra vistimenta de pano pintado de Frandes forrada de bocassym e franjada de bar-



bilho com seus comprimentos e alva. Item duas toalhas pera altares hũa de Frandes e outra de Bretanha e ssam de tres varas cada hũa. Item dous castiças de latam. Item hũu lanbell pintado pera ffrontal. Item hũu frontall pintado da India forrado de canhamação franjado de barbilho de cores. Item hũu calez de prata de dous marcos dourado de dentro com ssua patana. Item quatro galhetas destanho. Item hũa caldeira de latam dagoa benta. Item hũus ferros pera fazer osteas de ferro. Item hũa caxa de pao pera ter corporaes. Item quatro corporaes de mea olanda com suas paullas. Item hũa canpainha de latam. Item hũa cruz de Frandes de latam. Item hũa cortina pera altar de pano de Frandes pintado de seis panos de seis covados e meo cada pano forrada no ar de canhamação e frangada de barbilho e guarneçada de fita de linhas e argollas. Item hũu bacio de latam pera oferta. Item hũa alanpada de latam. Item hũu tribollo de latam. Item hũu missall mistico de forma encadernado. Item hũu livro doficios encadernado. Item duas bocetas com suas anbollas pera ollio e crisma. Item hũa vistimenta de bocassym preto forrada delle mesmo que tem uma cruz branca perfilada de barbilho preto e brameco com todos seus comprimentos e alva. Item hũu frontal de bocassym preto com seu pano de ter no altar de linho da terra curado e ssua cruz de lenço franjado de barbilho preto e brameco. Item hũa pedra dara.

Os quaes ornamentos eu Receby e entregey os da igreja do Ssalvador aos vereadores da dita Ilha e os de ssanta Caterina entreguey a Pedro Gonçalvez mordomo da dita igreja e o dito Bastiam Nunez me pedio hũa certydam pera mandar ao tesoureiro pera por ella dar conta e eu lhe mandey dar esta por mym asynada e asselada com ho ssello desta alfandega. Feita a XIX dias de setembro. Antonio da Veiga esprivam do almoxarifado e alfandega em a dita ilha a fez de mil bº xb anos. E quanto a campã de ssanta Caterina que aqui nom vay ficou Bastiam Nunez a fazer certo como sse perdeo no navio de André Afonso Rey do Porto na barra de Matosynhos.—*Antoneo da Veiga—Lopo Serão*—Pagou nihil.—Sello de lacre da alfandega coberto de papel (uma cruz de Christo)<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> *Corpo Cronológico*, parte II, maço 60, doc. 137. No papel que guarda o rosto lê-se: «Ao senhor Joã de Fygeiroo cydadão da cydade do Porto pera que a mande a Ruy Leite seu genro a cydade de Lisboa por que lhe rreleva seer lhe logo dada».

2. Ouro de particulares cunhado na Casa da moeda  
de Lisboa em 1515

Folha do ouro de partes que este ano de b<sup>c</sup>xb sse lavrou nesta casa da moeda e as pessoas que o entregaram.

Item. Joham da Veiga feitor de Tristam da Cunha lbj marcos ij onças bj oytavas xxiiij grãos per cynco adiçomes .s.

a b dias de janeiro bj marcos bij oitavas iiij onças.

a xxbj do dito me<sup>s</sup> ix marcos iiij onças b oitavas xxiiij grãos.

a xxb de mayo xxxb marcos bj onças ij oitavas Rij grãos.

a xb de junho j marco bj onças bij oitavas lxbj grãos.

a iiij doutubro ij marcos ij onças ij oitavas xxxbj grãos.

Item. De Joã Diaz feitor de Lopo Soarez xxix marcos iiij onças ij oitavas xxiiij grãos per tres adiçomes.

a xb de janeiro xiiij marcos ij onças ij oitavas xxiiij grãos.

a xxiiij do dito me<sup>s</sup> x marcos iiij onças iiij oitavas.

a xxbij de Junho b marcos b onças j oitava.

Item. Toralva sirgeiro a xxj de mayo iiij marcos ij onças xij grãos.

Item. Cristovam Carmones feitor de Joham Francisco Cxxbij marcos ij oitavas per dez adiçomes .s.

a xxxj de Janeiro ix marcos xxxbj grãos.

a xxij de Junho bij marcos j onça.

a xxij de Junho x marcos j onça ij oitavas.

a x de Julho xxiiij marcos iiij onças bij oytavas.

a bij dagosto xiiij marcos bij onças b oitavas xxiiij grãos.

a xxij dagosto xj marcos iiij onças bj oytavas Rij grãos.

a xxbij dagosto bij marcos b onças bj oitavas lx grãos.

a xxb de setembro xj marcos xxiiij grãos.

a xj do outubro xiiij marcos ij onças ij oitavas xxiiij grãos.

a iiij de dezembro xbij marcos b onças iiij oitavas bj grãos.

Item. Fernam Lourenço ourivez Cx bij marcos iiij onças iiij oytavas liiij grãos per oito adiçomes .s.

a bij de fevreiro xiiij marcos ij onças bij oytavas liiij grãos.

a xxj de fevreiro ix marcos ij onças iiij oytavas xxiiij grãos.

a ij de março ix marcos bij onças bj oytavas Rij grãos.

a xbij de setembro xxij marcos iiij onças bj oytavas xxiiij grãos.

a iiij doutubro xbij marcos ij onças bj oytavas Rbij grãos.

a xxix doutubro xbij marcos iiij onças ij oytavas bj grãos.

a iiij de novembro ix marcos b onças iiij oytavas xbij grãos.

a xxix de novembro xbij marcos b onças bj oitavas liiij grãos.

Item. Pedro Gonçalves afinador x marcos j onça bij oytavas Rbij grãos per tres adiçomes .s.

a xxiiij de mayo b marcos iij onças ij oytavas xxxbj grãos.

a bj doytubro j marco iij onças iiij oytavas bx grãos.

a bij de novembro iij marcos iij onças xxiiij grãos.

Item. Pedro Afonso dAgiar liij marcos bj onças b oytavas Rij grãos per quatro adiçomes .s.

a iiij dias de Junho ix marcos xij grãos.

a XIX de setembro iij marcos iij onças iiij oytavas.

a b doytubro xij marcos bj onças bij oytavas xxiiij grãos.

a xxb doytubro xxbij marcos iiij onças ij oytavas bj grãos.

Item. Diogo Fernandez mercador ij marcos iiij onças ao primeiro de fevereiro.,

Item. Grauyel Lopez ourivez morador nesta cidade xj marcos bj onças bij oytavas.

Soma ao todo iiij<sup>o</sup>xxiiij marcos bij onças ij oytavas lx grãos que fazem xxbj mil bij<sup>o</sup>xxxj cruzados xxx grãos a quall folha eu Alvaro bastana per mynha mão espresvy e asyney a bij dias de dezembro de P<sup>o</sup>xb.—*Alvaro Pestana*<sup>1</sup>.

### 3. Ornamentos da igreja do Faial da ilha da Madeira

Nós El Rey mandamos a vós Rui Leite Recebedor do noso tesouro e ao sprivam dese officio que mandees fazer pera a Igreja de Santa Maria do Faial da parte de Machico estas cousas se porventura as nom teverdes feitas. s. hũ calez de prata de dous marcos de prata e hũa vestimenta de seda rrasa com sua alva e aparelhos e hũ sino de hum quintal e meo e hũ livro misal e outro de canto de forma tudo e hũ par de galhetas e entregay todo a Antam Alvarez noso almoxarife da dita parte de Machico pera estar sobrele carregado em rreceita e de sua mão o entregara ao vigairo da dita igreja e per este com seu conhecimento em forma volo levarõ em despesa e estas cousas lhe enviareis per Joham de Freitas pera vos enviar o dito conhecimento. Feito em Almeirym a xxbj dias de Janeiro ano de mil b<sup>o</sup> xbj.—*Rey*—De Castro—Hũ calez de ij marcos e hũa vestimenta de seda rrasa e j sino de j quintal e j livro missal e outro de canto de forma e hũ par de galhetas pera a igreja de Santa Maria do Fayal de Machico<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte II, maço 62, doc. 91.

<sup>2</sup> *Corpo Cronológico*, parte I, maço 19, doc. 101.

4. Ornamentos da igreja de S. Jorge da ilha da Madeira  
dados por D. Manuel I

Nós el Rey mandamos a vós Ruy Leite Recebedor de noso tisouro que entreguees a Amtam Alvarez almoxarife da vila de Machico em a nosa Ilha da Madeira os ornamentos abaixo conteudos que lhe mandamos entregar pera de sua mão os dar a Igreja de Sam Jorge da banda do norte da dita Ilha os quaees ssam os seguintes. s.

Primeiramente hũa vestimentta de chamalote e outra de pano de linho e duas toalhas hũa de pano da terra e outra de pano de Framdes. E dous castiçaaes de latam e dous fromtaaes hũu de lambell ou de bamçall e outro de pano de linho pintado. E hũu calez de prata de dous marcos dourado de demtro. E quatro galhetas destanho. E hũa caldeira daugoa bemta e ferros pera osteas. E hũa caixa de corporaaes com qatro corporaaes de mea olamda. E hũa campaynha E hũa cruz de latam de Framdes E hũa cortina de pano pintada de linho. E hũu bacio de uferta E hũa alampada. E hũu tribulo E hũu syno de tres arrobas. E hũu misal mistico. E hũu livro de officios e bocetas pera oleo e crisma E hũa vestimentta e fromtall de pano de linho preto pera a coresma E hũa pedra dara. E per este noso alvará com seu conhecimento feito pelo scripvão de seu officio e asynado per ambos em que dee fee que ficam sobre elle carregados em rreceita vos serem levados em comta e por em tanto pera vosa guarda cobray conhecimento de Pedro de Chavees a que isto tudo avees de dar conhecimento te vos mandar o outro conhecimento da ilha. Feito em Almeirim aos iiij dias de dezembro. António de Neiva o fez de b°xb.—Rey.:.— *O conde*—A Ruy Leite que entrege os ornamentos acima conteudos pera a Igreja de Sam Jorge da banda do norte da Ilha da Madeira.

Estes ornamentos lhe darees com suas alvas franjas e com todos seus aparelhos ordenados. Scripto em Almeirim a xxij de fevereiro 1516.—Rey.:.—

Recebeo Pedro de Chaves morador na ilha da Madeira no Funchal de Ruy Leite estes ornamentos dIgreja e outras cousas abaixo decraradas as quaes Recebeo asy per mandado del Rey Noso Senhor pera de todos lhe mandar da dita ilha conhecimento de todas. Feyto em forma pelo escrivam do almoxarifado em que decrare como lhas caregou em Recepta. As ditas cousas sam as seguintes.

Item. Hũa vestimenta de chamalote forrada de bocasym framjada de barbilho branco e vermelho com todos seus comprimentos e alva de lemço nova.

E outra vestimenta de pano de Frandes pintado forrado de bocasym e framjada de barbilho com todos seus comprimentos e alua de lenço.

E hũa cortina do dito pano pintado de seis panos e de bj covados e meo cada pano forrada no çeo e pellas ylhargas de canhamoço com seus alparavazes guarneçidos com argolas e frocadura de barbilho das ditas cores.

E hũu frontall de pano da India forrado de canhamoço com frocadura do dito barbilho dos que tem recebidos o thesoureiro de Miguel Nunez.

Outro frontall de pano de Frandes pintado de seis panos forrado de canhamoço com sua frocadura de barbilho das ditas cores.

E hũa vestimenta de pano tymto em preto forrado de bocasym franjado de barbilho das ditas cores com todos seus comprimentos e alva de lenço.

E dous castiçaees de latam pera altar Item hũu calez de prata com sua patena lavrado de Romano de meo Relevo que pesa dous marcos dourados dentro no vasso. Item quatro galhetas destanho. Item Hũa caldeira de latam per agoa bemta. Item Hũa obradeira de ferro pera oosteas. Item Hũa caxa de pao pera corporaes. Item quatro corporaes dolanda com suas paulas. Item Hũa campainha de latam pera misa. Item hũa cruz de latam de Frandes. Item hũa bacio de latam pera oferta. Item hũa alampada de latam. Item. Hũu tribolo de latam. Item hũu syno que pesa tres arrobas. Item hũu misall encadernado. Item hũa boceta pera oleo com suas ambulas. Item hũu frontall de pano tymto preto pera a coresma forrado de canhamoço e com frocadura do dito barbilho. Item hũa pedra dara. Item hũu livro doficios bautisteiro encadernado. Item hũa toalha pera altar de lenço que levou tres varas e mea. Item outra toalha daltar de toalhas Frandes que tem tres varas mea.

As quaes cousas todas recebeo asy o dito Pedro de Chaves como dito hé peras levar a dita ilha e as entregar ao almoxarife dela segundo forma do mandado del Rey noso Senhor porque lhas asy emtregou e se obrou a lhe de todas mandar conhecimento em forma feyto per o escrivão do almoxarifado em que decrete que lhe tem carregados em Recepta os ditos ornamentos e cousas e sam pera a igreja de Sam Jorge da banda do norte nam lhé mandado o dito conhecimento como dito hé se obriga a lhe todos pagar de sua casa e por verdade lhe deu este conhecimento feyto per mym em XIX dias de março de mil b<sup>o</sup>xbj anos—*Pedro de Chaves—Jorge Correa.*



Sejam certos os que este conhecimento de quytaçam virem hé verdade que Amtam Alvarez cavaleiro da casa dEl Rey noso Senhor e seu almoxarife na Jurdiçã de Machiquo conheço e confesou Receber e ter recebido de Ruy Leite que ora tem carregó de tisou-reiro da casa do dito Senhor os ornamentos abaixo decrarados. Item hũa vestimenta de chamalote florada de bocaxim e forrada de barbilho branco e vermelho com todos seus comprimentos e alva de lemço nova. Item outra vestimenta de pano pintado de Framdes forrada de bocaxim framjada de barbilho com todos seus comprimentos e alva de lemço. Item hũa cortina do dito pano pintado de seis panos e de seis covados e meo cada pano fforrada no çeo e pellas ilharguas de canhamação com seis alparavazes guarneçidos e com arguollas e framja de barbilho das ditas cores. Item hũu fromtall de pano da India forrado de canhamação com forcadura de barbilho. Item outro fromtall de pano de Framdes pintado de seis panos forrado de canhamação com sua forcadura de barbilho das cores. Item hũa vestimenta de pano preto tinto fforrada de bocaxim framjada de barbilho das ditas cores com todos seus comprimentos e alva de lemço. Item dous castiças de latam dalltar. Item hũu caleç de prata com sua patana lavrada de Romano de meyo Relevó que pesa dous marcos dourado de demtro no vasso. Item quatro gualhetas destanho. Item hũa caldeira de latam pera augoa benta. Item hũuas hobra-deiras de ferro pera osteas. Item hũa caixa de paaó pera corporaes. Item quatro corporaes dolanda com suas paullas. Item hũa campainha de latam pera misa. Item hũa cruz de latam de Framdes. Item hũa bacia de latam pera a oferta. Item hũa alampada de latam. Item hũu tribollo de latam. Item hũu sino que pesa tres arrobas. Item hũu misall mistigo encadernado. Item hũa boceta pera olios com suas ambullas. Item hũu fromtall de pano tinto pera coresma forrado de canhamação com sua forcadura de barbilho. Item hũa pedra dara. Item hũu livro doficios bautisteiro encadernado. Item hũa toalha pera altar de lenço que levou tres varas e mea. Item outra toalha daltar de toalhas de frandes que tem tres varas e mea.

Os quais ornamentos e cousas atras e acima scriptos o dito almoxarife do sobre dito Ruy lleite tessoureiro Reçebeo per Pero de Chaues que lhos por elle entregou nesta Ilha e ficam carreguados em Recepta ssobre o dito almoxarife nesta Jurdiçam de Machiquo per mym Pedro Lopez spriuam do dito almoxarifado os quoaes ornamentos e cousas sam pera Igreja de sam Jorge da bamda do norte e por certidam dello mandou o o dicto almoxarife ser feito este conheci-

mento per mym Pedro Lopez scripvam do dito almoxarifado e asynado per ambos aos xij dias de fevereiro de myll b<sup>c</sup> e dezasete annos. — *Amtam Alvarez — Pedro Lopez*<sup>1</sup>.

### 5. Sôbre a edificação de Azurara

Senhor — El Rei noso senhor me mandou hũa carta que fose Azurara a prover hũa Igreja que os moradores haly mandam fazer e asy a proveer sobre a emposiçam por ter por emformaçam que se nom arrecadava bem e se gastava em outras despesas pera o que nom fora lançada e mandase fazer mostras do modo da capela e igreja como hia ordenadaa e tomase contaa da emposiçam he que metese todo em hordem que viesse todo a boa recadaçam e que todo lhe esprevesse.

Ffuy ao dito lugar onde estive per algũs dias achey tanto embaraço e todo estar a tam maaõ recado que mais nom podia ser, ffiz todo arrecadar sopri nas inocencias dos moradores que nom ha hy pessoa que saibaa mais que ter hũu anzollo na maõ, parece me que Doeus foy servido e sua alteza no modo que eu fiz de todas esta cousas esprevo a sua altezoa a que terey em merçe lhe dar todo e nde bjr meus desfalecimentos supra a elles. Este portador he dos mesmo lugar a que envio asy por levar estas cousas como por trazer repostaa por a obra estar sospeusa da capellaa até saber o que sua altezaa ha por seu serviço se manda que se alevante mais ou se ffaça de modo que estava ordenado. E asy tambem podera saber sua Alteza se quiser tomar mais enformaçam deste portador posto que eu lhe esprevo tam largo que nom sei se estará mall tanta leitura.

Eu senhor istive com o meestre frei Joham de Chaves vy suas obras preguntou-me per vosa merçe muitas vezes, acheio agravado dizendo que o duque lhe deraa hũuas rendas de duas igrejas pera o fazer daquella obra e que sua Alteza lhe mandara veno pam pera se pagar o dinheiro das tenças quer ir a Castella ver hũu mestre Adriano<sup>2</sup> que foi mestre do princepe ou Rei de Castela que he alemaão. Pasei com elle tantas cousas que foram milhor pasalas com vossa merçe que as esprever per papell de que Eu estou com muito contentamento pois sam descanso del Rei nosso senhor.

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte I, maço 19, doc. 42.

<sup>2</sup> Foi depois papa com o nome de Adriano. É o último papa não italiano.

Eu ei por escuso oferecimentos a vosa merçe pois eu per obrigacão os devo servir quando me vosa merçe mandar cujas mãos bejo. Esprita oje x dias de Janeiro de 1517 anos. A serviço de vosa merçe Gomez Paez.

*Sobrescrito:* Ao muito prezado senhor o senhor secretario meu senhor<sup>1</sup>.

#### 6. A casa da armaria de Barcarena

Afomso Momteiro. Mandamos vos que vos emformeis da obra de que tem necessidade a cassa darmaria de Barquerena e deis della conta allgũs ofyciaaes que a queiram tomar dempreitada polo menos que poder ser e mais a nosso serviço e a ffacaees assy correger e dar dempreitada fazendo o saber a officiaaes que nisso folguem dentender e de a tomar e pomdo logo isto em obra porque sse chegara muito o inverno e cada vez averá mais obra que ffazer e se algum dinheiro for logo necessario Jorge de Vasconcellos o mandará logo dar. Scripta em Almeirim aos xxb dias de outubro. Afomso Mexia o fez anno de mil b<sup>c</sup> xbij. — *Rey*— Afomso Monteiro ssobre a casa darmaria de Barquerena que hade dar dempreitada etc. e que Jorge de Vasconcellos lhe mandará acudir com algum dinheiro sse lhe logo for necessario.

*No dorso:* Dar sse á a Jorge de Vasconcellos e asy a carta que vay pera Joham Francisco<sup>2</sup>.

#### 7. A construção da Sé e Alfandega do Funchal

Joham Saraiva Nós el Rey vos enviamos muito saudar vimos o rrol da despesa que achastes que ainda era necessaria de se fazer na see e alfandega dessa cidade e visto per nós todo avemos por bem e vos mandamos que pera as obras da dita ssee entreguees seiscientos mill reaes e pera as obras dalfandega entregay dozentos mil reaes do dinheiro que este anno presente de b<sup>c</sup>xbij recebees da venda dos açuqueres e quanto aa varanda pois nos nom parece necessaria sobreseja se nela e por esta carta com conhecimentos em forma dos rrecebedores das ditas obras feitas pellos scripvães de seus cargos e asinados per ambos em que dem fé que lhe ficam carregados em recepta vos serem levados em conta. Feito em Lisboa a bij dias de se-

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte I, maço 21, doc. 10.

<sup>2</sup> *Corpo Cronológico*, parte I, maço 22, doc. 106.

tembro anno de mil b<sup>o</sup>xbij—*Rey* ∴—*Ho conde*.—Joham Saraiva que entregue aas obras da see da Ilha bj<sup>o</sup> mil reaes e aas obras dalfandega ij<sup>o</sup> mil.

Comta das coussas que ainda sam necessarias pera alfandega.

Item. Pera rebocar acafellar e telhados e canos dizem os mestres que ha mester dozentos e setenta moyos de call que podem custar qua a iij<sup>o</sup> reaes e meo pouco mais ou menos podem custar lxxxj mil reaes.

Item. Dizem mais que ha mester iij<sup>o</sup> R cantos que se am mester pera a dita obra .s. pera hum peitorill que se ade fazer de longo da Rua pera ficar guardado o patim que está llajeado e pera hñu peitorill do patim atee a Ribeira que podem custar xij mil reaes.

Item. Pera toda a dita obra bij<sup>o</sup> lx servidores a Rb reaes servidor monta xxxiiij mil ij<sup>o</sup> reaes.

Item. b<sup>o</sup>xx jornaes dofciaees sam b<sup>o</sup>xx a lxxb reaes jornaes secos custam xxxix mil reaes.

Item. Per orçamento de carpentaria dalgũas janelas que estam pera fazer e messa de contos e varamda com madeira e os pillares pera ella Cxx mil reaes.

(Esta varamda me parece bem escusada porque nom serve soo dassombrar as llogaes debaixo e tolher lhe o soll e o ar e pera cima nom serve de cousa algũa por que o encaixar do açuquer nom se ade fazer em ssobrado).

Pera see

Item. Para llagear as capelas ambas e pera levantar os peitoris e girllamdas iij<sup>o</sup>lxxx cantos per orçamento ao dito preço de xxxb rreaes o canto xiiij<sup>o</sup> mil lx reaes.

Item. L varas de lageas pera dita capella a xxbj reaes a vara mil bj<sup>o</sup> reaes.

Item. Diz per orçamento pera todo o que esta pera fazer que ha mester ij mil Jornaes a lxxb reaes jornall el mil reaes.

Item. Pera dita obra biiij<sup>o</sup>l servidores a Rb reaes o servidor xxxbj mil reaes.

Item. De cinco mil tigołos pera o corucho e outros tantos azulejos custaram per orçamento xx mil Reaes.

Item. De cal pera a dita obra da see cento vinte moyos per orçamento xxxbj mil reaes.

Item. Pera grade da capela de bautizar que ha de ser de ferro que per orçamento xxb mil reaes.



Item. Pera estante que se faz em Lixboa pera o coro xiiij mil reaes.

Item. O pintor e mantimento de vigario e escriptvam e algũ outro dinheiro que se deve ij<sup>o</sup>L mil reaes.

[Soma] 545660.

*No dorso:* Informaçam que tomeý do vigairo e oficiaes das obras da see e alfandega do que hé necessario pera se acabarem segundo forma de meu Regimento.

Sejaom certos hos que este conhecimento de quitaçam virem como Estevaom Fernandez tesoureyro das obras da see e alfandega desta cidade do Funchall da Ilha da Madeira conheço e confesou receber e ter recebido peramte mim esprivão de seu carreguo de Johaom Sarayva que ora tem carreguo da venda dos açuques del Rey noso senhor quinhentos mil reaes em dinheiro de comtado a conta dos oitocentos mil reaes que lhe el Rey noso senhor manda dar ao dito tesoureyro pera despesa das ditas obras os quaes quinhentos mil reaes eu Johaom de Canha esprivão de seu carreguo carreguey em Receipta sobre ho dito tesoureyro e por verdade outorguou ser feito este conhecimento de quitaçam asynado per elle e per mim Johaom de Canha esprivão do seu carreguo per Bras Correya esprivão das ditas obras em vimte e sete dias do mes de novembro anno de mil e quinhentos e dezasete annos.—*Estevom Fernandez—Johaom de Canha.*

Sejaom certos os que este conhecimento e quitaçam virem como hé verdade que Estevam Fernandez tesoureiro dos dinheiros das obras da see e alfandega conheço e confessou receber e recebeo perante mim esprivão de seu carreguo de Johaom Sarayva que tem carreguo das vendas dos açuques dEl Rey noso senhor duzentos mil reaes pera as ditas obras em começo de pago dos oitocentos mil reaes que lhe o dito Senhor per esta carta atras manda dar os quaes trezentos mil reaes ficaom carreguados em Receita per mim esprivão sobre ho dito tesoureiro e por verdade asynamos ambos aqui oje vimte e dous dias do mes doutubro ano de mil e quinhentos e dezasete annos.—*Estevom Fernandez—Johaom de Canha.*

Sejaom certos os que este alvará de quitaçam virem que Estevam Fernandez tesoureiro das obras da see e alfandegua conheço receber de Johaom Sarayva cem mil reaes pera comprimento dos oitocentos mil reaes que lhe El Rey noso senhor este anno pasado



mamdou dar da venda dos açuqueres pera fazimento das ditas obras os quaes cem mil reaes lhe per mim Johoam de Canha Escrivaom de seu carreguo ficam carreguados em Recepta e por verdade e sua segurança outorgou seer feito este asynado per elle e per mim espi-  
vão aos vinte dias do mes de fevereiro do anno de mil e quinhentos e dezoyto annos.—*Estevom Fernandez—Johaom de Canha*<sup>1</sup>.

### 8. Armarios do cartorio da Ordem de Cristo

Dom Prior. Nós El Rei vos enviamos muito saudar. Com esta vos enviamos a bulla e proceso que se fez das cynquoenta igrejas do nosso padroado que anexamos pera sempre a ordem do meestrado de nosso senhor Jhesu Cristo pera ficarem em encomendas o quall aveemos por beem que mandees lançar no cartorio dese convento e poer en toda boã guarda pera sempre se saber quaes sam as ditas comendas e allem diso manday trelladar o dito proceso no livro que amda no dito cartoryo em que sam trelladados os privilegios da ordem. E porque estas cousas e outras semelhantes estem en boã guarda vos encomendamos que aveendo lugar no cartoryo pera se fazeren almarios forrados de dentro de boã tavaoado e beem linpos e fechados com boas fechaduras os mandes logo fazer e nam aveendo pera yso lugar manday fazer arcas fortes e forradas de dentro de pano de cor ou de linho qual vos melhor parecer e com boas fechaduras em que se metam as semelhantes scripturas e o que nesto ffezerdes nos espreve. Sprito em Almeirim a xiiij dias de novembro o secretario a fez 1517 —*Rey*—

Pera Dom Prior do convento de Tomar sobre a bulla e proceso das L<sup>ta</sup> igrejas do vosso padroado que anexastes a ordem pera comendas que lhe enviaes pera se lançar no cartoryo e almarios ou arcas pera guarda das scripturas que nele mande fazer<sup>2</sup>.

### 9. Obras de Santa Cruz de Coimbra

Senhor — Pollo meestre que fez o rretabollo neste mosteiro de santa + esprevi a V. A. coussas de sseu serviço antre as quaaes pidi que me mandasse alvará pera que o rregimento e poderes que tijnha dados a mjm e André Rodriguez conego deste mosteiro por

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 22, doc. 78.

<sup>2</sup> *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 22, doc. 116.

seis messes pera midirmos e demarquar as terras que ho mosteiro tem na comarca da Beira que ja ssam acabados durassem outros seis messes que se começassem de Janeiro que vem por diante porque neste tempo prazendo a Deus acabaremos na dita comarca o que ficou por mydir e demarquar. E asy lhe pidi que mandasse ao rrecedor do mosteiro que pagasse aos tabaliães que connosco andarom nas ditas demarcações e fizeram os autos a ellas necesarios quatro mill bij<sup>o</sup> lx reaes e sette centos e L<sup>ta</sup> reaes. s. b<sup>o</sup> reaes que levou hũu homem que enviamos de Ssea a Lixboa com cartas a V. A. e duzentos e cinquenta dallugeres de bestas que nos traziam o fato pellos lugares honde andamos fazendo as ditas demarquações que monta em tudo b mil b<sup>o</sup> x reaes e nunca maes ouve rrecado. Peço a Vossa Alteza que me mande os ditos alvaras pera sse isto acabar sse o asy ouver por seu serviço.

Marcos Pires meestre das obras deste mosteiro tem fechadas duas capellas dabobeda da crasta e asentadas todas as chaves da capella do canto da dita crasta que esta ssobre o portal per honde entram do mosteiro pera crasta e segundo ho aviamento que traz daqui ao nattall fechará todallas capellas desta colluna por que traz agora nesta obra lxx officiaes. Esprita de Coimbra a xxij de novembro de 1517 — *Grigorio Lourenço*.

*Sobrescrito.* A El Rei Nosso Senhor.

Vedor Grigorio Lourenço — Sy — Se lhe isto nom mandou o secretario que lho mande<sup>1</sup>.

#### 10. Um ornamento para a capela dos Portugueses em Compostela

Manuell Velho. Mandamos que a vestimenta de damasco branco apedrado com savastro de veludo verde e com todas as mais cousas que forem necessaryas que vos mandey fazer pera a capela dos Portugueses que esta em Santiago de Galiza ha entregues a Manuell Telez pera ha lla mandar e per este com seu conhecimento e asento do escriptvã do tesoureiro do que nyso dispenderdes mando que vos seja levado em conta posto que este nom seja pasado pela chancelaria, Domyngos de Payva o fez em Evora a xix de Fevereiro de mil b<sup>o</sup> xxxb. — *Rey* ∴ — Dom Rodrigo — A Manuel Velho que a vestimenta que V. A. mandou fazer pera a capela dos Portugueses de Santiago

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte I, maço 22, doc. 121.

ha entregue a Manuel Telez e cobre seu conhecimento per com ele e este lhe ser levado em conta e este nom pase pela chancelaria.

Recebeo Manuel Teles do tesoureiro Manuel Velho esta vestimenta acyma conteuda. Em Evora a xxj de ffevereiro de 1535—*Manuel Telez—Christovam Pirez.*

Senhor Tesoureiro—Diz El Rei noso Senhor que de hũa das capas de damasco apedrado que lla desfezestes mandes fazer hũa vestimenta comprida de todo com sua alva de llenço com savastro de veludo verde franjada de Retros dalgũa franja qee tiverdes nese hezouro que fforão doutras vestimentas fforada de bocasym amarello de que sua alteza faz esmola pera hũa capella de Santiago de Galliza a quall ade ser entregue a pessoa que sua alteza vos mandar. Ffeito nesta cydade de Evora ao primeiro de ffevereiro de 1535—*Ho amo*<sup>1</sup>.

#### 11. O tombo do Mosteiro de Ceíça

Senhor.—Por Aires Pirez Cabral a que vosa alteza cometeo o tombo do mosteiro de Ceíça me ser sospeito na demarcação das terras do mosteiro com has desta sua igreja, eu pedi a vosa alteza que o quisesse mandar fazer por dous corregedores dEstremadura como Dom Prior asentara com ho bispo de Lamego e Damião Diaz e nomeando eu algũs. que me diserão serem omẽs pera iso pór dom prior nom querer vosa alteza escolheo Francisco Diaz do Amarall e por tão bem me ser sospeito pedy a V. A. que a quisesse mandar fazer por dous desembargadores da sua Casa da Supricação e que a viessem fazer no tempo do espaço e ora soube como Vosa Alteza queria mandar a iso Antonio Carreiro e porque senhor este caso hé de muita importancia e releva muito a esta sua igreja de que eu nom som mais que administrador em vida e V. Alteza perpetuo padroeiro a que principalmente pertence olhar polas cousas dela e eu nom pôso deixar de requerer sua justiça e defender seu direito lembro a vosa alteza que esta cousa hee antre duas igrejas e dous ecclesiasticos em que de necessidade hum de nós ha de ser reo porque eu pertendo ter direito em terras de que o mosteiro está de pose e ele polo contraíro polo que ha de ser necessaria demanda a qual se nom pode tratar perante Juizes incopetentes nem nós neles consentir maiormente leigos e cada hũu de nós pode em todo tempo des-

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico, parte 1, maço 54, doc. 84.*

fazer o que se neste caso per eles fazer. Beijarei as reaeis mãos de vosa alteza o queira mandar ver e achando ser asy remeta tudo ao ecclesiastico onde pertencer e escusar se hão despesas denecessarias das igrejas e far se ha tudo como deve no que V. A. fazendo justiça herá muito serviço a Deus e a esta sua igreja e a mym muy grande merçe e nom serão necesarios desembargadores, Noso Senhor a vida e muy Real estado de vosa alteza guarde prospere acrecente como deseja. De Coimbra a xxxi de março de 1540. beijo as reaaes mãos de vossa alteza.—*Vosso Bispo Conde*<sup>1</sup>.

### 12. Dinheiros de contos

Senhor—Nesta casa se gastarom pera compra dos dinheiros de contos e bolsas e tinteiros e bocetas pera os officiais destes contos desta cidade de Lixboa deste ano de mil b<sup>c</sup> R dez mil e seis centos sesenta reaes hos quaes me entregou Francisco Lopez Recebedor de sisa da fruta desta cidade como se sempre soya fazer, certefico ho asy a vosa merçe oje xj dias de setembro de mil b<sup>c</sup> R anos. *Francisco da Costa*.

Certifiquo gastarem estes dez myll e seyscentos e sesenta reaes conteudos nesta certidom pera as couzas conteudos nella como se sempre gastarom dyspois que haija contos nesta cidade e histo quada hum ano hoje xj de setembro de 1540. *Uma rubrica*<sup>2</sup>.

### 13. Um hiate construido no estaleiro de Alcântara em 1805

Diz Antonio Gomes Arouca, Mestre do Estaleiro em Alcântara que tendo concertado no seo Estaleiro hum Hiato por Invocação Nossa Senhora d'Ajuda e Almas de que he dono Christianne Jozé Maria, está o Supplicante por pagar da sua obra devendo se lhe ainda cento vinte seis mil setecentos vinte e cinco reis. E como o Hiato se conserva no mesmo Estaleiro e ja fosse embargado por diversos credores que não pode em concurso prevalecer contra o Supplicante. Porisso e porque o Supplicante se acha sem alguns bens por onde possa satisfazer lhe o que ja se acha provado no Escriptorio de Simão José

<sup>1</sup> *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 67, doc. 60.

<sup>2</sup> *Corpo Cronológico*, parte 1, maço 57, doc. 31.

Alvarez d'Almeida e Sousa a requerimento de João Francisco Silverio, recorre o Supplicante a Vossa Senhoria porque se fique mandar tão bem proceder a embargo no conhecimento do Depozito que existe nos ditos autos, em quanto o mesmo supplicante não faz julgar per somente o seo bem sabido direito na qualidade de credor das proprias madeiras, obras e jornaes do dito Hiате. E porque de outra sorte se não pode evitar perigo eminente.

Pede a Vossa Senhoria seja servido mandar proceder no embargo requerido sem a demora da justiça que em taes cazos he desnecessario.

E. R. M.<sup>co</sup>

Dezembargador Silva Barradas a fls. 66 v em 23 de Novembro de 1805.

*Justificação de António Gomes Arouca*

Aos outo de Novembro de mil outocentos e cinco em Lisboa no meu Escriptorio pelo Inquiridor do Juizo forão inquiridas as testemunhas por parte do Justificante apresentadas, cujos ditos se seguem de que constituy este termo.—Simão José Alves de Almeida e Silva.

Antonio da Costa Florim Negociante Matriculado da Praça desta Corte morador na Calçada de Santa Anna, freguezia da Pena de Idade de quarenta e sete annos testemunha jurada aos Santos Evangelhos e do costume disse nada.

E perguntado pelo contheudo na petição de Justificante disse que o conhece perfeitamente e sabe pelo ver que he dono ou Mestre de hum estaleiro ao Calvario, onde se concertou hum Hiате que dizem ser de Christiano José Maria, e que tambem sabe por ouvir dizer que este se asentara com o justificante a que fizesse o referido concerto satisfazendo lhe a importancia delle e que sendo elle testemunha quem fez por sua mão as folhas para pagamento dos officiaes e materiaes percizos para o mesmo concerto a excepção da ferragem, sabe que abatidas daquella importancia a quantia de duzentos e sessenta e oito mil e quatrocentos reis, que recebeu, lhe resta ainda cento e vinte e seis setecentos e vinte e cinco reis outro sim sabe pelo ver que o justificado tem ja execuções sobre o mesmo Hiате e que não lhe consta que tenha bens alguns notaveis, pois he hum rapaz de dezoito annos pouco mais ou menos e existe na companhia de seu pai e mais não disse e assignou com o Inqueridor Simão José Alves d'Almeida e Silva. Dis a emenda duzentos sessenta outo mil e quatrocentos.—Antonio da Costa Florim—Joaquim José Caetano Saraiva.



Domingos Ribeiro Official de Carpinteiro de machado, morador na Sobreda, freguesia de Nossa Senhora de Monte de Caparica de Idade de trinta anos testemunha jurada aos Santos Evangelhos e de costume disse nada. E perguntado pelo contheudo na Petição disse que conhece o justificante, e sabe que he Mestre do Estaleiro do Calvario, e tambem pelo ver sabe que naquele Estaleiro se concertou hum Hiате, em cuja obra elle testemunha trabalhou desde seu principio the se finalizar e vio que o Justificante pagava tanto os materiaes como aos Jornaleiros e ouvio dizer geralmente, que o justificado lhe estava a dever cento e tantos mil reis e tambem sabe pelo ver e por ser voz constante, que o Justificado, não tem bens notaveis e vive na companhia de seus paes e que sobre o mesmo Hiате tem já havido execuções por outras dividas e mais não disse e assignou com o Inqueridor Simão José Alves d'Almeida e Silva.—Domingos Ribeiro.—Joaquim José Caetano Saraiva.

José Franco Official de Carpinteiro de Machado morador em Arrentela de Idade de vinte e sete anos testemunha jurada aos Santos Evangelhos e de costume disse nada.

E perguntado pelo Contheudo na petição do Justificante disse que sabe pelo ver que elle he mestre do Estaleiro do Calvario, onde se concertou hum Hiате que dizião ser do justificado, o qual não pagou nem aos Officiaes, nem eram percisos materiaes, pois quem pagava hera o justificante e por muitas vezes vio elle testemunha, como Official do mesmo Estaleiro, que o Justificante pedia ao Justificado que lhe pagasse, e elle confessava que lhe devia e outrosim pelo ver, que sobre o mesmo Hiате ja ha outras execuções, por diversos credores e que o justificado não tem bens alguns estaveis segundo tem ouvido dizer geralmente e mais não disse e assignou o inqueridor Simão José Alves d'Almeida e Silva Franco.—Joaquim José Caetano Saraiva.

Os faço concluzos Simão José Alves d'Almeida e Silva com 200 reis a Justificação retro.

Isupletoriamente a certeza da divida e mudança de fortuna, passe mandado de embargo e custas. Lisboa de Novembro 9 de 1805<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Autos de Justificação—A. Antonio Gomes e R. Cristiano José Maria 2.<sup>a</sup> vara. Sr. Desembargador Silva. Archivo dos Feitos Findos, maço A, 188, n.º 6.

#### 14. Uma pretensão dos oleiros de Extremoz em 1805

III.<sup>mo</sup> Senhor Juiz Vereador — Pertendem os supplicantes que Vossa Senhoria assigne o dia e hora em que se ha de fazer a deligencia na petição retro e supra requerida.

E. R. M.<sup>co</sup>

Assigno o dia dois de Novembro pelas 2 oras da tarde a que assistirão os avaliadores do Concelho e as 2 partes author e reo para o que saram notificados para se não alegar a ignorancia. —  
*Bras.*

Dizem os mestres e Officiaes de Oleiro desta Villa que elles supplicantes obtiverão huma provisão para poderem tirar barros de qualquer parte aonde os houuer, pagando aos Senhorios das terras os prejuizos que lhes cauzassem e que não querendo ajustar se metessem louuados na forma da Ley. E pertendendo os Supplicantes tirar barro em huma courella de traz do Convento de S. Francisco aonde era costume antigo que he do Capitão Antonio José Teixeira, com exercicio de Ajudante desta Praça, este não querendo ajustar com os supplicantes, estes o fizerão citar para se louvar, e sendo lhe feita a citação, pediu della vista pera embargos, afim de demorar pois que só lhe devia ser dada em auto separado, sem perjuizo da execução da Provizão, o que se não fez. E porque os Supplicantes estão sujeitos á Pustura novamente feita no Senado da Camara para serem encoimadas todas as vezes que não tiverem Louça prompta para venderem ao Povo em utilidade publica deste e não tem barro algum capaz com que a fabriquem assim pertendem que Vossa Senhoria lhe mande destinar lugar na terra do Supplicando, que he a mais capaz, aonde, tirem barro bastante para a continuação das suas fabricas em cumprimento da Provizão, que não pode ser embaraçada a sua execução com tal vista pedida; cuja assinação de terreno será feita judicialmente na prezença de Vossa Senhoria fazendo o Escrivão termo que ficará junto á mesma cauza de cujo he Escrivão Anastacio Alves Respeitado, hindo tambem os Avaliadores do Concelho, que logo avaliem o prejuizo, que o Supplicando terá para os Supplicantes ficarem obrigados apagalo, sendo o Supplicando citado para a prezençar no caso que queira aliaz se fazer a sua revelia, ficando continuando a cauza para que pediu vista seus termos sem prejuizo de continuarem os supplicantes a tirarem barro, pois que não deve pa-

decer o publico desta Villa, por uma errada teima do Supplicando, ao qual só se lhe continuará Vista sem prejuizo de execução.

P. a V. S. seja servido o deferirlhe como supplicão.

E. R. M.<sup>es</sup>

Como requerem. — *Braz*<sup>1</sup>.

Hé bem constante, sem haver necessidade de outra prova, que a falta dos barros para a fabricação das louças que se laborão em tantas fabricas que existem no recinto de Estremoz, que he em damno destas pararem, de perecerem mais de trinta familias que nellas se occupão; de não poderem ser providas desta Louça todos estes Reinos, e ainda os Estrangeiros para onde se transporta; Logo se segue que he utilidade publica em serem tirados donde os ha capazes, ainda que seja em damno particular de hum proprietario, pois que a utilidade publica desta Villa, destes Reinos de Portugal e Algarve e Estrangeiros, prefere a particular do Aggravante.

Gom. in L. 46. Taur. n.º 9. in fin. Cabed, 1 p. decis. 74 n.º 6, decis. 151 n.º 7, Themud decis. 317 n.º 7. Portugal de donat. 2 p. Cap. 4 n.º 26 et 27 et Giurb. p. 1 decis. 1 observ. n.º 11 ibi.

Propter Reipublicae utilitatem cui cedit privata.

N.º 15 ibid. Tantus enim est publicae utilitatis favor, ut quae legibus prohibentur, ob publicam utilitatem concessa censeatur.

Por esta razão de utilidade publica ninguem se pode excuzar e embaraçar a tirada dos barros, para as fabricas das terras donde os houuer á semelhança das gredas, só sim ficando aos proprietarios o direito de hauerem os damnos, como se acha determinado pelo capitulo 36 do Alvará de Regimento de 7 de Janeiro de 1690 e a respeito dos barros para as fabricas dos Aggravados foi determinado pela Regia Provisão a fl. 4 mandando esta que quando os donos recuzem, se recorra aos Magistrados, o que se praticou.

Era em damno publico o estarem paradas as ditas fabricas, e por isso se não podia suspender a escavação dos barros, só por hum enterece particular do Aggravante em pertender que os Aggravados se sugeitassem a humas pertecções injustas e impraticaveis, quais o aggravante delles queria. E tambem era em damno publico, que

<sup>1</sup> Archivo dos Feitos Findos, maço A 15, n.º 10, fl. 14.

só pelo o Aggravante pertender embaraçar a execução da Provisão, que se lhe continuasse vista suspensiva, pois que entretanto estariam paradas as fabricas, os seus fabricantes sem terem com que se sustentarem a si, e ás famílias e os Povos padecendo a falta das Louças, só por hum particullar interesse do Aggravante e principalmente para conseguir o pecimo fim de embaraçar aos Aggravantes a cuidarem na sua subsistencia.

Bem se mostra das rezoens do Aggravante a fl. 26 que ellas só são fundadas em ditos livres, sem prova alguma de facto, ou de Direito, e porisso de nenhum momento.

E por cuja rezão não merece provimento em seu aggravo, e que pertendendo seguir os termos dos embargos a fl. 10 v; só o deve fazer, sem suspensão da Regia Provisão; e que sentindose lezado no arbitramento, deve impugnar este, pelo modo que lhe parecer. O que assim se espera se determine com aquella recta justiça do costume *José Francisco Xavier Palha*<sup>4</sup>.

De tempos antiquissimos, que terião talvez seu principio com a fundação desta Villa de Extremoz, houverão nella Fabricas de Louças finas vermelhas, que sempre com grande extracção, forão muito estimadas, não só neste Reino, mas tambem nos proximos e arredados Extranjeros, como dizem Mariana Lib. 13 cap. 12. Duarte Nunes de Lião. Descrição de Portugal fls. 9, 44, 48 e 49. Moreri no seu Grande Dicionario Historico, ou Miscellanea tom 4 Litr. E pag. 1085 verb. Estremoz, et Rego na sua Geografia Moderna tom 1 pag. 187.

He geralmente bem sabido que as Fabricas estabelecidas nos Reinos são de publica utilidade, Alvará de 21 de Abril de 1751 e Alvará de 7 d'Agosto de 1767. E principalmente o são neste Reino de publica utilidade, as Fabricas de Louças e tanto que ellas se achão animadas, e protegidas com a prohibição da entrada de toda a Louça de fora do Reino, pelo Alvará de 7 de Novembro de 1770 ibi.

«Hei por bem animar, e proteger não só a dita Fabrica primitiva, mas tambem todas as mais que se achão, e acharem por differentes partes deste Reino estabelecidas, e se houverem de estabelecer para o futuro: Prohibindo, como prohibo, a entrada de toda a Louça de fóra do Reino, etc».

<sup>4</sup> Processo referido, fls. 29 a 30.

Tambem sempre forão de publica utilidade as Fabricas de Louças erigidas de longos seculos, n'esta Villa.

Para os Embargados e seus Antepassados, manterem e continuarem na fabricação das Louças nas suas muitas fabricas, elles hião, de tempo immemorial, extrahir os barros percizos das courellas de traz do Convento de S. Francisco desta Villa, sem que pessoa alguma lhe contradicesse, ou embaraçasse a escavação dos barros, como se prova das testemunhas a fls. 135 v, 136, 139, 142, 145, 147 v.

Das sobreditas courellas forão antigos possuidores Diogo Francisco Lopes Mizurado, e D. Roza Gertrudes de Souza sua Mulher, moradores em a Villa de Borba como o declarão as testemunhas a fls. 137, 139, 142 v, 145, 148, dizendo tambem que já nesse tempo os mesmos senhorios cobravão nove mil reis cada anno, dos Embargados pela escavação do barro, que estes fazião, em todo o terreno de ambas as courellas, sem que em tempo algum o impugnassem nem os seus antepassados.

Já de tempo muito antigo estavam os Embargados de posse passifica de tirarem os barros, percizos para as suas fabricas da louça, de todo o terreno de ambas as courellas de qualquer parte dellas, donde melhor conta lhe fazia, e só pagando por tudo 9\$000 reis cada anno, como fora estabelecido e nada mais, aos ditos senhorios.

Ficando Viuva a dita Senhoria D. Roza Gertrudes de Souza e pertencendo-lhe os direitos de cobrar as pençoens que o seu casal sempre cobrou das ditas courellas ambas, estes direitos forão aquelles que o Embargante lhe comprou pela Escriptura a fl. 68 quais della se ve ibi.

«Titulo. Compra Antonio José Teixeira, Ajudante da Praça desta Villa a D. Rosa Gertrudes de Souza viuva de Diogo Francisco Lopes Mizurado, moradora na Villa de Borba *sinco mil reis de Foro annual imposto em duas courellas de Terra* no citio do Mizurado desta Villa, *como tambem nove mil reis que lhe pagão os Oleiros por tirarem barro* tudo pela quantia de 95\$000 reis—Escriptura. Em nome de Deos. Saibão quantos este publico Instrumento de Carta de Compra e venda ... foi dito que sua constituinte he senhora e *possuidora com o dominio Directo de sinco mil reis de foro fatuizim perpetuo imposto em duas courellas de terra no citio do Mizurado* ... como tambem sua Constituinte he Senhora e possuidora de *cobrar nove mil reis annuaes dos Oleiros desta mesma Villa por tirarem barro das referidas duas courellas*, huma e outra couza tanto o foro dos sinco mil reis, como os *nove mil reis livres* de foro ou penção alguma, e assim e da mesma forma que sua Constituinte pessue o dito foro e os *nove mil*



*reis que lhe pagão os Oleiros desta Villa* em nome de sua constituinte faz pura e irrevogavel venda deste dia para sempre ao sobredito Antonio José Teixeira para elle e para todos os seus herdeiros e successores pelo preço e quantia *de noventa e sinco mil reis*».

Por esta escriptura só a Vendedora cedeo e vendeo ao Embargante o direito e acção de cobrar o foro de 5\$000 reis do foreiro João José Henriques, e os nove mil reis, que lhe pagavão os Embargados Oleiros pela tirada dos barros, e não lhe vendeo, e lhe traspaçou a acção para tirar a estes da sua antiquissima posse; mas elle o fez tanto pelo contrario que della os expulçou prohibindo os de tirarem os barros para as fabricas, logo que elle fez a dita compra, como elle Embargante não nega, de cujo tempo houve falta de Louça que redundou não só em damno e prejuizo do publico desta Villa, mas tambem de todas as terras desta Provincia para onde he transportada a louça e para Lisboa, como se prova das testemunhas a fls. 135 v, 137, 139 v, 142, 145, 148.

Vendo se os Embargados expulçados pelo Embargante de tirarem barro das ditas courelas, elles o forão procurar em outras partes que tambem alem de se lhes não concentir a escavação o encontrarão de tão ma qualidade que fabricando-o dele não sahia a louça capaz e ametade della do fogo raxada como o affirmão as testemunhas a fls. 137, 139 v, 144, 146 v, 149 e as contra produções a fls. 163 e 168 v.

Os Embargados sendo expulços pelo Embargante de tirarem barro, como depõem a testemunha contra producentum a fls. 156 por serem assim expoliados da sua antiquissima e immorial posse elles podião e devião logo intentar sua acção de spolio, ou meio de Interdicto = Unde vi = sive remedium recuperandae, de que falla o Titul. Ne vis fiat ei, etc. ff. sobre que expoem com muitos o sabio Henci p. 6 lib. 4 tt.º 4 e como o L. unde vi Cod. repetite clarissimamente o § Recuperandae possessionis 6 das Instituições de Justiniano ao tt.º 15 do liv. 4 de cujas fontes prevem as disposições da Ord. liv. 3 tt.º 40 § 2 e tt.º 48 e liv 4 tt.º 58.

Não querendo os Embargados uzar da dita acção, ou talvez como rusticos ignorando este meio elles buscarão a Real Protecção de Sua Alteza Real, que lhes concede pelo appontado Alvara de 7 de Novembro de 1770, e impetrando a Provisão a fls 4, que lhe foi concedida para tornarem a tirar os barros, percizos, para as suas fabricas, das courellas de traz do Convento de S. Francisco, donde sempre os tirarão, e só com a declaração de se conformarem a alteração geral de todas as couzas, e que quando encontrassem pertenções injustas nos proprietarios dos barros deverão recorrer aos Magistrados

competentes para decedirem por louvados as questões occorrentes nos termos da ley.

Em cumprimento da mesma Regia provizão os Embargados fôrão fallar ao Embargante, como este confessa em o 2.º artigo de seus embargos a fls. 10 v, para saber d'elle qual era a pertença, que tinha sobre o que lhe havião de pagar, por anno, pela tirada dos barros das suas courellas ao que respondera, que queria lhe pagassem 19\$200 reis livres para elle embargante, debaixo da clauzula de lhe deixarem a terra emparelhada ou igualada, como se ve confessada em o dito art.º 2. a fls. 11, no que os Embargados não convierão por a quantia excessiva, e a clausula impossivel de se prehenher como depõem as testemunhas a fls. 140, 143 e 145.

Bem se manifesta o ser pertença injusta, até uzuraria, reprovada por Direito o querer o Embargante que os Embargados lhe paguem por anno 19\$200 reis que corresponde ao capital do valor que deverião ter as courellas, da quantia de 384\$000 reis para então renderem assim a sinco por cento conforme a ley e os embargados o desfructarem nas no todo ainda nas cearas.

E como o embargante comprasse as courellas, pela Escriptura a fl. 68 por 95\$000 reis vinha a ser injusto, e usurario aquelle rendimento annual de 19\$200 reis e a conceguir por elle o desferrar o todo do capital em menos de sinco annos, e tirar elle Embargante tambem as utilidades das cearas que semeia aonde das courellas se não faz a escavação dos barros, conceguindo assim o cobrar o preço da sua compra em menos tempo.

A segunda pertença do Embargante de serem os Embargados obrigados a emparelharem a terra de cuja extrahissem os barros, he impossivel de se cumprir, porque para se fazer seria preciso com enormes despezas, o mandaram transportar terras tiradas das propriedades alheias, o que lhes havia de ser embaraçado, ou por meio de acçoens de força, ou por denuncias criminaes, intentadas contra os Embargados que lhe as hião furtar, ou extrahir dessas propriedades alheias contra a vontade de seus donos

Tendo os Embargados ouvido, e encontrado no Embargante tão injustas, lezivas, uzurarias, e inadmissiveis pertençoens, se valerão d'aquelle recurso que lhe da a mesma Provizão a fl. 4 qual o de recorrerem, ao Magistrado competente pera decidir por louvados ao arbitramento do que deverião pagar ao Embargante pelo barro, que houuessem de tirar das courellas deste, o que assim os Embargados fizerão por suas petiçoens a fl. 2 e fl. 14 sendo para o dito procedimento judicial notificado o Embargante como se ve a fl. 2 v e fl. 15.

Estando já no terreno das courellas, o Juiz veriador Escrivão e louvados do Concelho para se proceder ao Auto de Vistoria e Louvação e achando-se ahi o Embargante e os Embargados, estes pretendendo de novo ajustarem-se com aquelle para evitarem contendas judiciaes, o mesmo nisto não quizera convir porisso se procedeoj a Vistoria, e demarcação de hum pedaço de terra de courella de sima de vinte e quatro varas e meia de comprimento, e vinte e tres e meia de largura, que foi avaliada pelos louvados no rendimento em cada hum anno de tres alqueires de trigo, como se ve do termo de declaração a fl. 15 v e tudo o mais se prova da Certidão a fl. 31 e pelas testemunhas a fl. 137 v, fl. 140, fl. 143 e fl. 146 e pela contra prod. a fl. 167 v.

Ao dito procedimento judicial de Vistoria, demarcação e louvação se veio oppondo o Embargante com os seus embargos e fls. 10 v, cujos em parte forão recebidos pelo despacho a fls. 23 e se mandarão contestar e pelo despacho a fls. 62 se mandarão seguir os termos dos Autos, quais o de contrariarem os Embargados. E como estes sempre apetercerão a paz e livrarem-se de contendas novamente, por sua cotta a fls. 52 v, vierão pertendendo ajustarem-se com o Embargante sobre a renda annual que lhe deverião pagar, ao que este deu a sua resposta a fls. 55 tão sem termos, nem coherente ao que os Embargados lhe propunhão; a vista do que estes vierão com a sua contrariedade a fls. 60 v tendo já dantes procurado o outro ajuste que se prova pela attestação do Escrivão a fls. 31.

Em o 2.º art.º de seus embargos a fls. 11 vem o Embargante dizendo, que elle não concentira na tirada dos barros da sua courella de sima, em rezão de ficar junta á fortificação da muralha, e lhe ser prohibido. Esta desculpa he afectada porquanto se vê do documento a fls. 76 v que por ordem do Ex.<sup>mo</sup> General das Armas desta Provincia Visconde da Lourinhã participada aos comandantes das Guardas, foi permittido aos Embargados a tirada de barros para as fabricas, por não ser terra da Fortificação; e se mostra tambem declarado pelo Governador desta Praça, que mandou demarcar o terreno da fortificação pelo Major da Praça, o que consta do Documento 2.º a fls. 77, e provada pelas testemunhas a fl. 137 v, fl. 140 v, e fl. 146.

Em o 3.º artigo dos seus ditos embargos a fls. 11 vem-se jactando de ser fiel vassallo e muito obediente a Sua Alteza Real e a seus magistrados. Que não he fiel e obediente se mostra pela recusação que elle Embargante fez de que fosse executada a Regia Provizão, e pela injurioza descompostura, que fez ao Magistrado, de que este lhe formou o Auto a fls. 82, escripto, e passado por certidão.

Vem tambem o Embargante em o 7.º artigo de seus embargos a fls. 11 dizendo ser senhor da courella de traz do Convento de S. Francisco donde se extrahirão sempre os barros, pelo que se vai rebaixando de forma que pelo decurso de tempo nada ha-de valer, porque se inunda dagoas, que ficão extagnadas, e a resfrião, tanto que ainda nos mezes de junho e julho ja se ve coberta d'agoa.

Este seu dizer se convence de falço, pois sempre se tem visto, ha mais de 40 ou 50 annos, o tirar-se barro das courellas da contenda, e que as covas se arrazão e se semeião de pão fazendo a despeza o senhorio de as mandar arrazar, como depoem a testemunha a fls. 138 e a contra prod. a fls. 168.

E nunca nos mezes de junho e Julho, nem antes se virão cobertas d'agoa, como affirmão as testemunhas a fls. 140 v, fls. 143 e fls. 148. E já quando o Embargante comprou as courellas da contenda as mesmas se achavão rebaixadas, como de prezente, testemunhas, a fls. 140 e fls. 143. O que não obstante tanto o Embargante como os seus antepossuidores, sempre as mesmas courellas tem semeado, em todos os annos como se prova pelas testemunhas a fls. 135, 138, 141, 143 e 148.

Bem mostrado assim fica, que pela escavação que os Embargados fazem de barros o Embargante nenhum prejuizo soffre, mas sim adquire grandes utilidades, quais as que lhe provem das searas que as courellas lhe produzem e as rendas que os Embargados lhe pagão. E tanto mostrão estes que não querem cauzar prejuizo algum ao Embargante, que a este se tem elles offerecido o comprarem lhe as courellas, pagando lhe não só o preço que lhe custarão, mas tambem com o acrescimo da terça parte, como se faz certo pelas testemunhas a fls. 138, 141 e 146, o que o Embargante não tem querido aceitar só afim de affligir aos Embargados com a prohibição da tirada dos barros, pertendendo assim que as fabricas das louças não continuem com o damno publico desta Villa, desta Provincia e deste Reino, pela falta das louças, e com o particullar de tantas familias, que se sustentão com a laboração das mesmas fabricas que aliaz perecerão de fome.

Para o Embargante corár o seu sistema de querer extorquir dos Embargados hum excessivo, enormissimo, e uzurario lucro, vem dizendo que elles vendem a louça por triplicado lucro, ou preço, porque o vendião ao tempo, em que pagavão 9\$000 reis. Isto se convence em mostrar-se que elles Embargados vendem as louças de barro groço pela taxa, que o Senado da Camara lhe poz, com a pena de Coima, ou condenação ao contrario, como se prova das testemunhas a fls. 141,



143 e 148 apesar de ser a imposição de tal taxa feita pela Camara prohibida pelo § 1.º da carta de lei de 4 de Fevereiro de 1773.

Não duvidão os Embargados que elles antigamente pagavão pela extracção dos barros de ambas as courellas a 9\$000 que constão da Escriptura a fls. 68 mas era como hum foro, que foi o que o Embargante comprou pela mesma Escriptura e que por isso nada mais podia exigir dos Embargados, por todo o terreno de ambas as courellas; mas agora só da courella de sima, se lhe fez huma pequena separação de terreno de vinte e quatro varas e meia de comprimento, como se prova do termo a fls. 15 e pelas testemunhas a fls. 138, 146 e 148, cujo pequeno terreno he aquelle que só foi avaliado em rendimento annual de trez alqueires de trigo, como se vê de dito termo a fls. 15 cujo valor de rendimento annual foi o justo, pois que o pequeno pedaço de terra só levaria em semiadura hum alqueire de trigo, como o diz a testemunha que o embargante produzio a fls. 172 que por ser contraprod. ainda que unica faz plena prova, ut cum multis DD ait Jeronymo da Silva Pereira in Not ad Repost Ord. tom 2 verb. Testemunhas, pag. 468, letra C, in. med. ibi.

Quintus casus est in teste unico deponente contra producentem, quia ei plena fides adhibetur

Ainda que o Embargante em suas rezoens a fls. 177 *v* diga que esta avaliação assima dita, e feita pela louvação constante do Termo a fl. 15 he lesiua a respeito dos noue mil reis, que antigamente os Embargados pagavão, não repara e reflete que esta quantia era paga pelo todo de ambas as courellas, e que aquella he só pelo pequeno terreno separado, que leua hum alqueire de trigo em sementeira, e por isso se não dá lezão a respeito do Embargante, e só a haverá a respeito dos Embargados, por ser excessiva a renda de tres alqueires a respeito do que levaria de semiadura, mas como foi judicialmente feita e se attende nella tambem ao prejuizo de escavação do terreno separado por isso estão os Embargados por ella.

Veio o Embargante juntando a attestação a fl. 202 formada e dictada por elle proprio, que fez assignar por dois Alvanéos que se intitulão Avaliadores elleitos pelo Senado desta Villa. Esta attestação nenhum credito merece, nem faz fé alguma em Juizo, por não ser o exame, e avaliação feita por Ordem, e authoridade judicial, citadas as partes. Bem se mostra que tal indagação e avaliação attestada que foi affectada, e só escripta pela vontade do Embargante pois que sendo assignada por João Ignacio, este o contrario avaliou, de prejuizo, e rendimento pelo terreno separado no auto de Vistoria, feita pelo termo a fl. 15, cuja vistoria judicial e louvação he só aquella



que merece credito, e que faz prova, por ser a vistoria a melhor que outra qualquer proua, ut ait Leyt. fin. segund cap. 11 n.<sup>er</sup> 68 et 69, Cardos. verb. Probatio n.<sup>er</sup> 33. Peg. 1 for cap. 7 pag. 545 Cost. in styl Dom. suppl. pag. 228 n.<sup>o</sup> 81. Mend. in Pras. p. 1 lib. 3 Cap. 12 n 17 et p. 2 lib. 4 Cap. 8 n.<sup>o</sup> 91.

Bem se mostra que todos estes prejuizos, que o Embargante allega, e porque tanto clama, são affectados para assim conceguir as suas pertençaes injustas e haver hum rendimento usurario.

E se elle se sentira prejudicado no arbitramento, que judicialmente se lhe fez, e não attendendo-se ao dito fim, elle consenteria na compra, que os Embargados lhe tem proposto, com o enterece da terça parte do preço porque elle Embargante comprou, como se ve por elles offerecido em 19 artigo da Contrariedade, a fl. 65 v.

A vista do referido, e do mais que Vm.<sup>ca</sup> sapientissimamente costuma suprir, esperão os Embargados que Vm.<sup>ca</sup> haja os Embargos a fl. 10 por não provados, julgando por firme, e valiosa a declaração pelos louvados feita a fl. 15 e por conforme a Regia Provisão a fl. 4, mandando que fique subsistindo como nella se contem, e que os Embargados continuem a tirar os barros do lugar, que lhe foi assignado, e do mercado judicialmente, pagando, daquelle pequeno terreno, a renda annual, que lhe foi arbitrada, pois que tudo redunde em utilidade e beneficio publico, que deve pervalecer a injusta contumacia, e pertença usuraria do Embargante, sendo este condenado nas custas. O que assim se espera.—*F. J. Palha*<sup>1</sup>.

*Agitur in hoc processu circa executionem Regii Diplomatis fl. 4 à Provocantibus obtenti de quaestu in Provocatum facto; quo non de Argilla sublata, qua indigebant ad suo offitio laborandum pacti erant; sed argumento, et contextu ejusdem Regii Diplomatis viso, fundamento que, quo stabilitum fuit; actis, e praecipui inspectione, aestimatione que fl. 218 illorum arbitrum partibus nominatorum, apprehenditur, debere vi hujus adjuncti rerum complementum habere ex ord 1.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup>, t.<sup>o</sup> 17, § 3, ut sententia fs. 231 declaravit. Nec relato obstant vana argumenta, quibus litigium sustentum sit, ut jam se preposito Decreti 17 Jullii 1778, §. E que pelo que toca ás avaliações = inservire volentibus, jam possessionem, qua permanebant, ultimæ que inopiam, cui Provocatus eos redigere volebat arrogantibus; quia nec illud Decretum casu praesentis quaestionis quae est pura venditio applicabile*

<sup>1</sup> Idem, fls. 204 a 210.

est; nec super hanc locationem ve anteriorem aliquam possessionem ostendere possunt; nec denique quia Provocatus argillam cariorem vendat ut ei dictum Regium Diploma permisit, redere Provocantes pauperiores potest, quia etiam cariora suarum figulinarum opera vendere possunt. Igitur confirmata sententia improvisi maneant. Ulysip. 6 sextilis anno 1804. V. S. D. S.=Franco.

.....

Nulla declaratione indig. sententia 231 quia ipsa omnino Regie Decisioni 5 cohort, quae ad peritorum arbitrium 218 accurate in omni re se habuerunt. Quo posito declarationem in medium adductam non amplector, Ulysipone 15 Decemb. an. 1804—V. S. D. S. circa declarationem.—*Faria*. Inquo dicere licet explicationem exploderem—Ulysipone 20 Decembr. anno 1804. V. S. D. S, circa declarationem—*Gomez Teixeira*.

Excludo etiam declarationem. Ulysipone 24 Decembr. ann. 1804, *Saraiva do Amaral*<sup>1</sup>.

Acordão os do Dezembargo, etc. Sem embargo dos Embargos que não recebem por sua materia, vistos os autos, cumprase, e execute-se o Acordão Embargado como êle determina e passe a sentença liurementemente pela Chancelaria e Comdemnção aos Embargantes nas custas. Lixboa 19 de Novembro de 1805.—*Gomez Teixeira*.—*Saraiva do Amaral*.

TT dos Dezembargadores. Valentim Leite Homem de Magalhães Pereira, e João de Azevedo Pacheco Sacadura Bote, e José Joaquim Borges da Silva, e Antonio Joaquim da Costa Corte Real.

Foi publicado o Acordão retro na audiencia deste Juizo que a fez o Dezembargador Manuel Antonio da Foncequa e Gouvea em os dezanove dias do mez de Novembro de mil oitocentos e sinco annos. Antonio Alves Gill<sup>2</sup>.

### 15. Estátuas de Viana<sup>3</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor.—A Estatua que V. Ex.<sup>a</sup> me mandou remetter ao Real Museu sendo polidamente labrada, tem o defeito de não ter cabeça, e já sem ella foi achada de baixo da terra na pro-

<sup>1</sup> Fls. 253 e 254.

<sup>2</sup> Fl. 26.

<sup>3</sup> Vid. *Relig. da Lusitania*, de Leite de Vasconcellos, III, 49-53

fundidade de cinco palmos; tambem não tem pernas porem mostra que de proposito se fez sem ellas; ainda assim tem sette palmos e meio de altura: o seu ornato he de hum escudo no peito e de hum cutello na mão e saia de malha, e tudo labrado no melhor primor. Tenho mandado fazer exactas diligencias pela cabeça porem não se tem achado, e por dezejar que não fosse imperfeita se tem demorado a remessa e tambem, porque me pareceo perguntar primeiro a V. Ex.<sup>a</sup> se assim mesmo quer que a remetta.

Os Piemontezezes estão impacientes pelo Modello, por lhe aborrecer estarem ociosos. O velho me diz que se lembra de um arbitrio de sacar um bom fundo do corpo do comercio sem o onerar, e sem prejudicar o Povo, e me roga que eu peça licença a V. Ex.<sup>a</sup> para elle o por na sua presença, o que sem ella não quer fazer: porque conhece não ser proprio da sua profissão o produzir arbitrios.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos anos. Montalegre 11 de Dezembro de 1786. De V. Ex.<sup>a</sup> o mais humilde servidor, *Miguel Pereira de Barros*.

(Biblioteca Nacional, *Arquivo da Marinha*, maço sem número).

PEDRO DE AZEVEDO.

## Miscelânia

### II

#### 1. Antighalhas romanas

Na quinta de Santo Antonio (Vila Nova da Cerveira), no flanco de uma montanha, aparece a bastante profundidade, quando se cava o terreno, muita quantidade de cacos antigos, de diversas fórmas e tamanhos, e tambem pedras providas de orificios, como pesos. Aí aparecem igualmente alicerces de casas, algumas d'elas, como me informam, redondas.

O Sr. João Coelho, de Viana do Castelo, teve a bondade de dar ao Museu Etnologico, em 1920, os quatro objectos que passo a descrever, e que foram encontrados na referida localidade:

1) Uma pedra, como as de que já falei, provida de um orificio; num dos lados vê-se, acima d'este, um sulco, que, se não é natural, resultou do atrito do cordão que a segurava. Que pode ser esta pedra senão um pêso? É analoga a outras que existem no Museu Etnologico, vindas do castro de Santa Luzia, e dos arredores, e a



Fig. 1

outra que se publicou a p. 20 do vol. VIII d-*O Archeologo* (onde se diz que o desenho é de tamanho natural, indicação certamente er-

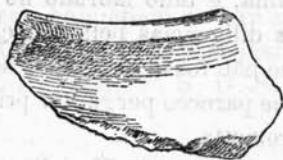


Fig. 2

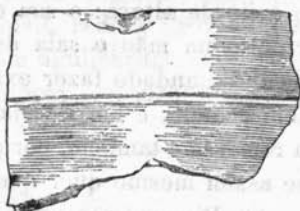


Fig. 3

rada). Digo que a pedra será pêso; mas pêso de pesar, ou de segurar alguma coisa junto da qual se pendurava. A pedra era originariamente um seixo rolado das águas. Altura: 0<sup>m</sup>,166. Fig. 1.

2) Fragmento do pescoço e colo de um vaso de barro avermelhado, com muita mica, o qual tem vestígios de ter estado ao lume (panela ou panêlo). Comprimento d'este fragmento: 0<sup>m</sup>,076. Fig. 2.

3) Outro fragmento, maior que o anterior, do pescoço de um vaso de barro ainda com vestígio de bojo; ao meio da altura do pescoço, por fóra, ha um sulco ornamental que devia dar volta inteira; este fragmento contém também alguma mica. Comprimento: 0<sup>m</sup>,108. Fig. 3.

4) Fragmento da parte superior de um pote muito grande e grosso, com cinco rosetas ornamentais, feitas com carimbo, quando o barro ainda estava fresco, e dispostas em duas filas paralelas, estando duas rosetas na fila superior e tres na inferior, simetricas umas com as outras. Comprimento d'este fragmento: 0<sup>m</sup>,98. Fig. 4. No Museu Etnologico ha outros restos de vasos de um castro do concelho de Marco de Canaveses, também marcados com carimbo, sendo porém menores as marcas. Ao repente este fragmento parece que tinha interior a ornamentação, que exame minucioso mostrará ser exterior; todavia ha no Museu Etnologico um vaso do castro de S. Miguel o Anjo, também no Alto-Minho, o qual tem ornamentação interna (digital): vid. Alves Pereira, in *O Arch. Port.*, I, 171.



Fig. 4

No último dos quatro objectos, que ficam descritos, parece-me, pela natureza da pasta, haver influencia romana; os outros três devem datar de tempos pre-romanos, isto é, da epoca do ferro.

## 2. De Monsanto da Beira

Nos arredores de Monsanto da Beira (região dos *Igaeditani* ou «Igeditanos») aparecem com frequência antigualhas romanas,—lápides, objectos de ferro, moedas, etc.: ao que se fez alusão n-*O Arch. Port.*, XXII, 303 sgs.

Fica em um d'esses arredores o sitio de Mossanto, onde ultimamente se encontraram tres vasos romanos, que vão aqui figurados com os n.ºs 1, 2 e 3, e foram oferecidos ao Museu pela minha



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

aluna universitaria D. Silvia Viana, natural de Monsanto, e filha do Sr. Bartolomeu Viana, a que me referi no citado volume d-*O Archeologo*, p. 305.

Os tres vasos são de barro: um (n.º 1) de barro preto, os outros de barro avermelhado; todos eles feitos com rodas de oleiro.

O n.º 1, de 0<sup>m</sup>,0145 de diametro na bôca, pertence ao tipo que os archeologos chamam *olla*, e que em Lisboa se chamaria «tacho».

O n.º 2, esborcinado no gargalo, e de 0<sup>m</sup>,193 de altura, é uma *lagena*, especie de «amotolia» sem bico.

O n.º 3, de 0<sup>m</sup>,94 de altura, e com duas asas, é um *poculum* ou «copo».

## 3. Museu Português da Grande Guerra

«O chefe do Gabinete da Secretaria da Guerra, Sr. Coronel Amílcar Mota, visitou ontem as instalações provisórias do Museu Português da Grande Guerra, instalado na Biblioteca Nacional.

O Sr. Mota observou detidamente a grande porção de objectos que o Museu já possui. É provável que devido à iniciativa particular o Museu Português possa em breve competir com os seus similares de França e de Inglaterra, criados também recentemente».

(Do *Diario de Noticias*, de 17 de Janeiro de 1918).



Este Museu, que não chegou a ter importância nenhuma, foi logo transferido da Biblioteca para o Museu de Artilharia, e pouco depois extinto. Vid. Fidelino de Figueiredo, *Como dirigi a Biblioteca Nacional*, Lisboa 1919, p. 25.

#### 4. Antigualhas de Braga

O ilustre escritor Antero de Figueiredo, meu parente e amigo, ofereceu-me em Agosto d'este ano alguns objectos antigos. achados em Araga, que passo a descrever:

1) Uma rodela feita de um pedaço de *terra sigillata*, na qual se vê um resto de ornato (palma): fig. 1.

2) Outra rodela, um pouco menor, feita do fundo de um vaso de barro avermelhado, fundo em que se vêem uns traços sem importância, resultado do fabrico (espiral e outras curvas): fig. 2.

3) Outra rodela, menor que a precedente, feita de outro fragmento de vaso, também avermelhado: fig. 3.

Estas rodelas (ou discos) são analogas á de que falei na *História do Museu Etnologico*, p. 185, e nota; mas ao passo que as últimas



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

provêm de estações pre-romanas, as de Braga são manifestamente da época romana, como consta do primeiro disco. Já n-*O Archeologo Português* mencionei um disco bracarense, com inscrição latina, o qual pertence á mesma categoria. De tais discos ou rodelas, que provisoriamente podemos chamar «tesseras de jôgo», há outros exemplares no Museu Etnologico.

4) Um fragmento de lucerna (candeia) de barro: pedaço do *discus* ou parte superior do *infundibulum* (recipiente), ornamentada de globulos na orla ou *margo*, e com duas aves no campo, junto da *ansa*.

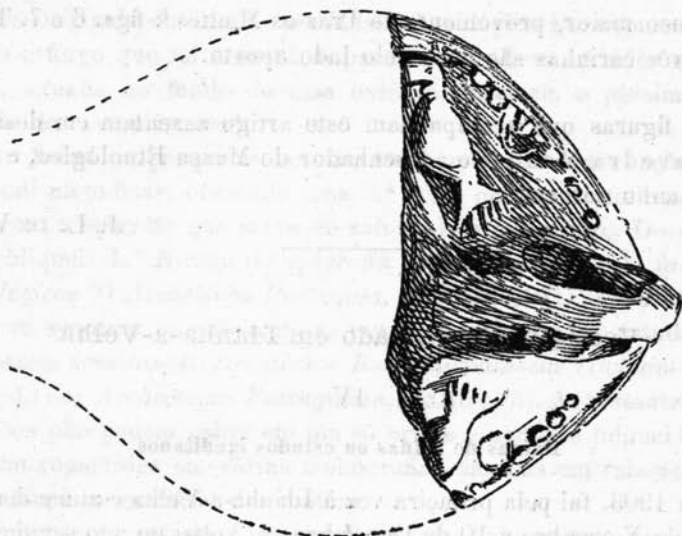


Fig. 4

Conheço muitas lucernas em que se figuram aves, não porém nesta disposição. A lucerna de que estou falando deve provir do sec. II ou III da era cristã. Fig. 4.

Com estes quatro objectos romanos vinha a carinha, também de barro, reproduzida na fig. 5. Não posso dizer a que epoca pertence,



Fig. 5



Fig. 7



Fig. 6

e apenas acrescento que no Museu Etnologico havia mais duas carinhas de barro, uma quasi igual, proveniente de Peniche<sup>1</sup>, e outra

<sup>1</sup> Oferecida ao Museu pelo D.<sup>or</sup> Joaquim Manuel Correia, Advogado nas Caldas da Rainha.

um pouco maior, proveniente de Trás-os-Montes <sup>1</sup>: figs. 6 e 7. Todas estas três carinhas são ôcas pelo lado oposto.

As figuras que acompanham este artigo assentam em desenhos de Saavedra Machado, desenhador do Museu Etnológico, e estão de tamanho natural.

J. L. DE V.

## Vestígios do passado em Idanha-a-Velha

### IV

#### Ruínas de ruínas ou estudos igeditanos

Em 1903, fui pela primeira vez à Idanha-a-Velha e aí me demorei de 18 de Novembro a 10 de Dezembro. Aí voltei no ano seguinte em Maio e Junho e novamente em 1910<sup>2</sup>. O encargo oficial, que eu levava, como funcionário do Museu Etnológico Português, era o de estudar, especialmente, os notáveis restos epigráficos que abundavam naquela povoação, segundo os historiógrafos portugueses e nomeadamente segundo E. Hübner no seu *Corpus Inscriptionum Latinarum*, fazendo as possíveis aquisições de lápides para enriquecimento do Museu.

Como era natural para quem trabalhava com paixão arqueológica, não limitei nem à povoação de Idanha-a-Velha a minha excursão, nem à época romana as minhas investigações. Percorri algumas outras terras mesmo excêntricas do que lá chamam a *campanha* da Idanha; Alcafozes, Monsanto, Medelim, Alcains, Vale de Prazeres, Bemposta, Proença-a-Velha, Idanha-a-Nova e pontos intermediários foram por mim percorridos com curiosidade. Na Idanha-a-Velha tive, para trabalhos de moldagem de lápides em 1904, um devotadíssimo auxiliar, que desgraçadamente a morte já levou, Guilherme Clodomiro Gameiro. O seu trabalho durante o mês de Junho de 1904 foi colossal; bastará olhar para as reproduções de gesso, que completam as

<sup>1</sup> Da quinta da Macieirinha, freguesia de Carviçais (Moncorvo), oferecida pelo Rev.<sup>o</sup> José Augusto Tavares, Abade da mesma freguesia.

<sup>2</sup> Cf. *História do Museu Etnológico Português* pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, pp. 326, 327, 332, e *Archeologo Português*, ix, 38; x, 45; xiv, 169.

lápides originais da Idanha no Museu Etnológico Português e apreciar o esforço que foi necessário para realizar êsse trabalho em uma terra, situada no fundo de uma extensa província e pèssimamente dotada de communicações<sup>1</sup>.

De todas as pesquisas resultavam numerosas observações, que pretendi metodizar, iniciando uma 3.<sup>a</sup> série nos meus modestos estudos, com a epigrafe que serve de sub-título a êste artigo. Dessa série já publiquei: 1.<sup>o</sup> *Elenco da epigrafia lusitano-romana: A) inscrições hierológicas* (*O Archeologo Português*, XIV, 169-197), parte esta a que se deve seguir a que abrange as outras inscrições; 2.<sup>o</sup> estudozinho: *Os deuses igeditanos: Arentius e Revelanganitaecus* (*Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, t. XIII, p. 5). As restantes investigações não podem caber em um só artigo e por isso julguei de bom critério reparti-las em várias monografias parciais em relação com a importância e extensão das matérias.

O presente estudo é uma colheita de tudo quanto pude haver conhecimento na própria povoação de Idanha-a-Velha e que se refira a qualquer época arqueológica. Os vestígios encontrados nas outras terras visitadas farão parte de outra monografia. As colheitas epigráficas serão tratadas à parte. A exploração de uma anta, o estudo de certos exemplares de cerâmica medieval, constituirão outros tantos estudos parcelares. Julgo ser êste o meio de abreviar a divulgação dos resultados a que cheguei com as excursões feitas em uma região tam rica em antiguidades.

Já na primeira notícia que publiquei, relativa à entrada de antiguidades igeditanenses no Museu Etnológico Português, prestei a mais affectuosa e gratíssima homenagem aos cavalheiros que, na Beira Baixa, me distinguiram com notável e sincero acolhimento; a eles devo eu o extraordinário resultado das minhas pesquisas e o estabelecimento para o qual eu trabalhava deve, além da mais antiga inscrição latina de Portugal datada, a mais nutrida colecção de lápides romanas completas que possui e que em toda a parte constituiriam uma notável secção de epigrafia; remeto os leitores para *O Arch.*

---

<sup>1</sup> Segundo me consta, actualmente, se tem uma estrada que a liga a Medelim, deve-se, não a influências, mas à bolsa de um bemérito, o Sr. João dos Reis Leitão Marrocos. Quando lá estive em 1910, o transporte de cousas e pessoas tinha de se fazer de Idanha-a-Nova, de Medelim ou de Alcafozes a cavallo. Para as reproduções das lápides, o gesso e o barro foram de Lisboa; a madeira de Medelim.

*Port.*, IX, 38, e XIV, 169, onde prestei escassa homenagem aos serviços e bondade do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João dos Reis Leitão Marrocos, em cuja casa sempre me hospedei na Idanha-a-Velha<sup>1</sup>.

### Idanha-a-Velha

Sem embargo dos anos que já decorreram depois da minha primeira visita à Idanha-a-Velha, não se me apagou da mente a impressão que recebi, de pesada melancolia, quando já a pouca distância da povoação avistei as ameias primeiro e logo a base da torre da cidade que coroa o pequeno grupo de edificios em que hoje se resume a antiga Egitânia.

No fundo do vale formado pelo Ponsul, quási escondido e mal erguendo da sua cova as velhas paredes, em que os curiosos ninhos das cegonhas tecem ingentes turbantes de lenha sêca, êsse hirto cubo de cantaria diz na côr do seu granito secular, calci-requeimada aos verões tropicais daquela região, o ostracismo a que foi há muito votado; a perda absoluta da sua missão militar doutroa.

Bem especiais condições estratégicas, utilizáveis nas lutas da primeira dinastia, mas que não se repetiram depois, poderiam tornar conveniente a fortificação daquele padraсто de xisto, meio oculto num cotovêlo do Ponsul e a meio dia de viagem de uma altaneira forteleza, como já era a de Monsanto.

Idanha-a-Velha é hoje um aglomerado de pequenas casas, em que a cal é rara, mas os silhares arcaicos abundam nas paredes, entremeados com as lascas informes das lousas que emergem do terreno<sup>2</sup>. Um cinto de muralhas façanhudas, com os restos das suas torres cilíndricas, a circunda ainda, mas decerto já consideravelmente diminuídas em muitos sítios da sua primitiva altura. Dentro, restos abalados de uma nobre basilica, agora aberta à chuva, servem de cemitério, não sôbre o antigo pavimento, mas sôbre a última camada de destroços e entulhos. No pavimento das ruas, nos panos das paredes, nos cunhais das casas, nas cortinas dos muros, graves inscri-

---

<sup>1</sup> Não precisei levar o seixo na bôca, como se diz aos que vão pela primeira vez à Beira. Esta profilaxia supersticiosa existe em vários sítios.

<sup>2</sup> Um único edificio, sem falar na pobre igreja, ri na brancura das suas paredes e na frescura dos seus telhados, denunciando o conforto de uma habitação em que nada falta: é a casa de morada do Sr. J. dos R. L. M.



ções romanas, quasi todas funerárias, falam do grande passado desta aldeia e enervam o espírito do visitante de melancolia, assombrando-lhe o espírito de cogitações severas. A época romana e a medieval enclavinham os seus vestígios dentro dêste pequeno povoado, deixando adivinhar quanto pode ter sido grande a capital dos *Igeditani* na época imperial, a sede do bispado da *Egitânia* no reino dos suevos e dos visigodos, o coito acastelado dos esforçados templários na dinastia afonsina.

Mas deixemos os sonhos do passado para os poetas da arqueologia e vamos friamente à descrição dos destroços que a minha missão official me obrigava a assinalar.

### Vestígios pre-históricos

Não é de admirar que no solo da povoação nada apareça da época pre-histórica; as civilizações históricas que aí se sucederam devem ter destruído tudo o que ficasse dêsses tempos. Apenas de frente da Idanha, na margem esquerda do Ponsul, me pareceu ver uma pequena elevação de terra já muito arrasada, onde talvez outrora tivesse existido uma mamoa. Não pude procurar com a enxada a solução da suspeita. Na mesma margem, mas sôbre uma eminência que fica ao poente da Idanha, há uma curiosa *Pedra Furada*. Teimam lá que no sítio, onde chega a sua sombra ao nascer do sol, há um tesouro escondido. Está visto que o buraco é artificial e a rocha um xisto que fura o chão, como bastantes outros.

### Vestígios romanos

Estes é que são numerosos e significativos.

Não se encontra de pé nenhum edificio, mas não há dúvida de que alguns envasamentos de silhares rusticados, por exemplo em um dos pátios interiores do Sr. João dos Reis, são de edificios romanos, cujas paredes desapareceram. Estas cantarias com almofadas vias também em uma terra contígua à tôrre, mas a parte de parede que se edificou por cima parece medieval, como direi. Na rua próxima vê-se um cunhal e parte de parede que parecem obras romanas. Conhecem-se os silhares com almofadas rústicas e os buracos do forfex. As pedras rectangulares do pequeno aparelho e fiadas horizontais têm todos os visos de serem da época romana.

Na tapada das Poldras vêem-se ruínas de um edificio com restos de dois arcos de tejo, compartimentos de pequeno aparelho, e

outra camara forrada de formigão, e a respectiva porta de entrada. Parece obra romana aproveitada na idade-média, em reconstrução.

Os destroços romanos avulsos são numerosos; no recheio das muralhas ou avulsamente em paredes modernas e nas ruas encontram-se cantarias de grandes edificios com molduras, ornamentos e letras. Devo destacar desta série de restos, certas pedras com as mesma forma e ornadas idênticamente de um ou vários lavores, das quais o mútuo parentesco não se pode negar. Julgo que fizeram parte de construções fúnebres, em que um frontão ou remate apresentasse as mesmas linhas architectónicas. Algumas destas pedras vieram para Belém, bastantes ficaram na Idanha por não ter convido extraí-las do lugar em que estavam e serviam; e destas uma ou duas foram moldadas, para servirem de estudo no Museu.

Pela sua reprodução gráfica pode apreciar-se o seu interesse. A sua conexão com as lápides funerárias parece-me evidente: em alguns dos símbolos lavrados havia os mesmos vestígios de mínio, com que igualmente eram realçadas as letras das inscrições fúnebres. O ornato obedece ao florão sexifólio ou à estrela flamejante; é o mesmo que aparece em algumas lápides. A 1.<sup>a</sup> gravura foi desenhada por G. Gameiro, por um apontamento que tirei duma parede da Rua da Amoreira.

O motivo mais vulgar e repetido é o que se encontra nas ruínas das muralhas. Uma lápide que estava engastada na muralha a E. mostrava claramente vestígios de tinta vermelha. Debaixo da grande azinheira da muralha ficou uma destas pedras, muito bem conservada e interessante; sexifólia. Na capela de S. Dâmaso, há muito profanada, existe uma das mais curiosas destas pedras; tem um golfinho lavrado em relêvo dentro de um escudete rectangular, e mede de comprimento 0<sup>m</sup>,89 e de largura 0<sup>m</sup>,44. O disco é lavrado com fôlhas de hera e rosetas; as mesmas fôlhas preenchem os claros ao lado do escudete. Veio uma reprodução de gesso para Belém. Como se vê, está quasi completa.

Em uma parede à margem do Ponsul encontrei outra com duplo ornamento; o maior é um disco duplamente radiado; o menor é a roseta sexifólia. Aqui há a novidade de haver dois ornatos nos extremos da pedra, em vez de um só.

No Museu de Cluny, segundo um apontamento que obsequiosamente ali tirou o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, há lá umas peças architectónicas semelhantes e uma delas é de um *tumulus* de Breith, galo-romano (Catálogo, p. 34), até nas dimensões. As da Idanha, que vieram para o Museu Etnológico, medem de 0<sup>m</sup>,85 a 1 metro de

comprimento, e 0<sup>m</sup>,36 a 0<sup>m</sup>,44 de largura; note-se a uniformidade architectónica e a harmonia de dimensões destas pedras.

Depois destas peças de architectura provavelmente fúnebre, outros restos architectónicos menos característicos surgiam, como letras esparsas e incompletas de uma composição enigmática. Não se pode dizer seguramente que sejam só romanos estes vestígios. Um fragmento de cornija com mûtulos é com toda a probabilidade romano.

Romanos serão também outros fragmentos.

Fiquei em dúvida se a verdadeira posição destes troncos de cilindro era horizontal ou vertical.

O prisma triangular lembra o capeado de uma parede.

Outro fragmento de cornija, em cuja face superior existe uma cavidade quadrada para embeber a base de um balaústre.

No Chão das Quintas e de Trás da Torre vêem-se pedaços de cornijas; na muralha para W. havia uma bela cornija.

No pátio da casa do Sr. João dos Reis, onde assinalai a presença de silhares em rústico, que faziam parte do soco de um edificio, encontra-se avulsa uma base aparentemente de ordem toscana muito pura. Do interior das muralhas extraem-se destas bases toscanas, e, o que é mais de notar, é que as colunas da basilica são iguais.

São monólitos, mas no Museu há bons exemplares destes trechos architectónicos, por cujas dimensões se classificam em dois grupos.

Em uma parede de uma casa que fica numa quelha ou azinhaga, junto das muralhas para a banda de E., vi uma enorme base de pedra, que parece ter sido cunhal de pilastra.

A largura é de 0<sup>m</sup>,42, mas na altura tem 0<sup>m</sup>,80. A faixa lisa tem 0<sup>m</sup>,12 de largura e o pseudo-filete 0<sup>m</sup>,03. Não pude medir o total comprimento.

O trecho de coluna é das peças mais comuns que se encontram, entre os materiais de construção da muralha. Mas não são só as muralhas que contêm destroços de grandes edificios; na ponte medieval sobre o Ponsul também os há.

Na parede interior de uma cavaliaria há um grande trôço de columna canelada.

Na rua da Amoreira, junto à porta da residência do Sr. João dos Reis, vi dois fragmentos de arquitrave com o respectivo friso; estes porém não são de granito, como todos os restos architectónicos da Idanha, mas de mármore.

Das dimensões dalguns edificios dá idea um silhar de 0<sup>m</sup>,78 × 0<sup>m</sup>,42 que está na tórre da igreja da Misericórdia, com as letras PRE. Só a altura das letras é de 0<sup>m</sup>,34.

Pelo interesse que estas antiguidades suscitam, e não trato ainda das inscrições, que são um atestado eloquente da notável população de *Igeditani*, cuja capital ali era, podemos bem lamentar-nos, homens do séc. XX, de chegarmos tam tarde. Os visigodos assenhorearam-se desta cidade talvez ainda adornada com os seus monumentos, para elevar a sua basílica; decerto tiveram farto material nos monumentos do paganismo moribundo; mas depois os templários encontraram inesgotável pedreira nas ruínas de muitos edificios e acaso principalmente na Via Appia da Idanha, orlada como a de Roma de sepulcros numerosos.

Em Portugal, Coimbra e Évora, entre outras povoações, testemunham o mesmo facto; nas suas muralhas as antigualhas de origem lusitano-romana abundam.

Filipe Simões crê até que a colocação de lápides em lugar evidente das construções medievais era propositada (*Escritos diversos*, p. 20). Algumas vezes, como veremos na monografia epigráfica sobre a Idanha, essa observação tem fundamento; num caso, até se pretendeu relacionar o texto da epigrafe com a natureza do edificio a que foi aplicada, e isso já muito aquém do médio evo<sup>1</sup>. Não invectivemos os que assim procederam, porque não temos esse direito; assim foi preciso<sup>2</sup>. É provável que estes belicosos freires ainda encontrassem alguma inscrição em que estivesse gravado o nome da cidade romana; nós até isso desconhecemos; precisamos chegar aos suevos para nos constar de um concílio bracarense o nome desta sede de um dos bispados dos seus domínios.

#### Vestígios medievicos

É cousa notável que à abundância de lápides romanas não corresponda nem uma só inscrição cristã ou sequer visigótica! seria perigoso e até errado concluirmos d'este facto o êxodo ou o desaparecimento

<sup>1</sup> No interior da capela de S. Dâmaso, ao lado do altar-mor, embutiram a seguinte lápide:

REDEMPTO  
PLAVIVS  
ZOSIMVS  
PATRI • F • C •

Parece-me que quizeram relacionar a 1.<sup>a</sup> linha com o edificio cristão.

<sup>2</sup> Segundo C. Eulart, no *Manuscrite d'Architecture française* (II, 78 e 460), as obras de fortificação dos cristãos eram feitas com destroços pagãos por expressa indicação do Código Teodosiano.



da população lusitano-romana, que habitava esplendidamente a capital do povo igitano nos alvares do séc. V, ou já antes sem termos revolvido com a enxada de arqueólogo o solo da Idanha ou sem ter desventrado completamente as muralhas, que os templários aí construíram. Precisamente, junto da antiga Sé, que actualmente serve de cemitério, o terreno tem-se elevado até as impostas dos arcos; e na base exterior das altas muralhas dêsse mesmo lado existe ainda uma poterna, que interiormente esbarra nos entulhos. Em volta da Idanha não se fez sondagem alguma que permitisse encontrar ou os restos dos sepulcros romanos ou o local da necrópole dos bárbaros<sup>1</sup>. Por isso paira sobre estas ruínas igitanenses o enunciado dêste problema.

Contudo o domínio dos suevos e dos visigodos averigua-se insofismavelmente pela numismática e pela literatura.

Alguns monarcas visigóticos cunharam moeda de ouro na Idanha e esse é o facto capital do fim do séc. VI ao princípio do VIII; possuidor de um triente ali encontrado é o Sr. João dos Reis.

No 1.º concílio bracarense, realizado em 561, já figura um bispo da Egitânia; dominavam ainda os suevos. É então que aparece a cidade com o seu nome *Egitânia*, que nenhum monumento romano existente nos transmite. Mas no próprio local da Idanha-a-Velha de hoje existem os restos miserandos da basílica, que julgo se deve atribuir à dominação visigoda. A disposição do que ainda se revela da sua planta e a forma dos capitéis e bases documentam a poderosa influência que as tradições e as próprias ruínas romanas exerceram no carácter da arquitectura que a alta idade-média ali adoptou. Dispondo apenas de uma fita métrica, tracei a planta, onde se vêem duas séries de colunas e adjuntos restos de paredes de muitas reconstruções posteriores. Não se imagine que o actual pavimento corresponde ao primitivo; êste existirá alguns metros abaixo do nível a que os entulhos subiram; seria difícil proceder a sondagens ou desobstruções dos depósitos, pois que é dentro do recinto da basílica que há anos se fazem os enterramentos a céu descoberto, como em um cemitério. Em consequência dêstes sedimentos, das colunatas só aparece a parte superior.

É preciso comparar os capitéis das colunas da basílica com as bases e capitéis que se encontram avulsamente nas ruas da Idanha.

---

<sup>1</sup> A campanha que planeava depois de 1910, último ano em que visitei a Idanha, tinha por escopo encetar essas sondagens para estudar mais completamente a Idanha romana. Em 1911 tive de deixar o Museu Etnológico Português.



Não é isento de dúvidas este confronto e por isso reüni em Belém alguns exemplares destes importantes elementos de construção.

A peça mais decisiva neste problema é a de que já falei atrás, porque é um monólito, em que julgo não poder duvidar-se que é uma base e não um capitel. Com a mesma disposição de molduras há porém na basílica pedras que servem de capitéis; e no recheio das muralhas igualmente.

As pedras de tipo maior têm as seguintes dimensões: lados em quadro 0<sup>m</sup>,70, altura deste rectângulo 0<sup>m</sup>,15, altura total da pedra 0<sup>m</sup>,45.

Bases como esta vi treze, estando dez em óptimo estado; destas é que trouxe uma para Belém.

Havia outro tipo menor, exactamente igual e, o que é curioso, deste modelo algumas pedras eram capitéis jónicos, munidos de dois balaústres, adaptados sem senso artístico, sem compreensão às mesmas molduras dos que não eram jónicos. A todos sobreleva um capitel que trouxe para o Museu Etnológico, e que deverá considerar-se compósito, visto ter o cêsto ornado de fôlhas.

Encontrei-o à porta da capelinha do Espírito Santo. É adornado com fôlhas lanceoladas que parecem de certa trepadeira silvestre. Esta ornamentação e o seu aspecto comprimido não permitem que seja romano. Continuo a dizer que é muito difícil distinguir aqui o que é romano do que é simplesmente cristiano-latino. Demais a mais na igreja românica de S. Pedro de Vilacova há capitéis jónicos da mesma forma dos da Idanha.

As peças munidas de balaústres jónicos são evidentemente capitéis; mas além de as haver com as mesmas molduras sem os balaústres, são idênticas, à parte as dimensões, ao monólito a que me refiro acima, que ninguém dirá ser um capitel. Devo porém notar o seguinte: as molduras destas peças pertencem, segundo um tratado de arquitectura que tenho presente (Dupuis, *Traité d'Architecture*), ao capitel da ordem dórica; contudo elas figuram como capitéis jónicos quando os respectivos balaústres se lhes adaptam; ao capitel jónico antigo, isto é, de faces dissemelhantes, pertencem-lhe molduras de outra forma, e a base desta ordem também é diferente das que vemos na Idanha.

Estas anomalias serão a prova do barbarismo de uma época post-romana ou serão próprias apenas de um estilo provincial dentro ainda da dominação romana?

Dentro ainda da basílica vêem-se algumas placas de mármore lavradas num estilo correspondente ao carolingiano em França. Ape-

sar de não desempenharem actualmente nenhuma função architectónica, por motivo principalmente da sua situação elevada, não as pude extrair para as transportar para o seu devido lugar que é um museu. Outras trouxe porém.

Deve notar-se que são de mármore, que não existe na região; da época romana só vi uma grande e rica lápide de mármore igual a um fragmento de outra. É de presumir que para estas placas se aproveitasse material de construção romano, transformando-o mais ou menos.

A Sé da Idanha era uma basílica de carácter latino, com três naves, para cujas colunatas se aproveitaram troços de colunas e capitéis ou bases de procedência romana.

As muralhas ainda hoje rodeiam a povoação, mas em todo o perímetro tem sido exploradas, como uma verdadeira pedreira, não só para construções muito próximas, mas até para lugares um tanto distantes, como Alcafozes, Espadaneira, etc. É o destino fatal de todas as velhas povoações destronadas de antigo esplendor. De Cartago saíram materiais de construção para a Itália, para a Sicília. Declaro que sou o primeiro a não condenar absolutamente esta exploração inevitável dos muros da Idanha, mas uma condição me parece intransigentemente exigível: a de não se danificarem as lápides e os fragmentos architecturais romanos e medievais que se encontram em magna abundância no interior das muralhas. Assim redundaria em enorme proveito científico e histórico um procedimento que aparentemente tem o carácter de vandalismo e poderia deixar de o ser. Creio que depois da minha visita, aliás seguida de outras do Srs. Tavares Proença Júnior e Dr. Leite de Vasconcelos, nenhum dos grandes proprietários daquela região consentiria conscientemente o menor atentado contra as inscrições romanas descobertas, mas era necessário que este zelo se estendesse a qualquer pedra com labores antigos, que se encontrasse, obstando-se ao extravio das antiguidades que são elementos fundamentais para a história do próprio povo igeditanense.

Quem sabe quantos documentos nos reservam ainda as muralhas da Egitânia medieval? Eu não ousaria violá-las de alavanca em punho, mas na ansiedade de novos factos arqueológicos, desejaria *in mente* compensar um descabro que reputo inevitável com numerosa série de novos descobrimentos epigráficos ou artísticos.

Num ponto das muralhas até um sarcófago trapezoidal intacto estava oculto na estrutura interna correspondente a alguma reconstrução medieval. É provável que ao esforço, com que da sua primitiva jazida foi transportado e erguido incólume para o maciço da muralha,

só correspondesse no dia em que de lá o arrancaram a desidia e a moleza que caracterizam o génio da demolição em todos os tempos.

Aquele *percalcavit* do letreiro da torre paira sobre as vicissitudes da história militar da Idanha e define com um só termo expressivo os diferentes sucessos de armas que à roda das robustas muralhas se desenrolaram.

No cunhal das muralhas a N. houve uma torre saliente depois de terem permanecido aquelas sem tal acessório; na cortina O. deu-se o contrário, existiu aí uma torre cilíndrica, depois do que a muralha sofreu uma reparação, em que se prescindiu dela. Fotografei duas em pontos diferentes.

Quem observar o estado de conservação das pedras antigas que se esconderam na íntima estrutura dos muros e das que constituem o paramento externo destes, nota sem custo grande diferença entre uma e outras; emquanto as primeiras conservam as suas arestas vivas, angulosas e frescas, as segundas apresentam-nas gastas, boleadas, das intempéries seculares que ali perpassaram.

Em vários pontos o maciço interno das muralhas era feito de alvenaria irregular de xistos, pedaços de téguas, teijolos e vasos, tudo ligado por uma fortíssima argamassa; noutros as lápides romanas, as pedras lavradas dos sepulcros e os cantos de granito com molduras de cornijas e arquitraves clássicas misturavam-se com aduelas de arcos<sup>1</sup>, colunas, bases, capitéis, cuja antiguidade se deverá atribuir à época medieval um pouco tarda. Mas alguma cousa que se relaciona com os incidentes da vida militar da Idanha revela o exame da estrutura interna desta cinta de granito; as cantarias parecem mais abundantes junto à base dos muros; mas os elementos de anteriores construções transportados custosamente para ali amontoavam-se um pouco a êsmo no meio da argamassa como se a urgência de tempo impedisse regularidade no assentamento.

Quando em 1910 visitei a Idanha, estava-se fazendo, à entrada da Idanha sobre a estrada de Medelim, uma derrocada para a extracção de pedra; daí tinha sido levado um monólito de sepultura trapezoidal com nicho; segundo informações obtidas, foi feita em fragmentos. Ainda lá vi uma lápide em que se descobria a última linha com letras *rubicate* de mínio<sup>2</sup>, dentro de uma moldura.

<sup>1</sup> Medi uma destas peças; o trapézio da face media 0<sup>m</sup>,815 no eixo, 0<sup>m</sup>,455 e 0<sup>m</sup>,410 nos dois lados maior e menor.

<sup>2</sup> Era assim: OTI.F.C. Entra aqui por memória; o seu lugar é na monografia epigráfica.

Deve ter-lhe chegado a sua vez. Mas dava-se também outro caso: no chão da Azinheira vi uma lápide invertida e encaixada na muralha que porém fôra previamente picada e portanto denunciava ter já servido a casa anterior a fortificação. O que dá o nome a este local é uma alterosa azinheira que se enraizou no próprio adarve das muralhas.

No chão da torre encontram-se ruínas de um edificio em que as paredes eram de forte argamassa. Colunas com capitéis, como as da basilica, também foram introduzidas nas muralhas.

A largura destas do lado N. é ainda de 4<sup>m</sup>,50.

Quando o interior das muralhas não revela construção sumária, as cantarias são colocadas em sucessivos degraus de assentamento muitas vezes contínuo. O paramento exterior é de aparelho liso, e jamais rusticado; dentro é que aparecem cantarias, que parecem da época romana.

No ângulo de NO. houve uma reconstrução; no desmoronamento ficou à vista a parte mais antiga, em que as juntas da silharia eram tomadas a cal e um traço com o gume da pá marcava a linha de junção. Indícios de paz. Nesta parte, os materiais desmoronados protegem a raiz da muralha; e, observando-os minuciosamente, nota-se que pertenciam ao mesmo edificio muitos dos fragmentos ali acumulados, porque condiziam absolutamente nas faces separadas. É que os monumentos romanos iam a eito! Como seria interessante tornar a reunir estas partes<sup>4</sup>...

Nalguns pontos, as velhas pedras apareciam já esmurradas a martelo; indício de que algum vandalismo anterior à construção das muralhas já tinha sido praticado.

Caminhando para NE., a espessura das muralhas, em consequência do seu desmoronamento, tem diminuído até 1 metro e menos. É porém deste lado que elas estão melhor conservadas e até a sua altura era menor, relativamente ao terreno, cujo declive era mais profundo.

Em um palheiro próximo da ponte encontram-se interiormente restos de muralha. Em outro ou no mesmo vê-se o resto de uma porta ou passagem que atravessava a antiga muralha, na sua abertura para o interior da fortaleza; foi porém obstruída com entulhos, como

---

<sup>4</sup> O Sr. João dos Reis projectava organizar em uma capela abandonada da povoação um museu com todas as antigualhas que iam aparecendo. Era um alto serviço à história da sua terra e à da architectura antiga em Portugal esta iniciativa.

por motivo de segurança; em uma das pedras, que constituiria a parede do corredor, vi um sinal de canteiro.

A torre de menagem merece algumas palavras. A sua planta é rectangular:

A porta, que exteriormente é ogival, succede o corredor na espessura da parede, em abóbada de berço; dá o seguinte aspecto de dentro para fora:

Nos dois silhares fronteiros, à nascença da ogiva, pelo lado interno e na face das paredes do corredor, há duas pedras ou dentilhões salientes, que apoiavam a porta de madeira contra qualquer esforço para a meter dentro.

A grossa tranca, provavelmente de madeira, penetrava em mechas ou encaixes quadrados.

À altura do primeiro pavimento existem dentro cachorros cúbicos; a janela abre-se no mesmo pano da porta, isto é, a N.

Mas além disto, em três faces desta construção havia três sêtiaras esguias. A janela é também por dentro de volta redonda. O envasamento da torre denota que a sua construção foi feita com tranquillidade e sem apertos de tempo; são admiráveis as linhas do seu elegante e robusto soco. É, julgo, uma circunstância pouco vulgar na meia-idade. Nota-se também à esquerda da soleira da janela um cachorro bem saliente. Daí ao solo vão 6 metros<sup>1</sup>.

Na vertical da porta, espaçados sobressaem em nível um pouco superior ao tímpano da janela, três cachorros de avançamento, os quais denunciam a existência de uma balhesteira que não foi reconstruída, na ocasião em que se remataram de pequeno aparelho as paredes da torre. O conjunto e disposição destas três peças architectónicas, a porta, a janela, a balhesteira parecem denotar sofrivelmente que não são contemporâneas; mas é arriscada qualquer conjectura neste ponto.

Algumas pedras interiores têm siglas de canteiro.

Cavidades de grampos (*forfices*) vi em algumas.

Em um silhar da entrada descobre-se uma figura:

A poterna, que olha para poente, mede 0<sup>m</sup>,80 na vêrga direita e a sua altura actual é de 0<sup>m</sup>,85.

Como a vista da torre o indica, o aparelho das camadas superiores é muito miúdo, mas isso representa, penso eu, reconstrução de outra época. O mesmo succede em antigas casas da povoação.

---

<sup>1</sup> Para eu estudar a inscrição do tímpano, o Sr. João dos Reis mandou construir um andaime onde me instalei durante o tempo necessário. Aqui lhe exaro mais este primor da sua dedicação.



Mas o que notabiliza a torre de menagem é a inscrição no tímpano da janela. É curioso que não se refere à sua construção, como poderia parecer, mas à destruição da Idanha no tempo de D. Sancho II.

No chão contíguo ao da torre, para o rumo de N. e a um canto, existe ainda uma parte da muralha que circundava esta mesma edificação; é de pequeno aparelho também essa ruína, e sobre ela corria uma faixa de tejos obliquos muito característica das estruturas medievais, embora talvez pouco comum em Portugal, onde em geral a pedra abunda. Pareceu-me ser aí uma entrada, mas próximo havia outra ruína de origem romana como já referi.

Umas ruínas existentes no Chão do Capado deixam-me hesitante; já a elas me referi na época romana. O que é porém certo é que elas obedecem ao mesmo género de aparelho que o coroamento da torre de menagem e que em casa antiga da povoação, essa a que chamam de Wamba. Chamam-lhe o *Convento*.

Tem contíguo um tanque e vêem-se vestígios de uma porta nessa parte, a alvenaria é argamassada com cantaria. Disseram-me que era tam rija que foi preciso destruí-la a fogo. Aí há também uns subterrâneos, onde não penetrei por falta de utensílios necessários, mas que certamente aguçam a curiosidade. Em um caminho dêsse mesmo lado, fora das muralhas dos Templários, há um lanço de forte muro de lascas de xisto agregadas por duríssima argamassa; inclino-me a que não seja obra romana, mas mediévia.

No alto da povoação há um poço ou cisterna que me informaram ter sido descoberto havia pouco tempo por meio de um *roteiro*! O caso é que eu teria vontade de o dragar, porque pode conter antigualhas<sup>4</sup>. Uma carranca fazia parte da parede interna de uma casa; era chamada o retrato de Wamba!

A ponte é medieval, conquanto corra escrito que data dos romanos. É provável que na época romana alguma ali tivesse existido, mas dela nada resta visível. Pode ser que nos fundamentos... Mas o que constitui a actual ponte são aduelas e silhares de aparelho medieval, excepto aqueles que são materiais extraídos dos monumentos romanos, como as lápides, que aparecem no paramento exterior. Os próprios silhares são marcados de siglas; tudo denuncia pois que

---

<sup>4</sup> Um poço pertencente ao Sr. João dos Reis continha dezenas de bilhas medievais que farão objecto de uma monografia e que constituem uma importantíssima colecção cerâmica.

data da idade-média, sécs. XII a XIV. Tem três cortamares de secção triangular, isto é, agudos; cinco arcos de curvas já bastante deslocados, mas em que a larga ogiva predomina.

O edificio da Sé tem tido reparações e acrescentamentos e até disposições diferentes, porque a entrada actual olha a um lado diferentes do que já foi.

O campanário parece românico; a sua semelhança com o de S. Pedro de Vila-Corça é palpável; fica no lado onde ultimamente teria sido a capela-mor.

Na fotografia um casal de cegonhas mostra-se còmodamente instalado no vértice, coroado de um ninho que elle só constitui mais de uma carrada de lenha. A cegonha é um providencial destruidor de cobras e lagartos. Aquelas atingem na região uma grandeza colossal, como eu próprio vi<sup>1</sup>.

Numa velha casa da Idanha o pano da parede fronteira é de aparelho miúdo igual ao da reconstrução superior da torre de menagem.

Na face da Sé, voltada ao poente, existe entaipada uma porta ogival sobrepujada de uma empena muito aguda. As aduelas que formam o arco interno e subjacente são chanfradas no vivo; e apoiam-se em impostas com múltiplas molduras; o extradós da ogiva torneia-se em um toro que já vem dos pés direitos. Este conjunto parece revelar o séc. XIV ou princípios do XV. Mas no frontão formado pela empena estão embutidas duas pedras, uma delas, a inferior, com o emblema manuelino da esfera ao lado de um escudo com quatro besantes em cruz sobrepujados de uma coroa aberta flordelizada. Sobre esta pedra, outra menor tem em alto relêvo um pequeno Santo Cristo de braços horizontais. Parecem acessórios apostos mais recentemente, pelo menos os de baixo.

Esta porta travessa está actualmente entulhada quasi até a imposta pelo terreno adjacente, mas demonstra que a Sé pelo menos ainda no séc. XV e talvez XVI estava aberta ao culto. Creio até que a sua actual entrada, uma porta de abertura rectangular, permite supor que o culto nela se manteve até o séc. XVII ou XVIII. Contudo numa ombreira desta porta, cujas pedras são almofadadas (se bem que não romanas), há uma sigla, que é um G uncial.

---

<sup>1</sup> Não pude medir um grande ofidio que encontrei na freguesia das Aranhas, porque não levava fita e já repugnava a adiantada putrefacção do exemplar. Teria 2 a 3 metros de comprimento.

## Tempos modernos

O monumento mais importante desta época é o pelourinho. Nêle avultam vários símbolos e letras. Entre aqueles, a esfera armilar, a cruz de Cristo, etc., lavradas em um capitel grosseiro, que coroa uma coluna oitavada de granito. Serve de remate uma pedra de forma sub-piramidal, donde emerge uma haste de ferro crucífera. A base é um pedregulho cúbico com chanfros nas quinas e um ornato vegetal saliente em cada uma. Três degraus informes, a desconjuntarem-se, formam o acesso do monumento.

Além da igreja moderna, chamada da Misericórdia, a qual igreja fica junto do pelourinho, havia mais três ermidas, a de S. Dâmaso: que contém inscrições romanas, a do Espírito Santo e a de Santo António. Só a segunda, se bem me lembro, tem culto; a terceira destinava-a o seu dono para núcleo de museu.

Na igreja há uma imagem de S. Domingos, cuja raspagem é praticada pelas pessoas supersticiosas para livrar de maleitas. Também se lhe oferece e traz areia para o mesmo fim.

Qualquer que seja a origem e antiguidade da lenda relativa a Wamba, etnograficamente é um facto coevo e portanto introduzo-a aqui.

Wamba andava lavrando com o seu arado quando o foram buscar para ser rei. Levava-lhe a mulher para o jantar um galo cozido, quando emissários lhe foram levar a notícia. Ele retorquiu que só acreditaria no que lhe diziam se aquele galo cantasse.

Uma variante diz que foi o Pontífice romano quem lhe enviou uma deputação a convidá-lo para ser rei. Wamba, que guiava a junta de bois com uma vara, respondeu que só acreditaria se a vara sêca que êle empunhava florisse. O grande freixo, que ainda se vê no meio da Tapada do Jardim, é essa mesma vara. Segundo outra variante, as palavras de Wamba foram:

! Quando esta vara tiver a rama,  
Serei o rei Wamba!

Na boca de outros o nome completo era: Flávio Wamba.

Um prolóquio que lá se ouve, é o seguinte:

*! Saiba Deus e todo o mundo que el-rei Wamba era cornudo! O que não deve tomar-se no sentido malicioso, mas significa que Wamba possuía numerosas cabeças de gado cornudo (vacas e cabras).*

Conta-se que uns homens encontraram uma pedra que tinha os seguintes dizeres:

*Quem me a mim erguer, debaixo de mim «achar» um grande haver.* Assim o fizeram os crédulos, mas na outra face da pedra leram o seguinte:

*Viraste(me) dêste lado, porque do outro já estava enfadado!*

De S. Dâmaso, cuja capela acima referi, contaram-me que foi apedrejado pelos habitantes da Idanha e teve de fugir. Chegado a alguma distância, voltou-se para os que o perseguiam e disse:

Ide-vos agora, voltaí para vossas casas; quando lá chegardes achareis os vossos filhos com os olhos devorados por formigas; ¡..trinta chegareis e daí não passareis!<sup>1</sup>.

Assim tem sucedido, dizem, porque se tem visto que Idanha-a-Velha não cresce; mas para verificar a verdade da predição, é preciso contar os casais completos.

Vi ainda em uso uma mó manual, se bem que maior que as antigas. Destas vi um fragmento em uma tapada. Desenhou-a o bom do Gameiro. Compunha-se também de duas peças, das quais a fixa ou inferior se chama *pouso*. O braço de madeira com que se tange é o *cadamolho*; *segurelha* e *veio* são termos comuns a outras regiões.

Entre os antigos achados de que há notícia, arquivo o de uma chave de ouro, encontrada na povoação mesmo; essa antigualha foi oferecida ao bispo de Portalegre D. Gaudêncio, por ocasião da visita pastoral à Idanha.

Pôsto que nem todas as expressões dialectais, que se julga de vantagem apontar, fôsem recolhidas em Idanha-a-Velha, como seria inconveniente a sua dispersão, vou reüni-las aqui, porque elas são próprias dos povos cujo centro histórico é a antiga Egitânia. Assim temos:

*Saia* = é o pano que pende à roda de uma mesa, debaixo da qual arde a braseira.

*Possa* = padieira da porta ou janela.

*Batoral* = passagem ou banquetta de pedra sôbre um caminho alagado de água.

*Malhada* = curral de porcos; consta do *furdão*, das *furdas*, da *curralada*, da *bagaceira*, e da tenda do *porqueiro*.

¡ *Venho* (molhado) *que nem uma xostra!*

*Se cuder* = se puder.

<sup>1</sup> A lenda das formigas ouvi-a referir a outros pontos; Catrão, Guarda, etc.

*Lamegueiros* = arbusto que dá bagas amarelas e doces. Disseram-me que em Castelo Branco chamam *nicreiros*.

*Fontainha* = fonte pequena.

*Mai alto, mai antigo, pouco mai ou menos.*

*Manejeiro* = capataz de qualquer serviço agrícola.

*Decrua* = A primeira lavoura de uma terra. Daí *adecruar*.

*Stravessa* = A segunda lavoura.

*Largor* = largura.

*Pirto* = pêrtego.

*Inxêco* = estôrvo.

*Aquesse* = êsse.

*Malho* = machado. Daqui provém o nome que dão aos machados depois de se explicar o préstimo antigo dêstes utensílios.

*Venissimos* = vindouros. Ouvi esta palavra, falando-se de um lenço forte e de bom pano; *jé para venissimos!*

*Fracheira* (mulher) = activa. O *ch* é explosivo.

*Chega-te p'ra'i maneirinhas.*

*Batocova* = depressão na montanha.

*Spôis* = depois.

*Lúcaro* = lucro.

*Marouva* = fruta. A pronúncia do *ou* é muito especial.

*Mai* = mas e mais.

*Mal amigas de alguém.*

*Quaso* = caso.

*Campanhas da Idanha* = Os campos da Idanha.

*Traquer* = trazer.

*Buaixo* = baixo.

*Boiêda* = boiada.

*Obriguêrem* =

*Moes* = plural de mole.

*Alavoeiro* (pastor) = é o que guarda o gado *alavão*, parido, que está a dar leite na *queijeira*.

*Roupeiro* (pastor) = é o pastor que faz os queijos.

*Vasieiro* (pastor) = é o que guarda o gado vazio.

*Taronda* (vaca) = é a que já pode chegar-se ao boi.

*Maioral* (pastor) = é o pastor chefe.

*Porqueiro* = é o pastor que trata dos porcos grandes e pequenos.

*Afilhador* = é o pastor ou porqueiro que trata das porcas parideiras.

*Ajuda* = é o rapaz que acompanha o pastor ou porqueiro.

*Marranchos* = são os porcos grandes.



*Bácoros* = são os da última *parição*.

*Montanheiros* (porcos) = são os nascidos no outono.

*Hervinhos* (porcos) = os nascidos na primavera <sup>1</sup>.

Em muitas terras de Portugal existe o costume de dar epítetos em geral sarcásticos aos habitantes das povoações mais próximas.

Julgo ser este o lugar próprio para registar os que ouvi nesta região beiroa, para evitar a dispersão dos próprios de cada povo, o que enfraqueceria o significado do fenómeno; além disto, a Idanha é o centro etnológico, por assim dizer, da região e portanto de todos os factos que lhe respeitam.

Assim os habitantes de Idanha-a-Velha são:

*Eibados* (eivados) = porque são atacados de uma doença endémica e ao que parece de natureza sazonal, a qual os faz inchar no ventre.

*Lagarteiros* = os de Monsanto, porque vivem nos *barrocos*, onde se escondem também os lagartos <sup>2</sup>.

*Melistas* = os de Pena-Garcia, porque colhem muito mel.

*Galinheiros* = os mesmos, porque são sujos como as galinhas.

*Alarves* = os de Idanha-a-Nova, porque possuem largas campinas e comem muito pão com *miga*.

*Esturrados* = os de Alcafozes, por serem muito trigueiros.

*Quadrazinhos* = os mesmos, por serem de má índole.

*Bailaricos* = os de Medelim.

*Prometões* = os de Proença-a-Velha, porque prometem muito e dão pouco.

*Melados* = os mesmos, por serem muito lisonjeiros.

*Gravatinhas* = os de Penamacor, porque andam vestidos com luxo.

*Ceboleros* = os de S. Miguel de Acha, por cultivarem muita cebola.

*Alcains* = é a terra dos cães, porque quando se bate num cão, ele diz o nome da terra, gritando *alcain*, *alcain*.

Agosto de 1916.

FÉLIX ALVES PEREIRA.

<sup>1</sup> Esta tecnologia relativa à criação de porcos obtive do meu amigo o Sr. Tavares Proença Júnior em uma informação escrita pelo Sr. P.º António dos Santos, de Castelo Branco (26-IX-908). Acrescentava que nesta última região *barracos* (varrascos) eram os porcos pais.

<sup>2</sup> As explicações são também as populares na sua mesma rudeza. É claro que apenas arquivo o facto etnográfico, sem perfilhar os epigramas de modo agudo.

## Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, xxiv, 215-237)

## 139.—Notícias do Juncal (Estremadura)

Em Dezembro de 1897 e Janeiro de 1898 estive no Juncal, a convite do meu (hoje falecido) amigo José Calado, que aí possuía uma colecção arqueologica, e a quem já me referi de leve n-*O Arch. Port.*, iv, 244, e vii, 147, nota 3.

A uns 2 quilometros, ou menos, do Juncal, ha uma gruta pequena, aberta na rocha calcarea, gruta chamada *Buraco dos Moiros*. Fica ao lado d'um caminho.—No mesmo endireito ha outras, mas ainda quasi fechadas.—Prehistoricas?

Pouco a baixo fica uma grande propriedade do S.<sup>or</sup> Calado, que se chama o *Lagar*. Aí achou o mesmo S.<sup>or</sup> muitos restos romanos que tinha guardados em casa: moedas de cobre do sec. iv; um pe-

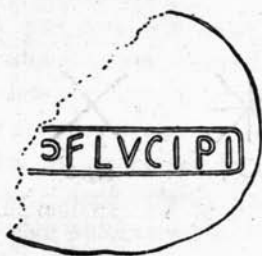


Fig. 1



Fig. 2

daço de vaso arretino (*terra sigillata*) com uma marca figulina (fig. 1), *of(ficina) Luci Pi.*, e um *graffito* no reverso (fig. 2), *For.*; uma fivela de bronze, esboçada na fig. 3; uma conta azul de vidro (como as de Condeixa); uma agulha (*acus*) de marfim ou osso, esboçada na fig. 4 (sem ponta, e quebrada em cima, onde devia haver um orificio para passar o fio)<sup>1</sup>; duas *falces* de ferro; uma folha de tesoura (*forfex*) de ferro, fig. 5; outra *forfex* (de chumbo?), fig. 6; dezenas de pesos de barro (trancos de piramide e paralelipipedos), alguns com marcas, figs. 7 a 10. Tambem o S.<sup>or</sup> Calado achou no *Lagar* duas mós muito grandes, e um enorme pedaço de *opus Signinum* (1<sup>m</sup>, 16 × 0<sup>m</sup>, 76 × 0<sup>m</sup>, 15, *plus minus*), e outro *pondus* de barro, o que tudo me ofereceu para o Museu Etnologico: cf. *Historia do Museu*, p. 192,

<sup>1</sup> No lado oposto àquele em que estão os desenhos (circulos concentricos) ha outro orificio igual.

e *O Arch. Port.*, iv, 242. Num passeio que dei ao Lagar, vi ainda: lanços de parede solida, de campo (não de casa); muitas pedras aparelhadas, de edificios; um pedaço de cano de barro, revestido de argamassa (*opus Signinum*); fragmentos de dolios; asas de anforas; frag-

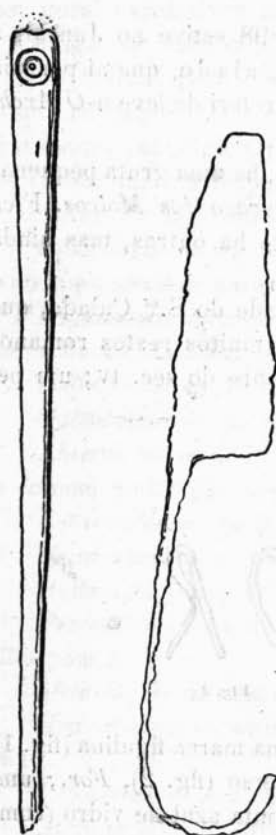


Fig. 4

Fig. 5



Fig. 3



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10

mentos de vasos pequenos de barro.—Era ali de certo uma *villa*, ou um *vicus* rural, mais provavelmente *villa*: cf. as ruínas da Malveira de Cascais, n-*O Arch. Port.*, I, 266.

No campo do Ribeiro, contiguo á propriedade do Lagar, continúa a aparecer caqueirada.—Em cima, ao Poente, ha uma gruta baixa, cujo corredor de entrada tem alguns metros de comprimento; no interior dizem que ha um largo.—Prehistorica?

O S.<sup>or</sup> Calado possui na sua collecção archeologica várias inscrições romanas, que creio estão publicadas: duas d'elas, pelo menos, vêm no *Corpus*, II, n.<sup>os</sup> 6:272 e 6:274.

A última, proveniente do alicerce da igreja da Maceira, concelho de Leiria, está mutilada no alto. Hübner não a pôde interpretar com certeza: propôs *Domno*. Pregunto se seria *SOMNO*, cognome que não será mais estranho que *HYPNUS* = ὕπνος «sono» n-*O Arch. Port.*, I, 56 (não creio que *somnus* = «morte» faça aqui parte d'uma frase funeraria). Na mesma inscrição, 5.<sup>a</sup> linha, o A de *Claudius* está enlaçado com o V, formando esta figura: *W*; na 6.<sup>a</sup> linha o S final está incluso no V, ficando, *W*, como o S.<sup>or</sup> Calado já notára.

Além das lapides romanas, e objectos miudos da mesma epoca, que ficam mencionados, possuia o S.<sup>or</sup> Calado fragmentos de vasos pequenos, de tegulas e de anforas, muitas moedas de prata e de cobre da Republica, dez denarios ibéricos achados em Leiria, uma moeda de cobre de *Myrtilis*, fig. 11, achada para os lados de Moura ou Mourão.

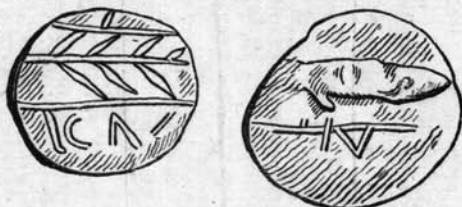


Fig. 11

A par com isto estava na colecção um delgado bracelete de bronze, provindo dos lados da Golegã, que não posso dizer se era romano ou pre-romano. Parece-me pertenceria á mesma familia de braceletes de Alpiarça, de que o D.<sup>or</sup> Mendes Correia fala n-*O Arch. Port.*, XXI, 331, apparecidos num sitio em que têm apparecido anforas e pesos de tear<sup>1</sup>.

Objectos propriamente pre-romanos da colecção do S.<sup>or</sup> Calado eram os seguintes: quatro instrumentos de cobre, analogos aos de Espite (Vila Nova de Ourem)<sup>2</sup>, mas apparecidos nas margens do rio Lis; outro, tambem achatado, que consta appareceu ao pé do Tojal de Porto de Mós; algumas dezenas de machados de pedra, mais ou menos, dos arredores de Porto de Mós, onde eu tambem obtive varios, que trouxe para o Museu Etnologico; uma ponta de seta, de silex, que vai representada na fig. 12, e dois braçais, igual-

<sup>1</sup> O D.<sup>or</sup> Mendes Correia enviou para o Museu Etnologico tres d'estes braceletes de Alpiarça, inteiros, mais um em duas partes, e dois fragmentos de outro. Os braceletes são achatados, para que, quando enfiados no braço, se ajustassem entre si, formando como que um unico e largo. Os do Museu Etnologico devem ter feito parte de mais de um grupo.

<sup>2</sup> Acêrca dos instrumentos de Espite vid. Estacio da Veiga, *Antiquidades monumentaes do Algarve*, IV, 153. Cf. a minha *Historia do Museu*, p. 181.

mente de pedra, que vão representados nas figs. 13 e 14 (analogos aos que publiquei n-*O Arch. Port.*, XXIII, 109-110, figs. 8 e 9), cujos orifícios são biconicos, feitos rotatoriamente com broca de fôrma conica. O braçal n.º 24 é levemente concavo de um lado, e levemente convexo do outro; appareceu com ossadas humanas em uma sepultura no sitio das Eiras Novas, ao cimo do campo do Ribeiro. Do outro não sei a proveniencia.

Para dizer, de modo geral, o que o S.<sup>or</sup> Calado possuia de Archeologia, falta acrescentar que na sua collecção havia louças e armas da epoca portuguesa, e moedas do mesmo modo nacionais.— A fôrça das circunstancias obrigou-me na descripção precedente a não seguir ordem chronologica rigorosa.

O S.<sup>or</sup> Calado era pessoa não só de gosto, mas instruida. A sua casa constituia, toda ella, um

museu, já com os objectos archeologicos que ficam mencionados, e outros cuja menção omiti, já com livros antigos e quadros de valor.

Na mesma occasião em que estive no Juncal fui a Porto de Mós (26-XII-1897), e aí copiei a inscrição que fôra imperfeitamente publicada no *Corpus*, II, 5:237, inscrição gravada num marmore que está no castelo, deitada num cunhal que olha para o campo. Altura da pedra 1<sup>m</sup>,37; largura 0<sup>m</sup>,53; espessura 0<sup>m</sup>,37; altura das letras 0<sup>m</sup>,07. Altura do campo da inscrição 0<sup>m</sup>,61. Discussão paleografica:

1. Depois do M a pedra está falha, e não se vê pois ponto nenhum.
2. Depois do M ha espaço vazio, onde nunca estiveram letras.
3. No fim não devia haver outro X.
4. No fim, apesar de estar quebrada a pedra, vê-se todo o S.

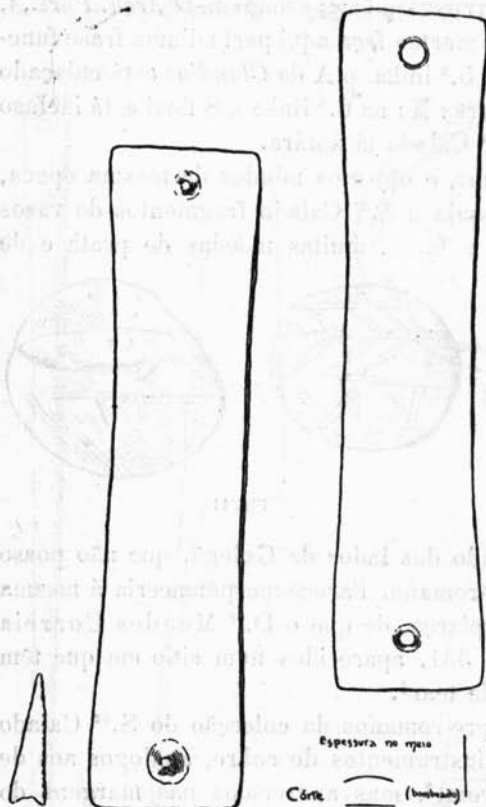


Fig. 12

Fig. 13

Fig. 14



5. Do I inicial só se vê a parte inferior.

7. O F é muito claro. No fim ha uma *hedera*.

A inscrição só tem os pontos que marquei.

O sentido é: sagração aos deuses manes: C (aio) A. M.; (falecido) de 70 anos, (está aqui sepultado). *Claudio Juliano* mandou fazer (este monumento) a seu bondosíssimo pai.—A inscrição datará talvez do sec. II.

Outra inscrição que no mesmo dia copiei no castelo de Porto de Mós já a inseri n-*O Arch. Port.*, VII, 171.

\*

Os desenhos em que assentam as figuras publicadas neste parágrafo são de Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnológico (os das figs. 1.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> feitos directamente, os das restantes figuras feitos por esboços meus).

L. DE V.

---

### Miscelanea

#### Museu em Beja

«Foi decretada a criação na cidade de Beja de um museu regional de arte e arqueologia.

Este museu é composto, no seu início, por todos os objectos artísticos pertencentes à suprimida Mitra de Beja e de todos os objectos artísticos e arqueológicos que se encontram no Museu Municipal da mesma cidade.

O Museu terá a sua instalação no antigo e histórico convento da Conceição, segundo a indicação da referida Junta Geral e o parecer do Conselho de Arte Nacional.

As despesas com a instalação e pagamentos ao pessoal correm por conta da Junta Geral do distrito de Beja, que se comprometeu a satisfazê-las.

O Pessoal do Museu é composto de:

Um director conservador, com a gratificação de 180\$.

Um guarda, com o ordenado de 150\$.

No cargo de director será provido quem tenha demonstrado publicamente competência em assuntos de arqueologia ou, na sua falta, um professor efectivo do Liceu de Fialho de Almeida».

(Do *Diário de Notícias*, de 30 de Janeiro de 1918).

### Pelourinho de Setubal

Na *Alvorada* (de Setubal) de 1 de Dezembro de 1919 publica-se um vibrante artigo de indignação contra o desprêzo a que está votado o pelourinho de Setubal, e pedem-se nele providências a quem compete tomá-las. O *Archeologo* faz suas as palavras patrióticas do jornal setubalense.

### Pedra que bole

«Valpaços, 1. — Hoje foi destruída por pedreiros a «Pedra que bole», desta villa. Era uma pedra balouçante de 7 metros de comprimento, 4<sup>m</sup>,6 de largura e 3<sup>m</sup>,15 de altura. Curiosidade única desta Vila, era visitada por quantos aqui passavam. A «Pedra que bole» estava vulgarizada em bilhetes postais e dela vem um desenho nas *Religiões da Lusitania*, vol. 1, p. 400, do Dr. J. Leite de Vasconcellos. Não houve nada que justificasse tam bárbaro vandalismo! — (C. L.)».

(Do *Comércio do Porto*, 1919).

### Duas campas lusitano-romanas de Caparide (Cascais)

O Dr. Vergílio Correia, em 1913 e 1914, quando Conservador do Museu Etnológico — segundo consta do «Livro das Entradas» — obteve em Caparide (povoação da freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais), duas lápides arciformes, com legendas latinas que até hoje se conservaram inéditas, se é que não foram já publicadas pelo Doct. Lothar Wickert, consumado epigrafista alemão, que, em 1931, esteve em Belém, no mesmo Museu, fazendo colheita de elementos para o novo Suplemento ao volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, monumental colectânea de inscrições do orbe romano<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Leia-se, no *Diário de Notícias*, de sexta-feira, 1 de Maio de 1931, na primeira página, sétima coluna, o artigo, firmado por J. Leite de Vasconcelos, *Antiguidades Nacionais*, em que notifica a estada entre nós do Doutor Lothar Wickert, *Privatdozent* da Universidade de Berlim.

Nessa ocasião, o meu chorado Mestre Sr. Doutor Leite de Vasconcelos escrevia-me, em bilhete postal, datado de «Lx.<sup>a</sup> Do-

São dois baús maciços, de mármore, em um de cujos tôpos o quadratário insculpira senhas<sup>1</sup> inscrições funerárias, isto é, o canteiro gravara em cada uma daquelas pedras um epitáfio. Estas lápides apresentam-se muito danificadas: a uma faltam-lhe pedaços com letras; outra tem o lètreiro de tal modo gasto, que só muito difficilmente se lhe enxergam algumas letras; em ambas, a faixa que, primitivamente, lhe corria, no sentido longitudinal, de um lado e outro da base, e que dá mais graça e leveza à architectura de tais monumentos, acha-se destruída em grande parte.

A arca adquirida em 1913, que recebeu o número de entrada 5:017, ostenta a seguinte epigrafe, incompleta:

I·G·F·A·M·O  
H·S·E·Q·—  
O·N·I·V·S·A·V·I·T·V·S  
F·T·L·E·G·X·X·I·I·D  
F

Leitura da inscrição:

[*Iulia* vel *Iunia*?] *G(ati) f(ilia) Amo[ena] h(ic) s(ita) e(est).*  
*Q(uintus) A(ntonius? vel Apronius?) [ve]t(eranus) leg(ionis) XXII*  
*P(rimigeniae) vel P(iae) [F(idelis)], f(aciendum) [curavit].*

mingo à noite», e com o carimbo do correio «8-5-31»: «O epigrafista alemão está cá há muito, como verá no D. de N. Se o quer conhecer, ele vai ao Museu todos os dias, e pode falar-lhe em mim. Eu vou lá amanhã, e depois irei outro dia da semana, não sei porém qual».

Dias depois, como eu não apparecesse no Museu — onde não estava ainda colocada, pois frequentava a Faculdade de Letras de Lisboa — o saudoso Mestre e Amigo envia-me novo postal, escrito de mão alheia, mas assinado por seu punho, e com a data de «19-v-931», em que me dizia: «O epigrafista já tem tudo copiado, ou quasi tudo. Agora só volta ao Museu 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> desta semana, e talvez 6.<sup>a</sup> Eu é provável ou certo que lá vá 5.<sup>a</sup>».

Na quinta-feira indicada, que era 21 de Maio, compareci no Museu; e foi o próprio Sr. Doutor Leite de Vasconcelos que me fez o favor de me apresentar ao dito epigrafista alemão.

<sup>1</sup> A Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos aconselha-nos a reviver este termo, arcaico hoje, mas antigamente muito empregado: «*Senhos*, por *senhos*, representa *singulos*. Esse usadissimo adjectivo distributivo (*um a cada um*) deveria ser reintegrado na linguagem moderna». (Nota 14 á *Carta de Pero Vaz de Caminha*, in «História da Colonização Portuguesa do Brasil», vol. II, Porto, MCMXXIII, p. 88).

## Tradução:

Julia? ou Junia? Amena, filha de Gaio, jaz aqui sepultada. Quinto António? ou Aprónio? Avito, veterano da legião XXII Primigenia ou Pia Fidelis, mandou fazer êste monumento.

1.<sup>a</sup> linha:

Na inscrição falta já o *nomen gentilicium*, nome comum da *gens* da falecida<sup>1</sup>. Poderia, talvez, ser IVLIA ou IVNIA, assim por serem êsses nomes vulgares na epigrafia latina, como por o número de letras, de que se compõe qualquer dêles, vir preencher o espaço vazio, por fractura da pedra.

As mulheres em geral não usavam *praenomen*, nome individual<sup>2</sup>.

G.F: *Gaii filia*: «filha de Gaio». As siglas da filiação denotam que a defunta era ingênua, isto é, de condição livre<sup>3</sup>.

AMO[ENA], *cognomen* romano — que se completava na linha seguinte — significa «alegre», «encantadora». É palavra cognata de *amoenitas*. Há também o *cognomen* AMOENVS, da mesma origem<sup>4</sup>. O cognome serve para distinguir os diversos ramos da mesma *gens*, e ainda as sub-divisões de um mesmo ramo<sup>5</sup>.

2.<sup>a</sup> linha:

H.S.E., cláusula desdobrável em: *hic sita vel sepulta est*, «jaz aqui sepultada»<sup>6</sup>.

Q: abreviatura do *praenomen* QVINTVS.

3.<sup>a</sup> linha:

Para completar o *nomen gentile*, cuja parte final, bem legível, é constituída por ...ONIVS, poderíamos pensar em ANTONIVS, APRONIVS, MOELONIVS, POMPONIVS, SEMPRONIVS, VICONIVS, que todos êsses *nomina gentilicia* figuram no volume II

<sup>1</sup> René Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, Paris, 1890, p. 50.

<sup>2</sup> Idem, *Ibidem*, p. 43.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, p. 53.

<sup>4</sup> *Totius Latinitatis Onomasticon*, opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum, Prati, ann. MDCCCLIX—MDCCCLXVII.

<sup>5</sup> René Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, Paris, 1890, p. 53.

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*, p. 388.

do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, contendo as inscrições da *Hispania Romana*. Como, porém, no final da linha anterior há vestígios do traço horizontal da letra A, parece que êsse *nomen* seria ANTONIVS ou APRONIVS.

AVITVS, *cognomen* romano, freqüente no onomástico latino, e derivado ou do substântivo AVVS ou do adjectivo AVITVS<sup>1</sup>.

#### 4.<sup>a</sup> linha:

..T, que restituímos assim: VET, abreviatura de VETERANVS, título honorífico do militar licenciado que acabara, honrosamente, o seu tempo de serviço, *honesto missio* — tempo que variava consoante o corpo de tropas a que êle pertencesse — ou ainda por distinção, como recompensa por feitos excepcionais, antes de findar o prazo legal, *exauctoratio*<sup>2</sup>. Com o recenseamento os veteranos recebiam um prêmio pecuniário e, às vezes, eram colocados em colónias militares, ou nas fronteiras do Império onde se lhes doavam terras<sup>3</sup>; além disso, eram-lhes outorgados certos privilégios, tais como a isenção dos impostos directos, *munera civilia et honores, munera personalia*<sup>4</sup>, e, por *diploma*, eram-lhes concedidos: a *civitas*, título de cidadania romana para si e para a mulher — regalia muito importante antes de Caracala (211 a 217) haver dado o *ius civitatis* a todos os habitantes do Império Romano<sup>5</sup> — e o *conubium*<sup>6</sup>, porque, juridicamente, o militar no serviço activo, não podendo contrair as *iustae nuptiae*, sua mulher era concubina e seus filhos ilegítimos, *spuri*<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> *Totius Latinitatis Onomasticon* opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum, Prati, MDCCCLIX — MDCCCLXVII.

<sup>2</sup> R. Cagnat, *Missio*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1904.

<sup>3</sup> J. B. Mispoulet, *Veteranus*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1914.

<sup>4</sup> Código Teodosiano, *De Veteranis*, liber VIII, titulus xx.

<sup>5</sup> G. Humbert, *Civitas*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1887.

<sup>6</sup> *Privilegia Militum Veteranorumque — De Civitate et Conubio*, in «Corpus Inscriptionum Latinarum», vol. III, pp. 843 e sgs.

<sup>7</sup> Joachim Marquardt, *La Vie Privée des Romains*, tomo I, p. 92, nota.



LEG, abreviatura de LEGIONIS, no genitivo requerido pelo contexto. A legião era o mais considerável corpo de tropas do exército romano. No tempo de César, o efectivo normal das legiões constava de 6:000 homens. Toda a legião tinha uma ou mais insígnias, geralmente animais (*aquila, leo, taurus, capra*, etc.), que a caracterizava. Era-lhe aposto um número que a distinguia e lhe era própria (*Legio I, Legio II*, etc.) que variava segundo as épocas e a importância das guerras, podendo receber um número diferente do que tivera na campanha anterior. Era-lhe dado também um ou mais sobrenomes em que, às vezes, entravam como radical: o nome das províncias onde as legiões combateram ou se recrutaram (*Macedonica, Gallica, Cyrenaica, Hispana*, etc.); o nome do Imperator que as criou (*Augusta, Claudia, Ulpia, Trajana*, etc.); o nome de divindades (*Apollinaris, Minervia*, etc.); o nome do soberano reinante (*Antoniniana, Severiana, Alexandriana*, etc.), que nos ministra elementos cronológicos muito úteis; os epítetos ganhos em recompensa da sua dedicação ao Imperator (*Pia, Fidelis, Constans, Firma, Victrix*, etc.); e nomes tirados de particularidades relativas à sua formação (*Adiutrix, Primigenia*, isto é, obtida por meio de desdobramento — chamando-se Primigenia a antiga legião — e *Gemella*, que quer dizer, obtida por via de fusão)<sup>1</sup>.

No final desta linha, o número da legião acha-se mutilado por quebradura da lápide, suscitando dúvidas se estaremos em presença de XXIII ou XXIIII. Mas examinando a inscrição de noite, à luz fraca e artificial, nota-se, bem junto à aresta onde a lápide está quebrada, um minúsculo ponto separativo que nos indica ser o numeral XXII, e o restante a parte superior da letra P, abreviatura ou de PRIMIGENIAE ou de PIAE, genitivos a concordar com LEGIONIS. Como a seguir, no espaço que falta, caberia ainda outra letra que poderia ser R, segunda de PRIMIGENIAE — vocábulo que se abrevia em P, PR, PRI, PRIM, PRIMIG — ou poderia ser a letra F, inicial de FIDELIS; sem excluirmos, porém, a hipótese de lá se ter insculpido P·P·F: *P(rimigeniae) P(iae) F(idelis)*.

No volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que, já dissemos, contém as inscrições da *Hispania Romana*, registam-se alguns componentes da Legião XXII, mencionados em monumentos

---

<sup>1</sup> R. Cagnat, *Exercitus e Legio*, in «Dictionaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1892 e 1904.

epigráficos da *Tarraconensis*, a saber: *tribunus militum legiones XXII* (4239), *legatus legionis XXII primigeniae* (4121), *centurio legionis XXII primigeniae* (4162), *hastatus legionis XXII primigeniae* (4146), todas em *Tarraco* (Tarragona); e *tribunus militum legionis XXII Primigeniae Pia Fidelis* (3237), em *Mentesa Oretanorum* (Alhambra de Castilla).

Parece — diz o *Onomasticon*, de De-Vit — que a legião XXII Primigenia existia já no tempo de Augusto<sup>1</sup>. Julgam, porém, alguns, como por exemplo René Cagnat, apoiado em Tácito, que ela foi criada pelo Imperador Cláudio I (41-54), por desdobramento da legião XXII Deiotariana, e enviada para a *Germania Superior*, com fundamento de substituir outra legião que ia ocupar a *Britannia*, submetida havia pouco<sup>2</sup>.

Tem por insígnia o Capricórnio e deve o sobrenome de *Pia Fidelis* à fidelidade de que deu provas por ocasião da revolta de Antonino Saturnino, no ano de 89.

No reinado de Nero (52-68) tinha o acampamento em *Moguntiacum* (Mogúncia da Idade-Média, e Mainz de hoje).

Não quis esta legião, no ano de 69, prestar juramento a Galba, mas sim ao senado e ao povo romano, e aclamou imperador a Vitélio. Então metade do seu efectivo partiu para Itália, e, combatendo em Cremona contra os Flavianos, compartilhou do desastre das tropas de Vitélio.

Supõe-se que tomou parte na guerra dácica, feita por Trajano (97-117), e que regressou pouco depois ao acampamento, onde permaneceu até o fim do Império.

Na época de Adriano (117-138), a referida legião mandou um destacamento para a *Britannia*, que deixou vestígios da sua estada em *Ambloglanna*, no *vallum* do mesmo Imperador.

Quando Gordiano III (238-244), licenciou a legião III Augusta, uma parte da Legião XXII *Primigenia Pia Fidelis* foi enviada para África. Em inscrições da *Maurietania Caesariensis* aparece, com efeito, mais de um militar pertencente a esta última legião: *miles legionis primigeniae piae fidelis*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii. De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII, s. v. *Legio*.

<sup>2</sup> René Cagnat, *Legio*, in «Dictionaire des Antiquités Grecques et Romaines», par Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1904.

<sup>3</sup> *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. VIII.

Além de *Pia Fidelis*, foram-lhe outorgados ainda os títulos de *Antoniniana* e *Alexandriana*<sup>1</sup>.

Nas moedas legionárias de Marco António, de Severo e de Galieno nomeia-se a legião XXII<sup>2</sup>.

\*

O outro monumento, o que foi obtido em 1914, teve o número de entrada 5:229: nêle mal se divisam as seguintes letras:

V A L G I A · L  
S A B I N A · A  
X I            S

Leitura da inscrição:

*Valgia, L(ucii) [f(ilia)], Sabina, a[nn](orum)...XI... [h(ic)] s(ita) [e(st)].*

Tradução:

Valgia Sabina, filha de Lúcio, falecida com onze ou mais anos de idade, jaz aqui sepultada.

1.<sup>a</sup> linha:

VALGIA lê o Sr. Prof. Scarlat Lambrino. Este *nomen* VALGIA é pouco vulgar, não aparece nos índices onomásticos do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinorum*; está, porém, representado nas *Tabulae Ligurum Baebianorum*, de Benevento, Itália<sup>3</sup>.

L(VCIVS), *praenomen* romano que, parece, foi imposto no princípio a quem nascia com o romper do dia: *Praenomen Romanum, quod initio inditum videtur ei, qui prima luce natus est, ut ait Varr.*<sup>4</sup>

ROSA CAPEANS.

<sup>1</sup> *Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII, s. v. *Legio*.

<sup>2</sup> Josepho Eckhel, *Doctrina Numorum Veterum*, pars II, *De Moneta Romanorum*, volumen VI, Vindobonae, MDCCXCVI, p. 52, e volumen VIII, p. 490.

<sup>3</sup> Gustavus Wilmanns, *Exempla Inscriptionum Latinarum*, Barolini, A. MDCCCLXXXIII, n.º 2844.

<sup>4</sup> *Apud Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII.

## VOLUME XXX

---

### ÍNDICE ANALÍTICO

---

#### ÁGATA (Santa):

Culto medieval: 6 e 13.

#### AGRICULTURA:

Em uma «villa» romana (Santa Vitória do Ameixial: Estremoz), vid.:

*Instrumentos agrícolas,*

*Mós,*

*Pastoreio,*

*Torcularium.*

#### «Villa»:

*Villa fructuaria,*

*Villa frumentaria,*

*Villa rustica.*

#### ÁGUA:

Na mesma «villa» romana, vid.:

*Aqueduto,*

*Balnearium,*

*Impluvium,*

*Piscinas e Tanques.*

#### ALFAIAS E PARAMENTOS ECLESIAÍSTICOS:

Açores: Faial (ilha de S. Miguel, concelho de Povoação): 153.

Madeira: Faial (concelho de Santa Ana): 156, e Funchal: 157.

#### ALFINETES:

De bronze: 106.

De ferro: 106.

De osso: 106.

**ALIMENTAÇÃO:**

Ostras: 109.

**AMBULACRA:**

Vid. *Arquitectura*.

**ANÉIS:**

De bronze: 105.

De ferro: 105.

De massa vítrea: 105.

Nas moedas: 126.

**ANIMAIS:****Representados em mosaico (Santa Vitória do Ameixial):**

Aves: 85.

Bois: 44 e 52.

Chocos: 85.

Golfinhos: 47, 57 e 85.

Pantera: 83.

Peixes: 48.

Serpente: 85.

**ANTIGUIDADES E NOTÍCIAS LOCAIS:****Alentejo:**

Beja:

Arredores (lápide com inscrição): 123.

Criação do Museu Regional: 209.

Estremoz:

Arredores (mosaico romano): 14.

Pretensão dos oleiros (séc. xix): 170.

Évora, cidade (o sino de S. Francisco): 11 e 12.

Santa Vitória do Ameixial, concelho de Estremoz (mosaico romano): 14.

Terena, concelho do Alandroal (lápides do santuário do deus *Endovélico*): 118.

Veiros do Alentejo (inscrição romana): 90.

**Beiras:**

Coimbra (obras em Santa Cruz, séc. xvi): 64.

Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova:

Ruínas romanas: 186.

Vestígios medievais, basílica, etc.: 192.

Tempos modernos: 189.

Monsanto, concelho de Idanha-a-Nova (antiguidades romanas): 183.

S. Pedro do Sul, na freguesia de Carvalhais (inscrição romana): 125.

**Entre Douro e Minho:**

Azurara, concelho de Vila do Conde (edificação, séc. xvi): 160.

Braga (antiguidades romanas): 184.



Viana do Castelo (estátuas de guerreiros lusitanos, decapitadas): 180.  
Vila Nova de Cerveira, na Quinta de Santo António (antiguidades romanas): 181.

**Estremadura:**

Alcobaça (grutas pré-históricas): 114.  
Barcarena, concelho de Oeiras (Casa da Armaria, séc. xvi): 161.  
Caparide, concelho de Cascais (lápides romanas): 210.  
Juncal, Estremadura (antiguidades romanas): 205.  
Leiria (moeda de Myrtilis): 207.  
Lisboa:  
    Sino fernandino da Sé: 10 e 12.  
    Inscrição romana: 122.  
    O ouro de particulares na Casa da Moeda, séc. xvi: 155.  
    Dinheiro de contos, séc. xvi: 167.  
    Iate dos estaleiros de Alcântara, séc. xix: 167.  
Óbidos, na freguesia da Amoreira (inscrição romana): 122.  
Peniche (carinha de barro): 185.  
Porto de Mós, no Tojal (instrumentos de cobre): 207.  
Seiça, concelho de Vila Nova de Ourém (tombo do mosteiro de Seiça, séc. xvi): 166.  
Setúbal (pelourinho): 210.  
Sintra:  
    O sino velho de Santa Maria: 1.  
    Sepulturas do Casal de S.<sup>to</sup> Amaro: 149.  
Tomar (Ordem de Cristo, séc. xvi): 154.  
Vila Nova de Ourém, em Espite (instrumento de cobre): 207.

**Trás-os-Montes:**

Valpaços (pedra balouçante): 210.

**Ilhas adjacentes:**

Arquipélago dos Açores:  
    Ilha do Faial (ornamentos das Igrejas do Salvador e de Santa Catarina, séc. xvi): 156.  
    Ilha de S. Miguel, Faial, concelho de Povoação (ornamentos da Igreja do Salvador, séc. xvi): 153.  
Arquipélago da Madeira:  
    Ilha da Madeira, Faial, concelho de Santana (ornamentos da Igreja): 156.  
    Funchal (construção da Sé e da Alfândega, séc. xvi): 161.  
    Machico (Igreja de S. Jorge, séc. xvi): 157.

**AQUEDUTO:**

«Villa» de Santa Vitória do Ameixial: 27.

**ARMAS:**

Cuspes: 74 e 103.  
Hasta: 103.  
Pontas de dardo (ferro): 103.  
Ponta de sílex: 207.

**ARQUEOLOGIA:****Em geral:**

- O sino velho de Santa Maria de Sintra: 1.
- Estudos lusitano-romanos: 14.
- Lapidário do *Museu Etnológico*: 118.
- Nomenclatura numismática: 126.
- Sepulturas romanas das proximidades de Sintra: 149.
- Miscelânea arqueológica (xvi a xix): 153.
- Antiguidades: 181 e 205.
- Ruínas de Idanha-a-Velha: 186.
- Sepulturas lusitano-romanas de Caparide (Cascais): 210.

**Pré-histórica:**

- Braçais de pedra (Juncal, Estremadura): 107.
- Machados de pedra: 113 e 207.
- Ponta de sílex (Juncal): 207.
- Instrumentos de cobre: 207.
- Vestígios em Idanha-a-Velha: 189.

**Proto-histórica:**

- Guerreiros lusitanos: 180.
- O deus lusitano *Endovéllico*: 118.

**Lusitano-romana:**

- Antiquilhas de Braga (fragmentos cerâmicos): 184.
- Inscrições em monumentos epigráficos de *Endovéllico*: 118.
- Inscrições de Caparide (Cascais) em sepulcros: 211 e 216.
- Lápide de Idanha-a-Velha: 192.
- Lápide de Lisboa: 122.
- Lápide de Óbidos (Casal de S.<sup>to</sup> Amaro): 122.
- Lápide de S. Pedro do Sul (Carvalhais): 125.
- Lápide de Veiros do Alentejo: 90.
- Vestígios romanos* de Idanha-a-Velha: 189.
- Vestígios romanos* do Juncal: 205.
- Estudos lusitano-romanos*: A «villa» de Santa Vitória do Ameixial, concelho de Estremoz: 14.

**Medieval:**

- Basilica de Idanha-a-Velha: 192.
- Culto de Santa Ágata (Águeda): 6 e 13.
- Culto de S. Dâmaso, em Idanha-a-Velha: 201.
- Fundidor de sinos (Lisboa): 10.
- Legenda em sino (Sintra): 4 e 10.
- Muralhas de Idanha-a-Velha: 192.
- Românico: 200.
- Sino de Santa Maria de Sintra: 1.
- Sino de S. Francisco de Évora: 12.
- Sino da Sé de Lisboa: 10.
- Suevos: 192 e 193.
- Visigodos: 193.

**Moderna:**

Séc. XVI:

Alfaías ou *Ornamentos da Igreja do Salvador, da ilha do Faial, nos Açores*: 153.

Alfaías ou *Ornamentos da Igreja do Faial, Machico, da ilha da Madeira*: 156.

Alfaías ou *Ornamentos da Igreja de S. Jorge, da ilha da Madeira*, dados por D. Manuel I: 157.

*Armários do cartório da Ordem de Cristo*: 164.

Casa da Armaria, de Barcarena (Oeiras): 161.

Casa da Moeda de Lisboa: 155.

*Dinheiros de contos*: 167.

*Edificação de Azurara (Vila do Conde)*: 160.

Obras de Santa Cruz, de Coimbra: 164.

Ouro de particulares cunhado na Casa da Moeda: 155.

Tombo do Mosteiro de Seiça (Vila Nova de Ourém): 166.

*Um ornamento para a Capela dos Portuguezes em Compostela*: 165.

Séc. XIX:

Um iate construído no estaleiro de Alcântara em 1805: 167.

**ARQUITECTURA:****Romana («villa» de Santa Vitória do Ameixial):**

Ambulacra: 76 e 86.

Aqueduto: 27.

Atrium: 76.

Balnearium: 69.

Hypocaustum: 40 e 66.

Impluvium: 75, 87 e 109.

Tablinum: 86.

Vestibulum: 76.

**Medieval:**

Basílica cristã de Idanha-a-Velha: 193.

Muralhas de Idanha-a-Velha: 195.

Românico: 200.

**Do séc. XVI:**

Santa Cruz, de Coimbra: 163.

Sé e Alfândega do Funchal: 161.

**ARQUIVO:**

Vid. *Tombo*.

**ATRIUM:**

Na «villa» romana de Santa Vitória do Ameixial: 76.

**BACO:****Na «villa» romana de Santa Vitória do Ameixial:**

Mosaico báquico: 77.

Inscrição em mosaico: 78.

Simbolismo báquico (animais e plantas): 78.

**BALNEARIUM:**

Cellae: 69.

Frigidarium: 70.

Hypocaustum: 40 e 66.

Piscinas: 69.

Suspensura: 67.

Tepidarium: 70.

**BARCOS:**

De Ulisses, no mosaico do «Balnearium» (Santa Vitória do Ameixial): 52.  
late dos estaleiros de Alcântara (Lisboa): 167.

**BASÍLICA:**

De Idanha-a-Velha, medieval: 193.

**BRAÇAIAS:**

De pedra (Juncal), neolíticos: 207.

**BRACELETES:**

De bronze (romanos): 207.

**BRONZE:**

Alfinetes (*acus*): 106.

Anel: 107.

Armilas: 105.

Asas de sítula: 103.

Braceletes: 207.

Cribum: 103.

Fíbulas: 105.

Fivelas: 103 e 205.

Instrumentos de trabalho: 103.

Tintinábulo: 102.

**BUCCINA E BUCCINATORES:****Em mosaico (Santa Vitória do Ameixial):**

Dos Tritões: 47.

Dos Ventos: 45.

**BULLA:**

De ouro: 104.

**CEMITÉRIO:**

**Santa Vitória do Ameixial: 31 e 89.**

Romano.

Conta de massa vítrea.

Instrumentos agrícolas e de construção.

Túmulos de servos.

**CASA DA ARMARIA:**

De Barcarena, concelho de Oeiras: 161.

**CASA DA MOEDA:**

De Lisboa: ouro de particulares: 155.

**CERÂMICA:**

Romana de construção (*imbrices, lateres, laterunculi, tegulae*): 18, 75, 87, 94, 100 e 101.

De serviços domésticos e rurais: 74, 103, 108 e 109.

Marcada: 205.

Ornamentada: 109 e 185.

**CERÁUNIA:**

Na «villa» de Santa Vitória do Ameixial (machados de pedra): 113.

**CHAVES (FR. JOÃO DE):**

Mestre-de-obras (séc. XVI): 165.

**CHOCALHOS:**

Vid. *Tintinábulo*.

**CHUMBO:**

Fistulae plumbeae: 75, 88 e 101.

**COBRE:**

Instrumentos de Tojal (Porto de Mós), de Vila Nova de Ourém e da margem do rio Lis: 207.

**CONSTRUÇÃO:**

Vid. *Architectura, Materiais de construção e Técnicas*.

**CONTAS:**

De massa vítrea: 105.

**CONTOS:**

Vid. *Numismática*.

**COROAS:**

No mosaico de Santa Vitória do Ameixial: 77, 79 e 84.

Em moedas: 133 e 134.



**CORTEJO:**

Marítimo de Anfitrite (*Thiasus*), no mosaico de Santa Vitória do Ameixial: 47.

**CRISTÃOS:**

Basílica medieval (Idanha-a-Velha): 193.

Catacumbas: 81.

Cruz em mosaico romano: 79.

Cruz nas moedas: 134.

Santa Ágata: 6 e 13.

S. Dâmaso: 201.

S. Miguel: 10.

**CRUZ:**

Em mosaico romano: 79.

Em moedas: 134.

**CULTO:**

Cristão: vid. *Cristãos*.

Pagão:

Carmina: 59.

Devotio: 59.

Imprecatio: 59.

Incantamenta: 59.

Vid. *Mitologia*.

**DÂMASO (S.):**

Em Idanha-a-Velha, culto e lenda: 201 e 202.

**DIALECTOLOGIA:**

Em Idanha-a-Velha: 202.

**EBUROBRITTIUM:**

Em inscrição da Amoreira, Óbidos: 123.

**EGITÂNIA:**

Idanha-a-Velha: 189 e 193.

**ENDOVÉLICO:**

Em inscrições do Museu Etnológico: 118.

**EPIGRAFIA:****Grega:**

No mosaico de Santa Vitória do Ameixial: 57.

**Latina:**

Nos mosaicos da mesma procedência: 60 e 77.

**Em pedras:**

- Beja (arredores): 123.  
Cascais (Caparide): 210 e 216.  
Estremoz (Santa Vitória do Ameixial): 89.  
Idanha-a-Velha: 192.  
Lisboa: 122.  
Óbidos (na Igreja de Nossa Senhora de Abobriz, da freguesia da Amoreira): 122.  
S. Pedro do Sul (Alto da Costa, freguesia de Carvalhais): 125.  
Sintra (Casal de Santo Amaro): 150.  
Terena (Boa Nova), de Endovélco: 118.  
Veiros do Alentejo: 90.

**Num tijolo:**

- Estremoz (Santa Vitória do Ameixial): 112.

**ESCULTURA:****Pré-romana:**

- Viana do Castelo: estátuas sem cabeça de guerreiros lusitanos: 180.

**Romana:**

- Estremoz (Santa Vitória do Ameixial):  
Estatueta feminina de mármore: 109.  
Carranca fontanária, id.: 41.

**ETNOGRAFIA:**

- Fonte da Moura: 26 e 28.  
Lendas de S. Dâmaso: 201, e do rei Vamba: 199 e 201.  
«Montes» alentejanos: 26 e 34.  
Medicina popular: 201.  
Pedra balouçante: 210.  
Pedra furada: 189.  
Tesouros escondidos: 201.

**FERRO:**

- Alfinete: 106.  
Anel: 105.  
Grampos de construção: 96 e 198.  
Lucernas: 107.  
Vid. *Instrumentos agrícolas*.

**FÍBULAS E FIVELAS:**

- Estremoz (Santa Vitória do Ameixial): 105.  
Juncal (Estremadura): 205.

**FIGURINHAS DE OSSO:**

- Em Santa Vitória do Ameixial (como as das grutas de Alcobaça): 114.

**FUNDIDOR DE SINOS:**

De Lisboa, séc. XIV: 10.

**GUERREIROS:**

Estátuas decapitadas de guerreiros lusitanos, de Viana do Castelo: 180.

**HYPOCAUSTUM:**

Na «villa» romana de Santa Vitória do Ameixial: 40 e 66.

**IMPLUVIUM:**

Na mesma «villa»: 75, 87 e 109.

**INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS:**

Dolabra: 32, 74 e 102.

Falcula: 33 e 74.

Falx messoria: 32, 74 e 102.

Malleus: 32, 74 e 102.

Pala: 32, 74 e 102.

Pecten: 102.

Rastrum: 102.

Sarculum: 32, 74 e 102.

Securis: 102.

Trua e truella: 74.

**JOÃO DE CHAVES (FR.):**

Mestre-de-obras (séc. XVI): 165.

**JOGOS GINÁSTICOS:**

No mosaico do «balnearium» da «villa» de Santa Vitória do Ameixial:

Coroação do vencedor: 57.

Cursosos: 57.

Pugiles: 57.

**LATIFUNDIUM:**

Em Santa Vitória do Ameixial: 14, 21 e 28.

**LEGENDAS:**

Num sino de Sintra: 4 e 7.

Num sino da Sé de Lisboa: 10.

**LENDAS:**

De Mouras (Santa Vitória do Ameixial): 26 e 28.

De S. Dâmaso (Idanha-a-Velha): 202.

Do rei Vamba (Idanha-a-Velha): 199 e 201.

**LUCERNAS:**

De barro (Santa Vitória do Ameixial): 107.

De barro (Braga): 184.

De ferro (Santa Vitória): 107.

**MACHADOS:**

De pedra (neolíticos): 113, 114 e 207.

De ferro (romano): 107.

**MARCAS DE JOGO:**

Disco de pedra: 108.

Disco de barro arretino: 108.

Disco de barro grosseiro: 108 e 184.

Esferas de barro: 108.

Marca de marfim calótica: 108.

Seixinhos esféricos: 108.

**MARCO PIRES:**

Mestre das obras de Santa Cruz, de Coimbra (séc. xvi): 165.

**MÁRMORE:**

De guarnição lisa: 41.

De guarnições decorativas: 41 e 98.

**MÁSCARA:**

Máscara fontanária de mármore (da «villa» de Santa Vitória do Ameixial): 41.

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:****Romanos:**

De barro: 96 e 189.

De ferro: 96 e 189.

De pedra: 96 e 189.

**Medievais:**

De Idanha-a-Velha: 192.

**MEDALHA:**

Em *Nomenclatura numismática*: 141.

**MESTRE JOÃO FRANCÊS:**

Fundidor de sinos em Lisboa (séc. xiv): 10.

**MESTRES-DE-OBRAS:**

Fr. João de Chaves (séc. xvi): 160.

Marco Pires (séc. xvi): 165.

**MIGUEL (S.):**

Protector das torres dos sinos: num sino da Sé de Lisboa (séc. xiv): 10.

**MITOLOGIA:****No mosaico do «Balnearium» da «villa» de Santa Vitória do Ameixial:**

- Aurora: 52.
- Baco-Dionysos: 57.
- Europa (raptada): 44, 52 e 53.
- Nereidas: 50.
- Prosérpina: 60.
- Sereias: 52, 53, 54 e 56.
- Tetis-Anfitrite: 50.
- Tritões: 47 e 50.
- Ventos: 44.

**No mosaico báquico da mesma «villa»:**

- Baco-Dionysos: 83.

**Vária:**

- Cupido-Eros (na mesma «villa»): 109.
- Endovêlico* (lápides do Museu Etnológico): 118.

**MÓS:**

- Da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 73 e 103.
- De Idanha-a-Nova: 202.

**MOSAICOS:****De Santa Vitória do Ameixial:**

- De «tessellas» marmóreas: 42, 59, 62, 75, 77, 83 e 93.
- Id. de massa vítrea: 64, 66, 99 e 101.
- Id. de cerâmica (parietais): 99.

**MOURAS:**

- Courela da Moura: 26.
- Fonte da Moura: 26 e 28.

**MURALHAS:**

- Medievais (Idanha-a-Velha): 192 e 193.
- De Coimbra e Évora (alusão): 192.

**NECROLOGIA:**

- Leite de Vasconcelos: 1.

**NUMISMÁTICA:**

- Áureo de Nero («villa» de Santa Vitória do Ameixial): 30.
- Dinheiros de contos*: 167.
- Moeda de *Myrtilis*: 207.
- Moedas de bronze e cobre (romanas): 30, 112 e 205.
- Moedas de ouro da Casa da Moeda de Lisboa (séc. xvi): 155.
- Nomenclatura numismática*: 126.



**OSSO:**

Alfinetes: 106.  
Figurinhas femininas: 114.  
Marcas de jogo: 108.

**OURO:**

Bulla: 104.  
Chave (Idanha-a-Velha): 202.  
Moedas cunhadas, no séc. xvi, na Casa da Moeda de Lisboa: 155.

**PASTOREIO:**

Tintinábulo: 74 e 102 e Torcularium: 74.

**PEDRA BALOUÇANTE:**

De Valpaços: 210.

**PEDRA FURADA:**

De Idanha-a-Velha: 189.

**PELOURINHOS:**

De Idanha-a-Velha: 201.  
De Setúbal: 210.

**PESOS:**

De barro (Santa Vitória do Ameixial): 107.  
De pedra (Vila Nova de Cerveira): 181.

**PINTURA:**

Parietal, a fresco, da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 97.  
Quadro numa igreja dos Açores (séc. xvi): 153.

**PIRES (MARCO):**

Mestre-de-obras (séc. xvi): 165.

**PISCINAS:**

Na «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 40, 69 e 99.

**PONTA DE SÍLEX:**

No Juncal, Estremadura: 207.

**PONTE:**

Medieval (Idanha-a-Velha): 199.

**ROMÂNICO:**

Idanha-a-Velha: 200.

**ROMANOS:**

- Antiquilhas* de Vila Nova de Cerveira: 181.  
*Id.* de Monsanto da Beira: 183.  
*Id.* de Braga: 184.  
*Id.* de Peniche: 185.  
Inscrições do deus lusitano-romano *Endovélico*: 118.  
Sepulturas:  
De Cascais (Caparide): 210 e 216.  
De Santa Vitória do Ameixial: 89.  
De Sintra (Casal de Santo Amaro): 149.  
*Vestígios Romanos* em Idanha-a-Velha: 189.  
«Villa» de Santa Vitória do Ameixial: 14.

**SEPULTURAS:****Romanas:**

- De Santa Vitória do Ameixial: 89.  
De Sintra (Casal de Santo Amaro): 149.  
De Cascais (Caparide): 210 e 216.

**SEREIAS:**

- No mosaico do *Balnearium* da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 53.

**SERVOS:****Romanos:**

- Cemitério: 31 e 89.  
Organização: 28 e 29.

**SIGLAS:**

- Na basílica medieval de Idanha-a-Velha: 198 e 199.

**SINOS:****Medievais:**

- De Évora: 12.  
De Lisboa: 10.  
De Sintra: 1.  
Legendas: 4, 10 e 12.

**SUÁSTICA:**

- Num mosaico da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 58.  
Num vaso báquico representado em outro mosaico da mesma «villa»: 79 e 80.

**SUEVOS:**

- Em Idanha-a-Velha: 192 e 193.

**SUSPENSURA:**

- No *Hypocaustum* da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 40 e 66.

**TABLINUM:**

Na mesma «villa»: 86.

**TABULAE LUSORIAE:**

Vid. *Jogos ginásticos*.

**TANQUES:**

Romanos da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 27, 41, 69 e 199.

**TÉCNICAS:****Romanas:**

*Opus figulinum*: 109.

*Opus incertum*: 95.

*Opus latericium*: 68 e 99.

*Opus lithostrotum*: 64, 72 e 97.

*Opus musivarium* ou *musivum*: 19, 23, 62 e 64.

*Opus sectile*: 62, 96 e 98.

*Opus signinum*: 72, 75, 85, 87, 96, 99 e 189.

*Opus tessellatum*: 62 e 64.

*Opus vermiculatum*: 62.

**TESSELLAE:**

De fragmentos cerâmicos: 99.

De massa vítrea, colorida: 64, 66, 99 e 101.

De pedra: 64 e 65.

**THIASUS:**

Cortejo marítimo de Anfítrite («villa» de Santa Vitória do Ameixial): 47.

**TIJOLO MARCADO:**

Com o nome *Vibulus* («villa» de Santa Vitória do Ameixial): 112.

**TINTINÁBULOS:**

Romanos, de bronze: 74 e 102.

**TOMBO:**

Do Mosteiro de Seiça (Vila Nova de Ourém), séc. XVI: 166.

**TORCULARIUM:**

Da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 74.

**TORRIÃO:**

Romano de Santa Vitória do Ameixial: 26 e 27.

**ULISSES:**

A barca de Ulisses ante as sereias, no mosaico do *Balnearium* da «villa» de Santa Vitória do Ameixial: 53 e 83.

**VENTOS:**

Representados no mesmo mosaico: 44.

**VIA:**

Romana *ab Olissippo Emeritam*: 31.

**VIDROS:****Romanos:**

Anel: 105.

Contas: 105.

Unguentário: 106.

Tessellae (massa vítrea, colorida): 99.

De construção (vidraça): 106.

De serviço doméstico: 106.

**«VILLA»:**

«Villa» lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixial: 14.

Fructuaria: 24 e 32.

Rustica: 24.

Urbana: 24.

**VISIGODOS:**

Idanha-a-Velha: 193.